

CENTRO DE EDUCAÇÃO E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM SOCIEDADE,
CULTURA E FRONTEIRAS - NÍVEL DE DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SOCIEDADE, CULTURA E FRONTEIRAS

SOLANGE DA SILVA PORTZ

FRONTEIRAS, VIVÊNCIAS E MEMÓRIAS: MOISÉS SANTIAGO BERTONI E AS
CENTRALIDADES

FOZ DO IGUAÇU – PR
2020

SOLANGE DA SILVA PORTZ

**FRONTEIRAS, VIVÊNCIAS E MEMÓRIAS: MOISÉS SANTIAGO BERTONI E AS
CENTRALIDADES**

Tese apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – para obtenção do título de Doutor no programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Sociedade, Cultura e Fronteiras, nível Doutorado - área de concentração Sociedade Cultura e Fronteiras.

Linha de Pesquisa: Território, História e Memória.

Orientador: Prof. Dr. Valdir Gregory.

FOZ DO IGUAÇU - PR
2020

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Portz, Solange da Silva
Fronteiras, Vivências e Memórias: Moisés Santiago Bertoni e as Centralidades / Solange da Silva Portz; orientador(a), Valdir Gregory, 2020.
196 f.

Tese (doutorado), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Foz do Iguaçu, Centro de Educação, Letras e Saúde, Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras, 2020.

1. Memórias. 2. Moisés Bertoni. 3. Fronteiras. 4. Paraguai. I. Gregory, Valdir. II. Título.

SOLANGE DA SILVA PORTZ

**FRONTEIRAS, VIVÊNCIAS E MEMÓRIAS: MOISÉS SANTIAGO BERTONI E AS
CENTRALIDADES**



Esta tese foi julgada adequada para a obtenção do Doutora em Sociedade, Cultura e Fronteiras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Sociedade Cultura e Fronteiras – Nível de Doutorado, área de Concentração em Sociedade, Cultura e Fronteiras, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

Prof. Dr. Valdir Gregory
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)
Orientador

Prof. Dr. Erneldo Schallenberger
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)
Membro Efetivo (da Instituição)

Prof. Dr. Samuel Klauck
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)
Membro Efetivo (da Instituição)

Prof. Dr. Paulo Renato da Silva
Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)
Membro Efetivo (convidado)

Professora. Dr^a. Leila Limberger
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)
Membro Efetivo (convidada)

Foz do Iguaçu, 20 de Outubro de 2020

Es en la noble lucha del hombre com la Naturaleza, en el ambiente sano de los campos, y en la Dulce abrigo de la familia, que se forma esa "alma aldeana" (...) y es alli que se tempera esse espiritu fuerte y reflexivo, tan propenso a elevarse hacia la Suprema Inteligencia, que al lado de los males que generalmente mercemos, sembró tantos biens, para quien sabe merecerlos. (Moisés Bertoni, 1927).

AGRADECIMENTOS

Escrever uma tese é um trabalho solitário, mas nunca individual. No percurso investigativo ocorreram muitos encontros, tive a oportunidade de conhecer pessoas especiais que passaram a ser fundamentais no processo investigativo. Seja compartilhando materiais, ideias, sugestões e até aquela força para seguir adiante e não desistir.

A contribuição também chegou de longe. Gratidão às pessoas que, mesmo à distância, não mediram esforços no envio de documentação. Deixo aqui registrados os nomes dos suíços Danilo Baratti e Patrizia Candolfi que tive o prazer de conhecer pessoalmente em 2019, ocasião do lançamento da segunda edição da biografia sobre Bertoni que aconteceu no Paraguai. Grata ao italiano Lorenzo Ramella que enviou uma cópia digital da biografia sobre Bertoni. Também ao Círculo Carlo Vanza do Arquivo para a Preservação da Memória do Pensamento Anarquista de Belizona Suíça, que gentilmente encaminhou cópia de uma biografia. Agradecimentos aos funcionários do Arquivo Nacional de Asunción e da Biblioteca Nacional de Agricultura de Asunción pela recepção e disponibilização da documentação.

Um agradecimento mais que especial *Ao Mestre com Carinho*, orientador Dr. Valdir Gregory, que esteve sempre presente contribuindo, sugerindo, discutindo, refletindo em todas as etapas dessa pesquisa. Gratidão e admiração.

À banca examinadora que, na qualificação, teve um papel fundamental no direcionamento da pesquisa, lançando luz à proposta da tese. As críticas, elogios e sugestões do Dr. Paulo Renato da Silva, Dr. Samuel Klauck e Dr. Ernelo Schallenberger contribuíram para o direcionamento e sequência da investigação, permitindo lançar um olhar para a fronteira que até então não havia observado. Grata pelo tempo que dispuseram para a leitura da tese, por fazerem parte desta caminhada.

À Dr^a Leila Limberger que dividiu comigo parte da minha caminhada em Foz do Iguaçu, muitas histórias e confidências. Companheira das conquistas, sua presença é fundamental nessa etapa do trabalho para lançar luz às questões interdisciplinares, naquele diálogo constante entre Geografia, História e Fronteira.

À UNIOESTE e, em especial, ao Programa de Pós-Graduação Sociedade, Cultura e Fronteiras pela oportunidade do desenvolvimento da pesquisa, em um ambiente de constante debate e reflexão.

À secretaria do Programa de Pós-graduação da UNIOESTE, especialmente a Fátima Ruiz de Oliva e a Vania Maria da Costa Valle, meu muito obrigada por viabilizar e facilitar os direcionamentos burocráticos.

Como toda pesquisa tem seus bastidores, os agradecimentos mais que especiais aos meus queridos amigos e colegas, Ana Carolina Acom, Cláudio Renato de Camargo Mello, parceiro de investigação, café e chimarrão. À Milena Mascarenhas, companheira de viagem, Nataly Capelari dos Santos e Mac Fernades pela trocas e discussões. Juntos no programa de Pós-Graduação, enquanto grupo de estudos, ajudávamo-nos mutuamente e até organizamos um evento o SIPPAT, que envolveu a fronteira trinacional e que já se foram duas edições.

Muitos amigos se mostraram interessados no tema da pesquisa. Mal sabem eles que durante essas conversas informais surgiam muitas reflexões em torno de questões que foram fundamentais para incorporar no trabalho, cito Geraldo Dzierva, Cristiano Galli, Josemar Rigoti, German Sterling, Enaide Severo, Claimar Granzotto.

Grata ao trabalho de Luiz Dzierva em parceria com Mac Fernades na produção das imagens sobre centralidade da fronteira, contribuição para a representação do que foi abordado no texto escrito.

À Laura Sanches, Tatiane Maria Grellmann e Cristiano Kieling pelo trabalho de tradução e correção, gratidão pelas contribuições.

À filha Gabriela, por sempre esperar. Obrigada por entender as ausências e por lançar aquela brisa fresca, quando tudo parecia desmoronar. Era sempre pensando em você que as forças se renovavam e voltava a acreditar que tudo vale a pena viver.

Gratidão

PORTZ, Solange da Silva. **Fronteiras e Vivências: Moisés Santiago Bertoni, Memórias e Centralidades. Tese De Doutorado em Sociedade, Cultura e Fronteiras, Foz Do Iguaçu, 2020.**

RESUMO

Esta pesquisa é sobre Moisés Santiago Bertoni, nascido na Suíça em 1857, migrante na Tríplice Fronteira Argentina, Paraguai e Brasil, falecido em 1929 no lado brasileiro, sendo sepultado em solo paraguaio. O Objetivo foi estudar vivências registradas e memórias construídas numa fronteira em disputas pela centralidade no final do século XIX e início do século XX. Foram feitos diálogos, análises e reflexões para conhecer a fronteira a partir de registros de um indivíduo, buscando o geral a partir do particular, dos detalhes, do micro. O fazer investigativo foi sendo desenhado e estruturado a partir do que as fontes foram apresentando, pautado nas contribuições de Ginzburg (1989, 2004, 2007, 2009) e de Beunza (2004, 2019), sendo que os indícios revelados contribuíram para dar sequência aos passos seguintes, permitindo compor as partes da investigação. As fontes privilegiadas foram cartas, imagens, mapas e textos produzidos e guardados por Bertoni e sua família e textos sobre ele, como biografias e matérias em jornais escritos, produzidos após a sua morte. Os textos e dados sobre Bertoni apresentam versões que evidenciam imagens romantizadas e idealizadas, por vezes contraditórias. Permitem conhecer o processo de construção de memórias sobre este migrante da Tríplice Fronteira. Verificou-se que existem interpretações construídas ao longo do tempo que procuram determinar e definir este personagem como sábio, destemido e persistente. Trazem uma imagem positiva, com discurso idealizador e contraditório de um anarquista convicto, de um homem dedicado à ciência e à consolidação da figura de um imigrante que adotou o Paraguai como sua pátria e que dedicou a sua vida para contribuir nos estudos sobre e na busca por uma identidade da terra guarani. Foi possível adentrar na complexidade do que foi e continua sendo a sua figura: um personagem fronteiro, que soube vivenciar a fronteira em seus múltiplos aspectos, através do estudo e da pesquisa, seja sobre o meio natural ou social, e através da produção e de suas relações comerciais. Visualizou-se a fronteira enquanto um espaço triangular em constante movimento de pessoas, mercadorias, ideias e conhecimentos. Os indícios foram aos poucos desvendando peculiaridades sobre sua trajetória e sobre o mundo que o cercava. Ao montar esse mosaico de memórias a partir da diversidade documental, foram sendo desenhados, sobre o mapa, os traçados que levaram a vislumbrar a centralidade da fronteira. O Rio Paraná foi concebido enquanto cenário central das memórias e vivências de Bertoni e contribuiu para reflexões sobre as várias faces da fronteira.

PALAVRAS-CHAVE: Bertoni, fronteiras, memórias, vivências.

PORTZ, Solange da Silva. **Fronteiras e Vivências: Moisés Santiago Bertoni, Memórias e Centralidades. Tese De Doutorado em Sociedade, Cultura e Fronteiras, Foz Do Iguaçu, 2020.**

RESUMEN

Esta pesquisa es sobre Moisés Santiago Bertoni, nacido en Suiza en 1857, inmigrante en la Triple Frontera Argentina, Paraguay y Brasil, fallecido en 1929 en el lado brasileño, siendo sepultado en suelo paraguayo. El Objetivo fue estudiar vivencias registradas y memorias construidas y en construcción en una frontera en disputas por la centralidad al final del siglo XIX e inicio del siglo XX. Fueron realizados diálogos, análisis y reflexiones para conocer la frontera a partir de registros de un individuo, buscando lo general a partir de lo particular, de los detalles, del micro. El hacer investigativo fue siendo delineado y estructurado a partir de lo que las fuentes fueron presentando, pautado y las contribuciones de Ginzburg (1989, 2004, 2007, 2009) y de Beunza (2004, 2019), siendo que los indicios revelados contribuirán para dar secuencia a los pasos siguientes, permitiendo componer las partes de la investigación. Las fuentes privilegiadas fueron cartas, imágenes, mapas y textos producidos y guardados por Bertoni y su familia y textos sobre él, como biografías y materias en periódicos escritos, producidos después de su muerte. Los textos y datos sobre Bertoni presentan versiones que ponen en evidencia imágenes romantizadas e idealizadas, a veces contradictorias. Permiten conocer el proceso de construcción de memorias sobre este inmigrante de la Triple Frontera. Se comprobó que existen interpretaciones construidas a lo largo del tiempo que procuran determinar y definir este personaje como sabio, valiente y persistente. Truxo una imagen positiva, con el discurso idealizador y contradictorio de un anarquista convencido, de un hombre dedicado a la ciencia y a la consolidación de la figura de un inmigrante que adoptó Paraguay como su patria y que dedicó su vida para contribuir en estudios sobre la busca por una identidad de la tierra guaraní. Fue posible adentrar en la complejidad de lo que fue y continúa siendo su figura, un personaje fronterizo que supo vivenciar la frontera en sus múltiples aspectos, a través del estudio y de la investigación, sea sobre el medio natural o social, como también mediante de la producción y de sus relaciones comerciales. Se entendió la frontera como un espacio triangular en constante movimiento de personas, mercaderías, ideas y conocimientos. Los indicios fueron a los pocos desvendando peculiaridades sobre su trayectoria y sobre el mundo que lo rodeaba. Al montar ese mosaico de memorias a partir de la diversidad documental, fueron siendo diseñados sobre el mapa los trazados que llevaron a vislumbrar la centralidad de la frontera. El Rio Paraná fue concebido como siendo escenario central de las memorias y vivencias de Bertoni y contribuyó para reflexiones sobre as varias caras de la frontera.

PALABRAS-CLAVE: Bertoni, fronteras, memorias, vivencias.

PORTZ, Solange da Silva. **Fronteiras e Vivências: Moisés Santiago Bertoni, Memórias e Centralidades. Tese De Doutorado em Sociedade, Cultura e Fronteiras, Foz Do Iguaçu, 2020.**

ABSTRACT

This research is about Moisés Santiago Bertoni, born in Switzerland in 1857, a migrant in the Triple Frontier of Argentina, Paraguay and Brazil, who died in 1929 in Brazilian land, being buried in Paraguayan land. The objective was to study recorded experiences and memories that were built and under construction on a frontier that was involved in disputes over centrality in the late 19th and early 20th centuries. Dialogues, analyzes and reflections were made to know the frontier by the records from a single person, seeking the general perspective on the particular, the details, the micro. The investigative work was being designed and structured based on what the sources were presenting, based on the contributions of Ginzburg (1989, 2004, 2007, 2009) and Beunza (2004, 2019), and the revealed evidence contributed to continue the following steps, allowing to compose parts of the investigation. The privileged sources were letters, images, maps and texts produced and kept by Bertoni and his family. Also, texts about him, such as biographies and articles found in written newspapers, produced after his death. The texts and data on Bertoni present versions that show romanticized and idealized images, sometimes contradictory. They allow an understanding about the process of building memories about this migrant of the Triple Frontier. It was found that there are interpretations built over time that seek to determine and define this character as wise, fearless and persistent. Bringing a positive image, an idealizing and contradictory discourse of a convinced anarchist, of a man who was dedicated to science and the consolidation of the image of an immigrant who adopted Paraguay as his homeland and who dedicated his life to contribute to studies and in the search for an identity of the Guaraní land. It was possible to get into the complexity of what was and still is his image, a frontier character who knew how to experience the frontier in its multiple aspects, through study and research, whether on the natural or social environment, and through production and its Commercial relations. The frontier was visualized as a triangular space in constant movement of people, goods, ideas and knowledge. The evidence gradually revealed peculiarities about his trajectory and the world around him. When assembling this mosaic of memories based on documental diversity, the traces that led to glimpse the centrality of the frontier were being drawn on the map. The Paraná River was conceived as a central setting for Bertoni's memories and experiences, it also contributed to reflections on the various faces of the border.

KEYWORDS: Bertoni, frontiers, memories, experiences.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Leandro Manfrini no Paraguai, em conversa com Arnold de Winkelried, filho de Moisés Bertoni.....	47
Figura 2 - Leandro Manfrini às margens do Rio Paraná, durante as filmagens de <i>Desencuentros</i> , 1992.	49
Figura 3 - Esboço da futura colônia.....	62
Figura 4 - Exploração de madeira, Yaguarazapá. Pirapó, Itapúa.....	77
Figura 5 - Carregamento de madeira em Yaguaranzapá.	77
Figura 6 - Família Bertoni em 1902.	89
Figura 7 - A Família Bertoni em 1914.....	90
Figura 8 - Família de Guaranis.....	93
Figura 9 - A Escola Bertoni.....	95
Figura 10 - Bertoni no milharal.	96
Figura 11 - Eugênia e Moisés Bertoni em 1913.....	112
Figura 12 - Encontro das Famílias Schinke e Bertoni.....	140
Figura 13 - A centralidade da Fronteira.	147
Figura 14 - Mapa do Alto Paraná produzido por Moisés Bertoni em 1887.	167
Figura 15 - Parte do Plano do Rio Paraná desenhado por Moisés em 1893.....	169
Figura 16 – Visita do presidente do Paraguai, Edoardo Schaerer e sua comitiva. .	172
Figura 17 - Embarcação carregada de banana, Porto Bertoni, Rio Paraná.	176

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Relação dos temas das cartas e os nomes dos interlocutores.....	30
Quadro 2 - Participação em congressos	135
Quadro 3 - Demonstrativo de alguns nomes de pesquisadores que trocaram correspondências com Bertoni.	136

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 OS INDÍCIOS E AS RELAÇÕES: O FAZER INVESTIGATIVO	19
1.1 PARADIGMA INDICÍARIO E PARADIGMA RELACIONAL	20
1.2 BUSCA E LEVANTAMENTO DOCUMENTAL	24
1.2.1 Cartas.....	30
1.2.2 Fotografias	34
1.2.3 Filmagens.....	35
1.2.4 Mapas.....	36
2 VIVÊNCIAS E MEMÓRIAS DE BERTONI NAS FRONTEIRAS	39
2.1 OS ESTUDOS SOBRE BERTONI	40
2.2 O QUE DIZEM OS TEXTOS.....	42
2.3 MOTIVAÇÕES PARA MIGRAÇÃO	55
2.4 ASPECTOS DA VIDA DE BERTONI	57
2.5 AVENTURAS E DESVENTURAS NA FRONTEIRA	61
2.6 GUILHERME TELL E PUERTO BERTONI.....	83
2.7 UMA COLÔNIA FAMILIAR	88
2.8 OS GUARANIS	92
2.9 “LA ALMA ALDEANA”.....	96
3 FRONTEIRAS CORRESPONDIDAS: BERTONI E SUAS RELAÇÕES	100
3.1 REFLEXÕES A PARTIR DAS CORRESPONDÊNCIAS.....	103
3.2 CARTA QUE FALA DAS CARTAS	106
3.3 AS CARTAS PARA EUGENIA.....	109
3.4 EM FAMÍLIA.....	115
3.5 RELAÇÕES COMERCIAIS NA FRONTEIRA	119
3.6 RELAÇÕES DE PODER.....	126
3.7 A CIENTIFICIDADE E TROCAS DE IDEIAS	131
3.8 CARTA PUBLICADA E DISPUTA PELA MEMÓRIA	138
4 FRONTEIRA E SUAS RELAÇÕES	145
4.1 BERTONI COMO CENTRO.....	148
4.2 A CENTRALIDADE PARA BERTONI	152
4.3 A CENTRALIDADE DA FRONTEIRA	159
CONSIDERAÇÕES FINAIS	181

FONTES.....	186
REFERÊNCIAS.....	190

INTRODUÇÃO

O cientista Moisés Bertoni, que morava do outro lado do rio, no Paraguai e de tempos em tempos, cruzava a fronteira de barquinho para rever o amigo (Harry Schinke) e conseguir algum medicamento para a malária.¹

A epígrafe que abre este estudo faz muito mais do que apresentar um espaço em que as barrancas do Rio Paraná seriam o desafio de travessia. Passar para o outro lado, seja de barquinho ou em grandes vapores, era uma prática que fazia parte das vivências na fronteira. O trecho transcrito pode parecer sem importância, exceto pela significação a ele atribuído e que despertou o interesse em realizar esta investigação. A proposta foi estudar memórias e relações de fronteira a partir das vivências do suíço Moises Santiago Bertoni, fronteira atualmente denominada de território trinacional - Paraguai, Brasil e Argentina, que tinha o rio Paraná como cenário principal desta rede de relações.

Que fronteira é construída por Bertoni quando escreve sobre si e por investigadores e memorialistas quando constroem memórias sobre ele? Registros apresentam o vai e vem dos vapores, que subiam e desciam o rio, como forma de deslocamento, comunicação e de relações entre pessoas que viviam nas fronteiras dos três países. O questionamento se tornou o principal problema da pesquisa, cuja tese propõe estudar sobre o que chamo de fronteira relacional a partir de indícios presentes na documentação produzida por Moisés Bertoni, bem como textos e imagens sobre ele.

O marco temporal de referência selecionado refere-se à chegada de Bertoni em Misiones, na Argentina, em 1884, local onde viveu no período de quatro anos, mais tarde migrou para o Paraguai, às margens do Rio Paraná, vindo a falecer no Brasil, na localidade de Foz do Iguazu no ano de 1929, sendo sepultado na sua propriedade Puerto Bertoni, em Presidente Franco no Paraguai. Durante cinco décadas, o personagem central desta investigação produziu, recolheu, organizou e preservou uma variedade e um volume significativo de registros, que foram se tornando suportes de memórias contraditórias até os tempos atuais. Portanto, a

¹ Revista 100 Fronteiras, Moisés Bertoni e a História em Foz do Iguazu, 2015. <https://100fronteiras.com/ha-90-anos-morria-em-foz-do-iguacu-o-sabio-suico-mois-es-bertoni/>

temporalidade investigada se estende para além da vida de Bertoni na fronteira, adentrando suas memórias e as memórias sobre ele. Ou seja, vivências e memórias nos três lados da triangularidade circular expansiva da Tríplice Fronteira Argentina, Paraguai e Brasil.

Esta pesquisa, sobre fronteiras, a partir dos registros de Bertoni, privilegia a observação do particular que tem sua relação com dimensões mais amplas do social: as emoções, as escolhas, as atitudes, suas desilusões, suas ações são concebidas dentro de um contexto político, econômico e cultural do final do século XIX e inícios do século XX. Assim, esta investigação se caracteriza pela pesquisa social. Para Bloch, toda pesquisa histórica é uma pesquisa do social (BLOCH, 2001). Ou seja, estudar a partir de vivências e memórias do personagem contribuem para entender a fronteira naquele contexto. Com este intuito, o estudo foi direcionado, considerando as relações do personagem com outros atores na fronteira, como agentes de mudança histórica. “Os homens e mulheres são sujeitos de toda a história, atores de uma história que é, ao mesmo tempo, econômica, política, cultural”. (BLOCH, 1952, p. 117-118).

O que permite adentrar nas vivências desse personagem e assim conhecer as relações de fronteira daquele período são as mais de 500 obras que escreveu, editou e publicou na sua própria gráfica e editora, instalada às margens do rio Paraná - a ExSylvia e a grande quantidade de registros, entre correspondências, manuscritos e fotografias, por ele produzidos, organizados e guardados. Também, a documentação pós-morte, como biografias, textos publicados em jornais, revistas, Blogs, filme e documentário, produzidos na Suíça (Europa), Paraguai, Brasil e Argentina.

A partir da seleção de parte desse grande volume de materiais, tem-se como objetivo geral: Estudar vivências registradas e memórias construídas bertonianas para perceber a relação com outros atores e os diferentes elementos do contexto da circularidade da fronteira no final do século XIX e no início do século XX.

Diante do questionamento em torno deste objetivo, emergiram duas hipóteses iniciais. A primeira é que vivências e memórias a partir de tais relações estabelecidas entre atores, tanto dentro como fora da fronteira, foram possibilitadas porque Bertoni foi ator central no espaço de Fronteira. Nesse sentido, a fronteira se constitui enquanto centro. A segunda hipótese é que Bertoni também se colocou na posição de centralidade nas relações que construiu na e a partir da fronteira. A documentação

produzida por Bertoni e sua família, bem como a intensa circulação de cartas, pessoas, conhecimentos, ideias fornecem elementos para a construção das hipóteses. Na medida em que foram surgindo memórias construídas, foi se consolidando a hipótese de que Bertoni foi se constituindo e sendo construído enquanto memórias contraditórias, sendo-lhe atribuídas certas características, que serão evidenciadas no decorrer deste texto. Considerando o entendimento de que a fronteira, daquele período, foi um espaço vivo, de movimento, de trocas entre os atores que circulavam constantemente nesse espaço. O rio Paraná foi o cenário central e protagonista daquelas vivências.

Considerando estes encaminhamentos, construiu-se a estrutura do trabalho. O primeiro capítulo, intitulado *Indícios e Relações: O Fazer Investigativo*, no qual é apresentado o quadro teórico-metodológico, tendo como referências os historiadores Carlo Guinzburg com o *Paradigma Indiciário* e José Imízcoz Beunza com o *Paradigma Relacional*. Ambos partem de uma escala de observação do particular para o geral. Com essa fundamentação, no decorrer dos demais capítulos, procurou-se analisar a documentação produzida por Bertoni e sobre ele, uma sociedade em um escopo específico, a fronteira, atentando para o particular e considerando o micro. Também foram trazidos os conceitos de vivência e de memória, uma vez que estão contemplados nos objetivos e perpassam o texto. E ainda foi mostrado o caminho trilhado na busca da documentação, bem como a definição e delimitação das fontes.

No segundo capítulo, *Vivências e memórias de Bertoni nas fronteiras*, foram apresentadas a vida e a obra do personagem, tendo em vista os diversos suportes de memória, como biografias, produção fílmica e fotográfica sobre Bertoni, como também registros por ele produzidos, como livros e correspondências, que permitiram construir um panorama da sua história no contexto da fronteira, no período em que viveu às margens do Rio Paraná, no Paraguai, final do século XIX e início do XX, bem como as memórias construídas e em construção.

O terceiro capítulo, *Fronteiras Correspondidas: Bertoni e suas relações*, discutiu cartas recebidas, escritas, enviadas e respondidas por Bertoni e seus interlocutores. Buscou conhecer a importância que elas ganharam na vida e na morte do personagem, mas também o que podem mostrar sobre o contexto da fronteira. Foram selecionadas cartas que apresentam as relações estabelecidas com personagens vinculados ao governo, ao trabalho, à ciência e a membros da família. A

partir destes escritos, de uma escrita de si, procurou-se observar indícios sobre a importância que a fronteira adquiriu para as relações construídas por Bertoni.

Fronteiras e suas Relações é o quarto capítulo. Teve como objetivo refletir sobre o posicionamento, o foco vivencial e sobre a espacialidade da fronteira a partir da documentação produzida por Bertoni e por aqueles que o tiveram como objeto de investigação e de divulgação. As reflexões se deram a partir dos estudos de registros que apresentam as relações que foram construídas na fronteira, que só foram possíveis porque Bertoni viveu neste espaço se colocando em situação de centralidade. O capítulo também discute como alguns acontecimentos interferiram no percurso de Bertoni em um contexto de mudanças.

Os indícios visualizados nos registros, principalmente nas correspondências, foram percebidos numa perspectiva que permitissem lançar novos olhares para a fronteira, diferente do entendimento que é constantemente difundido, fronteira como o fim, como as bordas, como lugar esquecido. Aqui, nessa pesquisa, a percepção foi outra, a Centralidade da Fronteira numa perspectiva relacional.

1 OS INDÍCIOS E AS RELAÇÕES: O FAZER INVESTIGATIVO

*Caminante no hay camino, se hace camino al andar
(Antonio Machado, 1964).*

O verso de Antonio Machado nos inspira a pensar sobre o método de pesquisa. Versos que também comungam com aquilo que Guinzburg apresenta, de que a pesquisa se constrói no fazer investigativo. Depende das fontes e documentos, dos personagens estudados, do contexto histórico, bem como do local de onde se fala. E de quem fala.

Para Edgar Morin:

É impossível reduzir o método / caminho / ensaio / travessia / pesquisa / estratégia a um programa e ele tampouco pode ser reduzido à constatação de uma vivência individual. Na verdade, o método define-se pela possibilidade de encontrar nos detalhes da vida concreta e individual, fraturada e dissolvida no mundo, a totalidade de seu significado aberto e fugaz (MORIN, 2003, p. 23).

O problema, posto por Morin, é entender o método como uma atividade programática e uma técnica de conhecimento. Para que possamos entender a complexidade de um objeto de investigação “requer-se um pensar que transcenda a ordem dos saberes constituídos (...) é impossível hoje enquadrar a busca do conhecimento nos estereótipos dos discursos e gêneros literários herdados” (MORIN, 2003, 23). O autor continua dizendo:

Método é, portanto, aquilo que serve para aprender e, ao mesmo tempo, é aprendizagem. É aquilo que nos permite conhecer o conhecimento. Por todas estas razões é que Gaston Bachelard afirmava que todo discurso de método é um discurso de circunstância. Não existe método fora das condições em que se encontra o sujeito (MORIN, 2003, 29).

Portanto, a leitura de Morin chama para o entendimento de que precisamos resistir ao que chama de “as tentações racionalizadoras”. Cuidado em não acreditar que apenas o inteligível é real. Resistir às ideias racionalistas, de querer capturar somente o que entendemos por realidade. Cuidado para seguir apenas a normatização e excluir o misterioso, o estranho. Essa linha de pensamento, induz

conceber o método enquanto um exercício contra a cegueira e a rigidez construídas pelas convenções sociais.

Partindo de tais concepções, este capítulo tem como proposta apresentar “o que nos ensina a aprender”. Apresenta os caminhos percorridos dessa viagem para conhecer. Mesmo sendo eleito como primeiro capítulo, é importante ressaltar que o início da pesquisa se deu com a busca do método e não com o método. A partir desse pensamento, o método deixa de ser apenas estratégia, mas uma ferramenta que gera suas próprias estratégias. O método é conhecimento que nos ajuda a conhecer.

1.1 PARADIGMA INDICIÁRIO E PARADIGMA RELACIONAL

Com a verificação da documentação produzida por Bertoni e sua família, foi dado início à seleção documental. A partir de então, o diálogo a ser construído seria com os diferentes suportes de memória: biografias, textos publicados em jornais, fotografias e cartas, para seguir as pistas e conhecer o personagem Bertoni e suas relações de fronteira.

O direcionamento teórico-metodológico foi importante para tais encaminhamentos. Partindo do pressuposto discutido no texto *Sinais: Raízes de um paradigma indiciário* (GINZBURG, 1989, 143 – 179), um dos capítulos do livro *Mitos, Emblemas e Sinais*, Ginzburg apresenta o que denominou de Paradigma Indiciário, um modelo epistemológico de análise, que o autor explica como sendo:

Por um lado, a proposta de microanálise das relações interpessoais como terreno mais sólido para uma contextualização mais realista da investigação histórica; por outro, uma abordagem que, partindo da análise do episódio e do detalhe significativo, pretendia reconstruir um contexto de natureza histórico-cultural inacessível de outra forma (GINZBURG, 1989, p. 53).

Esse método prevê que, pela indução experimental, o pesquisador pode chegar a uma lei geral por meio da observação de certos casos particulares sobre o objeto ou fenômeno observado, sendo possível sair das constatações particulares até as leis e teorias gerais. Nessa perspectiva, esse exercício do conhecer afirma uma posição indutiva do sujeito em relação ao objeto, na qual a investigação científica é uma questão de generalização provável, a partir dos resultados obtidos por meio das observações e das experiências. Francis Bacon foi o “sistematizador do Método Indutivo, pois a técnica de raciocínio da indução já existia desde Sócrates e Platão”

(LAKATOS; MARCONI, 2000, p. 71). O método indutivo compreende três fases, são elas: observação dos fenômenos, relação entre os fenômenos e generalizações.

O método indutivo também é aplicado nas pesquisas do historiador espanhol José María Imízcoz Beunza, que, desde a década de 1990, vem refletindo sobre o modelo por ele denominado de Paradigma Relacional. Considera mais integrador de análise relacional, o que leve em conta a relação entre os atores e as formas de organização social. Parte das relações efetivas entre indivíduos para reconstruir suas redes dentro do contexto. Defende que o modelo é indispensável para uma análise mais total da sociedade pesquisada.²

Para Beunza, esses elementos são tratados como diferentes dimensões da realidade: *“Estas dimensiones de la realidad no son exteriores a los actores. Las instituciones, las normas, la economía, las ideas, la cultura, el poder político no existen fuera de los individuos, están encarnados ...”* (BEUNZA, 2017, p. 73). Assim, o autor parte da Micro História para estudar as dimensões da realidade. Essa perspectiva, também, é encontrada nos estudos de Carlo Ginzburg e o seu Paradigma Indiciário, que, como Beunza e o seu Paradigma Relacional, fundamentam o estudo para ensinar a enxergar aquilo que escapa ao que chamam de Macro História tradicional, empreendendo para tal uma redução da escala de observação. Nesse sentido, esta pesquisa foca nos detalhes da vida de Bertoni, procurando indícios para assim conhecer o contexto da fronteira.

Ao utilizar-se o conceito totalizante na lógica indutiva, é entendido que um enunciado singular possa levar ao conhecimento global, sobretudo ao se referir sobre as relações entre atores e os sistemas, como formas de organização social (BEUNZA, 2004), e não propriamente ao universo como um todo. Em outras palavras, o que está sendo denominado de totalidade, para Beunza, são os sistemas e a relação com os atores dentro de um contexto de mudança.

² Desde o final dos anos 1970, temos acompanhado uma crise dos grandes paradigmas científicos que diziam unificar a investigação histórica e que haviam dominado a historiografia durante o século XX. Essa crise desfez a crença de que a sociedade era um todo estruturado. Dessa forma, os historiadores aspiravam construir um relato dotado de unidade, de coerência interna. Era uma época caracterizada pela dispersão de concepções e pluralidade de métodos. Muitos pesquisadores não se contentaram com essa história em migalhas e buscaram princípios de coerência que pudessem orientar a investigação para captar, de forma operativa, as relações entre as diferentes dimensões do real, que a história setorial percebia separadamente. Diante disso, entre os autores que realizam investigações utilizando o método denominado “Paradigma Relacional”, destacam-se: Beunza (1995, 2003, 2017); Bertrand (2012); Castillo (2018); Ruiz (2011); Sluzk (2010); Levi (1990).

Estudiar a los actores sociales desde una perspectiva de história global que intenta explicar procesos de cambio, requiere tener en cuenta la globalidad de elementos que constituyen a los actores sociales, entre éstos, los contextos y los procesos de cambio (BEUNZA, 2004, p. 118).

Em seus estudos, Ginzburg propõe uma redução na escala de observação do pesquisador, com o intuito de se perceber aspectos que, de outro modo, passariam despercebidos. Seguindo a proposta do autor, pretende-se pesquisar relações na fronteira através da trajetória de Bertoni. Assim, tanto Beunza como Ginzburg fundamentam a pesquisa, um estudo do particular enquanto meio para atingir a compreensão de aspectos específicos relativos a uma sociedade fronteiriça do período.

Como Ginzburg, Beunza combina a análise relacional a partir de detalhes, partindo da relação de atores para perceber a globalidade, por ele denominada de diferentes elementos do contexto.

Este método parte do particular, do detalhe, persegue pistas e sinais como forma de conhecer a realidade (GINZBURG, 2009). De um conjunto de princípios e procedimentos teórico-metodológicos que orientam a elaboração do conhecimento a partir da investigação e análise dos indícios. As bases para a proposta de Ginzburg têm seus princípios na semiótica médica aliada ao Método Indiciário na investigação de doenças e pinturas do séc. XVII.

Para Giovanni Levi.³

A micro história como uma prática é essencialmente baseada na redução da escala da observação, em uma análise microscópica e em um estudo intensivo do material documental. Essa definição já suscita possíveis ambiguidades: não é simplesmente uma questão de chamar a atenção para as causas e efeitos do fato, de dimensões diferentes coexistirem em cada sistema social; em outras palavras, o problema de descrever vastas estruturas sociais complexas, sem perder a visão de cada escala do espaço social de cada indivíduo, e a partir daí, do povo e de sua situação na vida (LEVI, 1992, p. 136).

A abordagem micro historiográfica contribui para o tratamento das fontes selecionadas sobre (e de) Bertoni, para ver e ler os indícios a partir dos quais busca-

³ Ginzburg relata que a primeira vez que escutou o termo Micro História foi da boca de Giovanni Levi, por volta de 1977 ou 1978. Algum tempo depois, juntamente com Simona Cerutti, iniciaram estudos sobre a Micro História, que resultou em uma série de livros publicados principalmente por autores italianos (Ginzburg, 2008: 250).

se apreender a “realidade” da fronteira naquele período. Assim, o modo de tratar as fontes que predomina na Micro História é aquele que Ginzburg (1994, p. 143) chamou de *Paradigma Indiciário*. E as relações de Bertoni na fronteira foram estudadas a partir do que Beunza chama de *Paradigma Relacional*.

A frase de Guinzburg “O presente modifica o nosso modo de ver o passado, e vice-versa” (2009, 10), nos leva pensar sobre memória. Os registros produzidos e arquivados por Bertoni são indícios de que buscava definir e modelar o que dele deveria ser e como queria ser lembrado no futuro. Também está sendo considerado o percurso de tais documentos, ou seja, seus usos e apropriações ao longo do tempo e como foram construídas interpretações variadas sobre o personagem e suas vivências. Nesse sentido, Candau aponta:

Uma vez que os quadros sociais da memória orientam toda evocação, a anamnese de todo indivíduo dependerá daqueles que lhe são contemporâneos: ele oferecerá, portanto, uma visão dos acontecimentos passados em parte transformada pelo presente ou, mais exatamente, pela posição que ele próprio ocupa nesse presente (CANDAU, 2011, p. 75).

Nesta perspectiva, originaram visões de mundo e sentimentos de pertencimento. Assim, esta pesquisa também se volta ao estudo da memória, tendo Candau como referência. Entende-se que a memória é uma reelaboração permanente, infinita e ininterrupta do passado. Portanto, paradigmas indiciário e relacional na perspectiva da memória perpassam a construção deste texto.

Esta pesquisa, ao privilegiar a observação do particular, traz como foco as vivências de Bertoni, mais especificamente, as vivências registradas e memorializadas. Portanto, memórias enquanto registros de vivências e memórias enquanto usos destes registros. O conceito de vivência está sendo entendido a partir de uma concepção da psicologia fenomenológica⁴, através da formulação de Philip Lersch (1962), que entende a vida como uma totalidade na qual estão entrelaçados

⁴ Fenomenologia é uma corrente filosófica, cujo precursor foi Edmund Husserl (1859-1938), matemático e filósofo. Possui uma obra vasta, com vários manuscritos ainda não publicados. Sua produção literária é profundamente marcada pela preocupação com a crise das ciências, especialmente no tocante à compreensão dos fenômenos humanos. Ele estende a sua crítica à psicologia que, na tentativa de se tornar científica ao fazer uso do método das ciências naturais e da perspectiva positivista, mostrava-se incapaz de refletir sobre a essência do espírito e da psique humana. Foi nesse contexto, que a fenomenologia surgiu, como uma proposta de reflexão sobre os fenômenos da consciência, e na concepção husserliana, a fenomenologia é o estudo de tudo aquilo que se apresenta à consciência, ou seja, os fenômenos (LINS, 2007).

os processos e estados anímicos que conhecemos a partir da experiência imediata. Elso Arruda, ao estudar o circuito funcional da vivência em Philip Lersch, explica:

Se é certo que o homem está submetido às leis da vida, e que tudo que é anímico, é vivente, contudo, o anímico só se dá quando no vivente a vida é iluminada de dentro pela vivência (Erlebnis). Dá-se a vivência quando a comunicação do ser vivo com o mundo circundante se acompanha de um dar-se conta, de um perceber captar e reparar em algo, um processo de contacto com o contorno (comunicação vivencial e prática) que torna compreensiva a vivência (ARRUDA, 1979, p. 166).

Para Lersch, o ser humano está relacionado ao mundo que o cerca, ao qual ele está vinculado através de suas vivências, que é o diálogo entre a pessoa e o mundo externo. Em outras palavras, para que a vivência seja efetivada, é fundamental que se dê a comunicação entre a pessoa com seu mundo circundante. Esta comunicação, no caso da documentação selecionada, acontece a partir dos e através dos registros de vivências consideradas adequadas, importantes e dignas de serem guardadas e comunicadas.

Assim, memória e vivência são os conceitos que se cruzam nessa pesquisa e que irão perpassar o texto como um todo, em um diálogo constante com o conjunto documental selecionado para este estudo.

1.2 BUSCA E LEVANTAMENTO DOCUMENTAL

Durante o percurso do levantamento documental, verificou-se a pertinência de redirecionar o projeto de investigação. Na versão preliminar, pretendia-se estudar os amigos e compadres, conhecidos do cientista suíço Moisés Santiago Bertoni, que morou no Paraguai, e o imigrante alemão Harry Schinke⁵. Este é reconhecido como *fotógrafo da fronteira* e tinha um laboratório de profilaxia em Foz do Iguaçu. Bertoni, no ano de 1929, procurou o amigo para tratar a malária, vindo a falecer na casa que atualmente está sendo tema de discussão sobre a necessidade de patrimonialização

⁵ Harry Schinke migrante alemão, chegou em Foz do Iguaçu na década de 1920 e instalou um laboratório de profilaxia, pesquisava fórmulas e desenvolvia medicamentos para as doenças da população da região, principalmente a malária, considerada fatal naquela época. Em uma região onde não existia hospital, inúmeras vezes, procurado para atuar como médico, fez parto, deu ponto em ferimentos, salvou vidas. Na matéria *Moisés Bertoni e a História de Foz do Iguaçu*, publicada na Revista 100 Fronteiras (2015), apresenta a casa de Harry Schinke como sendo a primeira maternidade da região da fronteira. Pessoas de toda região batiam à sua porta em busca de medicamento que ele manipulava. Casa onde Bertoni passou seus últimos instantes em vida.

do imóvel, já que foi cenário dos últimos momentos de vida dos dois personagens. Na ocasião do início da pesquisa, o que intrigava era o fato de textos de jornais reivindicarem a história de Harry Schinke atrelada à história de Bertoni, indicando, assim, que a morte de um trouxe a vida do outro para a história.

Seguiu-se para o levantamento documental e verificou-se que os textos que fazem referências aos dois personagens são um conjunto de publicações em que a história de Schinke e a de Bertoni recebem destaque. Estão em matérias apresentadas no *Jornal Nosso Tempo* (1981); na Revista 100 Fronteiras (2013, 2014, 2015, 2016); Blog H2Foz, uma publicação de 9 de novembro de 2007, *Uma Casa Histórica em Foz do Iguaçu*; No Blog de Foz, com as matérias: *Moisés Bertoni, mas quem foi mesmo Bertoni?* (2007) e, *Avenida Harry Schinke* (2008); Revista Painel (2008); Jornal A Gazeta do Iguaçu, com a matéria: *Residência onde morreu Moisés Bertoni já 88 anos está à venda* (2017). Iniciou-se, então, a investigação em Foz do Iguaçu, em locais que pudessem fornecer pistas sobre a vida de Schinke, como jornais do início do século XX, visitas à Fundação Cultural, Igreja São João Batista, Batalhão da Marinha, Fórum, bem como contato com os netos Elizabete, Carinzio e Vilmar Schinke. Constatou-se que os registros de época sobre as vivências de Schinke eram praticamente inexistentes, a não ser pelas fotografias que produziu, sendo constantemente utilizadas em livros, revistas e jornais, quando fazem referência à história de Foz do Iguaçu. Os escritos da relação entre os dois personagens são relativamente recentes. Ao realizar o levantamento em Foz do Iguaçu, deparou-se com muita negligência com a documentação histórica do início do século. Constatou-se a guarda em locais inapropriados, sem a devida conservação e manutenção, ou até tomados como objetos a serem descartados. Estes são alguns fatores que atentam contra a memória e a produção histórica local, que faz ser urgente uma organização de um centro de documentação para a preservação.

Diante das dificuldades de acesso às informações sobre a relação entre os personagens, partiu-se para outra estratégia, sem ao certo saber a direção da pesquisa. A proposta era conhecer a documentação sobre Moisés Bertoni e os registros por ele produzidos, para então definir o objeto de estudo. Essa nova perspectiva demonstrou que a realização de uma pesquisa é fundamentada numa seleção contínua e, também, que é construída pela imprevisibilidade, pelos achados documentais, ou pela falta deles. O contato com os registros apresentou novos caminhos, causando incertezas sobre qual direção seguir. Pois eram vários tipos de

informações em diferentes suportes (jornais, livros, filmes, fotografias, correspondências, manuscritos). Assim, foi pensada uma trajetória possível e que pareceu mais coerente. Muitas ideias pareciam confusas no início da pesquisa, mas acreditava-se que no decorrer da investigação as inquietações iriam se transformar em questões pertinentes diante do tema proposto.

Com o indicativo *intuitivo de pesquisadora*, de que este seria um caminho possível, elaborou-se um novo direcionamento para a investigação. Um novo projeto foi formulado: A primeira etapa foi a pesquisa exploratória, para conhecimento da dimensão e tipologia da documentação existente, bem como o percurso histórico da produção dessa documentação sobre Bertoni e os registros por ele deixados. Essa fase foi importante, pois, partindo do *Paradigma Indiciário*, metodologia proposta por Ginzburg, esta possibilitou que as demais etapas do trabalho pudessem ser pensadas no decorrer do caminhar. Ou seja, o *índice* da investigação é construído no processo do *fazer investigativo*. É o método indiciário que revelará aspectos da vida de Bertoni que permitiriam conhecer as relações de fronteira do final do século XIX e início do XX. Desta forma, foi definida a pergunta para a investigação: O que as vivências registradas de e sobre Moisés Santiago Bertoni permitem conhecer sobre o contexto da fronteira do século XIX e início do XX?

Após a definição da pergunta para a investigação, a primeira ideia foi conhecer o que dizem os textos sobre o personagem. Em outras palavras, o percurso dos estudos sobre Bertoni. Sendo assim, pareceu que uma pesquisa em torno das biografias sobre Bertoni seria um início adequado do caminho a seguir. Com isso, partiu-se para a segunda etapa da investigação.

Com a impossibilidade de acesso à parte principal do material no Brasil, a internet foi uma ferramenta de importância crucial. Estabeleceu-se contato via correio eletrônico com o Circolo Carlo Vanza do Arquivo *para a Preservação da Memória do Pensamento e do Movimento Anarquista* de Bellinzona, Suíça e, assim, ter acesso à obra: *Mosè Bertoni. Profilo di una vita tra scienza e anarchia*, escrita por Peter Schrembs (1984). Após vários contatos, Vanza conseguiu uma cópia digital junto à editora para ser disponibilizada. Outro contato, via correio eletrônico, foi com o autor italiano Lorenzo Ramella (1985): *Biobibliografía de Moisés Santiago Bertoni. El hombre de ciencia visto por los demás. Flora Del Paraguay*, que prontamente encaminhou uma cópia digitalizada.

Com o historiador suíço Danilo Baratti, um dos autores das biografias: *L'arca di Mosè* (1994) e *Vida y Obra de Moisés Bertoni* (1999), segunda edição (2019), obras escritas em parceria com Patrizia Candolfi, foi estabelecido contato com mais frequência, com trocas de informações e textos por eles publicados, além da disponibilização de duas produções fílmicas do diretor Leandro Manfrini. A primeira produção, voltada à história de Bertoni, foi um documentário exibido na TV Suíça (1985) e a segunda, um longa-metragem, *Desencuentros* (1992).

A contribuição de Danilo Baratti foi fundamental, no encaminhamento via e-mail do *Catálogo Documental da Família Bertoni*, produzido em dois idiomas, italiano e espanhol. Esse documento é disponibilizado na Archivo Nacional em Asunción e apresenta a sistematização, catalogação e guarda da documentação produzida por Bertoni, que está guardada naquela instituição. Após o estudo do catálogo seguiu-se para a terceira etapa do levantamento que ocorreu entre 2017 e 2018, com algumas visitas nos lugares de memória no Paraguai. No Museu Moisés Bertoni em Presidente Franco e no *Museu Tierra Guaraní* localizado no Centro Ambiental da ITAIPU, a 12 quilômetros de Hernandarias. Outra viagem para Asunción, para pesquisar no *Archivo Nacional del Paraguay* e na *Biblioteca Nacional de Agricultura Dr. Moises S. Bertoni – BINA*, com o objetivo de conhecer a documentação existente produzida pelo cientista. Na oportunidade, foi possível verificar a existência de uma grande quantidade de cartas, anotações, notas de compra e venda de produtos, documentos sobre a colônia (Puerto Bertoni), livros, revistas, recortes de jornais, manuscritos, entre outros. Em contato com a documentação no Paraguai, sentiu-se a necessidade em estudar a organização de tais registros.

A partir do catálogo do arquivo da documentação da família de Bertoni, constatou-se a forma como foi realizado o levantamento documental pelos historiadores Baratti e Candolfi, na década de 1990. O primeiro contato dos pesquisadores foi com um certo número de documentos que estavam conservados no Arquivo Cantonal de Bellinzona e na Biblioteca Cantonal de Lugano, Suíça. Em seguida, no ano de 1992, viajaram para o Paraguai para conhecer Puerto Bertoni, antiga casa da família, hoje um Museu. Relataram que, logo que entraram no antigo escritório de Bertoni, ficaram surpresos e confusos com a quantidade de materiais. Verificaram que Bertoni havia conservado mais de 4.000 correspondências de outros remetentes a ele dirigidas, sem contar as correspondências enviadas e recebidas, na qualidade de diretor da Escola de Agricultura, além de manuscritos científicos e

fotográficos, ao todo mais de 25.000 folhas. Entre os anos de 1995 e 1996, os trabalhos dos dois historiadores seguiram uma série de etapas de verificação, higienização, catalogação, conservação, microfilmagem e guarda da documentação. Parte do material está armazenada no Arquivo Nacional em Assunção (BARATTI & CANDOLFI, 1996).

Naquela ocasião, diante da urgência em catalogar e conservar o material, o primeiro passo dos investigadores suíços foi comunicar o fato imediatamente ao Ministério da Agricultura do Paraguai e à Embaixada Suíça no Paraguai. Em fevereiro do ano de 1993, após intensos procedimentos, o Ministro dos Recursos Naturais e Meio Ambiente do Ministério da Fazenda, Agricultura e Pecuária do Paraguai, o Arquivo Cantonal de Bellinzona e a Fundação Moisés Bertoni - sob os cuidados do Encarregado de Negócios Suíços em Assunção - assinaram um acordo que previa a exportação temporária do material encontrado, para que os documentos fossem limpos, catalogados e microfilmados, em Bellinzona. O material chegou na Suíça entre maio e julho de 1994 e os trabalhos de sistematização tiveram início em novembro do mesmo ano.

Baratti e Candolfi, encarregados pela descrição e sistematização do material, esclarecem, na abertura do Catálogo do Arquivo de Moisés Bertoni (1996), que encontraram pastas, cadernos e folhas, que permaneceram por mais de meio século em um ambiente úmido, exposto a ataques de fungos e insetos. Em alguns casos, se tornaram ilegíveis, mas a maior parte do material, embora deteriorado, ainda era considerável e passível de recuperação, restauração, organização e arquivamento.

Antes do material ser enviado para a Suíça, uma equipe do Paraguai contou as folhas uma por uma, sendo inscritas em quatro catálogos, indicados o número progressivo, a data e, muito vagamente, o conteúdo de cada página. Assim, no reordenamento dos documentos, o grupo seguiu uma sistematização, adotando uma ordem de numeração progressiva em que o primeiro dígito indica a caixa, o segundo a pasta de papelão, o terceiro a pasta de papel, o quarto, quando apropriado, o número do documento. Este último sendo, mais tarde, desconsiderado, mas não foi possível a sua remoção, para que o documento não fosse danificado. Hoje, ao pesquisar os documentos, observa-se uma numeração na parte superior direita, que indica esse processo de identificação e quantificação.

Alguns documentos danificados foram restaurados. Baratti e Candolfi esclarecem, na introdução do catálogo, que outros teriam merecido uma restauração

conservadora, mas o volume de documentos e os custos da operação não o permitiram. De todo modo, os documentos foram limpos e as partes metálicas enferrujadas e corrosivos foram removidos. As folhas estão agora dispostas em pastas brancas, azuis e caixas com PH neutro. O processo de acidificação foi paralisado. Assim, para os historiadores responsáveis pela sistematização e guarda, o resto dependerá de futuras condições de conservação no Paraguai.

Também foi realizado, na ocasião da viagem e pesquisa em Assunción, um levantamento documental na *Biblioteca Nacional de Agricultura Dr. Moisés Bertoni – BINA*, criada no ano de 1979, com o objetivo principal de atuar como Centro Nacional para a identificação, captação, processamento e difusão de informações documentadas sobre agropecuária e florestas produzidas no país ou no exterior. Atualmente, a biblioteca conta com um acervo de livros, revistas, periódicos, dentre outros, além de coleções especiais, entre elas estão as obras escritas por Moisés Bertoni e de seu filho Guilherme Tell⁶. A BINA reeditou um conjunto de obras, no ano em que a Biblioteca comemorou o vigésimo quinto ano da sua criação⁷.

Após a verificação do material existente no *Archivo Nacional em Asunción e na Biblioteca Nacional Dr. Moisés S. Bertoni*, partiu-se do pressuposto que estudar o Catálogo do Arquivo elaborado em 1996 por Baratti & Candolfi seria fundamental para

⁶Segundo publicação do Portal Guarani, Guilherme Tell nasceu no ano de 1889 no Paraguai, “*Dedicóse a los estudios científicos como colaborador de su padre, recolectando especímenes botánicos y zoológicos, anotando datos climatológicos y agronómicos de nuestro país. En 1913 reemplazó a su padre en la Dirección de la Estación Agronómica de Puerto Bertoni, y en 1918 ocupó el cargo de Inspector Técnico del Banco Agrícola, desde donde prestó importantes servicios, como la realización del primer Censo Agrícola Nacional y la representación del Paraguay en las conferencias de Defensa Agrícola de Montevideo y Buenos Aires. Integró el Gabinete del Presidente Rafael Franco, en 1936 como Ministro de Agricultura. Fue Miembro del Cosejo de Estado, por el sector agrícola, en 1942 y al año siguiente nuevamente Director General de Agricultura y Defensa Agrícola. En Estados Unidos realizó cursos de especialización en organización de servicios experimentales de la Comisión Nacional de Fomento y Trabajo. Ejerció la docencia en varios colegios secundarios, como el Nacional de la Capital y la Escuela Nacional de Agricultura de Viñas Cué; en la Facultad de Economía dictó cátedras de Geografía Económica General y Americana, y Geografía Económica Nacional y Comparada. Fue Miembro de la Sociedad Científica del Paraguay y Presidente durante muchos años de la Academia de la Lengua y Cultura Guarani*”. http://www.portalguarani.com/988_guillermo_tell_bertoni.html, acesso 11 de novembro de 2018.

“*La biblioteca privada del Prof. Guillermo Tell Bertoni, realizó una importante donación de libros y otros materiales de interés a la Biblioteca Nacional de Agricultura “Dr. Moisés S. Bertoni”, dependiente del Ministerio de Agricultura y Ganadería. La donación consistió en obras del Dr. Moisés Santiago Bertoni, Guillermo Tell Bertoni, Arnaldo de W. Bertoni, de suma importancia en los temas agroforestales*”. *Matéria publicada em 27 de setembro de 2017. Ver em:* http://www.mag.gov.py/index.php/noticias/biblioteca-del-mag-recibe-importante-donacion-de-materiales?ccm_paging_p=44. Acesso 11 de novembro de 2018.

⁷ Entre os títulos lançados, estão: *La Civilización Guaraní I, II e III; Agenda: Mentor Agrícola; Cambio de Clima; La Medicina Guaraní; Ortografía Guaraní; I e II* (2004 e 2011). Estas obras são fornecidas aos pesquisadores no formato digital. *La Lengua Guaraní; El Algodon Y el Algodero; A Lingua Guaraní como Documento Histórico e Dicionário Botânico*.

conhecer os tipos de correspondências arquivadas, bem como a lista de publicações existente, para só então selecionar documentos para o desenvolvimento desta pesquisa.

1.2.1 Cartas

Neste processo de busca e de definição do material de pesquisa, as cartas se mostraram como fontes apropriadas para darem suporte a uma parte importante do estudo, o que direcionou os interesses pelo conjunto das correspondências vislumbrado. Consolidou-se, desta forma, a opção por privilegiar as cartas como fonte básica, mas em diálogo com outras tipologias documentais, que deveriam ser selecionadas.

Para a seleção e estudo das correspondências seguiram-se etapas. Em um primeiro momento, realizou-se o levantamento documental com uma leitura preliminar para conhecer o material existente, estado de conservação e o conteúdo registrado nelas. Para esta primeira etapa, também, foi utilizado o catálogo de consulta dos documentos de Bertoni e sua família, que fica disponível no Arquivo Nacional em Asunción. Nesse documento, foi possível conhecer a listagem das cartas, com data, remetente, destinatário, ano e, em algumas, está apresentado o assunto. Este levantamento possibilitou seguir para a próxima etapa, na qual foram estabelecidas categorias temáticas e foi feita a seleção das cartas a serem estudadas. Tais temas estão relacionados às cartas trocadas com a família, cartas remetidas para amigos, cartas que discutem sobre aspectos da produção científica, cartas trocadas com presidentes da Argentina e do Paraguai, cartas para a esposa Eugenia e cartas que apresentam as relações comerciais, compra e venda de produtos. É importante ressaltar que esses grupos temáticos possuem relações entre si e, por vezes, se sobrepõe e se interpenetram. Nesse sentido, os termos que aparecem no catálogo com frequência são: família, trabalho, ciência, amigos, autoridades, políticas, religiosas. O quadro a seguir foi produzido a partir do levantamento mencionado.

Quadro 1 - Relação dos temas das cartas e os nomes dos interlocutores.

Família	Eugênia, esposa; Brenno Irmão; Filhos e sobrinhos.
Trabalho	H. Kraus de Asunción; M. Brossa de Asunción; Domingos Barthes de Posadas; Nuñez Y Gibaja de Posadas;

	Cooperativa Ayala Y Veja de Encarnación. Eusebio Ayala, presidente do Paraguai (1921-1923).
Ciência	Carlos E. Porter, professor de Ciências Naturais, de Santiago Chile; Hermann Von Ihering, Médico, Zoólogo, de Santa Catarina; Félix Daumas Ladouce, escritor. Muller, Schuster, Mongiardino.
Amigos	Leopoldo A. Benítez, Agrônomo e docente da escola de Agronomia de Trindad (fundada por Bertoni); Rodolfo Ritter escritor intelectual (considerado um dos melhores amigos de Bertoni); Adolf Niklaus Schuster, médico, antropólogo e filósofo.
Autoridades	Julio Roca (Argentina), Eusebio Ayala (Paraguai).

Fonte: Quadro organizado pela autora.

Uma parte das cartas selecionadas, que se referem aos temas elencados, foi reproduzida junto ao *Archivo Nacional de Asunción*, outra parte está reproduzida nas biografias de Baratti e Candolfi (1994, 1999 e 2019)⁸. Após a seleção das correspondências, que se deu a partir da escolha dos temas, seguiu-se para a etapa de análise e interpretação preliminar. Com os temas já elencados, a preocupação foi compreender manifestações singulares da realidade tratada pelos interlocutores, numa perspectiva multidimensional e historicamente situada.

Tendo como base a Micro História, cuja proposta está na observação do pormenor, foi realizada leitura minuciosa de documentos que proporcionavam elementos para a concepção mais detalhada do projeto de investigação. Partindo da ideia de que indícios mínimos podem revelar aspectos mais gerais, apoiada no que Ginzburg chama de *rigor flexível*, para caracterizar o *Paradigma Indiciário*, no qual não se trabalha com regras preexistentes, mas seguindo a intuição, foram iniciados os apontamentos de dados e pensada a estrutura do texto a ser produzido.

Diante do contato com a diversidade documental, surgiram alguns questionamentos. Por onde começar? O que e como selecionar? Como saber o que é mais relevante? Lembrou-se então do relato de experiência de Carlo Ginzburg quando pesquisava para a obra *Nenhuma Ilha é uma Ilha*. Ao explicar sobre como procedeu:

Na origem, há sempre um achado proveniente das margens da investigação inteiramente diversas. Foi o acaso, não a curiosidade

⁸ Nas biografias *“La Arca D Mosé (1994)* as cartas foram reproduzidas no italiano e na biografia, *Vida y Obra del sábio Bertoni*, na segunda edição (2019) as correspondências estão em espanhol. Ao reproduzir trechos das cartas nesta investigação, optou-se em deixar em espanhol, a tradução em português só foi realizada nos textos em italiano.

deliberada, que me fez dar com os comentários do bispo Vasco de Quiroga à *Utopia* de Thomas More (...). Em cada circunstância tive a súbita sensação de ter encontrado alguma coisa, talvez até alguma coisa de relevante; ao mesmo tempo, tinha consciência aguda da minha ignorância, às vezes, uma resposta relampejava; a intuição de uma afinidade morfológica entre *Tristran Shandy* e o *Dicionário de Bayle*, por exemplo. Mas não sabia qual era a pergunta. Somente a pesquisa permitiu formulá-la (GUINZBURG, 2004, p. 11).

Sendo assim, não se teve a preocupação com a quantidade de cartas para o estudo, pois se entendeu que nesta investigação, na perspectiva do *Paradigma Indiciário* como metodologia, a relevância seriam os dados obtidos nas correspondências à luz do problema investigado.

Contudo, esta pesquisa também verificou a necessidade de fazer uma leitura sobre como uma sociedade ou um personagem faz a leitura de si. Ou seja, a dimensão discursiva que está presente nesse tipo de leitura. Assim, a investigação está mediada por vários tipos de textos, que dependerão da natureza das fontes e do diálogo entre elas, em um processo de intertextualidade. Esta forma de olhar considera para a leitura os processos com os quais se produz sentido sobre a realidade. Roger Chartier ensina que, além de recuperar elementos materiais do passado, a prática do pesquisador pode buscar compreender como uma realidade social em determinada época foi “construída, pensada e dada a ler” (CHARTIER, 1991, p. 17).

A autora Ângela Castro Gomes (2004) contribui para os estudos e análises de correspondências. Ela observa e considera que não são frequentes as pesquisas que se concentram na exploração da escrita de correspondências. Embora esse tipo de documentação tenha sido usado em investigações, é recente sua utilização como fonte privilegiada, principalmente sendo tomada ela mesma como objeto de pesquisa. “Uma inflexão que passa a requerer maiores investimentos em sua utilização e análise, ou seja, maiores cuidados teórico-metodológicos” (GOMES, 2004, p. 10). A autora denomina essa prática como sendo a *escrita de si*, que teve seu apogeu no século XIX, momento da institucionalização dos museus e do aparecimento do romance moderno, onde o sujeito se viu dotado de direitos civis e políticos. Um processo longo que vem sofrendo transformações atualmente na área da comunicação. Em um primeiro momento, com o telefone e, mais recentemente, com o e-mail e o *WhatsApp*.

O ponto central a ser retido é que, através desses tipos de práticas culturais, o indivíduo moderno está construindo uma identidade para si através de seus documentos, cujo sentido passa a ser alargado. Embora (...) escrever cartas, seja praticado desde há muito, seu significado ganha contornos específicos com a constituição do individualismo moderno. A chave, portanto, para o entendimento dessas práticas culturais é a emergência histórica desse indivíduo nas sociedades ocidentais (GOMES, 2004, p. 11).

A partir da inspiração das palavras de Gomes, entende-se, então, que escrever cartas na fronteira era uma prática cultural. Além disso, ao ler as cartas, observa-se essa *escrita de si*, um Bertoni que constrói identidade ao falar de suas vivências.

Deve-se levar em conta, ao estudar a partir desse tipo de documentação, determinadas características, tais como as relações do texto com seu autor, indícios de seus objetivos e perspectivas na construção voluntária ou involuntária do “eu”. Atentar-se para uma série de questões que não envolvem apenas o indivíduo “autor” das cartas, mas também a relação que se estabelece com o “receptor”, a quem se escreve (GOMES, 2004, p. 10-22).

Essa escrita autorreferencial, para Gomes, integra um conjunto de modalidades do que se convencionou chamar *produção de si* no mundo moderno ocidental. Tal denominação pode ser melhor entendida a partir da ideia de uma relação que se estabeleceu entre o indivíduo moderno e seus documentos. Considerando a existência de um certo consenso na literatura que trata da escrita de si, pode-se datar a divulgação de sua prática a partir do século XVIII, quando indivíduos considerados “comuns” tiveram a preocupação em produzir uma memória de si.

As cartas recebidas e remetidas por Bertoni guardam informações sobre a fronteira e muito além dela, amplitude que nessa pesquisa não será possível analisar. Mas a pretensão é que possa despertar o interesse para futuras investigações. Estudos que possam desvendar aspectos ainda não discutidos sobre a fronteira. Aqui, os registros permitiram “desconstruir” uma ideia de fronteira enquanto limite, como algo fixo, ou como fim ou início. Tornou visível uma fronteira que flui, que aparece e desaparece, que une e separa, que aproxima e se afasta, que fica de frente, outras vezes vira as costas. Construída a partir de laços de amizade e de conflitos. É pertinente atentar para uma fronteira que nunca esteve num estado de vazio... As próprias cartas podem representar essa integração de povos mesmo que as vivências

estejam em conflito, porque fronteiras é isso, só existem nas e com as relações. As cartas estudadas forneceram indícios para conhecer aspectos da fronteira, registros produzidos por Bertoni, que hoje contribuem para conhecer a centralidade da fronteira.

1.2.2 Fotografias

Parte das vivências de Bertoni foram registradas numa linguagem de imagens. Fotografias produzidas em um contexto no qual as limitações se caracterizavam pela técnica de produção e reprodução, mas também de representação da fotografia, como sendo retrato fiel da realidade. Contexto no qual o conteúdo reproduzido no artefato fotográfico era inquestionável. Assim, o fotógrafo passava a ser testemunha ocular do evento fotografado, se caracterizando como verdade absoluta.

Por vários anos, as imagens preservadas na casa, hoje Museu, sofreram com as ações do tempo, estavam expostas à umidade e ao calor em Puerto Bertoni. Uma parte dessa documentação foi restaurada na década de 1990. Atualmente, estas imagens que compõem o acervo do Museu Bertoni são cópias, cujos originais estão em arquivo na Suíça. A documentação fotográfica selecionada, para compor esse estudo, está disponibilizada no livro *L'Arca di Mosè*, Danilo Baratti e Patrizia Candolfi, e na página da internet organizada pelos autores em 2014. O conjunto de imagens possui temas diversos, vinculados ao cotidiano de trabalho agrícola e estudo científico e registros de família.

Algumas fotografias do arquivo de Bertoni foram selecionadas para fazerem parte deste estudo, como também imagens que correspondem ao território da fronteira que não estão a ele vinculadas. As fotografias selecionadas para este estudo foram utilizadas como fontes para dialogar com os demais registros. Assim, categorias como a vivência, os objetos, os espaços, os personagens retratados foram tomados como indícios e pistas para a análise e interpretação. Uma das perguntas que se fez, ao ler as fotografias, corresponde aos motivos de tais registros. O que Bertoni objetivou eternizar? O que as imagens podem mostrar sobre o contexto da fronteira? Assim, ao selecionar tais fotografias, considerou-se a possibilidade de diálogo com as outras fontes. Também, foi considerada a qualidade das mesmas, visto que elas sofreram com a ação do tempo e algumas não se apresentam uma boa resolução.

A imagem enquanto produto de trabalho humano carrega os códigos produzidos socialmente, contendo, no seu enquadramento, as formas de ser e agir de

certa sociedade em um determinado tempo, no qual aparecem como mensagem. Ginzburg, na obra: *O Fio e os Rastros* (2008), estudou a obra de Siegfried Kracauer, *History: The Last Things before the Last* (História: as últimas coisas antes das últimas), principalmente em torno da questão lançada por Kracauer: Como podemos definir a natureza do meio fotográfico? A resposta do autor implica nas condições históricas da circulação das fotografias, seus usos e funções. Dessa forma, a análise histórica é o primeiro passo para conhecermos os conceitos e as ideias surgidas com e sobre a fotografia. Considerar as discussões em torno do impacto que a fotografia causou no século XIX e a tendência contemporânea que superou uma concepção de que a fotografia seria o retrato fiel da realidade. Essa leitura é importante, para entender o percurso histórico das discussões em torno da fotografia, desde o seu advento, até atualidade. Sejam discussões sobre teoria e metodologia para a análise e interpretação de imagens, seja uma discussão sobre a necessidade do diálogo com outras áreas do conhecimento, para assim dar conta da complexidade da realidade que se busca desvendar, “um novo modo de ver, de contar, de pensar” (GINZBURG, 2008, p. 240).

1.2.3 Filmagens

Após conhecer as duas produções fílmicas, o documentário feito para a TV Suíça e o longa-metragem *Desencuentros*, o que chamou atenção foi a representação de fronteira apresentada nas produções. No filme, o rio Paraná é o principal cenário da atuação do protagonista em busca de indícios sobre as histórias de Bertoni; a mata e a participação de indígenas retratam um ambiente em comum na fronteira. Somente os policiais, com suas fardas, representam os “limites” vigiados. As embarcações utilizadas pelo personagem para circular nas e por entre as fronteiras sinalizam para o espaço em comum entre os países, mas ao mesmo tempo retratam uma fronteira vigiada, principalmente na Argentina, onde o estrangeiro é visto com desconfiança. A violência e o “descaminho” demonstram uma fronteira perigosa, mas também cheia de emoções e aventuras.

Tais produções foram utilizadas como referências iniciais para esta investigação, pois foi a partir da filmografia que se deu início aos estudos sobre Moises Bertoni na década de 1990. Nesse sentido, com o intuito de realizar uma discussão em torno da vida e obra do personagem, bem como percorrer os diversos suportes de memória e registros por ele deixados, o intento, com o material fílmico, foi conhecer o

início dos estudos sobre Bertoni. Leitura que contribuiu para produzir um panorama da sua vida no contexto da fronteira, no período em que viveu às margens do rio Paraná, final do século XIX e início do XX, apresentado no segundo capítulo desta investigação.

Optou-se por não analisar o enredo, a linguagem e o conteúdo do material fílmico. Foi utilizado com o objetivo de conhecer e mostrar como foram despertados interesses pelos estudos sobre Bertoni com iniciativas do cineasta Leandro Manfrini e dos historiadores Danilo Baratti e Patrizia Candolfi, fundamentais tanto para a divulgação da figura de Bertoni e de sua produção, como para a preservação da documentação que contribuiu para a continuidade de estudos. O material fílmico permitiu adentrar no processo de levantamento, guarda da documentação, que levou à produção biográfica sobre Bertoni, para um entendimento de forma mais ampla sobre a sua vida e sua obra também apresentado no segundo capítulo dessa investigação.

1.2.4 Mapas

Foram selecionados dois mapas produzidos em momentos distintos por Bertoni para compor o quarto capítulo. O objetivo foi construir um diálogo com as demais fontes, de forma a compreender a importância dessa produção para refletir sobre como a fronteira é percebida ou construída nos documentos.

Para refletir sobre o material cartográfico, primeiro vale aqui apresentar uma definição de mapa, apresentada por Carla Lois (2014), baseada em Harley & Woodward (1987):

Representação gráfica que facilita o conhecimento espacial de coisas, conceitos, condições, processos ou eventos que concernem ao mundo humano, o termo mapa refere-se a muitas imagens diferentes que usam diversas técnicas e suportes, apelam a linguagens visuais muito heterogêneas, convenções gráficas, que tem variado ao longo do tempo (LOIS, 2014, p. 35).

A definição que Lois apresenta propõe entender que, se existem diferentes tipos de mapas, também deva-se ter distintos tratamentos e conceituações específicas para cada caso. Isso sugere, necessariamente, falar de mapas no plural. Geógrafos procuram classificar diferentes tipos de mapas, mas fora da cartografia existem produções que não seguem as convenções, linguagens e códigos estritos da

área. Assim, cada vez que for selecionado um conjunto de mapas para leitura, monta-se um novo mundo. A noção de gênero cartográfico é evidenciada como princípio ordenador. A partir dali o desafio é elaborar a pergunta que pode ser realizada com outros corpos documentais, com os quais os mapas podem dialogar.

Tal qual a definição que Lois apresenta de mapa, o historiador e especialista em mapas, Jerry Brotton (2012) também adota concepção semelhante, na obra *Uma História do Mundo em Doze Mapas*. Para Brotton, os cartógrafos não apenas representam o mundo. Eles interpretam. A partir deles, podemos compreender melhor o mundo de quem os produziu, pois está ligado aos sistemas de poder, autoridade e criatividade dos tempos e lugares em que foram produzidos. Além de que, estudando o contexto no qual o mapa foi criado, pode-se conhecer a sua influência sobre a forma como vemos o território.

Os mapas, na maioria das vezes, são utilizados como dispositivo nacionalista e nacionalizador, amplamente difundidos pelas burocracias estatais para criar a ilusão de visualizar certa base material para a construção de um sentimento de identidade nacional. Benedict Anderson, no livro *Comunidades Imaginárias*, em particular no capítulo, *O Censo, o Mapa e o Museu*, incorporado na edição revisada de 1991, discute sobre as ligações entre o nacionalismo, o território e o mapeamento. Focaliza, sobretudo, os mecanismos que tornam o mapa do território do Estado eficiente para a identificação dos valores nacionais. Capazes de reunir uma massa de indivíduos de reconhecimento e autoidentificação como membros dessa comunidade nacional imaginada (ANDERSON, 2008, p. 245).

O mapa, principalmente o político, é um gênero cartográfico naturalizado, descrito como um material que serve para marcar fronteiras internacionais e a divisão política interna de um Estado (LOIS, 2015, p. 195). Pode ser que esse tenha sido um dos motivos para que Bertoni os produzisse e ter remetido várias correspondências aos governos da Argentina e do Paraguai solicitando que eles fossem publicados. A trama que envolve os tais mapas elaborados por Bertoni, *O Plano do Rio Paraná* e o *Plano dos Saltos de Guairá*, em torno da publicação, já demonstra a extrema importância dada por ele a esses registros. Este aspecto foi evidenciado na sequência deste estudo.

Sendo assim, consideramos as produções cartográficas dentro do seu contexto de produção. Concebidas enquanto índice para refletir, juntamente com outros textos, sobre o contexto de sua produção.

Este primeiro capítulo apresentou o percurso da investigação, a caracterização das fontes e as referências que fundamentam esta tese. Apontou o caminho para a definição da temática e do estabelecimento dos objetivos. Evidenciou os parâmetros teórico-metodológicos, caracterizando os paradigmas indiciário e relacional como formas de investigação. Trouxe o conceito de memória para contextualizar a produção, gestão e usos do material pesquisado, embasando o objeto da pesquisa e o conceito de vivência para apresentar o diálogo do personagem com o mundo que o cercava. Mostrou os percursos utilizados para a busca de fontes e para a definição do corpus documental, culminando por privilegiar as cartas do acervo de e sobre Bertoni, e trazendo biografias, fotografias, filmes, mapas como referências para propor diálogos entre várias e distintas fontes e com as produções de imagens e de escritos sobre Bertoni.

Estabelecidos os parâmetros, as questões e o material a ser investigado, seguem os capítulos para as análises.

2 VIVÊNCIAS E MEMÓRIAS DE BERTONI NAS FRONTEIRAS

*Per pietà, diteci, semplicemente, chi fu Moisè Bertoni,⁹
(Stefano Bolla)*

Conhecer Moisés Santiago Bertoni é desafiador. Nasceu em Lottigna, no Vale de Blenio, Cantão do Ticino, na parte Suíça de idioma italiano, no ano de 1857. Estudou ciências jurídicas, físicas e ciências naturais nas Universidades de Genebra e Zurique. Aplicou os conhecimentos aos estudos da meteorologia, da agricultura, da botânica, da antropologia e da etnologia. Ainda na juventude, descontente com os rumos da Europa, decidiu, aos 27 anos de idade, migrar.

A opção foi a América do Sul, mais precisamente a Argentina. Na chegada ao país platino, em 1884, não hesitou em elogiar publicamente o General Julio Roca, presidente que anos antes esteve à frente da chamada *Campanha do Deserto*. Adotou a América do Sul como sua nova pátria, se encantou com as belezas naturais e fez do meio ambiente seu laboratório científico a céu aberto, mas também inseriu elementos de sua cultura europeia. Um migrante que buscou organizar uma colônia autossustentável com preceitos anarco-socialistas, mas que mantinha relações com obrageros para a comercialização de erva-mate e outros produtos. Agricultor que usava a força de trabalho indígena na manutenção de sua colônia, adotou Sylvano, uma criança da tribo Guayakí, nos tempos de Yguazarápá, utilizado como objeto de estudos. Um professor que esteve na direção da Escola de Agricultura, no Paraguai, manteve relações com os mais renomados estudiosos, divulgando suas pesquisas em encontros científicos internacionais. Escreveu inúmeros livros que publicou na sua gráfica e editora Ex Sylvis, instalada às margens do rio Paraná. Gostava de estar em meio à natureza, passeava no milharal e colhia frutas no pé; divulgador da stevia, erva-mate, banana, café e de tantas outras espécies de plantas... Foi tema de filme, documentário e de livros. Um homem que encontrou nas adversidades a inspiração para novas migrações, seguindo a contracorrente das águas, rumo ao Paraguai, tomando a mata nas barrancas do imponente *Paraná* como novas oportunidades

⁹ Por piedade, diga-nos, simplesmente, quem foi Moisè Bertoni. (Prefácio L' arca di Mosé, por Stefano Bolla, 1999, p. 13).

de vida e de estudos. E no fim de sua vida, doente, procurou o amigo e compadre, imigrante alemão Harry Schinke, conhecido como *Fotógrafo da Fronteira*, que exercia a profilaxia, no Município de Foz do Iguaçu, onde Bertoni veio a falecer no ano de 1929, sendo enterrado no Paraguai.

É assim que Bertoni emerge de uma vasta documentação constituída por ele mesmo e por obras diversas produzidas a seu respeito. Tais memórias fazem parte de variado leque de lembranças da e na Tríplice Fronteira. São, portanto, memórias em constantes disputas.

Um homem que buscou referências de um passado europeu para sua afirmação na nova pátria. Preocupado com sua memória, organizou seu acervo pessoal para ser lembrado no futuro. É nesse cruzamento temporal que a história de Bertoni se manifesta, a partir dos registros por ele deixados, que hoje possibilitam estudos sobre a sua complexa vivência.

2.1 OS ESTUDOS SOBRE BERTONI

A curiosidade sobre a vida de Moisés Bertoni intensificou-se no início dos anos de 1970, quando Leandro Manfrini filmava, em Misiones, província do Nordeste argentino, um documentário sobre descendentes de imigrantes suíços que se instalaram na região nos anos de 1930. Naquela ocasião, foi feita uma referência rápida a Bertoni, uma vez que permaneceu pouco tempo na Argentina e se estabeleceu definitivamente do outro lado do rio Paraná, no Paraguai. Com a indicação e informações levantadas, Manfrini decidiu conhecer Puerto Bertoni. Já no primeiro contato, a atração pelo tema foi imediata¹⁰.

Danilo Baratti relatou, em um texto sobre as produções de Manfrini, que, enquanto trabalhava no documentário, pensava na possibilidade de contar a história épica bertoniana de outra maneira - um filme de ficção. No ano de 1984, Danilo Baratti se juntou à equipe de filmagens, no papel de consultor histórico. O historiador leu o que estava disponível na época: biografias, artigos e cartas, incluindo aqueles

¹⁰ Em outubro de 1976, após uma inspeção adicional, Manfrini apresenta um projeto documental sobre Moisés Bertoni a ser realizado em dezembro daquele ano. Outra viagem ao Paraguai ocorreu em março de 1980, acompanhado por Carlo Pellegrini, o diretor da Biblioteca Cantonal e por Adriano Soldini, que escreveu um longo relatório quando retornou a Ticino. Esta expedição permitiu entrevistar os filhos de Bertoni. O documentário, em dois episódios de quase uma hora cada, foi transmitido pela TV Suíça a ETI, em março de 1985.

documentos recuperados em 1980 - iniciando assim a sua carreira de “bertonólogo”¹¹. Trabalho que resultou na longa-metragem, *Desencuentros*¹².

O material coletado para o documentário levou Manfrini, no ano de 1992, a lançar uma segunda produção, o filme de ficção *Desencuentros*, um longa-metragem que traz no roteiro a história de um suíço que migra para a América do Sul. As duas produções constituíram-se enquanto etapas fundamentais para o conhecimento sobre a sua vida e obra. Naquela ocasião, as produções de Manfrini chamaram a atenção sobre a urgência em preservar a documentação de Puerto Bertoni. O trabalho contribuiu para a criação da Fundação Moisés Bertoni,¹³ na Suíça, com o objetivo de salvaguardar e divulgar a figura e o trabalho de Bertoni naquele país e no exterior.

Para que o projeto da produção fílmica fosse efetivado pela TV Suíça, Danilo Baratti foi chamado para fazer o levantamento histórico da vida e da obra de Bertoni. O estudo aprofundado que Baratti teve com a documentação de Bertoni, para a produção do filme, culminou na produção de duas biografias em parceria com Patrizia Candolfi (1994 e 1999), além de vários artigos publicados em periódicos na Suíça. Naquela ocasião, o contato que Baratti teve com o volume documental em Puerto Bertoni, como livros, fotografias, cartas, anotações, diários, o levou a se preocupar com a preservação, dando início ao levantamento, organização e guarda documental, hoje disponíveis no Arquivo Nacional de Asunción, como também a organização do Museu Bertoni em Presidente Franco, no Paraguai.

O contato que Baratti teve com a documentação, levou-o, juntamente com Candolfi, a visitarem Puerto Bertoni no Paraguai, em 1992, o que resultou na organização do arquivo pessoal de Bertoni. Houve a transferência de parte da

¹¹ Danilo Baratti se autodenomina *Bertonólogo* no texto “Un ricordo del regista scomparso Leo Manfrini, Mosè Bertoni, il Paraguay”, disponível: <http://www.mosebertoni.ch/pdf/CantonettoManfriniBertoni.pdf>

¹² *Desencuentros* (1992), dirigido por: Leandro Manfrini; roteiro: Mario Garriba e Leandro Manfrini; fotografia: Miguel Rodríguez; edição: Pedro del Rey; música: Franco Piersanti; performers: Jean François Balmer, Cecilia Roth, Manuel Callau, Alexandra Sirling, Teco Célio, Arturo Maly; Produção: Variofilm Cureglia e SSR-RTSI.

¹³ A Fundação Bertoni contribuiu para o lançamento de duas publicações. A primeira, é a Biografia de Moisés Santiago Bertoni, com curadoria de Lorenzo Ramella e Yení Ramella Miquel, encomendada pelo Conservatório e Jardim Botanique de la ville de Genève (Genebra, 1985). A segunda, de caráter divulgativo, é o livro infantil de Angelo Casè, Mosè Bertoni (1857-1929), De Lottigna ao Paraguai (Swiss Editions for Youth, 1986). A Fundação lançou então um projeto de um centro de pesquisa científica em Puerto Bertoni, ligado à Confederação, depois abandonado. Estava finalmente presente, antes de dissolver-se em 2006, nas negociações com o governo paraguaio, concluídas com sucesso em 1993, para a recuperação e catalogação dos documentos de Puerto Bertoni e para a restauração da casa. (Informações retiradas do texto de Baratti, ver em: <http://www.mosebertoni.ch/pdf/CantonettoManfriniBertoni.pdf>)

documentação para o *Archivo Nacional de Asunción*, como também para o Museu que leva o nome do personagem.

As biografias e as duas produções fílmicas apresentaram o mundo de Bertoni desde o seu nascimento até sua morte. Também contribuíram para a construção das várias representações sobre o personagem. Entre imagem romantizada, idealizada, lendária, anarquista, figura um homem com contradições e que viu no território fronteiriço um mundo de possibilidades. A fronteira propiciou seu auge e seu declínio.

A produção do documentário e do filme, bem como os desdobramentos destas iniciativas, foram percebidas e evidenciadas nesta pesquisa. Serviram, portanto, para mostrar o despertar maior em relação às vivências de Moisés Bertoni. Na sequência, esses desdobramentos foram analisados e discutidos.

2.2 O QUE DIZEM OS TEXTOS

O interesse pelo estudo sobre o que dizem os *textos sobre Moisés Bertoni* foi para conhecer como o personagem foi sendo construído no decorrer dos tempos. Textos em jornais no Paraguai, produções de Manfrini, o documentário de 1985 e o longa-metragem de 1992, biografias de Baratti e Candolfi, de 1996 e 1999, de Schrembs de 1984 e de Ramella de 1985 permitem conhecer o processo de construção de memórias sobre este migrante da Tríplice Fronteira.

“Toda história é filha do seu tempo”, dizia Lucien Fèbvre, que manifesta o interesse em problematizar no presente, o próprio “fazer histórico”. Assim, a questão que se formulou é: que *vestígios* se encontram nos textos escritos e visuais que permitem conhecer o personagem? Moisés Santiago Bertoni, conhecido como sábio, naturalista, cientista, doutor..., teve uma vida complexa e contraditória. Textos sobre sua trajetória e seus escritos fornecem pistas para conhecer a relação que mantinha com o espaço vivenciado.

Entre as publicações sobre Bertoni, foi selecionada uma para introduzir a reflexão dessa parte do estudo. A citação a seguir é uma matéria publicada no Jornal *El Diario*, do dia 9 de outubro de 1929. Ela oferece a oportunidade de visualizar uma cena solene, digna de filme, que homenageou Bertoni no Teatro Nacional em Assunção, alguns dias depois de sua morte. Esta publicação, sobre *El Funeral Civil*, permite adentrar no mundo do personagem e a sua relação com o Paraguai. Contribui

para entender o significado e a representatividade do nome Moisés Bertoni, como também, o papel do ato simbólico para a construção da memória.

Introduzir um item sobre a vida e obra de Bertoni, na perspectiva da memória, a partir de um texto publicado logo após a sua morte, talvez seja uma forma nada “convencional” de escrita. Mas aqui se justifica, pois é justamente o inverso do que possa representar. O que poderia parecer o fim, é tomado como início, para o entendimento sobre o processo de construção da memória. Sobretudo, como o personagem é construído após a sua morte, constituindo-se em um novo ser, uma reconstrução, contudo, sem deixar de ser Moisés Bertoni. Candau fala sobre a dialética da memória e da identidade, “que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa” (CANDAU, 2011, p. 16).

Sobrepasando los cálculos más optimistas el solemne y grandioso acto celebrado a noche en el Teatro Nacional en homenaje al doctor Moisés Bertoni, alcanzó las magnas proporciones de una verdadera apoteosis. Un inmenso público, en el que estaban representados los más diversos círculos sociales, llenó por completo las localidades del Viejo Coliseu, testimoniando así el unánime y hondo dolor provocado por la desaparición del ilustre sabio en el seno de nuestra sociedad. Tanto la sala con el escenario se hallaban adornados con hojas de palmera y crespones, dispuestos con sobriedad y buen gusto. En el proscênio que se hallaba enlutado con un gran telón de fondo negro, se exhibía un monumental retrato del doctor Bertoni, obra del pintor Juan A. Samudio, a cuyo frente ardían las resinas rituales en artísticos pebeteros. El coro mixto del Colegio Alemán inició el solemne acto entonando con toda perfección y sentimiento el coro del Salve Caput Cruentatum del maestro Bach (Revista Agropecuaria y de Industrias Rurales, 1931, p. 369-371).

O cerimonial é comparado a uma apoteose, Bertoni se transformou em um personagem digno de homenagem e de honra extraordinária, um ato de glorificação e exaltação. É no Teatro Nacional, “*Viejo Coliseu*”, lotado, que se testemunha a dor pelo desaparecimento do ilustre sábio diante do monumental retrato do doutor. Após sua morte, adquiriu o ponto mais importante de sua “existência”. Ou seja, correspondeu ao ponto final de uma existência decorrida de maneira espetacular e que naquele momento realizavam a união entre Bertoni e o divino. O texto segue apresentando a programação da noite.

El doctor Rodolfo Ritter dió lectura luego a un meduloso e interesante estudio sobre la vida del extinto sabio, titulado Recordación. En

representación del Centro Estudiantil, del cual es presidente, el señor Elpidio Yegros dió lectura a su sentida y hermosa oración. "Oración singular" es el título de la inspirada y bela poesí que el señor Leopoldo Ramos Jiménez recitó luego con toda propiedad, arrancando lágrimas de emoción a los presentes. El poeta Ramos Jiménez escribió esa poesía especialmente para el funeral civil de anoche. La interpretación magistral del Adagio del Cuarteto Nº 1 de Beethoven por el Cuarteto de Asunción, fue uno de los números más belos por la fuerza emotiva de esa joya musical y por el sentimiento y ternura con que fue interpretado por el armonioso conjunto orquestral que dirige el maestro Remberto Jimenez. Luego ocupó el cenário el prestigioso doctor Juan Stefanich, pronunciando un magistral discurso con la arrebatadora elocuencia característica de su verba florida y armoniosa. La señorita Chela Cuevas tuvo a su cargo el recitado de una hermosa page lírica con que el doctor Moisés Bertoni dedicó su obra maestra "Civilización Guaraní" a su hijo Líneo. La bela e importante velada recordatoria de noche, se clasuró con el canto del Interger vitae de Flemming, a cargo del disciplinado y armónico coro del Colegio Alemán (Revista Agropecuaria y de Industrias Rurales, 1931, p. 369-371).

Dentre os nomes citados na matéria, convidados especiais para fazerem parte do cerimonial, com um texto intitulado *Recordación*, personalidades recebem menções. A escolha para fazer a leitura de uma narrativa tinha razão de ser, Rodolfo Ritter (economista, advogado e periodista), considerado o melhor amigo de Bertoni. Coube a ele realizar a leitura do percurso histórico do amigo. Outro amigo, Leopoldo Ramos Jiménez (periodista, poeta, escritor teatral, político e sindicalista do Paraguai) foi escolhido para declamar uma poesia, escrita especialmente para o funeral. Recorreu-se à história do personagem para legitimar a construção da memória, juntamente com a poesia declamada em forma de oração, transformando o cerimonial em um ato quase religioso. Estes são elementos para atingir o emocional dos participantes, fator importante para a construção do processo de rememorar.

Candau (2011) ajuda a entender que os discursos proferidos pelos amigos, colegas de trabalho e membros do governo, contando sobre a vida de Bertoni, bem como o próprio registro e publicação no jornal do *El Funeral Civil* se constituem em escolhas, para perpetuar lembranças passadas, memórias sobre o passado, em uma mediação mortuária. As memórias são construídas a partir de acontecimentos passados, os quais já não existem, mas que permanecem no tempo. Com isso, Bertoni teve a possibilidade de continuar a viver, a partir de e em tais lembranças. O ato simbólico institui que ele, no Paraguai, não seria um sujeito morto, aquele do qual ninguém se lembraria, com sua individualidade apagada com o seu falecimento. São

dadas ênfases a determinados aspectos, tais como sábio, doutor, “Civilização Guarani”, sinalizando escolhas para a memorialização.

A descrição do ato cerimonial continua:

Entre los asistentes a la ceremonia de a noche, que como dijimos colmaron totalmente las localidades del Teatro Nacional, notamos la presencia del Presidente de la República, doctor José P. Guggiari que em companhia del Ministro de Instrucción Pública, doctor Rodolfo González, acudió al acto, prestándole prestigio oficial. Casi todos los representantes del cuerpo diplomático y otras distinguidas personalidades también se hallaban presentes en la velada se anoche que constituyó un lúcido acontecimiento de alta cultura. Desde luego el mejor homenaje que podría tributarse a la memoria venerada del llorado maestro no podría ser sino un acto de esta naturaleza, que dentro de su imponência y severidad fue una justa espiritualidade y belleza, ornada con el prestigio doloroso del recuerdo (Revista Agropecuaria y de Industrias Rurales, 1931, p. 369-371).

O registro, através da publicação do texto no jornal do *El Funeral Civil*, é o testemunho que demonstra a importância de Bertoni, frente aos representantes do mundo da cultura e das autoridades políticas do Paraguai. A imagem, construída no texto, aparece como um homem querido, respeitado, admirado e apoiado pelo governo daquele país, pelas inúmeras contribuições científicas por ele deixadas. A presença, no ato cerimonial, do Presidente da República, bem como de outros membros do governo e do corpo diplomático está manifestada no texto, como fator incontestável da representatividade dele frente ao País. Essa cultura de rememorar, a partir da morte, “são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações” (HALL, 2006, p: 50). A peça da ópera tocada na ocasião, o quadro com a imagem de Bertoni, ainda com a tinta molhada, atualmente exposto na Biblioteca Moisés Santiago Bertoni, em Asunción e o poema no idioma guarani, os discursos dos amigos, tiveram a função “de instigar, pela emoção, uma memória viva” (CANDAU, 2011, p. 145).

As considerações de Candau levam-nos a atentar para o que os historiadores Baratti e Candolfi declaram, ao questionarem essa construção da memória, que *marmoriza ou petrifica* uma imagem de Bertoni enquanto tendo uma relação sem conflitos na fronteira:

La imagen de un Bertoni justamente apreciado y apoyado por gobiernos paraguayos conscientes de sus méritos ya había empezado a circular veinte años antes, cuando Puerto Bertoni comenzó a ser

meta de turistas intrigados por la fama de esta celebridad nacional. Pero ya en aquella época Bertoni se desesperaba porque las subvenciones estatales, prometidas desde hacía ya largo tiempo, no llegaban, lo que le impedía publicar sus obras y lo obligaba a hacer esfuerzos por esconder a los ojos de los visitantes las dificultades en las que se debatía Puerto Bertoni (BARATTI & CANDOLFI, 1999, p. 20).

As informações que os autores nos fornecem sobre as dificuldades que Puerto Bertoni passou nos últimos anos que antecederam sua morte, foram registradas em cartas, tema a ser tratado mais adiante. São importantes para visualizar o universo plural ou de contradições em que Bertoni estava inserido. *“Podríamos continuar agregando testimonios y juicios sobre el hombre y su obra y no haríamos más aumentar las dudas y la confusión”* (BARATTI & CANDOLFI, 1999, p. 21). Quem foi realmente Bertoni? Teria sido ele um anarquista? Um nacionalista paraguaio? Um pesquisador que renunciou a tudo em nome da ciência? Um agricultor preocupado com a subsistência da família? As citações acima apresentadas, demonstram que conhecer esse personagem não é uma tarefa fácil. Deve-se considerar o contexto histórico no qual estava inserido, tanto na Suíça como na América do Sul. Também, considerar as diferentes leituras que foram realizadas sobre ele, no decorrer do tempo.

A construção de uma imagem romantizada, de um Bertoni idealizado, também pode ser percebida no documentário produzido por Leandro Mamfrini¹⁴. Para Danilo Baratti, o documentário era um trabalho de divulgação, cujo objetivo foi contar uma história extraordinária e, ao mesmo tempo, contribuir para a preservação da memória daquela aventura e do que restava em Puerto Bertoni. "Manfrini foi o redescobridor, e talvez o salvador, de Puerto Bertoni" (BARATTI, 2013, p. 17). Baratti prossegue dizendo que Manfrini pretendeu, acima de tudo, apresentar a natureza sonhadora de Bertoni. Uma leitura romântica, mas que reconstrói a história existencial com riqueza de detalhes, a partir das entrevistas dos filhos Arnold de Winkelried, Werner, Aurora e o sobrinho Sigisfredo Schrottky.

¹⁴ Manfrini, nascido em Ponte Cremenaga em 1932, depois de um período no jornal "Free Press" começou a trabalhar para a Televisão da Suíça Italiana, em 1967. Ele estava no comando do comércio exterior 1970-1984 e, em seguida, até 1987, foi o chefe do departamento de informações. Seu trabalho como jornalista de TV está ligado principalmente às colunas históricas "360" e "Repórter". Mas ele também experimentou em outras áreas, como na condução de entrevistas, debates e noites temáticas no estúdio. Desde o início dos anos noventa, foi colunista do "Giornale del Popolo" (alguns de seus itens, com a adição de alguns inéditos, foram incluídos no livro Viajando sem passaporte, publicado pelo mesmo jornal, em 2003). Leandro Manfrini morreu em Lugano, em 14 de janeiro de 2013 (BARATTI, 2016, p. 17).

Percebe-se aqui, e é importante evidenciar isto, que foram europeus, cineasta e historiadores, que incrementaram as buscas pelos registros de Bertoni. Contribuíram para a construção de memórias a partir de parâmetros e olhares do mundo ocidental europeu. Por outro lado, tais parâmetros e tais olhares debruçaram-se sobre os registros feitos no espaço e a partir de vivências na fronteira. Portanto, estes aspectos merecem serem considerados para a análise a respeito de memórias sobre Bertoni.

Figura 1 - Leandro Manfrini no Paraguai, em conversa com Arnold de Winkelried, filho de Moisés Bertoni.



Fonte: BARATTI, 2016, p. 16.

A bela imagem contra a luz foi tirada na década de 1970, em uma das primeiras viagens de Manfrini a Puerto Bertoni. Está guardada no Arquivo do Estado em Bellinzona. Winkelried recebeu o cineasta em uma casa para idosos. Ele morreu bem antes das filmagens do longa-metragem. Ao assistir o documentário, observou-se que as entrevistas realizadas com os filhos transmitem uma imagem mitificada sobre o pai, isenta de críticas (BARATTI, 2013).

A imagem documenta o momento em que Manfrini entrevistava Winkelried. Demonstra sobretudo os usos e funções da fotografia naquele período, concebidas enquanto retrato fiel da realidade, como comprovação da ação. Pois testemunha o registro de uma entrevista, imagem que para esta pesquisa está sendo tomada como documentação inédita de relevância para compreender o processo de levantamento

e guarda da documentação de Bertoni. Registros que hoje possibilitam estudos sobre o personagem e o período evidenciado. A imagem fotográfica mostra o registro documental através da entrevista.

Manfrini construiu o enredo do filme *Desencuentros*, narrando as vivências de um personagem europeu no Paraguai. Ao conhecer a história de Bertoni, se encanta a ponto de sentir-se dividido entre ficar ou partir. Manfrini, no filme, fala da sua própria relação com Puerto Bertoni, do seu laço sentimental com o Paraguai - País com seus encantos e mistérios retratados, seja nos trilhos do trem que desaparecia no infinito, nas chalanas que trafegavam com pessoas e animais que se perdiam nas ruas empoeiradas, ou seja, nas pequenas embarcações e vapores que trafegavam nas águas dos rios, com seus encontros e desencontros, de chegada e partida. Um lugar marginal e esquecido, onde a beleza e o abandono se fundem e o tempo parecia prosseguir lentamente. Representação de um povo com sorrisos espontâneos, de olhares curiosos, apresentando as peculiaridades de um país que Bertoni escolheu para viver e desenvolver suas pesquisas.

É importante não perder de vista que as imagens que compõem o filme são representações do olhar de um cineasta europeu. O cineasta explorou as peculiaridades do Paraguai, chamando a atenção para a paisagem e para os habitantes paraguaios, visto que tal produção seria exibida em um programa de TV na Suíça. Sendo assim, o personagem principal, da narrativa fílmica, é colocado em contato com as mais diversas situações em que constrói relações diversas na fronteira.

Figura 2 - Leandro Manfrini às margens do Rio Paraná, durante as filmagens de *Desencuentros*. 1992.



Fonte: BARATTI, 2016, p. 17

A fotografia registra os bastidores das filmagens às margens do Rio Paraná. A imagem vem dialogar com tais representações, nas quais se pode visualizar as águas do rio e, mais ao fundo, a mata fechada, fornecendo um panorama sobre a paisagem local. O registro também contribui para reforçar, nos textos, uma imagem daquilo que Bertoni escolheu para viver, no meio da floresta. Com isso, o personagem é construído como explorador de um país inóspito, com suas belezas, riquezas naturais a serem exploradas.

Outra interpretação sobre a vida e obra, frequentemente utilizada, parte da referência apresentada na biografia sobre Bertoni publicada por Peter Schrembs (1985). Ele defende que ele era um anarquista até a morte. O antropólogo Christian Giordano (1984) seguiu a mesma linha de pensamento. Esses estudos contribuíram para difundir a tese de Bertoni enquanto anarquista, baseada em algumas informações. Tais como: elementos que fazem referência aos últimos anos em que viveu na Suíça; nas cartas recebidas do irmão Brenno; em certas passagens da obra *La Civilización Guaraní*, publicada por Bertoni, na década de 1920; e na homenagem que fez a amigos e anarquistas, ao batizar alguns de seus filhos com os nomes de tais personagens.

O título da obra de Peter Schrembs (1985), *Mosè Bertoni: Profilio di una vita tra scienza e anarchia*, indica os elementos que serão discutidos, especialmente sobre os estudos científicos de Bertoni e sobre suas ideias políticas. A tese central é que Bertoni “*seguió siendo comunista libertário hasta la muerte*” (SCHREMBBS, 1985, p. 21). O autor busca indícios desde a juventude de Bertoni, que com dezessete anos já teria liderado um movimento estudantil, por discordar de uma reforma no calendário escolar e no corpo docente, na escola de Lugano. Atitudes do pai de Bertoni também são utilizadas como justificativa para o autor. Ambrogio Bertoni, teria largado a batina, por discordar do posicionamento político dos clérigos. Após esse episódio, Ambrogio publicou um balanço de ideias anticlericais, intitulado *Cinco anos de sacerdotio* (1840). Se formou em direito, em Paris, onde conheceu várias personalidades que o influenciaram nas organizações revolucionárias.¹⁵

¹⁵ O pai de Moisés Bertoni, assumiu uma política de renovação especialmente no Grande Conselho, onde defendeu a nova constituição federal de 1848, expressou-se a favor da secularização do ensino médio e profuso empenho particular na comissão nomeada em 1872 para elaborar o projeto de estabelecer a escola de mestrado. Ele também foi membro dos Estados e publicou vários escritos, principalmente: *Condições agrícolas do cantão de Ticino* e, especialmente, nos distritos superiores, em 1851 e os *Elementos da agricultura* em 1879. Com mais de quarenta anos, casa-se com Giuseppina Torriani, dez anos mais jovem, com quem teve quatro filhos: Enrico, estudante de arte

Tanto a posição ideológica, como científica de Bertoni são argumentadas por Schrembs a partir das experiências vividas quando jovem, na Europa, sendo influenciado pela família e amigos. Ele cita a amizade com Giovanni Lucio Mari, um bibliotecário e naturalista que se tornou seu amigo e alimentou sua paixão pela ciência. É provável que ele também tenha conhecido o famoso geógrafo anarquista Elisée Reclus. Alguns estudos defendem ter existido uma amizade entre ambos, a ponto de Reclus ter influenciado Bertoni para organizar uma colônia anarquista na América do Sul. Assim, seguindo os rastros de Bertoni, Schrembs buscou, nos estudos sobre os Guaranis, a justificativa da continuação do ideário anarquista, declarando que, na cultura indígena, ele teria encontrado o exemplo de viver em uma sociedade igualitária.

A contribuição do estudo de Schrembs está na apresentação de uma documentação inédita, detalhada sobre os anos em que Bertoni viveu na Suíça, bem como as cartas escritas por Bertoni e endereçadas à sua família, correspondências que estão arquivadas na Europa. O autor apresenta uma escrita, que muitas vezes, transita entre aspectos históricos e literários e manifesta um esforço em adentrar nos sentimentos mais íntimos de Bertoni, principalmente quando fala sobre o amor por Eugenia: “Com os olhos sonolentos das noites quentes nos braços de Eugenia, Moisés lê e relê cada vez mais preguiçosamente os textos da jurisprudência”¹⁶ (SCHREMBS, 1984, p. 15).

Outra fonte utilizada é a já mencionada obra dos historiadores suíços Danilo Baratti e Patrizia Candolfi, *Lá arca di Mosè: biografia epistolare di Mosè Bertoni*, primeira edição em 1994, a segunda em 1996. Com 823 páginas, o livro reproduz 138 cartas, 27 fotografias, mapas e um plano da futura colônia, entre outros documentos. Os autores fazem uma revisão das afirmações nas biografias anteriores, principalmente no que corresponde à afirmação de que Bertoni teria seguido anarquista até a morte. Até o momento, considera-se este trabalho como sendo o mais completo sobre a vida e obra deste migrante.

No ano de 1995, a editora Helvetas de Assunción Paraguai publicou um livro para que a sociedade daquele país pudesse conhecer melhor a vida de Bertoni. Baratti

em Brera, jovem suicida morreu no rio Ticino, Elvezia, Moses Giacomo e Brenno. (SCHREMBS, 1884, p. 8-10).

¹⁶ “Con gli occhi assonnati dalle calde notti fra le braccia di Eugenia, Mosè sempre più svogliatamente legge e rilegge i testi di giurisprudenza” (SCHREMBS, 1984, p. 150). Tradução livre feito pela autora.

e Candolfi foram convidados a escrever, o que resultou na: *Vida y Obra del Sabio Bertoni* (1999), segunda edição (2019). A biografia não é um resumo do livro *Lá Arca di Mosè*. Partes são diferentes, graças à rica documentação a que os autores tiveram acesso em Puerto Bertoni, muitos destes materiais não haviam sido utilizados na produção de 1994. É um livro de leitura mais acessível e menos complexa que o anterior. Nessa produção, foram deixadas de lado informações sobre a juventude de Bertoni, na Suíça, mas em contrapartida, o período em que viveu em Yaguarazapá, no Paraguai, e os anos em que esteve à frente da Escola Nacional de Agricultura foram tratados com mais atenção e profundidade.

Além das duas obras, Baratti e Candolfi publicaram uma série de artigos, entre eles destacam-se: *Utopizzazione e realitá di Puerto Bertoni* (2009) e *Mosè Bertoni anarchistem?* (2003). Nesses textos, procuram fazer uma revisão das leituras que defendem o posicionamento ideológico de Bertoni, como sendo um anarquista. Pensamento que os autores chamam de *clichê anarquista* ou de *reducionismo anarquizante*. Os historiadores questionam a afirmação de que Bertoni teria sido um anarquista até a morte. Essa é uma referência de Schrembs (1985), muito mencionada e pouco questionada em textos produzidos posteriormente. Baratti e Candolfi, no artigo intitulado: *“Utopizzazione” e realitá di Porto Bertoni* (2009),¹⁷ chamam a atenção para o fato de Bertoni partir em 1884, com a intenção de criar uma comunidade de colonos, nas ideias anarco-socialista. Isso poderia levar à leitura de que toda a experiência existencial e colonial de Bertoni tenha sido nessa perspectiva no Paraguai. Ou que todo imigrante Europeu, vindo para América do Sul teria migrado com essa perspectiva. Essa referência é feita, principalmente à obra de Peter Schrembs (1985), cujos limites já foram discutidos na obra: *L'arca di Mosè* (1994) e retomados na publicação posterior (1999). Não é raro encontrar artigos em jornal ou alguns textos que constroem uma imagem de Bertoni enquanto um anarquista. Baratti e Candolfi, na introdução de um artigo (2009), declaram:

A tendência ao reducionismo também está presente na literatura Tessina sobre Mosè Bertoni (é o que poderíamos chamar de "reducionismo anarquizante") e, portanto, pareceu útil - a nós e à revista que nos acolhe - propor uma reformulação do texto nascido da

¹⁷ O artigo faz parte da obra com o título: *O Fio Vermelho: Palavras e Práticas da Utopia na América Latina*, organizado por Marisa González de Oleaga e Ernesto Bohoslavsky (Paidós, Buenos Aires, 2009). É uma obra coletiva, cujo objetivo central foi discutir sobre a multiplicidade de discursos e práticas sociais, textuais, arquitetônicas e associativas ligadas ao fenômeno utópico na América Latina, a partir de meados do século XIX.

solicitação de Oleaga e Bohoslavsky, que na versão original tem o título Puerto Bertoni: *realidad y "utopización"* de uma colônia paraguaia. Intervimos um pouco sobre o texto inicial e entregamos, sobretudo, às notas mais indicações e considerações (BARATTI & CANDOLFI, 2009, p. 250).

Segundo o trecho acima, a proposta dos autores, na publicação da revista, foi fazer uma reformulação do texto nascido da solicitação dos organizadores Oleaga e Bohoslavsky. A confirmação de que Bertoni era adepto ao anarquismo está baseada em cartas que escreveu na sua juventude. Inclusive quando em 1882, decidiu emigrar e escolher a região de Misiones, na Argentina. A escolha teria sido feita, a partir de conversas que teve com os amigos Kropotkin e Reclus na Europa.

Os conselhos dos amigos Kropotkin e Reclus fortaleceram o desejo de fundar uma colônia agrícola socialista fundamentada nas ideias de igualdade, de justiça e do bem comum aos homens. Reclus indicou-lhe a província Argentina de Misiones. O cônsul argentino Lugano também indicou a província de Misiones para a denominada “comunidade agrícola de sistema comunista” (BUTTURA & NIEMEYER, 2012, p. 27).

No levantamento realizado na década de 1990 por Baratti e Candolfi, não foram encontradas correspondências que indicassem qualquer contato com seus amigos anarquistas da Europa durante os anos em que viveu na América do Sul. Teria ele desistido do seu sonho de juventude, de fundar uma colônia anarco-socialista na América?

Outra publicação de referência é a do botânico suíço Lorenzo Ramella em parceria com sua esposa Yeni Ramella-Miquelque (1985): *Biografía de Moisés Bertoni: el hombre de ciencia visto por los demás*. O livro está organizado em duas partes. A parte biográfica sobre Bertoni é bastante breve, mas a contribuição está na leitura direta que os autores fizeram dos documentos, como cartas e escritos do próprio Bertoni, seguindo a ordem cronológica, desde a sua vida na Suíça até sua morte. Na segunda parte, também em ordem cronológica, é apresentado um apanhado das obras de Bertoni e publicações sobre ele, oferece uma visão geral sobre o seu percurso científico.

No Paraguai, o livro *O Guarani* (1987), uma bibliografia etnológica, organizada por Bartolomeu Meliá, Marcos Saul e Valmir Muraro, é uma das poucas publicações que trazem o nome de Bertoni naquele país. Foi a partir dessa obra que ele ficou mais conhecido na América do Sul, principalmente pelo destaque ao estudo que realizou

sobre os Guaranis e que resultou na obra: *Civilização Guarani*, publicada em três volumes. Ao circular entre as diversas livrarias na capital do Paraguai, não foram encontradas com facilidade produções que fazem referência ao personagem. Em contrapartida, o País é o guardião de um conjunto muito grande de documentação, difícil de quantificar, como no *Arquivo Nacional do Paraguai*, na Biblioteca Nacional de Agricultura – BINA, no *El Cabildo e Biblioteca Nacional do Paraguai*, bem como no Museu Bertoni. Esses *lugares de memória* guardam publicações em jornais, cartas, escritos do próprio Bertoni, fotografias e mais de 500 obras escritas por ele, além de objetos.

Na Argentina, as produções que levam o nome de Bertoni, ou que tratam sobre ele, voltam-se, principalmente, em torno da imigração de europeus para Misiones: O livro de Carlos Selva Andrade (1942) *Um Naturalista Olvidado: vida del doctor Bertoni em el Alto Paraná*. O trabalho de mestrado de Luiz Carlos Ortiz (1999) *Conflictos de Moisés Bertoni efectos que produjo en la Colonia de Santa Ana la política de tierras en 1887* e, do mesmo autor, a publicação do livro: *La colonización suiza en Misiones* (2004). Ainda uma biografia feita pelo neto Jesús Elías Bertoni em parceria com a esposa Maria Alida Bertoni *El vigía de la selva*, publicado em 1984.

No Brasil as produções ainda são modestas. Em 2012, o agrônomo italiano Evaldo Buttura em colaboração com Aline Niemeyer, advogada especialista em educação e direito ambiental, publicaram *Moisés Bertoni: Uma Vida para a Ciência*. Esta obra representa uma mobilização em torno da preservação de sua memória. E em 2013, Ninarosa Mozzato da Silva Manfroi, concluiu seu doutorado, com a tese: *Bleyer, Sartori, Bertoni: Singulares Imigrantes Colonizadores de Ideias*. Outro estudo foi realizado por Graça Razera e Gisélle Razera (2003). Estas tiveram como objetivo inserir a biografia do nominado cientista na pesquisa sobre Proexologia. O método de comparação dos pontos-chave da vida de Bertoni, tendo por base teórica e técnica desenvolvida na Conscienciologia.

Os textos demonstram o cuidado que o pesquisador deve tomar ao ler afirmações sobre aspectos da vida de Moisés Bertoni, uma vez que há uma enorme variedade de visões sobre a vida e sobre o que representam as contribuições deste personagem. Como pode ser visto, existem interpretações e representações construídas ao longo do tempo que procuram determinar e definir o personagem. Por sua vez, devem ser consideradas para entender o processo de construção de memórias, que tanto dependem do lugar como do tempo em que se fala. As falas não

são neutras, possuem intenções que podem ser explícitas ou implícitas e que corroboram para a construção de um determinado imaginário sobre Bertoni.

2.3 MOTIVAÇÕES PARA MIGRAÇÃO

Os textos que apresentam os motivos que levaram Bertoni a migrar trazem elementos que contribuíram para solidificar memórias. Nesse sentido, o objetivo nesse item é discutir sobre tais motivações.

Na Biblioteca Nacional de Assunção, ao pesquisar no jornal *El Liberal*, do dia 09 de outubro de 1929, uma matéria chamou a atenção - o discurso de Rodolfo Ritter¹⁸, proferido na ocasião da homenagem a Moisés Bertoni no Teatro Nacional. Em suas palavras, cheias de sentimentalismo pela perda do amigo, demonstra ser conhecedor de aspectos da vida dele. Em uma parte de seu discurso, fala sobre o que o amigo teria abdicado na Suíça para seguir o seu projeto na América Latina.

El joven Moisés Bertoni, doctor en ciencias a la edad de 20 años, despreció los halagos de una posición privilegiada y eligió como destino el áspero camino de la ciencia pura. Al dedicar su vida a ésta, no se contentó con ser director bien rentado del servicio meteorológico de su patria; no se contentó con ser catedrático en una de las grandes universidades de su país (EL LIBERAL, 1929).

Ritter, sendo conhecedor da história do amigo, poderia ter reforçado em suas afirmações, considerando o momento de emoção? Segundo o seu discurso, Bertoni ainda moço, já formado, abandonou um futuro promissor e uma posição privilegiada, como docente em universidades, para seguir um caminho rude da ciência pura.

A maioria das publicações, seja em jornais, blogs ou folhetos de turismo, considera textos como o acima reproduzido, para realizar afirmações sobre as motivações que o levaram a deixar a Suíça, sem, no entanto, analisar o contexto em que tal discurso foi construído, podendo reproduzir essa versão, construindo, assim, discursos que se solidificam e constroem memórias sobre Moisés Bertoni. Nesses textos, que utilizam discursos como o de Ritter, Bertoni aparece como herdeiro de uma família bem-sucedida, financeiramente, e influente, socialmente, e que era precocemente pós-graduado, caminhando para uma carreira universitária segura no

¹⁸ Ritter (1864-1946), de descendência russa, chegou ao Paraguai no ano de 1902, fundador da revista *“El economista Paraguayo”*. Foi um dos poucos e fiéis amigos de Bertoni, considerado um dos estrangeiros mais instruído e inteligente do Paraguai. (BARATTI & CANDOLFI, 2009, p. 268).

seu país. Sua partida para a América teria significado a renúncia da atmosfera confortável que ele desfrutava na Suíça.

É importante atentar para as informações de Baratti e Candolfi (1994, 1999), de que o pai de Bertoni, o advogado Ambrósio, tinha alguns terrenos, em Lottingna, no Valle del Blenio, cuja região era montanhosa. Os terrenos não eram valorizados, nem serviam para pagar os credores. Com a chegada ao poder do partido conservador, 1877, Ambrósio perdeu algumas causas mais rentáveis, agravando assim as dificuldades econômicas da família. Essa informação mostra que as coisas não andavam nada bem para os Bertoni. Naquele período, no Valle del Blenio, como em outras partes da Suíça, evidenciou-se um período de crise. A população dificilmente conseguia viver da agricultura e do pastoreio, pela escassez de terras e pela utilização de técnicas arcaicas na lavoura. Por essa razão, a migração temporária era uma prática já secular, que contribuía para complementar a renda familiar dos moradores. Junto com a tradicional migração periódica, se desenvolveu a emigração ultramarina e definitiva. Observa-se, portanto, que a crise se instaurou na região onde Bertoni vivia. Tais circunstâncias, junto a motivos políticos, poderiam ter sido os fatores que contribuíram para a tomada de decisão em deixar a Europa. Outra motivação teria sido seu posicionamento ideológico, ou seja, suas convicções anarquistas. Nessa linha de pensamento, ele não teria sido um jovem bem de vida, prestes a sair da Europa somente pelo amor à ciência, mas um revolucionário determinado a fundar uma colônia socialista e direcionar sua vida entre a ciência e a anarquia.

Em uma carta enviada para Eugenia, conforme citado por Manfroi (2013, p. 65), Bertoni relata o encontro que teve com o cônsul argentino Charles Beck-Bernard, que lhe teria indicado Misiones.

Hoje tive longa conversa com o cônsul. Os resultados foram muito bons e expedir nossa bagagem não custará muito, sendo inútil despachá-la antes de nossa partida. Não podemos levar tudo. O pedido foi feito para Buenos Aires. O Cônsul aconselhou Misiones. Reclus também. É outra opção muito boa. Terras custam 1000 fr. o km², para pagar em 5-10 anos. Cultura: café, algodão, banana etc. com um pouco de dinheiro podemos partir. Minha alma é tua. Adeus. O Cônsul está certo de pleno resultado. Inútil me escrever, estou num

nomadismo. Minha saúde está excelente (Bertoni à Eugenia, Lausanne, 1883)¹⁹.

Entre as motivações para a migração destaca-se este encontro que abriu a possibilidade de ir à província de Misiones na Argentina, local que já havia sido recomendado por seu amigo e anarquista Reclus, pela fertilidade, preço e condições de pagamento da terra.

Tais posicionamentos instigaram a refletir sobre as motivações que levaram à migração. Para tanto, considera-se a crise vivenciada na Europa e as possibilidades projetadas por Bertoni, tanto científicas quanto econômicas na América do Sul. Nos registros pesquisados, principalmente nas cartas, ficou explícito o seu entusiasmo ao conhecer o que seria o seu laboratório de pesquisa.

2.4 ASPECTOS DA VIDA DE BERTONI

Conhecer aspectos da vida de Bertoni, a partir da documentação por ele produzida e mantida, principalmente as cartas, significa adentrar em um mundo particular, cujos detalhes são reveladores. Também significa desvendar as possíveis influências para suas atitudes e decisões ao longo de sua vida.

É através das correspondências enviadas à esposa, aos amigos e ao irmão Brenno que se pode conhecer certos aspectos da vida de Bertoni. Essa documentação está disponibilizada em um arquivo na Suíça. Cartas foram transcritas por Maurizio Di Poi, funcionário do *Archivio Cantonale* de Bellinzona, Cantone Del Tessino, Suíça, em 1982. Trechos de algumas correspondências foram analisados por MANFROI (2013). As cartas também são apresentadas na obra de Baratti e Candolfi, *L'Arca de Mosè. Biografia epistolare de Mosé Bertoni 1859-1929*, publicada no ano de 1999.

Para conhecer características de Bertoni, as correspondências são tomadas como uma documentação rica, que apresentam detalhes da vida desse personagem. Como por exemplo, na carta escrita na primavera de 1875, Moisés fala com sua família sobre seus projetos com Eugenia e a introduz na casa como noiva. Sua mãe e Eugenia imediatamente se tornam amigas, tanto que a sogra escreve para sua nora:

¹⁹ Tradução livre por Manfroi, 2013, p. 65.

*Mia diletta Eugenia! Con quanto giubilo ho ricevuto le carissime sue e quelle del mio caro Mosè; ella lo comprenderà benissimo, perché solo chi ama può comprendere l'altrui amore. Sì, cara Eugenia, io sono vecchia d'anni, ma giovane di cuore e ho bisogno di amare e di essere amata; ed ella coll' amor suo mi rende beata. L'amore è vita e chi non ama non vive, vegeta. "L'amour repose au fond des âmes pures, comme une goutte de rosée dans le calice d'une fleur", dice quell'anima gentile di Lamennais. Ella pertanto fa la felicità del mio Mosè e la mia ad un tempo, ed io pure l'amerò sempre finché avrò vita*²⁰ (Giuseppina a Eugenia *Apud* SCHREMBS, 1984, p. 14).

Já o pai de Bertoni não vê motivos para apressar o casamento. Não seria apenas uma questão de idade, mas também financeira. A manutenção das crianças para estudar custaria dinheiro, dívidas se acumulariam. Entre alianças, dotes, enxoval, almoço e várias despesas, esse casamento pesaria muito para a família. No entanto, se há uma coisa que não faltava em Bertoni é a obstinada teimosia. E, em 4 de janeiro de 1876, Moisés se casava com sua amada Eugenia.

Quando ainda estava na universidade, cursando direito em Genebra, enviava cartas de amor a Eugenia. Manifestava os dias cinzentos do outono, descrevia momentos de angústia e em 1º de dezembro, em um momento em que a família se esforçava, em atrasar o casamento, para que ele primeiro finalizasse os estudos:

*Oh Eugenia, un'arma fu già vicina alla mia tempia, un passo era ben vicino che m'avrebbe condotto mille miglia lontano da te, io vidi la morte rasentarmi vicino! ... Orrendi ricordi! Chi mi salvò non fu che il pensiero della tua sorte (...)*²¹ (BERTONI, 1876 *Apud* SCHREMBS, 1984, p. 27).

Esse amor era manifesto também em outras cartas, juntamente com as queixas de estar enfermo. A causa principal da enfermidade estaria, provavelmente, na distância que os separava. Esse contexto em que Bertoni expressava esse apelo sentimental, a ponto de pensar em suicídio, gera algumas reflexões relacionadas ao contexto cultural no qual Bertoni estava inserido.

²⁰ Minha amada Eugenia! Com toda a alegria recebi meus queridos e os do meu querido Moisés; você entenderá muito bem, porque somente aqueles que amam podem entender o amor dos outros. Sim, querida Eugênia, sou velha em anos, mas jovem de coração e preciso amar e ser amada; e você me faz feliz com o seu amor. O amor é vida e quem não ama não vive, vegeta. " O amor repousa nas profundezas das almas puras, como uma gota de orvalho no cálice de uma flor ", diz aquela alma amável de Lamennais. Portanto, você faz a felicidade do meu Moisés e minha ao mesmo tempo, e eu sempre a amarei enquanto eu estiver vida (Tradução nossa).

²¹ Oh Eugenia, uma arma já estava perto da minha têmpora, um passo muito próximo que me levaria Mil milhas de distância de você, eu vi a morte perto de mim! ... Memórias horríveis! Quem me salvou foi apenas o pensamento do seu destino (...) (Tradução nossa).

É bem provável que Bertoni pudesse ter sofrido influência da escola literária que predominava no cenário cultural na Europa. Suas ideias românticas manifestadas nas cartas poderiam ter como base o romantismo, encontrado em um de seus precursores- Goethe, com o romance *Os sofrimentos do jovem Werther*, publicado na Alemanha, em 1774, referência de leitura entre os jovens europeus do século XIX. Obra que despertou a literatura mais subjetiva e fez parte da transição da escrita centrada na racionalidade para a escrita romântica. Essa fase foi marcada por um afloramento das questões individuais, dos sentimentos e do subjetivismo. Os tons melancólicos, os romances avassaladores ou trágicos, os exageros das emoções, a natureza vista como extensão do eu, estas foram algumas das características principais desse momento artístico (TEIXEIRA, 2013).

Os autores possuem dificuldades em definir o Romantismo, que era manifesto pela liberdade literária, entendida como filha da liberdade política. Movimento que surgiu na efervescência das grandes revoluções ocorridas na Europa.

O movimento do romantismo também teve consequências na música europeia e proporcionou condições para o surgimento de novas formas de composição, configurando, conseqüentemente, um novo tipo de artista, sendo este tanto criador quanto intérprete. O reflexo mais direto dessa nova fase da música europeia foi um aumento consistente do número de eventos musicais públicos, a construção e a ampliação de teatros, principalmente na França e na Itália. Os músicos não exerciam mais funções exclusivas das Igrejas ou das cortes, principais redutos da produção musical no passado. Nesse momento moderno, estavam posicionados no centro de suas obras, como o fundamental elemento para a existência. Buscavam na literatura para reproduzir na música seus ideais: “evasão, liberdade, integração dinâmica na natureza, ânsia de infinito, contemplação autobiográfica, procura do sublime no heroísmo ou na renúncia” (MAGNANI, 1989, p. 374).

Entre as nações de maior tradição, coube à Alemanha a glória do romantismo musical a partir de Beethoven. Suas peças são consideradas pelos críticos como a liberdade em todos os aspectos. E no ato cerimonial do funeral, *El Funeral Civil*, de Bertoni, o Quarteto de Cordas Nº 1 foi entoado como forma de homenagem, em 9 de outubro de 1929, em Asunción. A escolha por Beethoven, talvez não tenha sido por acaso. Formulou-se a hipótese de que esse movimento, tanto na literatura como na música, bem como em outras expressões artísticas, o tenha influenciado. Nas cartas que escreveu à sua amada, está explícito que ele buscava a liberdade de sentimentos,

a autoafirmação, a revolta com as regras, a busca da espontaneidade e da simplicidade, a ânsia por mudanças. Também a busca das raízes históricas nacionais, elementos que aparecem nas cartas que escreveu para Eugenia, alguns trechos dessas correspondências serão apresentadas e analisadas no terceiro capítulo deste estudo.

Schrembs, admite que, ao lado da tensão revolucionária anarquista, havia outras correntes de pensamento que estavam formando aquele conjunto de ideias, a partir das quais Bertoni traçaria sua filosofia de vida. Principalmente ao que chama de *“un calcio a questa vecchia Europa!”*.

Certamente, ao lado da sociologia e da tensão revolucionária anarquista, havia outras correntes de pensamento que estavam formando aquele cintilante caldeirão de ideias, do qual Bertoni traçaria sua filosofia de vida (SCHREMBS, 1984, p. 40)²².

Foi nesse contexto social e cultural que Moisés e Eugenia casaram-se, no ano de 1876, Bertoni com 19 anos, apenas iniciando a universidade. *“Moisés no puede esperar, la suya no es una historia de amor cualquiera”*,²³ (BARATTI & CANDOLFI, 1999, p. 31). Eugenia viveu com os sogros enquanto Bertoni estudava. Antes mesmo de se formar, interrompeu os estudos, em 1884, pois já era pai de cinco filhos. Fator que pode ter influenciado para agravar a crise econômica vivida pela família. Em outros textos, se observou a afirmação de que Bertoni era doutor aos 20 anos de idade, o que parece ter sido desmentido pelos dados levantados.

A informação de que Bertoni era apaixonado por Eugênia é frequentemente abordada em obras que tratam sobre a vida e a obra, é enfatizado que Eugenia teria sido seu grande e único amor. Bertoni, em cartas, reforça isso constantemente. Mas a referência sobre as enfermidades de Bertoni, causadas pela distância de seu amor, na época em que estudava, bem como os pensamentos sobre suicídio, não é apresentada nos textos. Bertoni aparece, frequentemente, como um homem forte, dedicado à família e à ciência.

Essa imagem de Bertoni como um homem de muita sensibilidade, inteligência acima da média, é constante nos textos. Os suportes para essa construção estão em

²² *Certamente, accanto alla sociologia e alla tensione rivoluzionaria anarchica, vi furono altre correnti di pensiero che andavano costituendo quel scintillante crogiolo di idee da cui Bertoni attingerà la sua filosofia di vita* (SCHREMBS, 1984, p. 40) (Tradução livre realizada pela autora).

²³ Moisés Não pode esperar, esta não é uma história de amor qualquer. (Tradução nossa).

obras, como o documentário produzido em 1985, do produtor Leandro Manfrini. O material apresentado no documentário é rico em informações. As entrevistas de alguns membros da família procuram consolidar a leitura de Bertoni enquanto *sábio*.

A partir dos textos, foi possível visualizar alguns pontos relevantes, que buscam construir a memória de Moisés Bertoni. Como já mencionado e para evidenciar, circula a construção de uma imagem positiva de Bertoni, com discurso idealizador de um sábio na América do Sul e a de um anarquista convicto. Já os textos produzidos a partir dos discursos proferidos após a morte, contribuem para uma imagem lendária do personagem. Outra leitura defende posições políticas ideológicas, a partir dos estudos de Schrembs (1984), seguido pelo antropólogo alemão Giordano (1984), tendo o anarquismo como propulsor de todas as ações de Bertoni ao longo da vida. Ainda, uma revisão desse pensamento mostra as contradições em que Bertoni vivia na Argentina e, depois, no Paraguai, a partir dos estudos de Baratti e Candolfi (1994, 1999). Os textos permitem refletir sobre como uma memória é construída e reconstruída. Além de permitir visualizar a complexidade que o pesquisador enfrenta ao estudar os registros desse personagem e sua relação com a fronteira.

Quanto às posições ideológicas de Bertoni, acredita-se que a sua tendência foi bem mais a de um anarquista adepto, do que, propriamente, um militante, principalmente após a sua chegada na América do Sul. Percebendo que as suas ideias de construir uma colônia anarco-socialista estavam distantes de serem concretizadas, como foi possível verificar em um texto, escreveu para um semanário que a *“Aplicación práctica de las nuevas ideas sociales...palabras vanas y vacías...”* (La Voce del Ticino, 4 de abril de 1886. *Apud* BARATTI & CANDOLFI, 1999, p. 44).

Alguns detalhes sobre as aspirações do jovem Bertoni podem ser conhecidas a partir das correspondências que escreveu para Eugenia, ainda na Europa. Entre as quais ficaram evidentes o desejo de se entregar à carreira científica integralmente.

2.5 AVENTURAS E DESVENTURAS NA FRONTEIRA

Esta parte do estudo pretende explorar a chegada de Bertoni à América do Sul, enfocando a recepção, as primeiras impressões e as dificuldades que o levaram a outros caminhos pela fronteira.

No dia 31 de março de 1884, integrantes da *Associação de Emigrantes de Buenos Aires*, conhecida como *La Liberal*, aguardavam com expectativa o

desembarque de Moisés Bertoni. Sua chegada havia sido anunciada no *La Voce del Ticino*, que era um semanário tesinense liberal na Argentina. Bertoni chegou precedido de uma grande reputação, um estudioso, chamado de doutor. Porém, seus estudos em ciências naturais, estavam para serem concluídos na Europa, faltava apenas a entrega dos resultados das suas pesquisas que realizou no herbário, tema a que se dedicou durante anos, interrompidos para se dedicar aos preparativos da viagem (BARATTI & CANDOLFI, 1999, p. 38). Na bagagem, entre os pertences, Bertoni trouxe o esboço da futura colônia, que tinha projetado para apresentar aos companheiros de viagem, provavelmente em uma das reuniões que organizou para discutir os preparativos para partida.

O esboço da futura colônia foi feito ainda na Suíça, alguns meses antes da partida para a América do Sul. Bertoni projetou a futura colônia com um formato

Figura 3 - Esboço da futura colônia.



Fonte: BARATTI & CANDOLFI, 1999, p. 736-737.

circular. Conforme anotações no próprio documento, estando o assentamento disposto em um raio de mais de 500 metros e uma circunferência de 3.231 metros. A futura comunidade foi planejada da seguinte forma: em torno da praça central, ficariam oito edifícios, que se distribuem entre cozinha, refeitório, depósito de alimentos e mercadorias, depósito de instrumentos e maquinários, biblioteca e gráfica, escola, laboratório de química, laboratório de zoologia e botânica. Entre as casas, seriam construídos os galinheiros e outros recintos para os animais. Fora deste círculo dos edifícios centrais, com pelo menos 5 metros de distância entre um e outro, seriam construídas 16 edificações, entre as quais seriam plantados eucaliptos, até na área dos novos colonos, seriam intercaladas com plantas. Parte dessa plantação seria progressivamente substituída por casas, conforme os colonos fossem chegando, enquanto o restante da plantação seria definitivo.

Na parte superior direita do esboço, Bertoni propõe dois tipos de casas, que seriam fornecidas aos colonos: a dos círculos internos é de 6 x 4 metros, com uma sala e uma varanda; já dos círculos subsequentes são 6 x 9 metros, com quatro peças e uma varanda. No canto superior esquerdo do esboço, Bertoni forneceu dados sobre a população da colônia. O círculo exterior estaria completo, com 248, estando distribuídas assim: 8 + 16 + 32 + 64 + 128 edificações. A projeção de Bertoni sobre a quantidade habitantes, era de 1.288 a um máximo de 1.840, dependendo do número de habitantes de cada família, em torno de 7 a 10 pessoas.

A proposta circular da colônia, projetada, é denominada, pela arquitetura, de *cidade radial*, ou *cidade utópica*. Teve-se no passado algumas tentativas, como por exemplo no ano de 1593, em Palmanova, na Itália. Um conceito utópico, pois encerra em si qualquer evolução urbana e social (Choay, 1997). Esse modelo pretende uma igual proximidade entre os habitantes, construindo um clima de solidariedade. A cidade circular representa uma ideia de movimento, mas também pode ser considerada sinônimo de perfeição, união e plenitude.

Para Baratti & Candolfi:

Non crediamo che Moises abbia fatto esplicito riferimento a modelli precise. In fondo la struttura radiocentrica sembra connaturata all' idea di città o di luogo ideale, e richiama un' archetipica rappresentazione simbolica dell' universo. la pianta circolare attraversa tutta la storia degli insediamenti umani, reali o progettati: è presente nel villaggio tradizionale dei bororo brasiliani, in molte rappresentazioni medievali di una Gerusalemme idealizzata, in alcune celebri utopie (si pensi alla Città del Sol di Campanella), nei piani di città ideali del Rinascimento,

nel 'neocosmogonismo' settecentesco della salina di Chaux, nei progetti del 'preurbanista' socialista Ebenezer Howaard, fondatore nel 1898 del movimento delle città-giardino (BARATTI e CANDOLFI, 1994, p. 738)²⁴.

Choay (1997) observa que esses modelos de espaços ideais são considerados utopias, que aparecem mais regularmente em períodos de transição e em épocas de grandes incertezas. Exemplo disso são as proposições dos “socialistas utópicos”, nos séculos XVIII e XIX, como saídas alternativas para a florescente cidade industrial e suas mazelas. Estes são chamados por Choay, de *progressistas*. Acreditavam tendo como base a enorme adaptabilidade da sociedade, que bastava renegar o passado para se obter a chave de um futuro melhor. Verificou-se, a partir de pesquisas, que existem vários modelos de colônias ou de cidades, com esquemas diversos, mas que quase nunca se concretizaram. Durante a pesquisa não foram encontrados outros registros de Bertoni, que fazem referência ao projeto de construção de uma colônia no formato circular.

Vale lembrar que no Oeste do Paraná, a organização espacial do espaço urbano de Guaíra, estruturado pela Companhia Mate Laranjeira, em 1902, para o Porto Monjoli, apresenta um formato circular a partir de um centro, sendo que as ruas simulam a estrutura de uma teia de aranha, o que pode ser visualizado no mapa aéreo de 1950 (GREGORY, 2008, p. 297).

Em um canto do verso do esboço, Bertoni escreveu oito nomes, provavelmente de pessoas presentes na reunião realizada antes da partida para a migração. Dessas oito pessoas, apenas três seguiram para a América junto com a comitiva. Schrembs (1984), ao se referir *L'odissea argentina de Bertoni*, cita alguns nomes do grupo que viajaram para América.

No início de março, a festa estava pronta para a partida para o porto de Gênova. Na medida em que é possível reconstruir, alguns que o acompanharam o grupo da família Bertoni-Rossetti. Os seguintes nomes são conhecidos por nós: 1) Mosè Bertoni; 2) Eugenia Bertoni-Rossetti; 3) Vera Bertoni; 4) Elvezia Sofia Bertoni; 5) Inês Bertoni; 6)

²⁴ Não acreditamos que Moisés se referisse explicitamente a modelos precisos. Afinal, a estrutura radiocêntrica parece estar relacionada com a ideia de cidade ou lugar ideal e lembra uma representação simbólica arquetípica do universo. O plano circular atravessa toda a história dos assentamentos humanos, reais ou planejados: está presente na aldeia tradicional do bororo brasileiro, em muitas representações medievais de uma Jerusalém idealizada, em algumas utopias famosas (pense na *Città del Sol* de Campanella), nos planos de cidades renascentistas ideais, no "neocosmogonismo" do século XVIII das salinas de *Chaux*, nos projetos do "pré-urbanista" socialista Ebenezer Howaard, fundador em 1898 do movimento da cidade-jardim (Tradução Nossa).

Reto Bertoni; 7) Winkelried Bertoni (os últimos cinco filhos de Moisés e Eugenia); 8) Giuseppina Bertoni (a mãe); 9) Carlo Thomachot (um genebrino que aparentemente se juntou à empresa seguindo o conselho de Kropotkin); 10) Sra. Thomachot; 11) Modesto Caprioli, 12) sua esposa; 13) Ilario Rossetti (irmão de Eugenia); 14) a prima Emília; 15) o cunhado Federico Rossetti, 16) Federico Strozzi; 17) Celso Vanina; 18) Antonio Magri; 19) o Tonio; 20) Tellina, esposa de Tonio; 21) a filhinha de Tonio; 22) esposa de Ilario; ao qual será adicionado, em Buenos Aires, o pobre Carlo Bruni ²⁵ (SCHREMBS, 1984, p. 67).

Na lista apresentada por Schrembs, o que chama a atenção é o nome de Giuseppina, mãe de Bertoni, tema esse que renderia estudos. O que faria uma mulher deixar o marido e os outros três filhos para se juntar ao grupo, rumo à América do Sul? As informações sobre a história dessa mulher ajudam a entender um pouco sobre a influência que Bertoni teve, ao se dedicar às ciências naturais. Giuseppina é apresentada, nos textos, como sendo uma mulher culta de mente aberta, parteira e professora, apaixonada pelas ciências naturais, principalmente na área da experimentação agrícola. Particularmente no Val di Blenio, com suas pesquisas, teria demonstrado aos camponeses a relação entre o melhor crescimento das plantas e a proteção das raízes no transplante, como também a superioridade dos fertilizantes orgânicos. Introduziu a poda do parreiral de uva, obtendo premiação na produção de vinho em um hectare de vinha experimental (SCHREMBS, 1884, p. 8-10). xxxx

O fato de o filho se interessar pelas ciências naturais, com um projeto de uma colônia sustentável na América, bem como a amizade que nutria pela nora Eugenia, que viajaria com os cinco filhos pequenos e grávida de seis meses, poderia ter sido importante para a decisão de seguir rumo ao desconhecido. É no mínimo instigante refletir sobre a decisão de Giuseppina migrar para a América do Sul, em um contexto

²⁵ *Ai primi di marzo la comitiva era pronta per la partenza alla volta del porto di Genova. Per quanto è possibile ricostruire, al nutrito gruppo del parentado Bertoni-Rossetti si aggregò anche qualche contadino biaschese. Ci sono noti i seguenti nominativi: 1) Mosè Bertoni; 2) Eugenia Bertoni-Rossetti; 3) Vera Bertoni; 4) Elvezia Sofia Bertoni; 5) Ines Bertoni; 6) Reto Bertoni; 7) Winkelried Bertoni (questi ultimi cinque tutti figli di Mosè e Eugenia); 8) Giuseppina Bertoni (la madre); 9) Carlo Thomachot (un ginevrino che pare si associò all'impresa su consiglio di Kropotkin); 10) La signora Thomachot; 11) Modesto Caprioli, 12) sua moglie; 13) Ilario Rossetti (fratello di Eugenia); 14) la cugina Emilia; 15) il cognato Federico Rossetti, 16) Federico Strozzi; 17) Celso Vanina; 18) Antonio Magri; 19) il Tonio; 20) la Tellina, moglie di Tonio; 21) la piccola figlia di Tonio; 22) la moglie di Ilario; ai quali si aggiungerà, a Buenos Aires, il povero Carlo Bruni. (SCHREMBS, 1984, p. 67). Tradução livre feita pela autora.*

em que as atividades da mulher estavam relacionadas ao ambiente do lar, ao lado do marido e dos filhos. Ambrogio Bertoni, seu marido, permaceu na Suíça e faleceu em novembro de 1887, três anos após a migração de sua esposa. No entanto, a mãe de Bertoni quebrava com as normas impostas no período, deixando seus projetos de agricultura e parte de sua família para seguir o sonho do filho. As cartas que enviava ao marido estão repletas de detalhes sobre a experiência vivida na nova terra, mas também escreve sobre as atividades de Bertoni, que aparece nos registros em posição central na família. Estes registros contribuem para acompanhar as mudanças e as permanências do projeto de Bertoni, principalmente no que se refere à sua ideologia anarquista.

Schrembs escreveu que Bertoni registrou detalhes sobre a viagem, que não teria sido sem dificuldades, especialmente nas relações com as autoridades policiais. Um passaporte estava faltando na inscrição da família, uma caixa de dinheiro tinha que ser enviada de volta para Locarno e dois revólveres foram apreendidos. Mas finalmente, em 11 de março de 1884, às 2 horas, o embarque foi efetivado, na III classe do vapor *Nordamerica* da Compagnia Marittima *E. Laurens de Gênova*. Nas anotações, Bertoni relatou que a viagem se sucedeu em espaços promíscuos e apertados no fedor de carne podre e suor, pessoas imundas e repugnantes²⁶ (SCHREMBS, 1984, p. 68).

Em 30 de março, após uma travessia de 19 dias, o grupo chegou a Buenos Aires. Desembarcaram à noite e, de bonde, foram para o *Immigration Hotel*, local onde foram recebidos. A recepção foi importante para que Bertoni considerasse ser ali a sua nova pátria. Através da Sociedade Geográfica Argentina, Bertoni foi apresentado ao General Julio Roca, Presidente da Argentina entre os anos de 1880 e 1886 e 1898 e 1904. Isso lhe proporcionou importantes facilidades para que o grupo se acomodasse na região de Misiones. A calorosa recepção, que teve do presidente, indica a primeira impressão ao chegar na Argentina.

Vos seréis para esta tierra como el mensajero que trae consigo la luz; vos resolveréis el gran problema de la colonización de Misiones y el gobierno seguirá el camino que vos indicaréis! (Roca, 1884, apud Baratti & Candolfi, 1999, p. 40).

²⁶ *Rozzi e villani quanto si può immaginare, gente sozza e schifosa per lo più* (SCHREMBS, 1984, p. 68). Tradução livre feita pela autora.

No discurso da recepção feito pelo presidente da Argentina General Julio Roca, este manifestou a esperança depositada em Bertoni e na sua proposta de colonização, em ocupar o espaço que considerava desocupado, para a produção agrícola e assim trazer o progresso para a região de Misiones. Cabe, aqui, lembrar do encontro de Bertoni com o Cônsul da Argentina na Suíça, relatado por ele em carta para Eugenia. O fato de ele e o grupo de imigrantes serem anunciados na imprensa e, principalmente, terem sido recebidos por autoridades e receberem homenagens dão indícios de que tenha acontecido uma articulação minuciosa com envolvimento de personalidades do mundo político e cultural da Argentina. Possivelmente, nesse encontro com o cônsul da Argentina, Bertoni se apresentou com as credenciais que considerava importantes, tanto que foi recebido como um migrante especial. Não foi qualquer chegada de um migrante. Foi uma chegada e uma recepção para alguém de 27 anos que se anunciou e foi anunciado.

A informação de que Bertoni, ao chegar à Argentina, assumiu o idioma espanhol, sendo que a língua italiana passou ser usada apenas ocasionalmente em cartas aos parentes residentes na Suíça (BARATTI & CANDOLFI, 1999, p. 24), é um dado relevante, para refletir, sobre o que ele herdou e trouxe da Europa e sobre os elementos adotados na nova terra. Merece ser destacado o significado em assumir logo de imediato o novo idioma, adotar uma nova pátria, com seus símbolos, dialeto, seus sistemas de representações culturais, uma comunidade com “poder de gerar um sentimento de identidade e lealdade” (SCHAWARZ, 1996, p. 106). A língua não serve somente para ser usada na fala em geral, como uma norma codificada, mas está sendo pensada como símbolo de unidade e igualdade dos cidadãos de um país. Ao adotar a língua espanhola falada na nova terra e mencionar isso às autoridades logo na chegada, bem como registrá-lo, indica que tal atitude poderia ser intencional e de linguagem com destino planejado. Bertoni confirmava o que dizia nas cartas, quando recém-chegado na região de Misiones na Argentina, como sendo sua nova pátria.

Lo mejor de todo es que estoy feliz, felicísimo de haber a esta tierra maravillosa. Yala amo como amé a la antigua pátria, pero con un amor mucho más verdadeiro, mucho más estable, porque es apoyado al mismo tiempo por la razón; yo siento que no la abandonar más. Antes que nada, no podría alabar bastante el comportamiento de las autoridades. El gobierno no sólo cumple rigurosamente todo lo que promete, sino que hace aún más. Sólo los ignorantes o los bellacos pueden acusar al gobierno de traicionar a los colonos (BERTONI, 1884 Apud BARATTI & CANDOLFI, 1999, p. 39-40).

Em carta, Bertoni manifestou a profunda satisfação com as palavras de Roca. Ficou fascinado com a recepção e ajuda que recebeu, tanto que elogiou os governantes que cumpriram estritamente o que prometiam.

El gobierno hace mucho más de lo que ciertos colonos merecem. Es difícil de expresar toda la atención y la solivitud con que fui recibido, escuchado, protegido; por todas partes las más lisonjeras demostraciones de simpatía, de respeto; es más, de admiración. Esta palabra tal vez sea un tanto exagerada, pero el hecho es que me tributan honores que no merezco, fui recibido con una expectativa (en lo que respecta a la obra que estoy por emprender) que me esforzaré por merecelo (...) Yo no sé si podré hacer tanto. Pero lo que sé es que a esta obra consagraré, si es necesario, incluso mi vida. Qué satisfacción profunda, satisfacción que te anima, te da fuerzas, te infunde nueva vida! (Bertoni, 1884, Apud BARATTI & CANDOLFI, 1999, p. 39-40).

O encontro com Julio Roca é comemorado em várias ocasiões. Bertoni também abre uma série de artigos publicados em *La Voce del Ticino*.²⁷ Nas primeiras publicações realizadas, observa-se um posicionamento positivo em relação a tudo que encontrou. Descreveu em detalhes o clima, a vegetação, os rios e a qualidade da terra para o plantio.

El país en general es admirablemente bello, todo ondulado, sembrado de graciosas colinas, cubierto en parte por una espléndida vegetación, regado por todas partes por cursos de agua y por límpida surgentes, recorrido por el inmenso río que es el Paraná. El suelo tiene varias clases de tierra, una mejor que otra. La más común, la tierra negra del bosque, es de una riqueza portentosa. Los Europeus no querrán creerme, pero en ella es innecesario el arado, innecesario cualquier outro tipo de trabajo... (Voce del Ticino, 14 de setembro, 1884. Apud BARATTI & CANDOLFI, 1999, p. 41-42).

Em cartas que enviou a familiares na Europa, manifestou seu encantamento com a natureza da região. Destacou principalmente a fertilidade do solo, a riqueza e a diversidade ambiental. Para o seu prazer, um laboratório a céu aberto, lugar perfeito para desenvolver suas pesquisas, no estudo do meio ambiente e na aclimação das plantas. Todo este encantamento aparece como forma de justificar a migração. As pesquisas que realizou, Bertoni as reuniu, redigiu e publicou no início do século XX.

²⁷ Foram feitas duas séries da *La Voce del Ticino*, um semanário produzido na Argentina, a primeira no 1884 e a segunda em 1886, uma parte desses artigos estão apresentados em italiano na obra *La Arca de Mosé*, de Baratti e Candolfi, outra parte foi traduzida para espanhol e publicada na obra de Maria Alida Bertoni e Jesús Elias Bertoni, *El vigia de la selva* (1984).

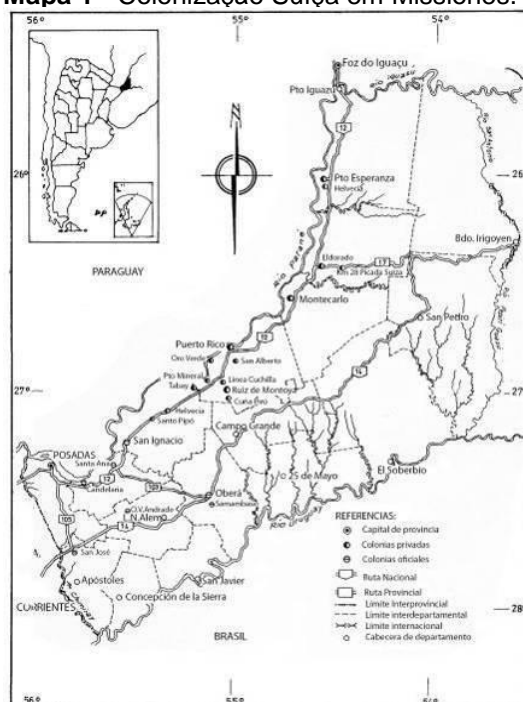
Na Europa, Bertoni, como crítico da sociedade, não estava ciente das campanhas sangrentas de Julio Roca na Argentina, quando ainda era Ministro da Guerra, levando em frente seu projeto *Campanha do Deserto* de 1878, para expulsão dos povos indígenas da Patagônia (PASSETTI, 2012). Até o momento, não foi encontrado nenhum registro que evidenciasse o posicionamento de Bertoni frente a esse fato específico.

A chegada de Bertoni na Argentina foi no contexto em que, nas últimas décadas do século XIX, existiu uma forte atuação das frentes extrativistas de erva mate e madeira. O que fez o governo investir em uma política migratória para colonização. Gallero (2009) realizou um estudo sobre a chegada de suíços no território de Misiones, onde apresenta o contexto da Argentina, nas regiões que essa migração ocorreu. Para a autora, a migração de Misiones é apresentada em três etapas.

La primera etapa, que abarca de 1881 a 1920, tiene algunos protagonistas interesantes (...) el primer intento de atraer a inmigrantes suizos de manera oficial fue impulsado por el naturalista Moisés Bertoni a través de la compañía Beck & Herzog en 1884 (...) La segunda etapa tiene dos fases muy definidas, una en la década de 1920 y otra en la segunda mitad de la década de 1930 (...) A la tercera etapa, se le podría dar como fecha de inicio el año 1939, cuando Luis Ferrari renunció al puesto de Comisario de Emigración (GALLERO, 2009, p. 35-38).

A partir do ano de 1880, a Argentina entrou em um período de intensificação de campanhas em favor da imigração estrangeira, para colonizar o território considerado “desabitado”, como o Chaco, Misiones e Patagônia. Nas campanhas para atrair imigrantes são apresentadas as maravilhas dessas regiões. O governo estava decidido a aumentar a migração por todos os meios. Assim, o governo apoiou as agências de emigração, a ponto de receber entre os anos 1870 e 1880, cerca de 590.000 imigrantes (ARLETTAZ, 1979, p. 102-103).

Mapa 1 - Colonização Suíça em Misiones.



Fonte: Gallero, 2009, p. 37

No ano de 1895, foi criado o Conselho Municipal de Santa Ana, que iniciou doações e vendas de terras. O Conselho tinha a concepção de progresso da época. A expansão e o desenvolvimento almejados pelo governo estavam nas mãos dos imigrantes europeus. Ao estudar sobre a colonização Suíça para Misiones, Gallero encontrou documentos que registram as doações de terras realizadas pelo governo, e escreve que:

En algunos casos también, los que accedían a las donaciones debían acreditar ser del grupo que vino con Bertoni y haber cumplido con la ley. Legalmente, no había limitaciones en cuanto a la cantidad de lotes por persona que se podían solicitar: a modo de ejemplo interesa señalar que en la 17° Sesión de la Comisión Municipal ingresan 4 solicitudes del Sr. José F. Nuñell, otra variante es que integrantes de una misma familia presentan solicitudes: Micaela G. de Grub, Carlos Grub, Jorge Grub, las cuales fueron tratadas en la Sesión señalada anteriormente (GALLERO, 2009, p. 35).

Foi nesse contexto de uma política imigratória que o grupo de Bertoni chegou na Argentina. Enquanto parte do grupo se instalou em Santa Ana, Bertoni escolheu as margens do rio Yabebyry, a quinze quilômetros ao norte de Santa Ana. Naquele lugar, organizou um jardim de aclimação de diversas espécies de plantas, com as

sementes que trouxe do Ticino e instalou seu herbário. Sua experiência em Yabebyry foi escrita e publicada ainda no período em que esteve no local, no ano de 1886.

Após dois anos da chegada na Argentina, as publicações de Bertoni em *La Voce del Ticino*, começaram a receber outro posicionamento. O teor dos textos já não era mais o mesmo dos primeiros escritos, a palavra ilusão, manifestava uma certa decepção com os acontecimentos que se sucederam.

...Dos años! cuántas y variadas vicisitudes, cuántas emociones, cuántas felices e infelices desventuras en este lapso de tiempo...y en lo que se refiere al estudio práctico de la naturaleza humana...¡cuántas dulces ilusiones desvanecidas! Amor. Hermandad. Comunidad. Aplicación práctica de las nuevas ideas sociales...palabras vanas y vacías... (La Voce del Ticino, 4 de abril de 1886. Apud BARATTI & CANDOLFI, 1999, p. 44).

Observa-se que, diante das dificuldades vivenciadas, Bertoni mudou o tom. Será que o projeto em que desenhou uma colônia baseada nos preceitos socialistas, na nova pátria que escolhera, ficou somente no papel e sua ideologia teria dado lugar à frustração? Nas pesquisas de Baratti e Candolfi (1999), não foi encontrada nenhuma correspondência enviada para os amigos anarquistas na Europa - silêncio total. Nota-se que, naqueles dias na Argentina, o que se tornou urgência era a sobrevivência da família. Os dias vividos estão registrados em cartas enviadas à família na Suíça, as quais estão arquivadas no *Museo Della Valle di Blenio* na Suíça e transcritas por Baratti & Candolfi (1999).

Una sola cosa os digo. Desde el día que os escribí la última carta, nuestra vida fue tal cadena de sufrimientos que poco nos faltó para caer en la locura. Hemos pasado por todo lo que tiene de difícil la existencia humana. La perfidia humana, la falta de un techo, la miseria más absoluta, la intemperie...¡ el hambre! ...Hemos luchado con ánimo de hierro, hemos soportado todo asombrádonos de nosotros mismos; es más; sabemos que aún nos queda mucho por sufrir. Pero a pesar de todo, no estamos dispuestos a ceder. Y además... ¿cómo ceder? Estamos en el campo de batalla, y lucha no presente sino dos salidas, la victoria o la muerte! Ay del que se engane con la posibilidad de una retirada! (BERTONI, 1885 Apud BARATTI & CANDOLFI, 1999, p. 43).

A mãe de Bertoni, Giuseppina, também enviou correspondências ao marido na Suíça. A partir do que escreveu, é possível verificar o tamanho da mudança vivida por Bertoni. As promessas de ajuda não cumpridas pelo governo argentino, o período de chuva que gerou grandes perdas na lavoura e nas experiências de aclimação de

espécies, a morte da filha caçula Inês, por afogamento, e os constantes ataques de homens armados teriam sido decisivos para a mudança de residência rumo ao Paraguai (BARATTI & CANDOLFI, 1994 e 1999; RAMELLA, 1985; SCHREMBBS, 1984). Mas será que também foram decisivos para a mudança na ideologia de Bertoni?

Pero este abandono, o mejor dicho, traición, de los Socios nós reportado una incalculable ventaja; a saber, que Moisés há sanado completamente de sus ideas Humanistas y Socialistas, y de ahora en adelante se pasará al otro bando y no pensará más que en el próprio interés! Cuántos agravios tuvo que sufrir para curar de sus ideas anteriores! Pero visto de ese lado, há sido una verdadera suerte (Giuseppina a Ambrogio, 21 de julho de 1884, Apud BARATTI & CANDOLFI, 1999, p. 43).

Mas se enganou Giuseppina quando acreditava que o filho no *pensará más en el próprio interés*. Em outra carta endereçada ao marido, em outubro do mesmo ano, se queixou que o filho só semeava para os estudos, pois trouxera para a América mais de novecentas espécies de plantas para aclimatar. No trecho transcrito da carta fica evidente a indignação da mãe, por não poder criar galinhas, pois estas destruíram as experiências do filho: *“por causa de esse bendito jardín de aclimatación no podemos tener gallinas”* (Giuseppina a Ambrogio, 25 de outubro de 1885. Apud BARATTI & CANDOLFI, 1999, p. 48).

Pelo que parece, Bertoni colocou as experiências científicas em primeiro plano, a ponto de se sentir atormentado pelas exigências da família. Esse sentimento fica explícito no texto que escreveu para *La Voce del Ticino*, em abril de 1886, e reproduzido por Baratti e Candolfi (1999), que diz o seguinte:

Que si yo hubiese podido consagrarme enteramente, como pude hacerlo un simple colono, a satisfacer las necesidades de la vida material, a buen seguro que hubiese podido pasar días felices en el retiro de una paz profunda, de una vida simples y bela que muchísimos me evidiarían. Pero yo no podía gozar esta felicidad. La inmensa naturaleza que se expedía ante mis ojos como una provocante sirena me invitaba a gozar de sus bellezas. Yo me lanzaba con fervor a esa invitación. Pero ahí estaban para retenerme en el caminho las duras necesidades de la vida material, a las que yo tenía que proveer antes que nada. ¡Suplicio de Tántalo! (La Voce del Ticino, 4 de abril de 1886. Apud BARATTI & CANDOLFI, 1999, p. 45).

O trecho manifesta que, em meio à imensa beleza da natureza argentina, se jogou ao convite para a investigação. Mas por outro lado, o que o atormentava era, antes de qualquer coisa, ter que prover as necessidades da família.

Os dias se tornaram cada vez mais difíceis em Yabebyry, a família passou mais de um mês armada para se defenderem dos constantes ataques de bandidos. Nesse mesmo período, os cultivos foram ameaçados pelo gado dos vizinhos, que entrou em uma brecha do cercado improvisado (BERTONI, 1887, Apud BARATTI & CANDOLFI, 1999, p. 49).

Nas pesquisas, Baratti e Candolfi tiveram acesso a correspondências que Bertoni enviou para alguns membros de uma sociedade de emigrantes tesinenses em Buenos Aires. O coordenador da sociedade era Juan Bernasconi. Na ocasião, era subgerente do Banco da *Italia y Rio de la Plata*. Outro sócio que se correspondeu com Moisés foi Giuseppe Luraschi, que trabalhava com fabricação de móveis de madeira. Bertoni recebeu apoio financeiro deste grupo, para levar adiante os cultivos experimentais. Em outubro de 1886, o grupo decidiu requisitar e adquirir terras no Paraguai e convidou Bertoni para fazer o reconhecimento e uma avaliação da área. Esta viagem aconteceu em agosto do ano seguinte. Estes indícios apontados nos registros indicam intensas relações que ele construiu na fronteira focadas em personalidades com vínculos a partir da Europa. O que possibilitou pensar novos caminhos diante das dificuldades vivenciadas na Argentina. Tais registros também possibilitam visualizar o dinamismo de Bertoni frente às novas possibilidades, a proatividade em estabelecer contatos e acordos em um contexto de mudanças, conforme estuda Beunza (2017) a partir do *Paradigma Relacional*. Ou seja, as mudanças que foram sendo estabelecidas na vida de Bertoni se deram a partir de mudanças ocorridas no contexto da fronteira, a partir das relações entre Bertoni e outros personagens.

Naquela ocasião, a partir da viagem de exploração das terras pretendidas pelo grupo, Bertoni manteve relações com os sócios, através de cartas. Informou sobre sua avaliação, dizendo que aquelas são as melhores terras de toda costa do Paraguai. E aproveitou para fazer o mapa topográfico do Rio Paraná. Certamente, os sócios estavam mais interessados em informações sobre a qualidade das terras e da madeira, do que propriamente sobre as informações do mapa. A viagem foi importante para que ele decidisse fazer uma nova migração. Levou consigo toda uma carga de experiências de práticas de cultivo, também alguns estudos que seriam publicados

anos mais tarde. O primeiro contato que fez com um índio Guarani, ainda na Argentina, do qual conseguiu as primeiras declarações sobre o modo de viver guarani, o inspirou a escrever na *La Voce del Ticino*, que parece ter sido um balanço final da sua experiência na Argentina.

Pero si la naturaleza humana no me ofrecía más que puzantes espinhas; si encuentre enemigos allí donde tenía el derecho de creer que hallaría amigos; si em Misiones, como en cualquier parte del mundo, el justo puede caer víctima del perverso, si allá, como em cualquier outro lugar, el hombre de buena fe termina en el amargo desengaño (La Voce del Ticino, 4 de abril de 1886 Apud BARATTI & CANDOLFI, 1999, p. 48).

Nessa publicação Bertoni manifestou o que podemos definir como sendo a sua primeira decepção na América do Sul, procurando justificar como sendo de natureza humana. Ele encontrou inimigos onde acreditava existirem somente amigos. Essa realidade lhe conferiu um amargo desengano.

Na mesma carta, Bertoni continua:

So allá, como en toda esta bela América, se porteja y se olvida a menudo a quien conserva aún algo de esa antigua mercacía que se llama modéstia, a quien desdeña las apariencias externas y no puede habituar-se a la pueril elocuencia de las palabras hueras y al vil reclamo de fanfarrones sin verguena... en fin, si desgraciadamente encuentre las más graves dificultades em todo lo que no era elemento indígena, o sea, precisamente allí donde razonablemente no debía encontrarlas - la naturaleza indígena en todas sus manifestaciones, en cambio, vino a verter un bálsamo sobre mis llagas, a infundirme un coraje que nunca más me abandono, y a imbuirme de una esperanza firmísima a la que el tiempo dará toda razón (BARATTI & CANDOLFI, 1999, p. 48).

Encontrou alento justamente onde ele não o esperava, no elemento indígena, dizendo que veio derramar um bálsamo em suas feridas. O contato com indígenas na Argentina, segundo ele, o encorajou para o firme propósito, de sem dúvida nenhuma, seguir firme nos estudos científicos.

Depois de conhecer as terras nas margens do Rio Paraná, Bertoni manifestou que estava convencido de que o futuro dele era em solo paraguaio. Diante dos acontecimentos vivenciados na Argentina, o fato da alteração do decreto, sobre a distribuição de terras, que soube durante um colóquio, escreveu ao sócio:

Que todas las tierras nacionales aún existentes, incluidas las dos colonos nacionales de Santa Ana y Candelaria y la misma propiedad del general, donde él tiene su gran establecimiento - en total 32 leguas -, son cedidas a la empresa Bossetti para colonización! (...) El Art. 102 de la Ley 1876, rehecha y reimpressa en 1882 (...) me garantizaba - aparte de las 100 hectáreas que el gobierno me donó directamente - otras 300 hectáreas, y demás, otras 300 hectáreas por cada familia de moradores que yo hubiese podido establecer por mi cuenta en el terreno; nuestro establecimiento contaba así con una superficie suficiente. Con el nuevo decreto que destruye el art. 102, me quedo sólo con las 100 que me dio el Gobierno, superficie absolutamente insuficiente, sujeta a una empresa extranjera, a las dilaciones, a los caprichos, a la voluntad de esta y del Gobierno (BERTONI, 1887 Apud BARATTI & CANDOLFI, 1999, p. 52).

A lei, a que Bertoni se refere, foi “*Los primeros intentos de colonización de Misiones se llevaron a cabo en 1877 por presión del Poder central, que en 1876 promulgó la ley Nº 817 de colonización e inmigración más conocida como ‘Ley Avellaneda’*” (ALCARÁZ, 2018, p. 60). Foi neste contexto, que o governo organizou as primeiras colônias, tendo como base as antigas aldeias jesuíticas com população local e alguns imigrantes provenientes da Europa. Segundo Alcaráz, a medição efetiva destas colônias demorou até a federalização do Território Nacional de Misiones, no ano de 1881.

Diante da instabilidade da legislação sobre a distribuição de terras e das constantes ameaças de bandidos armados, a família saiu em fuga para o Paraguai. A retirada teria acontecido durante a noite, provavelmente entre novembro de 1887 e janeiro de 1888, época em que Roca já não era presidente. Existem algumas versões sobre o episódio da travessia da fronteira para Yguarazapá²⁸. Por conta da forte correnteza das águas do rio Paraná, o barco teria virado, a família só teria sido salva pela agilidade dos peões. Nesse episódio, Bertoni teria perdido o herbário. Mas, segundo estudos de Baratti e Candolfi (1999, p. 52), o próprio Bertoni teria afirmado que a plantação experimental ficou em Yabebyry, onde os trabalhos agrícolas continuaram por algum tempo. Os pesquisadores acreditam que a perda da plantação ocorreu por acontecimentos diferentes. Bertoni teria perdido seu herbário durante a grande quantidade de chuvas ocorrida em Yabebyry e não com a travessia do rio Paraná.

A família se instalou no Estado de Itapuá, em Yagurazapá, em meio a índios Guayakíes, no Paraguai. A migração aconteceu em um contexto de pós-guerra da

²⁸ Atualmente o local é um distrito com nome Capitan Meza, departamento de Itapúa, Paraguai.

Tríplice Aliança, em que o governo do Paraguai organizou a legislação específica para atrair imigrantes europeus. Pidoux (1975, p. 66) destaca dois períodos da legislação migratória no Paraguai: o primeiro de 1887 a 1903, em que o governo paraguaio concedeu mais facilidades aos estrangeiros, como lotes agrícolas de dezesseis blocos quadrados, gratuitos, equivalentes a 26 hectares, para serem cultivados por cinco anos. Se o imigrante fosse um adulto sem família, ele receberia um lote de oito blocos quadrados, equivalentes a 13 hectares. Também ficaria isento de impostos sobre a terra por dez anos. Além disso, bilhetes gratuitos foram concedidos a partir do local de embarque para a colônia, além de comida, ferramentas agrícolas, animais e sementes grátis por seis meses²⁹. O segundo período, após 1903, teve critérios mais rigorosos para a seleção de imigrantes (PIDOUX, 1975, p. 74-75).

O governo entendia ser necessário e urgente que a política imigratória tivesse sucesso, pois considerava o povo paraguaio, como “*pueblo indolente*” (SUSNIK, 1992, 95). Sendo assim, os europeus e seus descendentes poderiam, com suas técnicas agrícolas e com a força do trabalho, trazer alívio social e econômico ao país.

A partir das correspondências entre Bertoni e o sócio Juan Bernasconi, evidencia-se que o interesse do grupo era principalmente a madeira de lei, para ser comercializada em Buenos Aires e ser utilizada na construção civil. Já a organização de uma colônia era o anseio de Bertoni.

As fotografias, a seguir, foram produzidas pelo fotógrafo, naturalista e viajante, o suíço Louis Boccard. O registro foi realizado na região de Yaguazapá, no ano de 1889, período em que Bertoni residia na região. Não foi encontrada indicação do local exato do registro.

O fotógrafo Boccard registrou o momento em que uma tora estava sendo preparada para o transporte. Não se tem informações se Boccard visitou Bertoni e que o registro fotográfico tenha sido em terras que ele explorava. Mas constrói-se a hipótese de que Boccard poderia ter tido contato com o conterrâneo, em função da nacionalidade de ambos. Considera-se, portanto, ser provável que esse contato tenha acontecido, visto que a figura de Bertoni era conhecida de membros do governo

²⁹ Entre os anos de 1880 e 1904 foram fundadas onze colônias: 1- Villa Sana, formada por Franceses; 2 - Colonia Elisa, com suecos; 3 - Colonia Presidente González, com Paraguaio, franceses e italianos; 4 - Nueva Germania, com alemães; 5 - Nueva Austrália, com australianos; 6 - Tinacria, com Italianos; 7 - 25 de Noviembre, administrada pela Companhia Cooperativa Colonizadora, colonizada por paraguaio; 8 - Colônia Esperanza por paraguaio; 9 - Hohenau com alemães-brasileiros; 10 - San Bernardino, com alemães; 11 - Cosme por australianos (PIDOUX, 1975, p. 96).

Paraguaio, como também Bocard, um suíço, que fotografava a pedido do governo daquele mesmo governo. E, também, que a imagem possa ser da exploração de madeira do grupo argentino e com os serviços de Bertoni. Considera-se, portanto, que essas imagens têm relação com as atividades de exploração madeireira de Bertoni.

Figura 4 - Exploração de madeira, Yaguarazapá. Pirapó, Itapúa.



Fonte: Col. CAV. Museu do Barro. In: CAPDERILA & RÊGO, 2017, p. 176.

A imagem representa a exploração da madeira de lei na região. Além de se beneficiar com a madeira enquanto matéria prima para construções, a ideia de “limpar o ambiente” também estava presente na mentalidade, principalmente de pessoas vindas da Europa. A fotografia também apresenta uma ideia do homem enquanto

Figura 5 - Carregamento de madeira em Yaguarazapá.



Fonte: Luiz Bocard, 1989. Col. Museu de Barro. In: CAPDERILLA & REGO, 2017, p. 177.

explorador, que enfrenta a natureza inóspita e perigosa que precisa ser dominada, conquistada. Por outro lado, a imagem demonstra as belezas e riquezas daquele país.

Na figura 5, vê-se o carregamento da madeira feito através do *decauville*, que era um sistema de caminho de ferro, de via estreita, que tinha a função de facilitar o transporte das madeiras do interior das florestas até os portos onde se construíam as balsas. A *decauville* era facilmente desmontável, cujo vagão pode ser conduzido por homens, mulas ou pequenas locomotivas, muito utilizada em propriedades rurais para transportar cargas.

Em Yguarazapá, Bertoni seguiu o projeto de colonização, expondo aos sócios as muitas vantagens de ter uma colônia particular e livre. Ele estava seguro de que em poucos anos iriam adquirir outras colônias.

Piensa cultivar algodón, tabaco, mandioca, maíz, caña, bananas, oleaginosas, piensa en un motor hidráulico único para el establecimiento, tiene ya en mente un regulamiento interno y propone a los socios un detallado presupuesto para un asentamiento de 100 familias sugiriendo comenzar sólo con 50, o también con 25. Sueña siempre con una colonia predominantemente suiza, pero al mismo tiempo considera hipótesis de una reducción indígena (BERTONI, 1887 *Apud* BARATTI & CANDOLFI, 1999, p. 53-54).

Como pode ser lido na carta escrita por Bertoni ao sócio, além de cultivar vários produtos agrícolas, considerava a hipótese de organizar uma redução indígena. Em Yguarazapá, em meio aos indígenas, Bertoni pensou ser um local ideal para iniciar as pesquisas. Sentia-se seguro de que a colônia iria prosperar em pouco anos.

No início, os sócios estavam decididos a apostar principalmente na extração de madeira, mas Bertoni poderia se dedicar à agricultura, pesquisa e ao projeto de colonização. Mas alguns acontecimentos referentes ao contexto político e econômico da Argentina contribuíram para um novo direcionamento das atividades para Bertoni. A quebra dos bancos argentinos, em junho de 1888, e a crise que se instaurou, em 1889, não moderaram as ambições dos sócios. Muitos pedidos de madeira vinham de Montevideu, Rosário, Buenos Aires, principalmente pedidos de cedro, para a construção civil. Os sócios queriam aproveitar as circunstâncias favoráveis de demanda daquele momento.

Se para os negócios os ventos sopravam favoráveis, já as águas - destruíram anos de trabalho. Bertoni narrou em carta a seu irmão, que, no ano de 1888, o rio Paraná subiu 16 metros acima do seu nível mínimo. Isso fez com que parte da casa

da família ficasse submersa, além de destruir suas plantações, inclusive seu herbário. Cabe atentar para o fato de que Bertoni procurava, via de regra, estabelecer-se nas proximidades de rios, principalmente do rio Paraná. Este comportamento dele será abordado no quarto capítulo deste trabalho, quando o enfoque de análise gira em torno da ideia de centralidade, tendo este rio como um dos elementos desta perspectiva.

No mês de março de 1889, Bertoni viajou para Buenos Aires para se encontrar com os sócios, firmando um convênio, do qual Baratti & Candolfi (1999, p. 55) transcrevem as partes principais. Em uma das partes, ficou estabelecido que: - *“Suspendera cualquier trabajo por nuestra cuenta que no se relacione directamente con el ensayo de exploración actual y sus resultados”*. Os sócios ficaram responsáveis por providenciar os proventos da família, tendo ainda direito a 300 hectares de terras com uma saída para o rio Paraná. A ordem era que Bertoni se dedicasse exclusivamente à extração de madeira, para que deixasse de lado projetos e trabalhos que não fossem de interesse do comércio de madeira. Seis meses mais tarde, outra carta solicitava a exclusividade na atividade de extração da madeira.

El sacrificio que le pido (siempre que así se pueda llamar) es que dedique todo digo todo su tiempo para acelerar en cuanto sea posible la expedición de las maderas, y continúe cortando las demás con todo aquel empeño y perseverancia (con) que vd sabe tratar sus estudios científicos y deseo tome los trozos de árbol, por uno de los bichos que vd quiere, el corte de ellos, el transporte al muelle el embarco de los mismos y el seguimiento de lo demás como si fueran todos los demás bichos que vc adora para sus estudios (José Luraschi à Bertoni, 31 de agosto de 1889. Apud BARATTI & CANDOLFI, 1999, p. 55).

Mas a esperança estava em outros pontos a que o convênio fazia referência - aos 300 hectares de terras, apresentando-se como possibilidade de colonização. Bertoni aceitou o acordo. No decorrer dos meses, os sócios enviaram outras cartas manifestando insatisfação com o desenvolvimento do trabalho de extração de madeira. Com isso, aumentou a tensão.

Em abril de 1890, Bertoni renunciou à sociedade em uma carta, dizendo estar insatisfeito com a atividade que vinha desenvolvendo. Preferiu retirar-se e dedicar-se à sua chácara e às pesquisas: *“nuevo Robinson, viviendo de mi trabajo y buscando en la quinta del pobre aquel descanso que tanto necesita mi moral quebrantada”* (Bertoni a Luraschi, 2 de abril de 1890, Apud BARATTI & CANDOLFI, 1999, p. 57).

Ele não recebeu as terras prometidas. Em escritos posteriores, resumiu com amargura aqueles dias vividos em Yguarazapá, dizendo: *Tres años de prisión incomunicada*, e a misteriosa intromissão de suas correspondências, por pessoas não identificadas.

A questão central deste período é denominada pelo próprio Bertoni como infames *mistérios de Yguarazapá*. São poucos os registros, pois parece que inicialmente Bertoni não falou por prudência. Ele contou que, naquela época, as correspondências chegavam abertas. Em várias cartas pesquisadas, há obscuras alusões à situação de perigo com que a família se deparava. Relatou, também, a dificuldade de se comunicar com o exterior, em parte devido à distância da agência de correios mais próxima ser de 32 léguas.

Embora Bertoni tenha preferido ficar em silêncio sobre os acontecimentos em Yguarazapá, alguns escritos podem parecer incomuns considerando as dificuldades que a família enfrentou, pois foi exatamente naquele momento que declarou seu grande amor pelo Paraguai. Isso ficou registrado em uma carta que enviou ao irmão Brenno. Nela se refere ao Paraguai com termos entusiastas. Demonstra que, mesmo estando isolado, se inteirou dos acontecimentos, fazendo uma leitura do país de forma otimista:

Y para hablar del Paraguay, qué me dirás de esta valiente pequeña república, que a pesar de las condiciones anormales del comercio, la producción y el cambio, todavía encuentra la forma de terminar su vía de tren a Paraguarí-Villa Rica-Villa Encarnación, y el coraje de aprobar una más, hace dos meses, ya concedida, la cual, sin contar una bifurcación que unirá las pequeñas ciudades del Norte, atravesará el Paraguay de Oeste a Este y se juntará con la línea brasilera para desembocar en el puerto de Santos! Más de 1000 Kilómetros de vías que recorren regiones vírgenes, aún inexploradas, selvas sin fin y estepas apenas pobladas por salvajes (BERTONI, 1891).

Bertoni demonstrou que estava acompanhando os projetos do governo, esperançoso para a efetivação da construção da estrada de ferro que atravessaria o Paraguai de Oeste a Leste e que entraria na linha brasileira até o porto de Santos. Na carta, Bertoni seguiu com entusiasmo:

Un puente gigantesca sobre el Alto Paraná de 600 metros de largo, suspendido, porque el río tiene allí más de 150 metros de profundidad, con una corriente cuya velocidad alcanza de 6 a 12 millas por hora, con crecidas que se elevan a más de 30 metros sobre el estiaje! Y eso en el desierto, a 5 kilómetros de la más pequeña ciudad aguas abajo, a 1000 de la primera agua arriba! Convengamos, aquí hay vitalidad,

más aún teniendo en cuenta que se trata de un pueblo que todavía sufre las consecuencias de una guerra sin parangón en la historia moderna: 1.334.000 habitantes antes, 221.000 después” ahora, con 500.000 habitantes, el comercio deficiente, el cambio a 650:100, la inmigración casi nula, el país marcha aún más rápido que el Ticino: hace dos años, laicización completa y absoluta de la instrucción pública, de la Universidad Nacional. Aquí el partido clerical no existe como partido constituido y no se presenta a las urnas. Bajo los gobiernos demasiado severos de Francia y los López, se lo habituó a una absoluta a las autoridades civiles. El gobierno actual, prudente y culto, ha sabido mantenerlo en una situación que conviene a todo el mundo, que respeta la susceptibilidad de todos y no perjudica a nadie; y en este país la libertad de cultos no es una mera palabra, el fanatismo político-religioso no existe, la tolerancia es total, y todos se respetan, contento cada uno con la libertad de que goza. Agrega a esto la libertad de la prensa absoluta, hasta excesiva a veces, según nuestro modo de ver, otorgada a la oposición (también liberal) por un gobierno todo-poderoso, y verás que no estamos mal (BERTONI, 1891).

Alguns elementos aparecem nesse registro. Ao se referir à construção de uma ponte de 600 metros, demonstrou a sua atenção aos dados referentes ao rio Paraná. Trazendo informações sobre sua profundidade, correntezas e até inundações. Também recorreu a fatores históricos para explicar o atraso no crescimento do Paraguai, indicando a Guerra do Paraguai como sendo um dos fatores desse atraso. Apesar de tudo isso, o país estaria indo mais rápido do que o Ticino no que se refere à vitalidade e à laicização da instrução, não existindo o partido clerical. Também o fanatismo político-religioso não existiria, ao seu ver a liberdade de imprensa também seria absoluta. Esse seu posicionamento, além de demonstrar a sua retomada de ânimo, também apresenta que estava antenado aos acontecimentos do país, fatores que contribuíram para persistir no Paraguai.

Outro indício dessa retomada de ânimos, aparece em um poema intitulado: *¿Fué un sueño?* publicado na primeira página da *La Democracia* de Asunción, de 11 de fevereiro de 1893. No poema de 108 versos, ele canta seu caso de amor com o Paraguai. Baratti & Candolfi transcreveram o poema. Aqui reproduziu-se apenas uma estrofe:

Si, amo esta tierra, y toda su bellez / Ya me arrastra y me llena de entusiasmo / Porque igual no hay en la naturaleza. / De su hijos admiro el valor gigante / Que registró en la historia americana / La página gloriosa más brillante (BARATTI e CANDOLFI, 1999, p. 59).

Sem entrar em detalhes sobre as obras que estavam sendo realizadas no Paraguai, se realmente foram efetivadas, o que chama a atenção é esse contexto otimista demonstrado por Bertoni. É, no mínimo curioso, isso porque o Paraguai, tanto no plano econômico como político, estava atravessando um período difícil. Entre 1890 e 1894, o presidente colorado Juan Gualberto Gonzáles, governava um país precariamente, cujos problemas parecem ser insuperáveis. Para Yegros & Brezzo (2010), a ação das forças liberadas pela guerra contra a Tríplice Aliança foi de tal magnitude que todo o tecido econômico, social, político e cultural do Paraguai foi desfeito. E, para reconstruir o país, os governos do pós-guerra confiaram na interação multiplicativa de fatores exógenos de crescimento, como a imigração e o capital externo, tanto na forma de empréstimos como de intervenções diretas que facilitassem a modernização da estrutura econômica. Para o governo, a incorporação de imigrantes europeus ajudaria a repovoar o país, fazendo crescer em forma geométrica a produção agrícola (YEGROS & BREZZO, 2010, p. 93). Segundo os autores:

El impacto de la inmigración en la estructura económica del país fue lento y relativo. La agricultura languideció durante las décadas finales del siglo XIX, con niveles bien por debajo de los alcanzados en la preguerra. Por ejemplo, en 1894 la superficie cultivada llegaba a 100.000 hectáreas, lo que era un nivel bajísimo comparado con las 200.000 hectáreas cultivados en 1863 (YEGROS & BREZZO, 2010, p. 94).

Para a socióloga Milda Rivarola, no período pós-guerra, o país havia retrocedido meio século. A agricultura era tocada “*con técnicas ancestrales, se basaba en la mandioca, el poroto, el maíz y la caña de azúcar. Su producción apenas abastecía el mercado interno*” (RIVAROLA & PAZ, 2013, p. 63). Certamente, Bertoni visualizou as condições em que o Paraguai se encontrava no contexto do pós-guerra, observando-o, sobretudo, como um mundo de possibilidades, principalmente na área agrícola e científica. Ele poderia ser o típico imigrante que se encaixaria nas pretensões políticas das elites do país guarani. Se no período em que Bertoni viveu em Yguarazapá isolado, no que se refere mais especificamente ao contato com o exterior, em termos de comunicação na fronteira, voltada às atividades que exercia paralelamente à extração da madeira, vislumbra-se uma intensificação dia a dia.

Pelo visto, os projetos de Bertoni tomaram outros rumos a partir do momento em que chegou à Argentina. Acredita-se que parte dessa mudança tenha ocorrido devido às dificuldades encontradas, que o levou a partir para uma nova migração rumo

ao Paraguai, que também não se deu sem dificuldades. O que se fazia urgente era a subsistência da família, ao ponto de colocar em questão a sua própria felicidade. Esse indício demonstra que as suas aspirações científicas continuavam vivas e fortalecidas em um ambiente cheio de possibilidades e adversidades.

2.6 GUILHERME TELL E PUERTO BERTONI

O nome dado à colônia instigou a produção desse subitem. A colônia foi denominada Guilherme Tell, nome de um de seus filhos. Essa parte do estudo visa investigar o sentido de tal escolha, que pode fornecer indícios para entender alguns aspectos da vida e dos valores cultivados por Bertoni, principalmente elementos trazidos da Europa e que o personagem preservava.

Em 1893, quando vivia em *Yguarazapá* no Paraguai, Bertoni acompanhou a expedição Niderley, na viagem pela região de Foz do Iguaçu e Salto del Guairá. Aproveitou e estudou o Rio Paraná, fez levantamentos geográficos da região. Neste mesmo ano, comunicou à família ter encontrado o local ideal para instalar a colônia que tanto sonhara.

El 10 de octubre, después de un viaje interumpido por frecuentes paradas, descubrí abajo de Monday un puerto excelente donde resolví fundar mi futura y definitiva residencia, que los compañeros de viaje quisieron bautizar por Pto Bertoni, sin que yo protestase pues espero que lo será efectivamente (...). El puesto es magnífico, el mejor que exista arriba de Yaguarazapá; el clima es especial, mucho mejor que el de Y-guasú y tacurú-pucú (BARATTI e CANDOLFI, 1994, anexo 4, s/p).

Esta área de terras foi concedida pelo governo paraguaio para que Bertoni pudesse colonizá-la, em troca de seus serviços como professor no Colégio de Agronomia, em Asunción. A colônia foi denominada *Guilherme Tell*, nome também dado ao oitavo filho, nascido em 1889, em *Yguarazapá*. A escolha do nome, para um filho e para uma colônia, deve ser considerada, pois é um elemento para conhecer o pensamento de Bertoni.

A partir do nome *Guilherme Tell*, é possível explorar duas possibilidades para reflexão sobre o que pode ter servido de inspiração para essa escolha. Ambas estão interligadas. A primeira é uma lenda produzida pelo poeta alemão Friedrich Schiller. Diz a lenda que *Guilherme Tell* teria sido forçado a disparar uma flechada em

uma maçã, colocada na cabeça do seu filho, que estava amarrado a uma árvore, em um dia do ano de 1307, por não ter feito a reverência ao governador tirano Gessler. Este evento marcou o início de uma revolta, que ocorreu em 1º de janeiro de 1308 e que levou ao nascimento da Federação Suíça. Em homenagem, foi erguida a estátua de *Guilherme Tell* frente ao lago Montbenon, Lausanne, na Suíça (VICTROLA BOOK OF THE OPERA, 1912, p. 472).

Outra possibilidade de leitura, voltada principalmente ao contexto da Europa de 1830, diz respeito à modernidade. Na noite de 3 de agosto de 1829, Paris estava em plena euforia. A razão para isso foi a estreia do sucesso da ópera *Guilherme Tell*, pelo compositor italiano Gioachino Rossini, uma peça de quatro atos. Após três performances, a ópera começou a sofrer alterações e cortes, reduziram-na a três atos. Isso porque a peça causou polêmica, principalmente na Itália, por questões políticas, sendo reduzido o número de apresentações, pois exaltava um herói revolucionário (GIORDANO, 1984, p. 131).

Segundo estudos de Giordano (1984), as causas dessa "negação" musical podem ser variadas, mas é inegável, como mostram algumas das cartas do compositor, que o trabalho de Rossini estava cada vez mais cheio de ruídos e tédio, sendo que sua vida urbana, em Paris, o deixava insatisfeito.

Giordano (1984) utiliza a produção da última peça de Rossini, *Guilherme Tell*, para apresentar o intenso corre-corre de uma Paris, bem como de outras cidades da Europa moderna, para justificar a decisão de Bertoni em deixar aquele mundo de tédio. Giordano traz elementos contextuais procurando justificar as escolhas ideológicas de Bertoni, relacionando-as ao movimento das artes, mais especificamente, à peça e às escolhas de Rossini.

Giordano inicia seu texto, discutindo sobre como no século XIX o contraste entre felicidade e tédio foi redesenhado. O contra conceito de felicidade não seria a infelicidade, mas sim o tédio, que é um sinal de insatisfação com as condições existentes. Giordano afirma que a urbanização e a massificação da metrópole *hiper civilizada* é um antídoto para cada vez mais considerar a retirada para a natureza como alternativa para o mal-estar urbano. Assim, teria sido o pessimismo cultural de Moisés Bertoni em relação ao desenvolvimento das sociedades industriais capitalistas, que teria crescido de forma constante nos anos seguintes, de modo que decidiria migrar para a área florestal de Misiones na Argentina. A afirmação de

Giordano é reforçada, ao utilizar um trecho de uma carta de Bertoni para sua esposa Eugênia.

*Partiremos de uma suposta pátria, desprezaremos uma sociedade filisteia, que as bombas só saberão curar, uma sociedade que nos oferece seu pão imundo ao preço da humilhação e da repugnância. A natureza não nos deu uma consciência maior para superar isso no oceano de sujeira que é descaradamente chamado sociedade moderna ...*³⁰ (BERTONI Apud GIORDANI, 1984, p. 135).

Essa carta é significativa, pois Bertoni diz que deixará a pátria que só pode ser curada por bombas, uma sociedade que nos oferece seu pão imundo ao preço de humilhação e alienação. Com essa passagem, Giordano afirma que a ideia básica de Bertoni foi a realização de uma comunidade rural modelada a partir do anarquismo, para superar a desigualdade social, a alienação coletiva e o tédio individual. A comparação com Rossini é feita, considerando que, após lançar sua ópera *Guilherme Tell*, o artista também se retirou da cidade para uma área rural, se dedicando à gastronomia.

O que chama a atenção é que Bertoni, dois anos antes da sua morte, faz as seguintes declarações sobre felicidade:

Geralmente, cuando nosotros quejamos de nuestra suerte en esta vida, incurrir en dos gravísimos errores. El primero consiste en que damos cuenta de que individual o colectivamente nosotros mismo somos las causas de la mayor parte de los males que nos afligen, siendo la otra parte condición necesaria para el bien. El segundo está en que generalmente buscamos la felicidad donde no puede estar, pasado al lado de ella sin apercibirse. A esa relativa felicidad a la que atinadamente aspiramos, la soñamos muy lejos de nosotros, cuando está muy cerca, y perdemos la mayor parte de nuestra vida em prepararla, resultando al fin que es tal: sin saber que desde jóvenes la tendríamos ya, si supiéramos en qué consiste. Corremos locamente tras de quiméricos ensueños, dando de espaldas a la única realidad posible, de la qual nos alejamos cada vez más; y cuando en la tarde de la vida, con una mirada retrospectiva nos damos cuenta de nuestro error, ya no hay tiempo para remediarlo (BERTONI, 1927, p. 7).

³⁰ *Noi partiremo da una supposta patria, sdeghneremo una società filisteia, che le bombe soltanto sapranno guarire, una società che ci offre il suo immondo pane a prezzo dell'umiliazione e dell'abbrutimento. No, giuraddio la natura non ci ha dato una coscienza superiore per imbrattarla in quell'oceano di sozzure che sfacciamente si chiama la società moderna...* (Bertoni Para Eugenia, Lottigna, den 14. Februar 1882, Apud, Giordano, 1984, p: 135) Tradução livre pela autora.

Essas palavras podem demonstrar o quanto Bertoni estava desiludido, mas também sua concepção de mundo, de sociedade. Manifestam o que pensava sobre sua própria existência e, principalmente, sobre a felicidade. Ao escrever sobre essa felicidade que todos perseguem, se refere à atração deslumbrante que o espaço urbano possui. A cidade seria o lugar do tédio, já a vida na agricultura seria o sinônimo de felicidade.

Atraídos como la incauta mariposa por la llama que luego la quemará, los jóvenes inexpertos pueden creer que todo lo que relumbra es bueno. La urbe les atrae con su ropaje de fiesta, el lujo refinado o chabacán, los placeres enervantes y las facilidades peligrosas (...) la salud del cuerpo es un producto agrícola tan importante como cualquier outro (...) y téngase presente que esta salud no se adquiere en algunos paseos o estadas que se hagan de cuando en cuando, sino en crecer, permanecer y envejecer en la campaña. Pues solo es un la vida activa de los campos que se desarrolla normalmente el cuerpo en toda sus funciones, con aquella armonía y justo equilibrio que contribuye a la verdadera robustez y prepara una larga vida e uma tranquila vejez – ventaja que jamás se obtendrá con los deportes de la moda, que todos son ejercicios violentos y desequilibrados, alternados con lapsos de deprimida inacción, o descanso demasiado pargos (BERTONI, 1927, p. 8).

Verifica-se, a partir da escrita de Bertoni, que essa felicidade almejada, a ponto de ter migrado, não estava na Europa. Depois de anos, percebeu que nem mesmo a encontrara na América. O que tanto procurou estava dentro de si, mas esse entendimento, só seria possível se estivesse conectado à natureza. Isso ficou expresso na introdução do livro de Bertoni, intitulado *Agenda: Mentor Agrícola. Guia del agricultura & colono*, publicado no ano de 1927.

Percebeu, também, que a felicidade não estaria na organização de uma colônia. Tanto que, ao receber o convite do General Egusquiza, presidente do Paraguai (1894-1898), para assumir a docência e a direção da Escola Nacional de Agricultura, em Assunção, Bertoni aceitou. Mas propôs uma troca. Aceitaria o convite, mas ficaria livre do compromisso de colonizar as terras de Guilherme Tell. O acordo foi firmado e foram iniciados os pagamentos da área de terras. Pode-se perceber que Bertoni abandonou definitivamente o sonho, o projeto de colonização quando se consolidou a propriedade das terras da colônia familiar. Com a proposta de assumir a escola de agricultura, Bertoni viveu uma temporada em Asuncion.

Em carta enviada para sua esposa Eugenia, comunicou o acordo que lhe permitiria se tornar um proprietário:

Hay otra noticia que más te alegrará: el Presidente ha hecho lugar a mi solicitud, y ha ordenado se me otorguen los títulos de propiedad definitiva del territorio de la Colonia! Al fin, Eugenia, hemos triunfado; he alcanzado a mi grande ideal, al ideal que perseguimos tenazmente durante doce años de penas y privaciones de toda clase! Al fin estamos afuera de peligro, y nuestros hijos tienen asegurado el porvenir por el trabajo, sobre la base de una propiedad valiosa que en un porvenir no lejano representará una fortuna! Al fin trabajaremos con el corazón tranquilo, seguros de recojer un día todo el fruto de nuestros trabajos, y ya nuestro sudor no regará más un suelo ajeno, y nuestros modestos placeres no serán más amargados por la duda, por el recelo de ver repetida una desgracia como las que nos afligieron y casi nos abaten en Yavevry y en Yaguarasapá. Yo no se como expresarte mi contento, pero tu me comprendes, y aún que no adores la agricultura tanto como yo, participarás de mi felicidad, pues bien sabes que nuestros hijos la aman, que es la base de toda verdadera y duradera prosperidad, que nos permitirá un día vivir activa y tranquilamente sin necesitar de nadie. Y no olvida que el Alto Paraná vale para la agricultura tres veces más que el resto del Paraguay, y que nosotros ocupamos seguramente el punto mejor de esa región para los cultivos de gran porvenir como los tropicales. Ahora podemos exclamar, Eureka! (BERTONI, 1896a).

Ao firmar o acordo com Juan Bautista Egusquiza, ou seja, com o governo paraguaio, Bertoni decidiu não mais se dedicar à colonização. Nesse sentido, as terras adquiridas passaram a ser de sua família, seu laboratório científico. Poderia dedicar-se inteiramente à pesquisa e à produção agrícola. No ano de 1895, enquanto a família iniciava os trabalhos na propriedade, Bertoni assumia a direção da Escola Nacional de Agricultura em Asunción.

O General Egusquiza era mais liberal do que seus antecessores. Segundo Rivarola, seu governo foi marcado pelo fim dos conflitos com o Vaticano, instaurados na ditadura de Francia. Com o intuito de recuperar o país, investiu na economia e na educação:

La economía y los ingresos fiscales mejoraron con el cultivo del tabaco, y mientras la ganadería - casi extinguida durante la Guerra Grande - sumaba ya dos millones de cabezas. Una Escuela de agricultura abrió sus puertas bajo la dirección del naturalista suizo Moisés Bertoni; se crearon las escuelas Normales para maestros de ambos sexos, cuando ya había 290 escuelas públicas o privadas en todo el país, con unos veinte mil alumnos (RIVAROLA & PAZ, 2013, p. 58).

Enquanto esteve à frente da Escola Agrícola em Asunción, era a família que tocava os trabalhos em Puerto Bertoni. As atividades realizadas eram acompanhadas através de correspondências que os filhos e a esposa enviavam para a capital.

Em uma das cartas, sua esposa Eugênia pede que Bertoni volte. Em 1904, ele retornou à Puerto Bertoni para dedicar-se a uma intensa atividade na agricultura, estudo e divulgação científica.

Em 1914, voltou para Asunción para assumir a Divisão de Agricultura e Colonização. “*Moisés no ama las ciudades. No las amaba en Europa, a los veinte años, y no las ama en America. Se resigna a vivir en Asunción durante los años de la Escuela, pero considera en la ciudad un parêntesis de breve duración*”. Em setembro de 1913, escreveu uma carta ao irmão Brenno onde disse: “*No me siento para nada encantado con mis nuevas funciones, pero he debido aceptarlas para ayudar al país a hacer algo pasable*” (BARATTI & CANDOLFI, 1999, p. 88). Em várias ocasiões, é possível verificar o gosto que Bertoni manifestava pela natureza e pela agricultura, afirmando ser ali, no seu laboratório natural, o lugar que o fazia feliz.

Portanto, *Guilherme Tell*, como lenda e ópera, acompanhou Bertoni na América a ponto de ser nome de filho e denominação pretendida para a sua colônia e propriedade, o Porto Bertoni, lugar onde poderia realizar seus sonhos. Local onde poderia cultivar, pesquisar e viver, buscando a felicidade.

2.7 UMA COLÔNIA FAMILIAR

A família de Moisés Bertoni teve início quando, em janeiro de 1876, Moisés e Eugenia uniram-se em matrimônio, ele então com 19 anos de idade. Tiveram 14 filhos, 9 homens e 5 mulheres. Um dos filhos era da tribo Guayakí. Este foi adotado por Bertoni. A criança recebeu o nome de Silvano, cujo significado é *habitante da floresta*.

Figura 6 - Família Bertoni em 1902.



Fonte: Site organizado por Danilo Baratti y Patrizia Candolfi.
<http://www.mosebertoni.ch/index.php?m=2&s=1>

Nesta foto, vemos a família Bertoni, por volta de 1902. Segunda fila, da esquerda para a direita: Guillerme Tell, Aurora, Sofia Perowskaja, Arnaldo de Winkelried, Ines (segurando uma criança nos braços), Reto Divicone, Vera Zassoulich. Na frente: Mosè, Linneo, Giuseppina (mãe de Moisés), Eugenia (esposa), Walter Fürst. Em primeiro plano, Aristóteles e Werner Stauffacher (Site organizado por Danilo Baratti y Patrizia Candolfi).³¹

Doze anos mais tarde a família estava maior. A imagem a seguir foi registrada no ano de 1914. Posicionados em frente à casa principal em Puerto Bertoni, no centro, está Moisés e ao seu lado Eugênia, rodeados pelos filhos, noras, genros e netos. A partir das correspondências que Bertoni enviava para a família, nos períodos em que estava ausente, é possível conhecer o pai e esposo afetuoso e muito atencioso, fazia questão de ter notícias sobre todos. Na fotografia como nas cartas, fica evidenciado o espaço que ocupava: uma família que gira em torno do patriarca, fazendo sua pose e se posicionando no centro.

Figura 7 - A Família Bertoni em 1914.



Fonte: Site organizado por Danilo Baratti y Patrizia Candolfi.

A ideia de família, para Bertoni, estava longe daquelas caracterizadas pela maioria dos pensadores anarquistas. Segundo Baratti e Candolfi, o jovem Bertoni, em 1878, teria manifestado que o desejo de dissolver a família seria um dos mais graves crimes do anarquismo. Mais tarde, quando falava sobre a família, usou a organização

³¹ Ver <http://www.mosebertoni.ch/index.php?m=2&s=1>

familiar dos guaranis enquanto modelo: *“La religión, al hacer del matrimonio un sacramento, y de la castidad una virtud, nos ha enseñado la vía, la buena, la única que seguir debemos, aun cuando la meta, para los más, sea todavía un ideal lejano”* (BERTONI, 1956, p. 196).

No Paraguai, Eugenia tinha como função cuidar da administração de Puerto Bertoni, coordenava reuniões periódicas com a Família, além de ajudar nas pesquisas científicas. Mantinha um laboratório onde trabalhava na manipulação de medicamentos, além de atuar como professora na escola que Bertoni montou próxima à residência central. Em uma frase, Bertoni manifestou a importância que a esposa tinha na sua vida: *“El mundo sabrá que mi nombre no hubiera existido sin el tuyo, mi vida es estéril sin la tuya* (BERTONI *apud* BARATTI & CANDOLFI, 1999, p. 175). Se, por um lado, ele manifestou a importância da esposa em sua vida, a sua existência ocupa a posição central. O mundo saberia da importância de Eugenia em relação à centralidade bertoniana.

Mesmo que, por um período, Bertoni tenha tentado buscar e instalar alguns colonos suíços e alemães, Puerto Bertoni foi uma colônia familiar, daquela grande família tão sonhada. Para ele, ser proprietário das terras foi fundamental, pois permitiu à família ser uma comunidade produtiva autossuficiente, capaz de levar adiante os projetos de pesquisa.

Em maio de 1913, por carta, enviou notícias tranquilizadoras ao seu irmão Brenno. Puerto Bertoni estava muito bem:

Puerto Bertoni vai bem. O comércio de frutas e os preços das terras aumentaram. Atuação de 12 000 kg de bananas aos 10 (...). Em um ano teremos o dobro. Meu cafezal progrediu; temos 94.000 árvores, algumas ainda jovens, só produzirão em 2 ou 3 anos. Meus arranjos de plantas cultivadas por enquanto são os mais ricos da América do Sul (...) uma superfície do meu campo (...) é de cinco e meia léguas, e sem uma árvore de marais, nem de terreno Perdido. O retorno dos terrenos e da cessação para montar foi rápido; em minha região é hoje, em média, 20 \$ argentino, ou 44 frs, o hectare. Recebi vários pedidos por esse preço, tanto quanto pude me recusar a vender até mesmo pequenos lotes, exceto para receber colonos. Os preços ainda são menores e espero vê-los em 100 francos o hectare em um prazo de 10 anos. Como você vê, o tempo de colheita de milho já começou, o trabalho é difícil! Muito melhor; estamos apenas mais satisfeitos³² (BERTONI *Apud* BARATTI e CANDOLFI, 1999, p. 261).

³² *Puerto Bertoni va bien. Le commerce des fruits et le prix des terres augmentent. J'exporte actuellement 12 000 kilos de bananes tous les 10 jours (...). Dans une année ce sera le double. Mon*

O trecho da carta, acima transcrito, demonstra uma inconstância nos sentimentos de Bertoni. Manifesta que era ali, junto com a produção agrícola, que Bertoni desenvolvia seus estudos científicos sobre o povo Guarani e das espécies de plantas no seu jardim de aclimatação, aliado ao trabalho agrícola e ao ensino. Mas esse entusiasmo não durou muito. Puerto Bertoni entrou em crise! Será que parte dessa crise poderia ter sido provocada pelo contexto da fronteira, lugar que anos antes era território de oportunidades? Com a lei da cabotagem no território brasileiro, que proibia a exportação dos produtos, associado ao inverno rigoroso, Bertoni teria perdido praticamente toda a produção de café e de banana. Destaca-se também o “abandono” dos filhos pelas terras do pai. Assuntos que serão discutidos no próximo capítulo.

2.8 OS GUARANIS

A imagem que segue foi fotografada por Bertoni. Chegou nas mãos de Baratti & Candolfi em bom estado de conservação e foi reproduzida na obra *L'arca di Mosè*. A fotografia representa uma família de Mbyá-Guarani de Puerto Bertoni, mas também representa a mão de obra para a produção agrícola, dentro de uma colônia familiar. Baratti & Candolfi tiveram acesso a um registro produzido no ano de 1896, referente a uma carga de farinha, açúcar, tabaco, velas e outros bens de consumo em Puerto Bertoni. Nesse registro, estão os nomes de 44 pessoas que prestavam serviços à colônia, enquanto entre maio e outubro de 1918, em plena crise, os peões variavam de 6 a 13. Segundo os historiadores, dados fragmentados confirmam a presença de vários trabalhadores paraguaios e brasileiros, entre os quais há nomes de índios. Os

cafetal a progressé; nous avons 94 000 arbres, mais une partie encore jeunes ne produiront que dans 2 ou 3 années. Ma collection de plantes cultivées est pour le moment la plus riche de l'Amérique du Sud (...) La superficie de mon domaine (...) est de cinq lieues et demie, et sans un arpent de marais, ni de terrain perdu. Le prix des terres n'a cessé de monter et rapidement; dans ma région il est aujourd'hui, en moyenne, de 20 \$ argentin, soit 44 frs. L'hectare. J'ai reçu plusieurs demandes à ce prix, mais tant que je pourrai je me refuserai à vendre, même de petits lots, sauf à des colons méritants. Les prix doivent monter encore et j'espère les voir à 100 frs. l'hectare et même plus dans le terme de 10 ans. Comme tu vois, le temps de récolter a commencé, mais la corvée a été dure! tant mieux; on n'en est que plus satisfaits (BERTONI Apud BARATTI e CANDOLFI, 1999, p. 261). (Tradução livre feito pela autora).

guaranis, estabelecidos nas terras da colônia, são trabalhadores sazonais ou diaristas.

Para Baratti & Candolfi, a introdução de indígenas, por Bertoni, foi uma necessidade: *“Mesmo que não possamos provar isso, imaginemos que é uma necessidade aqui, devido ao isolamento da colônia (...) e não uma forma de exploração³³”* (BARATTI e CANDOLFI, 2009, p. 163).

Figura 8 - Família de Guaranis.



Fonte: Foto Moisés Bertoni, s/d. In: Baratti & Candolfi, 2019, p. 322.

Quando se trata sobre a relação de Bertoni com os índios, podemos observar tanto um homem comprometido com o enobrecimento do guarani, mas também vemos o Bertoni europeu convencido de que a “evolução” passa pela “redução” dos índios. A antropóloga Beate Lehner escreveu na revista *Acción*, em 1999, sobre a comunidade Mbyá de Puerto Bertoni:

Aunque los Mbyá apreciaban el buen trato que les brindaba Bertoni, hay que resaltar que la relación de peón-patrón no fue nunca una relación que los Mbyá habían buscado por su propia voluntad, sino que era una relación que les fue impuesta por la creciente presión sobre sus territorios por parte de la sociedad blanca, por el inicio de la colonización de los bosques del Paraguay oriental. Las décadas que vivía Bertoni en el Paraguay, de 1887 hasta su muerte en 1929, eran una época de grandes cambios negativos, en su mayoría, para los Mbyá. (...) Muchos tapýi mbyá se encaminaron a la búsqueda de la

³³ Anche se non possiamo dimostrarlo, immaginiamo che si tratti qui di una necessità dovuta all'isolamento della colonia Guillermo Tell e non di una bieca forma di sfruttamento. (BARATTI & CANDOLFI, 2009, 163). Tradução livre pela autora.

tierra sin Mal en un viaje real y místico hacia el oriente y el mar, abandonando el Paraguay. Los tapÿi que decidieron quedarse en sus tierras ancestrales, tuvieron que aceptar el trato con el nuevo mundo que les venía encima (...). El primer paso de los Mbyá hacia el relacionamiento pacífico con la sociedad blanca fue la aceptación del trabajo asalariado, la changa, para los patrones blancos, entre ellos Bertoni (LEHNE, 1999, Apud BARATTI e CANDOLFI, 2009, p. 164).

No entanto, a antropóloga entende que a relação humana e de trabalho com os índios não produziu um profundo conhecimento de sua cultura. Para ela, as fontes do trabalho etnográfico mais ambicioso de Bertoni, a Civilização Guarani, permanecem acima de tudo literárias. Ela se refere principalmente aos textos que falam dos guaranis a partir da chegada dos jesuítas em diante e que propõe uma imagem idealizada. Beate Lehner explica:

Bertoni construye en esta obra una imagen que excluye todo rasgo de la cultura guaraní que no coincide con sus ideales o lo atribuye a influencias de otras culturas indígenas, culturas primitivas, segun su entender. Además Bertoni se mantenía totalmente dentro de los conceptos integracionistas vigentes en la época (LEHNE, 1999, Apud BARATTI & CANDOLFI, 2009, p. 164).

Para Baratti (2009), Bertoni inclinou a análise do guarani à sua imaginação, também porque não possuía, naquele contexto, as ferramentas adequadas que lhe permitiriam entrar no mundo dessa cultura na perspectiva do que atualmente se concebe em relação aos guaranis em decorrência de estudos de Antropologia e das Ciências Humanas.

Um dos estudos que Bertoni realizou sobre os guaranis foi a partir de Silvano, seu filho adotivo da tribo Guayakí. Fez de Silvano o centro da cultura, estudou a língua, o comportamento. Sabe-se pouco da posição que este filho ocupava na família, bem como das modalidades de sua adoção. Alguns indícios apontam, que dois meninos foram um presente para Bertoni, que teria aceitado quando soube que eram órfãos de pai e mãe. Na véspera da chegada a Puerto Bertoni, os irmãos da tribo Guayakí, a bordo de um vapor, teriam se excedido na alimentação oferecida pelos marinheiros, motivo da morte por indigestão de uma das crianças. Não se sabe o tempo que Silvano permaneceu com a família. Morreu aos 17 anos de hidropisia. Ao contrário dos outros treze filhos, Silvano foi objeto de estudo cuidadoso, com registros de suas características. Com posse dos dados, se correspondia com o antropólogo Von Ihering, que visitou Puerto Bertoni em junho de 1910, para conhecer Silvano.

No Museu Bertoni, em Presidente Franco no Paraguai, estão expostos alguns registros de Silvano. Em um caderno do ano de 1915, Silvano escreveu a poesia: *“llora Urutáu, em las ramas del yataí, ya no existe el Paraguay, donde naci, cono tús llora urutáu”* (Caderno escolar, 1915, Museu Bertoni, Paraguay). Bertoni, ao fazer referência a Silvano, diz que era um menino feliz e inteligente acima da média.

Bertoni se dedicou ao estudo da cultura indígena desde a sua chegada na Argentina, com maior intensidade em Puerto Bertoni. A convivência se dava tanto na colônia, na escola e dentro da casa do estudioso, como filho e como objeto de investigação. Mas o indígena também serviu como mão de obra no trabalho agrícola, em um contexto de dificuldades em contratar peões, já que as obrages, com a exploração da erva-mate e madeira, monopolizavam as atividades produtivas. Numa passagem mencionada por Baratti & Candolfi (2009, p.264), Bertoni teria afirmado que os índios que trabalharam para ele: “me custaram muito pouco, felizmente”³⁴. Mesmo em uma colônia familiar, aquela de Guilherme Tell, o índio foi de extrema importância para Bertoni, aliando à lida agrícola e às pesquisas científicas.

As observações com os guaranis, também, aconteciam quando Bertoni ensinava na escola em Puerto Bertoni. Na foto abaixo, pode-se observar crianças da tribo guarani, alinhadas em carteiras, compenetradas para o registro fotográfico. A imagem apresenta, na esquerda, o genro Juan B. Jimenez, na direita, Moisés Bertoni, ao fundo, seu filho Linneo. Embora a qualidade da fotografia não permita fazer uma

Figura 9 - A Escola Bertoni.



Fonte: Baratti e Candolfi, 2009, p. 254.

³⁴ *“Mi costano pochissimo, per fortuna”* (BARATTI & CANDOLFI, 2009, p. 144).

observação detalhada, é possível verificar o semblante das crianças indígenas, levando a refletir se era ali que estas queriam estar. Bertoni, em vários registros, indica o desejo de organizar uma redução. Pode ser que a organização da escola, tenha sido projetada, levando em conta essa perspectiva e era nesses momentos que pesquisava a cultura indígena.

Em Puerto Bertoni, além da escola, foi organizado um espaço cultural, no ambiente externo, de forma circular, uma arquibancada de pedras, para as apresentações culturais das crianças. Atualmente, quem visita o Museu, pode visualizar as ruínas desse espaço.

Acredita-se que ele realizava suas observações a partir das atividades voltadas à educação-cultura, trabalho-agricultura, fazendo da natureza o seu laboratório científico. Assim, ele declara: *“!En el seno de esa naturaleza que es mi religión y mi vida”* (BERTONI, apud BARATTI e CANDOLFI, 1999, p. 15).

2.9 “LA ALMA ALDEANA”

La Alma Aldeana é uma frase dita por Bertoni, quando escrevia sobre a agricultura. Manifestou, o que para ele era o mais sagrado, a ponto de tomar a agricultura como sendo a sua religião - a sua vida.

Figura 10 - Bertoni no milharal.



Fonte: Site organizado por Danilo Baratti y Patrizia Candolfi,
<http://www.mosebertoni.ch/index.php?m=6&s=1>

A frase “La alma aldeana” dialoga com a fotografia acima apresentada. Bertoni está em meio a uma plantação de milho. A imagem instiga à reflexão sobre quem era esse homem, que circulava entre as rodas intelectuais e políticas, mas que andava entre as plantações. Para este homem, a agricultura é a base para as pesquisas científicas. Ao entrar em contato com os escritos de Bertoni, é difícil falar de agricultura separado da ciência. Fica evidente que, para o *agricultor-cientista*, as duas atividades eram inseparáveis. Seu laboratório sempre foi no mesmo espaço em que tirava o sustento da família. Estudava os períodos de chuva, calor, o vento, a terra, as plantas. Desde cedo, tinha um fascínio pelas Ciências Naturais. Em uma carta escrita para sua esposa Eugenia, ainda na Suíça, em 15 de novembro de 1879, ele declarou:

Una de las cosas que contribuirán a calmar mi corazón son mi estúdios, el placer de poder seguir finalmente los cursos de la ciencia que prefiro. Actualmente estudio Física, Química inorgánica, Mineralogía, Fisiología, Botánica (Thyry), Zoología (Yung), Anatomía Comparada (Vot). He comenzado el laboratorio de Zoología; allí trabajo todos los días con el microscopio en la investigación de animales y de plantas marinas microscópicas que debemos buscar nosotros mismos en la fango y el agua de mar traídos en grandes recipientes. Dibujamos cada uno de los seres que encontramos. Es sumamente placentero y útil (BERTONI apud BARATI, CANDOLFI, 1999. p. 32).

Em outra carta enviada para o amigo Renaldo Simen, em setembro de 1882, dois anos antes da migração, apresentou a ciência como algo fundamental em sua vida. Além de vincular a atividade científica à agricultura, manifestou o desejo de implementar as ideias sociais, declarando sobretudo, que esse lugar serviria de refúgio aos irmãos perseguidos.

Eu estava determinado a emigrar para um país como possivelmente tão virgem, e estabelecer uma colônia agrícola ao mesmo tempo como um exemplo vivo da implementação de nossas ideias sociais (...) O fato de que por ter tempo para dedicar-se ao estudo, o trabalho agrícola não deve ser muito grave, impôs a escolha da zona intertropical,³⁵ (BARATTI & CANDOLFI, 1999, p. 210-215).

³⁵ *Ero deciso ad emigrare in un paese il piú possibilmente vergine, e fondarvi una colonia agricola nell'istesso tempo che un esempio vivente della messa in pratica delle nostre idee sociali, ed un punto di rifugio per i nostri fratelli perseguitati. Il fatto che per aver tempo di consacrarsi allo studio, il lavoro agricolo non deve esser troppo grave, imponeva la sela della zona intertropicale (BARATTI & CANDOLFI, 1999, p. 210-215).*

Na obra *Agenda Y Mentor Agrícola: Guía del Agricultor Y Colono*, publicada pela imprensa Ex Sylvis (1927)³⁶, logo no prefácio, Bertoni apresenta o objetivo:

Para escribir una Guia General Y Especial de los actuales o posible cultivo de esta tierra, y exponer todo lo referente a clima, terreno, plagas y demás cuestiones agrícolas (...) traté de concretarem a lo que el agricultor no sabe o sabe mal, indicando métodos nuevos o mejores, reformas necesarias o a mi juicio conveniente, alguns errores por desgracia muy corrientes, ciertos peligros y muchos inimigos, asi como numerosos datos y detalles que el aldeano ignora o puede olvidar (BERTONI, 1927, p. 05).

O livro foi organizado em quatro partes, sendo incorporada uma quinta para a quarta edição. A obra inicia com a apresentação dos diversos produtos cultivados no Paraguai, diferentes espécies de trigo, café, mandioca, tabaco, frutas, hortaliças, plantas medicinais, stevia, entre outros, indicando, a partir do calendário agrícola, os meses mais indicados de cultivo, além de possibilidades de comércio. Apresenta não só a influência do clima, como também a temperatura adequada para cada espécie e a relação da lua e do sol da região com o desenvolvimento de plantas. Também demonstra ataques de pragas e os animais úteis para a vida agrícola.

Além dessa obra, Bertoni escreveu e publicou uma série de livros dedicados aos mais variados produtos agrícolas, sobre os quais realizava os experimentos, como também para exportação, como é o caso do café, banana e da erva-mate. Outras publicações referentes às experiências científicas de espécies de plantas foram realizadas em revistas de botânica, agronomia, geografia e antropologia, almanaques e boletins meteorológicos. Estas obras estão arquivadas na Biblioteca Nacional de Agricultura - BINA. Entre as publicações, pode-se encontrar as coleções especiais como a edição sobre a prática defendida por ele: *El rozado sin quemar: una gran reforma necesaria y urgente* (1912), texto que foi incorporado à quinta parte da nova edição da *Agenda & Mentor Agrícola*. Bertoni apresentou a técnica de conservação do manto florestal com o objetivo de melhorar a produção agrícola no Paraguai. Assim, com o replantio constante no mesmo terreno pelo *rozados sin quemar*, preservaria e aumentaria a fertilidade do solo, impedindo a erosão, bem como a poluição do ambiente daquele país.

³⁶ O livro está entre as obras do cientista reeditadas em 2011, pela Biblioteca Nacional da Agricultura (BINA), na ocasião das comemorações do Bicentenário da Independência do Paraguai. O livro com 512 páginas, é o resultado de anos de pesquisa e experimentos realizados na agricultura.

Decidir que la quema es la mayor causa de la alteración del clima y del empobrecimiento de la tierra, es decidir que lo que todo deberían de saber, sin embargo, en nuestro Continente, la mayoría no se dan cuenta de una verdad tan difícil de probar con la mayor evidencia: y los pocos que la conocen, no se dan cuenta excto del peligro para el por venir, ni tampoco de todo el mal que haya causado tan bárbara práctica em casi toda las Américas calientes (BERTONI, 1926, p. 174).

Observou que o uso da queimada da região era uma prática recorrente. Objetivando economizar tempo, os colonos acreditariam erroneamente que as cinzas fortaleceriam o solo. Mas os estudos, ao contrário, indicariam que as substâncias necessárias para a fertilização do solo já estariam presentes nos ramos e folhas das plantas que, em contato com o solo e com a umidade, deixariam a terra em condições ideais para o plantio e o cultivo.

As pesquisas sobre o solo, clima, técnicas de plantio, que Bertoni realizou, foram em um contexto do pós-guerra da Tríplice Aliança. Contexto esse em que o governo paraguaio buscava formas para erguer o país. O incentivo à agricultura era um dos projetos de superação. Bertoni visualizou isso como oportunidade e possibilidade para tocar adiante seu projeto. Resultados de tais pesquisas só foram publicados alguns anos antes de sua morte e no pós-morte. Técnicas agrícolas, por ele desenvolvidas, ainda permanecem atuais no Paraguai. Há referências arquivadas na Biblioteca de Agricultura que leva o seu nome.

O conjunto de documentação que compôs essa parte do estudo demonstra que Bertoni se dedicou à produção agrícola e científica, mas também ao comércio para manutenção de Puerto Bertoni. Estabeleceu relações com muitas pessoas a partir de correspondências. Os documentos que produziu possibilitam variadas leituras. Mas para essa investigação, o foco são as relações construídas no contexto da fronteira, tema apresentado e aprofundado no próximo capítulo.

Conforme exposto neste capítulo, o objetivo foi investigar a vida do personagem a partir da documentação produzida pelo próprio Bertoni, como também registros sobre ele e que foram referência nessa parte do estudo. Entendeu-se que esse panorama geral de sua vida forneceu subsídios para dar sequência aos próximos capítulos desta investigação, cujo objetivo é conhecer a fronteira através da trajetória do personagem, no período em que viveu às margens do rio Paraná, no Paraguai, final do século XIX e início do XX.

3 FRONTEIRAS CORRESPONDIDAS: BERTONI E SUAS RELAÇÕES

Esse capítulo tem como objetivo realizar uma discussão em torno de cartas recebidas e respondidas por Bertoni e seus interlocutores. Verificar a importância dessa documentação para ele e o que podem mostrar sobre o mundo na fronteira. Também verificar como algumas mudanças ocorridas no contexto da fronteira influenciaram diretamente a vida do personagem, bem como, conhecer as relações construídas na fronteira. Alguns pontos tratados nos documentos e que foram expostos no capítulo anterior serão retomados, sugerindo uma sequência na abordagem.

Cartas publicadas em jornais que anunciam a chegada de Bertoni na América do Sul em 1884, outras que noticiam sua partida em 1929. Cartas, cujo tema são as próprias cartas. Cartas que falam de amor, esperança, tristeza, desilusão e decepção. Nas “escritas de si”, era constante a jornada rumo à busca pela felicidade na fronteira. Correspondências que nos levam a seguir viagem para conhecer um mundo onde o extraordinário está nas relações científicas e nas relações de amizade, de trabalho e de família.

No mês de julho de 2018, foi realizada uma investigação no *Archivo Nacional* e na *Biblioteca Nacional de Agricultura Dr. Moises S. Bertoni – BINA* em Asunción, com o objetivo de conhecer os registros produzidos por Bertoni. A intenção era pôr mãos e olhos nos materiais produzidos, organizados, guardados por Bertoni e mantidos por instituições paraguaias. Seguindo os rastros do personagem, me impressionei diante da quantidade documental e da variedade de conteúdos que as correspondências apresentavam. Já de início, foi percebida a existência de diferentes aspectos envolvendo as relações entre atores. Cartas que apresentam uma complexa rede de sociabilidade com diversos níveis de sentimentos, manifestados através de palavras afetuosas. Outras vezes, a escrita apresenta momentos de tensões. Esta documentação atesta que as relações de Bertoni eram múltiplas, muitas vezes evidencia outras construções de sociabilidade que escapam à leitura difundida sobre

o personagem como sendo sábio, cientista, mas que também era um ser humano. Esse Bertoni se apresenta nas cartas que envia para a família e para os amigos.

Diante da quantidade de registros, debrucei-me sobre um pequeno conjunto de cartas selecionadas por mim, examinando suas narrativas, as relações entre as correspondências, procurando, sobretudo, capturar as instâncias que apresentam a fronteira e suas relações daquele período.

As correspondências conservadas em Puerto Bertoni até a década de 1990, depois inventariadas, organizadas e transferidas para o *Archivo Nacional de Asunción*, como já mencionado anteriormente, somam mais de 4000, produzidas entre o período que antecede a chegada de Bertoni na América do Sul, no ano de 1884, até sua morte, em 1929. Esse conjunto de documentos possui um catálogo de consulta, a partir do qual, é possível ter acesso aos nomes, assuntos e datas das cartas. O Catálogo tinha sido digitalizado por Baratti que gentilmente o disponibilizou para esta investigação. Assim, foi possível conhecer antecipadamente a sistematização, catalogação e guarda das correspondências que iriam ser consultadas no Arquivo em Asunción, proporcionando um direcionamento e um objetivo mais claro por ocasião da consulta *in loco*.

Na apresentação do catálogo, os autores Baratti e Candolfi informam sobre como encontraram as correspondências em Puerto Bertoni na década de 1990. Observaram que estavam arquivadas a partir de um critério usado por Bertoni, que ordenou as cartas por letras maiúsculas, como por exemplo: F = família, K = contas, C = científica, P = publicações. No entanto, apenas parte desse conjunto estava sujeita a essa ordem, pois parecia que o próprio Bertoni, às vezes, tinha dúvidas sobre a colocação e ordenação das cartas, que terminavam com duas ou três siglas ou letras. Nos primeiros anos, foram arquivadas por ordem cronológica, outras vezes de acordo com uma ordem alfabética e, só mais tarde, de acordo com a classificação temática. Em alguns registros, verificou-se a participação de Eugenia na organização e guarda das cartas.

Baratti e Candolfi consideram Bertoni muito organizado com os documentos que produziu, organizou e preservou. Entre as características admiráveis, o que chamou atenção é seu senso de preservação. Guardava suas anotações, diários, correspondências de forma a produzir um grande volume de documentos com informações valiosas, o que possibilita conhecermos aspectos da personalidade, seus

gostos, suas emoções, decepções e descobertas do pai, professor, cientista, escritor, agricultor, marido, comerciante, exportador, enfim, de um migrante inquieto.

O catálogo, organizado a partir do levantamento documental do arquivo de Bertoni, apresenta um índice detalhado, no qual estão registrados os números de páginas, datas, locais, destinatários das cartas. Para cartas soltas, organizadas cronologicamente, também foi discriminado se eram manuscritas, originais, cópias ou rascunhos. As cartas da família, dirigidas a Bertoni, os historiadores ordenaram cronologicamente e limitando a indicar a quantidade contida em cada pasta. Desta forma, foram separadas algumas correspondências especiais, não só pelo número relevante de temáticas das quais faziam parte, mas acima de tudo, pela sua importância no contexto de suas relações científicas e humanas. O catálogo é um material de busca e fica disponível no Archivo Nacional em Asunción. Está organizado com um índice sintético e um índice geral, seguido pelos índices de cada caixinha. O catálogo apresenta, no início, uma lista de abreviações com o objetivo de facilitar a localização para consulta do acervo. Outra parte das correspondências está arquivada no *Museo Della Valle di Blenio* na Suíça e estas foram transcritas por Baratti & Candolfi (1999).

Objetiva-se lançar olhares sobre um pequeno conjunto desses registros e refletir sobre o que tais cartas dizem sobre o mundo na e da fronteira. Podem revelar acontecimentos e vivências ausentes em outras fontes de consulta, considerando-se tratar de documentos pouco explorados em pesquisas sobre a Tríplice Fronteira.

O conjunto é por si só significativo, mesmo que as informações sobre o personagem sejam indiretas, já que grande parte das cartas são destinatárias e não do remetente. É tentador verificar em que medida esses documentos podem esclarecer seu papel social, mesmo que, em muitos registros, não seja encontrada correspondência ativa de Bertoni. Ainda assim, é possível perceber suas ações e posturas, através de comentários feitos e respostas às suas perguntas, nas cartas recebidas. Escrevem-se cartas para pessoas especiais. Elas possuem significado para quem escreveu e para os que as leram. Este aspecto fornece indícios sobre o pensamento de Bertoni.

3.1 REFLEXÕES A PARTIR DAS CORRESPONDÊNCIAS

Estudar correspondências significa considerar toda uma rede de relações em torno da construção de uma carta. Constroem-se redes onde pessoas são envolvidas, o escritor, os leitores, os que são mencionados, os que as transportam e entregam. No caso em estudo, quem as recebeu, organizou e guardou. “Conhecer esses sujeitos permite ao historiador traçar um quadro mais amplo das relações estabelecidas entre eles e, desse modo, perceber a carta como parte de uma rede de contatos” (BEZERRA, 2009, p. 136). Assim, há de se considerar todo um circuito que envolve atores sociais, a materialidade das cartas, anotações, anexos e materiais junto com as cartas. Também formas de tratamento e sentimentos expressos. A espera pela resposta que não chegava. Exemplo disso é a carta que Bertoni escreveu ao companheiro de viagem, Arnaldo Schoch. Nela, informa que estava se dedicando para terminar o mapa do Plano do Rio e dos Saltos e solicitava ao amigo que, antes da viagem à Europa, fosse até sua propriedade buscar o original do plano para apresentá-lo ao *Museu De La Plata* e depois levar o documento para a Europa, mas Schoch viajou sem antes visitar Bertoni. A manifestação de desapontamento está em uma carta que escreveu ao seu filho Breno em tom decepcionado: “*sin dicirme nada. Me hubiera avisado, yo hubiera ido hasta Correientes (...)*”. O amigo teria viajado sem escrever nada.

Outro ponto a ser observado é que as empresas que atuavam nas obras da região exerciam a função dos correios. Os vapores possuíam essa dinâmica de transportar e entregar mercadorias, inclusive as cartas, aos destinatários. Assim, imagina-se que um vapor atracado no porto era sinal da chegada de correspondências, de pessoas ansiosas por notícias, muitas vezes de além mar. Podendo ser motivo de alegria ou de tristeza. Notícias sobre vida ou sobre morte, de conhecimento e de sentimentos. Nelas ficavam expressos momentos e situações, amores e convivências.

Através da prática de escrever cartas, pode-se conhecer a trajetória individual do personagem, com um percurso que se altera ao longo do tempo, desde a chegada em Misiones na Argentina, passando pelas dificuldades vividas em Yguarazapá no Paraguai, até o deslumbre com a colônia Guilherme Tell e as dificuldades no fim da vida em 1929, no Puerto Bertoni. Também podem mostrar como o mesmo período de uma pessoa é apresentado em tempos com ritmos diversos. Ou seja, o tempo da

casa, o tempo do trabalho, o tempo da pesquisa, o tempo da espera dos vapores com as cartas, o tempo do plantio e o tempo da colheita. Inclusive, o tempo da pesquisa e da ciência. Bertoni constrói identidades para si. E, ao buscar registrar sua vida, apresenta-se muito além daquele pesquisador e cientista. Mostra ser um marido atencioso, pai amoroso, amigo, agricultor preocupado com o manejo da terra, um cientista obstinado com as experiências científicas, um comerciante e exportador de produtos agrícolas, cuja vida foi composta, também e, principalmente, de acontecimentos cotidianos. Um homem que manifestava na palavra escrita os sentimentos de saudades, preocupações, insatisfações, decepções e alegrias. São esses registros que permitem conhecer uma “produção de si”, um Bertoni, no individual, mas que ganha valor ao analisarmos o todo - o contexto. As cartas apresentam a trajetória do personagem, mas também permitem analisar as redes de sociabilidade construídas que transcendem a esfera privada.

Pela rede de relações que Bertoni estabeleceu a partir da e na fronteira, não se considera ele enquanto um personagem anônimo. Como pesquisador, compartilhava e divulgava os resultados de suas pesquisas. Já nas relações familiares, fazia questão, mesmo distante, de se fazer presente, se mantendo informado sobre as atividades que eram realizadas na colônia e orientando para a produção agrícola ou científica que ficava a cargo dos filhos. A prática da escrita era estimulada entre os membros da família. A partir do conjunto de cartas, pode-se visualizar a rede de relações que Bertoni construiu na fronteira, podendo ser apresentada, sucintamente, da seguinte forma: relações familiares, comerciais, científicas, trabalho, de amor e de amizade.

Nas correspondências do século XIX, as formas de tratamento são entendidas enquanto estratégias de polidez, a fim de preservar a própria face e a do outro. Nas cartas enviadas e recebidas por Bertoni, destacam-se as formas de tratamento. O papel carta com o timbre de alguma empresa e a forma de tratamento são recursos que Matos e Grinberg (2004) entendem funcionar enquanto estratégias que vão além da identificação, mas como forma de evitar conflitos. “Assim, é preciso lidar com a preservação pessoal e o modo como se é visto socialmente” (MATOS & GRINBERG, 2004, p. 31). Nos registros consultados, a forma de tratamento já se encarrega de expressar um tom respeitoso ao denominar Bertoni de *Doutor*, acompanhado do sobrenome. Fica expressado como ele era visto no meio político, econômico e intelectual. Nas cartas, que ele remetia, também segue um padrão formal. Mas é nas

cartas endereçadas à família e amigos, com tratamento menos formal e mais amigável, que vemos o Bertoni pai, marido e amigo. Mesmo nessas cartas, ele se posicionava contra ou a favor de algum acontecimento político que influenciava diretamente os rumos da agricultura do Paraguai ou da Europa. Também comentou por carta sobre as correspondências que recebeu.

Mesmo não sendo possível, no âmbito desta investigação, consultar todas as cartas que estão guardadas no Arquivo em Asunción, o quadro, que apresenta as relações de Bertoni, permitiu formular a hipótese inicial de que tais correspondências exerceram um papel importante e fundamental para que se possa questionar as memórias construídas por Bertoni e sobre Bertoni. Seja nas pesquisas científicas, e assim, divulgar e trocar experiências com outros pesquisadores. Seja nas suas relações comerciais, para a exportação dos produtos cultivados na colônia. Ou ainda, para seus contatos na esfera política do Paraguai e da Argentina. Relações essas que geraram discussões sobre os rumos da agricultura do país e sua constante busca por apoio para as publicações, onde registrou os resultados das pesquisas que realizou.

São múltiplas possibilidades de abordagens com esse tipo de documentação que transcende o espaço público, penetrando na intimidade do indivíduo. “Trata-se do lugar da familiaridade, dos sentimentos mais íntimos, na medida que são percebidos como existentes porta adentro” (POSSAS, 2004, p. 260). As cartas trazem uma riqueza no suporte material da mensagem, a linguagem, os códigos sociais e a temática próprios de um tempo e de um lugar, apresentando uma complexidade entre espaço público e privado.

As correspondências de Bertoni ganham importância e destaque como fontes de pesquisa para esta investigação, ao entender que esse tipo de documento possibilita conhecer aspectos que permitem visualizar as relações construídas pelo personagem que ultrapassam a esfera privada. Em vários registros, foi percebido um mesclar do espaço privado com o espaço público. Em uma mesma carta, o tema podia ser pesquisa, mas se aproveitava para dar notícias da família, ficando implícito até o estado sentimental, as constantes queixas quanto às promessas do governo para com as publicações, demonstram um Bertoni inconformado com muitas das situações vividas. Para Possas:

O emissor e o receptor tecem um universo complexo de sociabilidade, uma rede de significados e imagens de grande subjetividade e que

merece ser analisado pela possibilidade de recompor outros aspectos menos formais, de uma realidade (POSSAS, 2004, p. 257-258).

Espantoso ver a variedade de conteúdos das correspondências de Bertoni. Apresentam diferentes relacionamentos, definindo uma complexa rede de sociabilidade. Assim, ao lançar um olhar sobre o conjunto dessas correspondências, mesmo tendo lido apenas uma pequena amostra, é possível questionar sobre o que tais registros podem revelar sobre o mundo do personagem e sobre o mundo da fronteira. Para Silva (2011), esse tipo de registro é capaz de revelar parcelas desconhecidas ou até então invisíveis da história e do mundo social vivenciado pelos interlocutores.

Essa sensação é fortalecida quando o material foge aos rigores institucionais da produção documental, às características seriais e ao formato burocrático, e tem uma origem privada, um caráter pessoal, conferindo a impressão de que se está tomando contato com aspectos muito íntimos da história de seus personagens (SILVA, 2011, p. 341).

Seguindo nessa linha de pensamento, foram selecionados alguns temas presentes nas cartas, sendo organizados alguns itens, apresentados na sequência, de forma que contemplem a comunicação científica, cartas de amor à sua esposa Eugenia, à família, aos amigos e às autoridades políticas. O estudo dessa pequena seleção fornece uma ideia sobre a riqueza da vasta documentação existente sobre o personagem. Muito além disso, esse material permite adentrar nas relações dos personagens à luz da realidade econômica, social e política do Paraguai e da fronteira. Ou seja, são os elementos que Beunza denominou de *Paradigma Relacional*.

3.2 CARTA QUE FALA DAS CARTAS

Muy lentamente van y vienen nuestras cartas...
(Eugenia a Mosés, 1905)

Recorre-se a Gomes (2004) para introduzir esta parte do estudo para ajudar a visualizar um dos pontos a ser retido quando se fala de *cartas que falam das cartas*. Para Angela Castro Gomes, através desses tipos de práticas culturais, escrever cartas, o indivíduo moderno está constituindo uma identidade para si através de seus documentos. Assim, o ponto, portanto, para o entendimento dessas práticas

culturais é a emergência histórica dos personagens interlocutores nas sociedades ocidentais.

As sociedades modernas, nessa acepção, são individualistas porque se consagram tendo por base um contrato político-social que reconhece todos os indivíduos como livres e iguais, postulando sua autonomia (...) para um novo tipo de interesse sobre esse “eu moderno”. Uma ideia que confere à vida individual uma importância até então desconhecida, tornando-a matéria digna de ser narrada como uma história que pode sobreviver na memória de si e dos outros. É esse o sentido da feliz observação de Levillain, quando assinala que, se o ato de escrever sobre vidas é muito antigo, a ideia de que a vida é uma história é bem mais recente. E é esse fundamento que está na base do que se considera a escrita biográfica e autobiográfica (GOMES, 2004, p. 12).

Entende-se que é aí que reside a necessidade de Bertoni preservar, arquivar o conjunto de cartas que remetia e recebia. Documentando suas vivências, visões de mundo, sentimentos e suas relações com outros personagens. Além disso, apresentando um espaço, por muito tempo entendido e concebido como isolado, vazio. Mas a documentação apresentava um ambiente enquanto lugar vivo, onde as pessoas e ideias circulavam, seja de vapores, nas picadas ou pelas cartas.

Em vários momentos, Bertoni escreveu referindo-se às correspondências enviadas, ansioso na espera das mesmas e das respostas e notícias recebidas. Em uma das cartas remetida a Eugenia, fez um pedido especial.

Dedica una parte de tu tiempo a poner en orden aquella correspondencia, preciosa reliquia, testimonio sin igual, que debemos conservar como objeto sagrado, pues lo es, si algo sagrado hay. Será un nuevo e indecible placer y un deber cumplido (BERTONI, 1922a).

Essas palavras demonstram o valor que Bertoni atribuía às cartas. Também manifestam a necessidade da preservação, elevando as mesmas a uma categoria documental, tendo uma preocupação em registrar, preservar, organizar e arquivar. Por outro lado, deixou nítida a importância às relações com os remetentes, em difundir os conhecimentos adquiridos a partir de suas pesquisas, principalmente agrícolas e sobre a sociedade Guarani. Não eram cartas que traziam ou levavam somente notícias, mas estavam cheias de informações sobre o contexto em que foram escritas. Bertoni chamava as correspondências de *Relíquias Preciosas* e *Objetos Sagrados*, indicando, assim, o valor atribuído às mesmas. Pois, nas cartas remetidas,

principalmente a familiares, observou-se que concebia as mesmas como instrumento de registro de suas viagens e outros feitos, até como notas fiscais de produtos vendidos e adquiridos, valores a receber e a pagar, entre outros.

Ao solicitar para Eugenia que arquivasse as cartas, deixou evidente o papel e o espaço que elas ocupavam na relação conjugal, pois a ela confiava tais relíquias. Escrever uma carta para falar de cartas não é algo que se considera corriqueiro. Mas escrita por Bertoni, não surpreende. Ele não era um remetente “qualquer”, podendo entrar na categoria de “escritor de cartas”. Pois elas não eram só comunicação, nem mesmo somente informação, tampouco fonte de notícias. As correspondências dele ultrapassam o nosso entendimento do que era escrever cartas naquele período. Era um ato sagrado, cerimonioso, uma prática cultural, uma ação que fazia parte do ato de ser Bertoni. Era registro de uma época, o que fazia ele ser diferente, incomum. Escrever cartas é elevado a um patamar que ganha destaque para a permanência vivencial das ações do personagem na fronteira.

Esta correspondência para a esposa permite, pois, entender o significado das cartas para Bertoni. Também que o ato de se comunicar por cartas, na fronteira, era um ato cerimonioso. Seja manifesto pelas formas pronominais de tratamento em tom de formalidade adotadas na escrita, seja pela espera dos vapores que atracavam no Porto Bertoni, que levavam e traziam as notícias.

Conhecendo o caminho que liga o rio Paraná à casa, hoje Museu Bertoni, fica fácil imaginar o trajeto que era percorrido na estreita trilha que dava esse acesso. Bertoni, através da pequena janela de seu escritório, podia assistir à movimentação da embarcação. Era a esposa que separava e distribuía as correspondências. Bertoni ansioso, logo que recebia o feixe envelopado, selecionava o que seria lido por primeiro. Tanto o ato de escrever cartas, como o de ler, envolvia a capacidade de expor, em palavras, opiniões, queixas, satisfações, encantos e as esperanças.

Mostrou-se que a prática de escrever cartas fazia parte do cotidiano do personagem e de sua família. Também, a preocupação que tinha em arquivar todo esse material, o que nos leva a refletir sobre a importância que ele próprio dava aos seus registros que documentam seus feitos e que poderiam no futuro lhe conferir a importância que considerava ter.

3.3 AS CARTAS PARA EUGENIA

Entre as cartas que escreveu, Bertoni deixou manifesto seu amor à vida, à natureza e seus encantos. Falou do cheiro da terra, do verde das matas, das águas, da sociedade Guarani, da ciência. Também expressou amor ao Paraguai, que muitas vezes o inspirou para os versos que cantou. A partir das correspondências enviadas para sua esposa Eugenia³⁷, fala-se desse ato de amar, em expressar através da escrita o que sentia. Bertoni não media as palavras quando se declarava, ao ponto de confessar, ainda na Suíça, ter tido pensamentos suicidas por sofrer pela distância da amada.

Adorata mia Eugenia! Eugenia querida! Mi querida esposa! Adorata Esposa...

Era com palavras assim que Bertoni iniciava as extensas cartas para sua amada. Em *L'Arca di Mosè*, Baratti e Candolfi dedicaram uma parte da obra às cartas para Eugenia. As primeiras correspondências conservadas de Bertoni fazem referência ao ano de 1874-75, ele com 17-18 anos. Cerca de cinquenta, falam de amor, escritas em italiano. Naquele período, ele estudava em Lugano, longe de Eugenia Russetti, que morava em Biasca. Dominado pela paixão, escrevia praticamente todos as semanas. Para se ter uma noção do conteúdo delas, reproduziu-se aqui alguns trechos que foram traduzidos, onde o jovem Bertoni manifestou seus sentimentos mais profundos.

Quão sublime é sua linguagem, minha doce Eugenia, como nobre relaciona a grandeza e a bondade do seu coração! (...) Devo tudo a você, minha amada, pois sem o fôlego do seu amor, repito, o espírito e minha mente ficariam lânguidos (...) Criatura divina incomparável! Quanto eu amo o seu amor? Não posso expressar para você quão querida és (...), como isso a torna mil vezes maior, mil vezes mais móvel, meu anjo! Oh! Se eu quisesse expressar o quanto a admiro, certamente sentirei falta das palavras; mas é suficiente para você que, ao adorar quanta força e veneração tenho em meu coração, consagra a minha vida à tua. Sim, querida, eu vivo apenas para você, minha existência está toda em você (...). Mas que futuro nos espera. Seu amor é puro e sublime (...); o show da vida vai querer nos amar. A ansiedade não conhecerá nosso coração, e seus lábios divinos serão eternamente tocados pelo sorriso da mais pura e completa felicidade. Trabalhando com seu guia, grande coração, a nuvem obscurecerá até

³⁷ Eugenia Russetti nasceu em 1856 em Biasca, uma aldeia de 700 habitantes, situada ao lado da via de trânsito de San Gotardo, entre os Vales de Blenio e Leventina. Ali terminou, em 1872 a escola feminina. O que significava uma formação muito respeitada. Mais tarde Eugenia muda-se para Lottinga, na casa dos pais de Bertoni. Como ajudou na farmácia de seu país, adquiriu certos conhecimentos para preparação de medicamentos que foram úteis na América do Sul. Era encarregada, junto com sua sogra, dos cultivos experimentais e das observações meteorológicas de Bertoni.

o horizonte fraco da felicidade. Oh, como nos abraçaremos Eugenia (...), cercados por tudo o que passa para ajudar a nos fazer felizes, invejados por quem vai vê-lo, eu sou um, eu vou viver em uma vida! Quanto você merece ser feliz (...). Envio a você um ensaio recente do ateuista Büchner, que hoje acolhe toda a Europa. Nele você aprenderá as principais refutações às provas absurdas da inexistência de Deus, e como um coração que sente as necessidades da humanidade e que duvido que um coração bom e móvel como o seu, capaz de todo grande sentimento, se conforme com essas ideias. Ora a Deus, minha querida Eugenia, despeço-me ternamente, receba mil beijos de seu eternamente Moisés (BARATTI & CANDOLFI, 2019, p. 191).³⁸

A indicação de leitura que Bertoni fez à Eugenia diz respeito ao livro *Força e Matéria*, de Ludwig Büchner. Foi médico e filósofo naturalista, publicou em 1855 a obra com 21 edições, com numerosa tradução que se espalhou por toda Europa. Essa referência permite conhecer um pouco sobre as leituras que Bertoni fazia na sua juventude e sobre suas concepções.

Entre as palavras cheias de amor, Bertoni escrevia sobre outra paixão – seus estudos. Era admirado por Eugenia que refletia sobre as ambições científicas que o amado cultivava desde a juventude. Era para ela que ele confiava seus sonhos mais íntimos.

Naquele período, ainda na Suíça, voltou suas energias ao observatório meteorológico. A partir de 1877, o governo Ticiniense o reconhece e liberou um subsídio para seu funcionamento (BARATTI & CANDOLFI, 2019, p. 35). Levando seus estudos em Genebra, distante de Eugenia, Bertoni escrevia cheio de saudades, declarando que somente os estudos poderiam acalmar seu coração:

Una das cosas que contribuirán a calmar mi corazón son mis estudios, el placer de poder seguir finalmente los cursos de la ciência que prefiro. Actualmente estudio Física, Química Inorgánica, Mineralogía, Fisiología Botánica (Thury), Zoología (Yung), Anatomía Comparada (Vogt). He comenzado el laboratorio de Zoología; allí trabajo todos los días con el microscópio en la investigación de animales y de plantas marinas microscópicas que debemos buscar nosotros mismos en el fango y el agua de mar traído en grandes recipientes (BERTONI, 1879).

Como se vê, o conjunto de correspondências enviadas a Eugenia, ainda na Suíça, apresentam diferentes assuntos. Discutiam sobre a realidade da Europa,

³⁸ Tradução livre realizado pela autora.

manifestando seus sentimentos em relação a sua pátria. Em uma das cartas, já casado com Eugenia, comunicou que partiriam rumo à América do Sul.

Deu início, assim, à preparação do projeto para a migração e a organização das futuras atividades agrícolas. Apresentou o projeto para alguns colonos, com os quais fundaria uma colônia tendo como base os preceitos anarquistas. Para Baratti e Candolfi, as citações de Bertoni quanto a tais preceitos eram vagos e genéricos: *“la aspiración a una sociedad más justa y más humana – y eso basta. No va más allá en la profundización del pensamiento anarquista”* (BARRATI & CANDOLFI, 2019, p. 40). Para a migração, Bertoni elaborou uma lista de 1000 espécies de sementes que recebeu de várias partes do mundo, para serem plantadas em seu jardim de aclimatação na nova pátria.

As correspondências trocadas com a esposa, já na América, somam um conjunto considerável. Documentação que daria uma pesquisa à parte. Nesse sentido, este item limitou-se à leitura de algumas cartas e à verificação de quais os assuntos mais recorrentes. Tais cartas nos mostram que o teor delas, principalmente quando já viviam no Paraguai, havia modificado. Os assuntos giravam em torno de notícias de família, saúde das crianças, de atividades agrícolas e de pesquisas que ficavam a cargo dos filhos durante os longos períodos de ausência de Bertoni. Empreendeu várias expedições para conhecer o território da fronteira e interior do Paraguai. Realizou viagens para participar de congressos com o objetivo de apresentar e divulgar suas pesquisas. Ausentou-se durante o período em que dirigiu a Escola Agrícola em Asunción. Com suas palavras, procurava acalmar o coração de Eugenia, que se queixava constantemente da falta do marido.

Figura 11 - Eugênia e Moisés Bertoni em 1913.



Fonte: E. Nessi, Assunción.

Nas longas cartas que escrevia nas várias ocasiões em que viajou para apresentar suas pesquisas em congressos, o que chama a atenção é a exposição sobre os embates que sofria nas apresentações, visto algumas oposições sobre as suas abordagens científicas. Contava para Eugenia sobre como se saíra nas suas apresentações e dos aplausos que recebia. As críticas que recebia eram expressadas por palavras como: inimigos querem me derrubar, eu prosperarei, a verdade vencerá, dizendo que se superou no discurso que proferiu, fala dos elogios que recebeu: *“Ah, mi Eugenia, que hubiera yo deseado que presenciaras y estuvieras a mi lado en esse momento!”* (BERTONI, 1913a).

Em fevereiro de 1904, Bertoni escreveu, na ocasião em que Eugenia viajou para Asunción. Em suas palavras expressa felicidade – Manifesta satisfação de estar de volta ao lar, depois da temporada que passou na direção da Escola Agrícola na capital, parece estar vivendo uma das melhores fases de Puerto Bertoni:

Mi querida esposa! Aqui todos bien, Yo em particular. El género de vida que hago es un ideal. Em 7 días aumente 1 1/2 kg de peso y 4 kg de fuerza en el dinamómetro³⁹. He pasado estos nueve días sin ocuparme del mundo externo (...) trabajo tranquilo, muy activo muy sano, mui halagador por resultados que se ven o se anuncian. Regime alimentar a mi gusto; pocas carnes, muchos frutos, comida vegetal preparada por mano maestra, inmejorable. Desayuno y Goûter de fruta: hay abundancia de higos, uva y piñas; la uva dió mucho y maduro perfectamnete; he podido comer la uva americana que tanto me gusta en Europa, es la misma variedad. Bananas, por supuesto, riquísimas. Y después, la buena compañía (...). Aquí se vive tranquilo y alegre a pesar de todo. Sí, este va a ser el año de los grandes arreglos. Es tempo. Lo que estamos haciendo ya es absurdo. Dios nos há mandado pan, y ni tenemos la desculpa de no tener dientes (Bertoni à Eugenia, 2 de fevereiro, 1904).

O que chama a atenção foi a descrição que Bertoni fez sobre a sua alimentação, de seu estado nutricional. Em uma das cartas enviada para a Europa, quando residia em Santa Ana, na Argentina, informou que a família passava por todo tipo de restrições. Dificuldades que obrigaram a família a abandonar a região de Misiones. Esta escrita, também observada em outras cartas, mostra a gradual mudança que Bertoni foi adquirindo ao longo dos anos, a adesão a uma alimentação vegetariana.

Nos estudos de Baratti e Candolfi, não está evidente como Bertoni teria ficado adepto do regime vegetariano. Parece ter chegado gradualmente, sem nenhuma justificativa ideológica. Na obra *Civilização Guarani*, destacou que *“todos los pueblos de esa raza eran más o menos vegetarianos y algunos lo eran en absoluto”* e que *“a alimentación Guarani resulta en todo conforme con los últimos dictados e la ciência”* (III, p. 61-67). Essa mudança alimentar veio acompanhada de uma adesão ao espiritualismo, os registros datam do ano de 1917. Se inscreveu na revista *La Nota Espiritista* e escreveu a busca espiritista como *“a mais transcendente de las ciências”* (BARATTI e CANDOLFI, 2019, p. 97).

Parece que Bertoni buscava novas certezas que substituíam aquelas *“destrozadas por la evolucion del pensamiento científico, los acontecimientos históricos y la muerte de su hijo. Las encuentra en el espiritismo y en el cristianismo”* (BARATTI & CANDOLFI, 2019, p. 97). Pelo que parece, o que Bertoni buscava na fronteira foi sendo alterado ao longo do tempo. No início, projetou a organização de uma colônia

³⁹ Moisés Bertoni media sua força em uma agenda desde 1882, juntamente a indicação da dieta vegetariana (BARATTI & CANDOLFI, 2019, p. 224).

autossustentável. No final de sua vida, sua busca se limitou a uma certa paz de espírito ao lado da esposa.

A relação afetiva entre o casal só é possível conhecer a partir das inúmeras cartas trocadas entre ambos. Nos momentos mais difíceis, Eugenia deixava escapar o descontentamento em estar onde estava, talvez na América do Sul: *“No estoy de ningún modo de acuerdo en estar en este lugar, y tampoco en llamarlo mi patria”* (17 de julho de 1886, Apud BARATTI & CANDOLFI, 2019, p. 107).

Não é intenção realizar uma discussão em torno da satisfação de Eugenia em viver na América do Sul, mas este indício é instigante e pode render futuras pesquisas, enquanto companheira nos projetos do esposo, questionando sobretudo, sobre seus próprios anseios e sonhos. Os indícios apontam para uma mulher que viveu em função dos projetos de Bertoni, tanto referente à construção de uma grande família como das atividades científicas. Dando suporte às atividades, principalmente nos longos períodos em que Bertoni esteve ausente. Uma mulher que colocou as realizações do marido acima de tudo. Acredita-se que a análise das cartas que Eugenia escreveu ao marido possam conter elementos que dão suporte a outras reflexões sobre a relação entre ambos e a sua posição quanto às ambições, persistências e teimosias do marido.

Moisés Bertoni se referia à esposa como sendo seu “anjo protetor”, pois o acompanhou em todas as decisões. Quando ausente, informava sobre as correspondências, se dedicando à educação dos filhos em levar adiante a “grande obra”. Baratti e Candolfi identificaram que, a partir do ano de 1926, a saúde de Eugenia se fragilizava, tanto física como psicológica. As tensões e incompreensões com Bertoni se intensificavam, a ponto de não aceitar tratamento. Fez breves viagens para a casa do filho Reto, em *Encarnación*, onde morreu em 24 de agosto de 1929, três semanas antes da morte de Bertoni. Cabe enfatizar que Eugênia faleceu na ausência de Bertoni e que este morreu poucas semanas após a perda da esposa. Mistérios da vida.

A partir das cartas trocadas entre o casal, é possível adentrar no mundo mais íntimo do personagem. As inúmeras cartas trocadas entre os dois revelam vivências na esfera do privado, mas que mantinha constante relação com o espaço público. A partir de tais correspondências, é possível adentrar em diversos assuntos, como estado emocional, trabalho, pesquisa, relatos de viagens, esfera política e

econômica, questões voltadas ao ambiente físico, muita chuva ou muita seca, compra e venda de produtos. Era a esfera pública adentrando o espaço do privado.

3.4 EM FAMÍLIA

As correspondências do grupo familiar estão organizadas por ordem cronológica no arquivo e se configuram em um número significativo, incluindo familiares da Europa, pai, sogro, irmãos, esposa, filhos, genros, sobrinhos, netos. As trocas de cartas entre familiares consultadas são as que se encontram destacadas na biografia de Baratti e Candolfi (1994, 1999); Ramella (1985) e Schrembs (1984), visto que parte desses documentos estão no arquivo na Suíça.⁴⁰

No espaço privado, o vínculo familiar (entendido como o conjunto de laços de sangue) eram laços mais imediatos. A partir do conjunto de cartas trocadas entre os membros familiares, para um melhor entendimento, o tema a família foi organizado em grupos: 1 - laços de sangue, a partir das cartas trocadas entre os filhos, manifestações de carinho, cuidado e orientações para os trabalhos em Puerto Bertoni. Também está latente um forte poder estruturante. As relações afetivas se vinculavam enquanto uma comunidade familiar de interesses, pois os membros da grande família, tão sonhada por Bertoni, cultivavam o trabalho em equipe nas atividades comuns, principalmente nas pesquisas e na manutenção da lavoura em Puerto Bertoni. 2 - Família como relação afetiva, sem vínculos de sangue: noras, genros, compadres, afiliados, relação com os guaranis, entre outros. 3 - A casa como lugar, residência comum.

A casa de Puerto Bertoni como um corpo social, com um regime de governo próprio. Cada personagem que nela vivia tinha suas funções. Romina (2009, p. 15) mostra que no Antigo Regime *“Era la casa donde todos estos sujetos podían considerarse como el amplio grupo doméstico que integraban esta forma de organización social de mentalidad señorial, obedeciendo al padre y señor, que la consolidaba como símbolo de dominio”*. Esse modelo era assumido por Bertoni, que buscava também estruturar a comunidade local. Esse corpo social era, ao mesmo tempo, um conjunto material e humano e uma unidade de trabalho, de produção e de

⁴⁰ <http://www.mosebertoni.ch/index.php?m=6&s=1>

consumo. Assim sendo, a família não era somente um conjunto de indivíduos que se vinculam por laços de sangue, mas entendida como uma rede de relações sendo construídas no Paraguai, naquele período. A fotografia em frente à casa em Puerto Bertoni, na ocasião da visita do presidente Edoardo Schaerer, apresentada no segundo capítulo desta pesquisa, demonstra essa busca por unidade para o país, aos moldes de uma grande família.

Nas cartas trocadas entre a família, a informalidade prevalecia, Bertoni sempre querendo saber como todos estavam e sobre o andamento dos trabalhos. Ele, por sua vez, contava detalhes de suas experiências e descrevia suas vivências. Aproveitava e orientava os filhos em suas atividades, inclusive científicas. Nas cartas que recebia, era informado em detalhes dos acontecimentos de pesquisa e assuntos familiares, das últimas cartas recebidas e das visitas que chegavam em Puerto Bertoni. Mesmo Bertoni não estando constantemente presente na casa grande, como chamava sua residência, observou-se que ele era o elemento central nas atividades desenvolvidas.

Os assuntos recorrentes entre Bertoni e os filhos, principalmente no período em que permaneceu em Asunción na direção do Colégio Agrícola, ou em suas viagens para conhecer a região ou para participar dos congressos, referem-se às experiências científicas, descrições de suas viagens, produção agrícola e a venda dos produtos, que ficava a cargo dos filhos.

As longas cartas de família trazem temas diversos. Com o irmão Brenno, que permaneceu na Suíça, os assuntos tratados eram os mais variados. Nos primeiros anos, Bertoni dedicava-se a descrever a flora e a fauna, questões políticas e econômicas da Argentina e depois do Paraguai. Noticiava sobre seus projetos, suas aventuras e desventuras. Nas cartas que recebia, era informado sobre o contexto europeu.

Em março de 1927, depois de uma viagem de cinco meses (local não indicado nas fontes), Bertoni voltou e encontrou três cartas do irmão escritas em dezembro de 1926. A partir da resposta de Brenno, verificou-se que o assunto colonização ainda estava em voga, pelo menos para o irmão, que tinha intenções de apoiar tal projeto com uma intervenção junto ao governo federal de Berna da Suíça.

Bertoni atualizou o irmão sobre a questão da erva-mate, sua comercialização e as precárias condições de transporte. Disse que: *“El principal ferrocarril del Paraguay*

está tan mal de dinero, que no puede tener vagones suficientes pra el trafico, ni mejorar la línea” (BERTONI, 1927).

Na mesma carta, fez referência provavelmente a Domingo Barthes quando disse: *“La compañía más poderosa del Alto Paraná (400 leguas de tierra!!) propietaria de vários estabelecimentos forestales, no puede siempre pagar la tripulación de si único vapor” (BERTONI, 1927).*

A carta prossegue procurando apresentar a real situação do Paraguai. Parece que Bertoni se empenhava na tentativa de apresentar a realidade do País, dificultando qualquer retomada para colonização do irmão. Assim segue dizendo:

El Gobierno navega siempre em aguas igualmente difíciles. El Paraguay es un país naturalmente rico y economicamente pobre. Las causas, falta de crédito externo e interno, falta de organización, falta de estabilidad y falta de independencia. La causa de las causas: la política de partido y la política internacional. Doble capítulo que sería interminable, pues solamente me comprendería quien há visto y vivido esto, y conoce las realidades que las aparências encumbren (BERTONI, 1927).

Nesta carta que escreveu ao irmão Brenno e em muitas outras, apontava para os problemas do Paraguai, segundo ele, relacionados à política e à economia do país. Principalmente assuntos que possuem uma relação direta com suas necessidades, a falta de apoio tão solicitado para empreender suas pesquisas e publicações.

Outro ponto observado, nas cartas que enviava aos familiares, é que escrevia sobre o mesmo assunto para vários membros da família, mas com abordagens diferentes. Às vezes, indicava os nomes das pessoas que também deveriam ler a mesma carta. Um exemplo é a correspondência que enviou para a sua nora Angelica, na ocasião da participação do congresso científico em 1922. Nela, relatou sobre as belezas do Rio de Janeiro identificando elementos sobre a identidade do povo brasileiro, já mencionada no capítulo anterior. O mesmo assunto aparece na carta que enviou ao seu filho *Guilherme Tell*, onde relata o seguinte:

Pues, en palabras, te diré que acabo de hacer el viaje más bello, más placentero, más interesante e impresionante de mi vida, y el que más influencia ejercerá sobre mi viver y pensar, después del de venida a América!! Vuelto encantado, entusiasmado, y sobre todo, enamorado. Esto será criticable en un hombre de ciencia, que debe temer los entusiasmos y el enamorase; pero em mí, es el resultado lógico, natural e imperioso del estudio más atento y minucioso y del examen más frio e imparcial. Así es que me abandono sin

remordimientos ni temores a las dulcemargas 'saudades' del que acaba de contemplar el más hermoso lugar del mundo, y viver con el Pueblo más fino y naturalmente culto, más profundamente buno y más elevadamente espiritual (BERTONI, 1922b).

Nas duas cartas em que escreveu sobre suas impressões do Rio de Janeiro, tanto para o filho como para a nora, percebe-se um Bertoni detalhista na descrição minuciosa das suas impressões e sentimentos. A diferença entre ambas as escritas é que, para Angelica, se limitou a descrever o que via sobre as belezas do Rio. Já para o filho contou sobre contatos que fez e o que representou a sua participação no congresso, bem como a sua indignação quando o assunto era a publicação de suas obras, que todos acreditavam ter recebido apoio do governo paraguaio. Realizou o seguinte comentário ao filho Tell:

Y cuando estoy en la perturbable tortura de ver todo eso, tengo que oír los viajeros que me felicitan por el terreno que el gobierno me regalo, y me preguntan a cuanto monta la subvención mensual que eso gobierno me paga, creyendo alguno que alcanza a 100.000 pesos anuales, según afirman haberles dicho un ex presidente, y creyendo los más (casi todos) que nuestras publicaciones son oficiales... Ya no aguanto más; ya es imposible, y ahora, cuando así me selen, escupo la verdade, nunca toda, pero a veces brutalmente, exasperado, pues esto es insoportable, y tanto más irritante, que por más que diga, la leyenda no tiene ningun viso de disiparse (BERTONI, 1922b).

Parece que este assunto das publicações era algo que perturbava constantemente Bertoni, a sensação de que ninguém tinha conhecimento da falta de apoio do governo do Paraguai para a realização de suas pesquisas e para a publicação de suas obras.

Os trechos de cartas apresentados servem para expor sobre a complexidade de assuntos tratados, apresentam um olhar de Bertoni sobre o contexto em que vivia. Eram alegrias e descontentamentos. Nesse sentido, as cartas de família trazem elementos que possibilitam uma leitura que ultrapassa a esfera privada. Se apresentam enquanto documentação que traz informações, sobretudo do contexto, que em outras leituras nem sempre podem ser visualizadas.

Ao lançar um olhar para o conjunto das cartas de família, de uma forma geral, visualizam-se inúmeras possibilidades de pesquisas e abordagens, que aqui não se teve a intenção de seguir, apenas apresentar brevemente a esfera do privado que dialoga com o espaço público. É a partir das cartas de família que se visualiza com

mais facilidade, o homem Bertoni, o pai e esposo. É por tais correspondências que se pode observar a “escrita de si”. Gomes (2004), ao escrever sobre o assunto:

A escrita de si assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela a “sua verdade”. (...) O que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Isto é, o documento não trata de “dizer o que houve”, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento (GOMES, 2004, p. 14).

O trabalho com esse tipo de documentação deve levar em conta determinadas características próprias da “escrita de si”, as relações do texto com quem o escreve, seus objetivos e perspectivas na construção voluntária ou involuntária do eu. Por outro lado, trata-se de uma escrita que envolve não somente o indivíduo “autor” da carta, mas também a relação que se estabelece com o “receptor”, a quem ele se dirige, ou de quem a recebe. Ou seja, as relações entre os interlocutores.

O conjunto de correspondências que foi estudado para esta pesquisa, dentre o grande número de cartas trocadas entre a família de Bertoni, preservadas no *Archivo Nacional de Asunción* e em arquivo na Suíça, é possível perceber os vários momentos vividos por Bertoni. Passando de fases de entusiasmo a momentos de recolhimento, tristezas, desilusões, mudanças dos hábitos.

O estilo de escrita de Bertoni manifesta-se por palavras enfáticas, por vezes exageradas, de forma que manifestasse seus sentimentos e que pudesse gerar um certo convencimento no leitor. Dava atenção aos detalhes, fazendo descrição minuciosa do que sentia e do que via.

3.5 RELAÇÕES COMERCIAIS NA FRONTEIRA

As percepções sobre as relações comerciais de Bertoni com empresas argentinas que atuaram na extração de erva-mate e de madeira é o enfoque deste ponto. Na ocasião da visita ao *Archivo Nacional de Asunción*, constatou-se um número

significativo de correspondências dos *obrajeros* Domingo Barthe⁴¹ e Nuñez y Gibaja⁴² enviadas a Bertoni desde os tempos de Yguarazapá, no Paraguai, a partir do ano de 1894. Após uma rápida leitura superficial, constatou-se que o assunto mais tratado era sobre compra e venda de erva-mate. Tais registros chamaram a atenção, pois acredita-se ser possível verificar a rede de relações em torno da comercialização do produto que acontecia na região, no final do século XIX. Como o número de correspondências é relativamente grande, optou-se, para esta investigação, deter-se somente em algumas cartas remetidas por Domingo Barthe.

Bertoni deixou registrado seu interesse pela erva-mate em vários momentos de sua trajetória. E, no ano de 1926, publicou o resultado de suas pesquisas no livro *Problemas Y puntos críticos la plantacion, cultivo y elaboracion de la yerba mate del Paraguay (Ilex paraguariensis)*. A obra, além de ser o resultado de anos de pesquisa, também apresenta sua experiência no cultivo e comercialização desta mercadoria. Experiência iniciada a partir das pesquisas que desenvolveu ainda na Europa, mas que se efetivou quando se dedicou enquanto produtor e vendedor deste produto nativo, na Argentina, depois em Yguarazapá no Paraguai, dando continuidade em Puerto Bertoni. Na abertura da obra ele declara:

Ninguna plantación, ningún cultivo moderno presenta tantos puntos obscuro o fuertemente discutidos, como el de la yerba mate. Ninguno tampoco le excede en importancia para estas regiones. Ninguna de las plantaciones actuales ofrece mayores probabilidades de extensión en el provenir y de demanda en el mundo. Pero pocos serán los que todavía presenten tantos problemas (...) Por ahora, es negocio plantar yerba de cualquier manera y de cualquier clase, y producir cualquier cosa que pueda clasificar de yerba mate y no repugnar ni daños al consumidor. La demanda es grande, los precios son altos y

⁴¹ “Los Orígenes del empresario Domingo Barthe son controvertidos y hasta contradictorios según las fuentes que lo mencionen (...) una publicación conmemorativa redactada por Juega Farrulla en 1944 titulaba: 25 aniversario del fallecimiento de Domingo Barthe, Pionner de la colonización del Alto Paraná, afirmaba que su procedência era del país vasco-francés y situaba su nacimiento en el año 1853”. Alcaráz, Alberto Daniel. *La Empresa Domingo Barthe: Extractivismo Yeratero-Maderero en la Frontera Alto Paranaense 1870-1830*. 1 ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Pometeo Libros, 2018. p, 113.

⁴² “Em 1905, Júlio Nuñez e Lázaro Gibaja (argentinos) ocuparam as obrages que correspondiam aos atuais municípios de Cascavel, Cafelândia, Corbélia e periféricos menores que em parte correspondiam aos pousos Guajuvira, 1º de Outubro, Arroio Grande, Palmito, Pouso Feio, Toledo e a Gleba Lopey (sede administrativa), com o objetivo de explorar ervais nativos. A Nuñez y Gibaja possuía vapor para navegação de Posadas-ARG até o alto Rio Paraná, 50 a 60 km abaixo das Sete Quedas/Guaíra”. VENDRELL, Belarmina Benítez de. *De Europa a Misiones: fuentes para el estudio de la inmigración*. World Library and Information Congress: 70th IFLA General Conference and Council 22-27 August 2004 Buenos Aires, Argentina Programme: <http://www.ifla.org/IV/ifla70/prog04.htm>

firmes, la planta no tiene inimigos serios, el público americano no es exigente (BERTONI, 1926, p. 03).

Bertoni demonstrou preocupação em apresentar o estudo minucioso da planta, desde o clima, terreno, variedades, plantação, adubação, poda, época do corte, processo de beneficiamento, rendimento médio por planta e efeitos estimulantes que a erva causa no organismo de quem a consome, mercado consumidor. Também, realizou uma estimativa da duração da produção, projetando que em 40 ou 50 anos seria certa uma diminuição, sendo substituída por outras plantas agrícolas. E alertava o agricultor:

De manera que nada debe ser tomado en un sentido absoluto; tiene presente además, que en estas cuestiones no hay quien no se pise, y el más docto será el que haya cometido el menor número de errores (BERTONI, 1926, p. 03).

Essa constatação, que Bertoni realizou, foi a partir de um estudo que identificou as regiões que produziam a erva-mate, considerando os pontos fracos e fortes de cada local, referentes à qualidade do produto, teor de *mateína* encontrada na erva, que dependeria em grande parte do calor e do frio, bem como o público consumidor que, segundo ele, ficava limitado à América Latina.

Segundo suas análises, a erva-mate extraída do campo, denominada de “erva selvagem”, sempre foi mais estimada do que a erva cultivada pelos agricultores, mas diz não ter realizado nenhum estudo para comprovar se os produtos das melhores marcas de exportação eram de plantas extraídas da mata. Mas afirma que a qualidade não estaria somente no manejo, como por exemplo, se a secagem das folhas é de forma direta ou indireta, e sim no cuidado no plantio, tipo de solo, adubação e luz do sol.

Mas Bertoni, além de plantar e pesquisar a erva-mate, também a comercializava. Na pesquisa, foram identificadas correspondências referentes à venda do produto. A constatação de que mantinha negócios com Domingo Barthe está registrada em cartas que ele recebeu. As correspondências datam a partir do ano de 1894, período em que ainda residia na colônia de Yaguarazapá, seguindo com a negociação após mudar-se para Puerto Bertoni. As cartas revelam as relações comerciais entre os personagens. Embora não tenha encontrado e tido contato com as correspondências remetidas por Bertoni ao obragero Barthe, é possível construir

um quadro de comunicação entre os interlocutores. Verificou-se que, na maior parte, são respostas, sendo possível, portanto, criar hipóteses sobre o que Bertoni solicitava. Por outro lado, também fornecem elementos para identificar como eram realizadas as negociações. Tanto Domingo Barthe, como Nuñes & Gibaja eram exigentes com a qualidade do produto, não admitiam prejuízos nas negociações.

O contexto de exploração e comércio da erva-mate, tem sua história marcada a partir do poder de uma “Elite Local”, estudo realizado e apresentado por Alcaráz (2018). Tendo início nos anos que sucederam à Guerra da Tríplice Aliança. Foi esse período que possibilitou a construção de um novo panorama econômico, de navegação e transporte.

El nuevo panorama promovió un clima de actividad económica que fomentó la navegación fluvial, el comercio y el transporte cuyo epicentro fue el pueblo de Trincheras de San José que vio el incremento de la construcción de casas y edificios de material junto a la formación, en los alrededores de establecimientos ganaderos que surtían a los puertos obrajeros del Alto Paraná. En previsión de ese promiso futuro económico, la edificación de muchos comercios en los primeros años de posguerra buscó las cercanías del improvisado puerto sobre la barranca del río porque al calor de la explotación yerbatera tales espacios serían los más propicios para acceder rápidamente a la principal vía de comunicación y transporte. Una vez reconfiguradas las nuevas relaciones capitalistas de producción entre las naciones que compartían el espacio económico del Alto Paraná también se consolidaron nuevas rutas de navegación, picadas y obrajes indistintamente, tanto en la costa argentina como en la paraguaya y brasileña. El espacio que comenzaba a abrirse contaba con financistas públicos como las entidades Estatales preocupadas en demarcar las nuevas fronteras y también con agentes privados que exploraban la zona en una constante búsqueda de yerba mate (ALCARÁZ, 2018, p. 48-49).

Nos anos que se seguiram, foi incrementada, pela elite formada em Posadas, na Argentina, uma forte influência comercial que cobriu um espaço de atuação que envolveu os três países da bacia do Alto Paraná. Alcaráz reserva um espaço na obra, no qual se dedicou à exploração dos peões que trabalhavam nas obrages, assunto que também pode ser visto no filme *Las aguas bajan turbias*, produzido pelo argentino Hugo del Carril em 1952. Produção que é uma adaptação do romance *El río oscuro, la aventura de los yerbales vírgenes* de Alfredo Varela, editado no ano de 1946. Tanto o texto fílmico, como o texto literário, podem ser entendidos enquanto um lugar de mensagem que interpreta as condições de trabalho nas obrages, vivenciadas na região do Alto Paraná. Embora as produções apresentem diferentes concepções sobre o

trabalho dos *mensus* nos ervais, o núcleo temático é o mesmo, permitindo adentrar nas condições desumanas de trabalho nas obrages, tendo o rio Paraná como protagonista da trama.

As produções permitem refletir sobre múltiplos aspectos: o contexto histórico da Argentina, que traz uma orientação ideológica do período em que foram produzidas; como mecanismos que difundem valores culturais e condutas em uma sociedade; e sobre os vínculos que se estabeleciam entre o campo político e o social.

Barret (1908) traduz a difícil realidade dos *mensus* quando escreveu:

Escundiñad bajo la selva; descubriréis un fardo que camina. Mirad bajo el fardo; dscrubriréis una criatura agobiada en que se van borrando los rasgos de su especie. Aquello no es ya un hombre, é todavía un peón yerbatero (BARRET, 1908, s/p).

Essa realidade discutida, apresentada e representada em tais produções, muito provavelmente que Bertoni a tenha vivenciado. Como pesquisador, estudou a planta em vários aspectos, como proprietário da colônia, mantinha relações com peões para extração, como comerciante vendia o produto para empresas estrangeiras localizadas em Posadas, na região de Misiones na Argentina.

As cartas foram escritas há cem anos aproximadamente, registram parte das atividades de Bertoni com a erva-mate. Escritas no idioma espanhol, muitas estão ilegíveis, com partes das frases borradas e com perda de parte da folha de papel. A dificuldade de leitura também aparece pela diversidade da caligrafia, tendo que identificar letra a letra. O objetivo foi realizar uma leitura minuciosa dos registros, para perceber detalhes da relação comercial entre os personagens, para, a partir disso, procurar entender como era praticada a rede de *relações* comerciais em torno do mercado da erva-mate na fronteira.

As correspondências foram escritas em papel timbrado com nome da empresa e local do remetente. Chamou a atenção a preocupação de Barthe, para que o cliente não ficasse sem respostas, quando viajava deixava seu cliente ciente de sua ausência, solicitava que aguardasse seu retorno, mesmo as cartas sendo escritas por funcionários, elas chegavam com a assinatura do obragero. Como a carta era o meio de comunicação da época, certamente, mais pessoas da empresa se dedicavam à escrita, considerando, sobretudo, que mantinham contato com um número considerável de pessoas.

Ficou evidente, a partir das correspondências, que Barthe era um homem direto, prático e objetivo. Sempre muito direto, principalmente quando se referia à qualidade da erva-mate e sobre os pagamentos. Em uma das cartas, chama a atenção de Bertoni, pois não havia enviado um produto de qualidade.

A respecto da la yerba de su propiedad, no es igual a la nuestra, (...) que resulta muy inferior, conociéndose que no fué bien chamuscada y que no la secaron por el sistema de horno à fuego indirecto, se no pude mejorar la producción, es preferible que deje de confeccionar yerba, pues tiene que ser de primera calidad o sino no sirve (Barthe a Bertoni, 4 de março de 1887).

No mesmo mês, Bertoni recebeu mais duas cartas, nas quais Barthe aproveitou e chamou a atenção para que a secagem não fosse mais realizada pelo antigo sistema. *“A respecto de la yerba, nuevamente le encargo que debe secar por el sistema de horno o fuego indirecto, y no por el antiguo de barbacuá”* (BARTHE, 1897a).

E na carta do dia seguinte, Barthe respondeu uma correspondência de Bertoni, dizendo que não teria interesse em abrir mais portos para obrajes. Mas, se Bertoni tivesse interesse, deveria contatar um senhor chamado Octaviano Molin. Na mesma carta, aproveitou para chamar a atenção quanto à qualidade da erva: *“(...) a respecto de la cualidad de la Yerba, espero la mejores, según sistema indirecto”* (BARTHE, 1897b).

A partir das correspondências, evidencia-se que, em Puerto Bertoni, eram centralizadas as informações dos moradores do entorno. Tudo era direcionado a Bertoni, para que repassasse informações, cobranças e produtos encomendados por pessoas, provavelmente que residiam próximo a Puerto Bertoni, a ponto de ter um depósito, uma espécie de entreposto, onde as mercadorias eram guardadas. Barthe aproveitava a mesma carta para negociar com Bertoni, para solicitar que passasse recados, notas com valores de débitos de mercadorias.

En el vapor, que será “San javier” voy à embarcar unas 36 mulas que san esperado por el Sr. Sabaté, cujo animales haré desembarcar en el puerto de V. hacer el favor de avisar esto à Sabaté, para que tenga conocimiento y prepare las cangalhas para estos animales (...) (Barthe a Bertoni, 6 de junho de 1895).

Sabaté é um personagem bastante presente nos registros de Bertoni. É identificado como morador de uma colônia vizinha. É instigante verificar, em tais registros, o cruzamento de nomes de personagens que circulavam entre as cartas. Elas exerciam também o papel de agente de recados. Demonstra que Bertoni era o centro de recebimento das informações e de produtos. Nas cartas que recebia de Barthe, constatou-se o uso de formalidades de negociantes, indícios de algumas tensões nas cobranças de dívidas, atrasos no envio de produtos, encomendas de mercadorias. Em muitas cartas, observa-se que estas faziam o papel de “nota fiscal”, com registro de valores a receber, quantidade de produto, cobrança de dívidas e de transporte, baixa e alta do preço da erva-mate, entre outros.

Dentre os vapores que aportavam em Yguazarápá, e, mais tarde em Puerto Bertoni, parte importante eram de propriedade da empresa Barthe, que levava o nome de uma das filhas do comerciante, sempre escrito na parte superior do papel das correspondências. As embarcações também transportavam as encomendas que Bertoni fazia, como azeite, mulas, papel e tinta para suas escritas.

As datas das correspondências indicam que tais relações aconteceram até início do século XX. Também, demonstram a frequência das comunicações. Às vezes, Barthe respondia em uma só carta duas correspondências de Bertoni. Já em outros momentos escrevia até três cartas em um único dia ou em dias sequenciados. Esses documentos demonstram a importância das cartas na comunicação. No caso específico da compra e venda de erva-mate, as cartas exerciam papel fundamental nas negociações.

O que chamou a atenção nesse material foi conhecer um Bertoni não apresentado nas biografias, um comerciante que usava o rio Paraná para transportar a sua produção para o Paraguai, Brasil e Argentina. Um espaço que apresentava uma facilidade para escoar a erva-mate, bananas, laranjas, café, entre outros produtos. Ele aliava o trabalho de subsistência às atividades científicas. Seu laboratório de pesquisa era o seu quintal, lugar de onde também retirava o sustento da família.

O volume de correspondências, de interlocutores e de temas tratados nas mesmas, indica que existia uma intensa movimentação nas águas do rio Paraná. Colodel (1988), ao fazer referência às obras para exploração de erva-mate e de madeira e às companhias colonizadoras no Oeste do Paraná, apresenta o significativo número de embarcações, principalmente estrangeiras, que atracavam nos vários portos instalados pela região.

Na região trinacional, o Rio Paraná era concebido como a demarcação entre as nações, mas, a partir das correspondências de Bertoni pode-se considerar mais do que isso, é apresentado como um importante canal de comunicação, compra e venda de mercadorias, mas também de conhecimentos. As cartas a bordo dos vapores podem ser concebidas como uma das principais formas de comunicação e de testemunho do final do século XIX e do início do século XX. Os vapores seguiam carregados não só de erva-mate, mas também de histórias sobre as vivências dos personagens que ficaram registradas nas cartas de Bertoni e de tantos outros personagens, além de trazer indícios sobre o espaço vivenciado.

3.6 RELAÇÕES DE PODER

A rede de relações que Bertoni estabeleceu, registradas nas cartas, estendeu-se a autoridades de alguns países. Para esta parte do estudo, foram selecionadas correspondências trocadas com Julio Roca, presidente da Argentina, em 1884, e com Eusebio Ayala, presidente do Paraguai, no ano de 1922. A escolha dessas duas cartas tem razão de ser! Uma correspondência trocada durante os primeiros meses de Bertoni na América do Sul, cheia de entusiasmo e esperança. A segunda, com o teor totalmente diferente, um pedido de socorro. Assim, uma pergunta nos vem à mente. O poder está nas mãos de quem remete a carta, ou estaria manifesto em quem recebe a correspondência?

A carta enviada ao presidente Roca, em 22 de julho de 1884, logo após a instalação de Bertoni em Misiones, parece ser uma resposta ao pedido do mandatário, para que o cientista opinasse sobre a colonização na região de Misiones, *“Alentado por la bondade com la que S. E. se a dignado honrarme, me he permitido la libertad de exponer mi humilde opinión”*. Mesmo Bertoni se apresentando como humilde servidor, se colocando inteiramente à disposição do governo, o fato de se corresponder com o governo já manifesta como tendo um poder, neste caso, científico, pois é consultado sobre as potencialidades para a colonização:

Al abordar el gran problema de la colonización de Misiones, siento cuán débiles son mis fuerzas, e insuficientes aún mis conocimientos para tener derecho a contribuir con un juicio serio y digno al esclarecimiento de una cuestión tan importante (...) No sé qué país en el mundo podría resumir en si tantas ventajas para la colonización

como el territorio de Misiones (...) (BARATTI & CANDOLFI, 2019, p. 203).

Na sequência da carta, Bertoni falou das potencialidades da região, mas aproveitou também para falar de seus projetos de organizar duas bases, uma meteorológica e outra de aclimação de espécies de plantas agrícolas, *“En quanto a mí, estoy y segure entusiasmado con este país que será mi nueva patria”*. Lembrava o presidente da necessidade de apoio para a continuação e implementação dos projetos e estudos. *“Sólo piedo una cosa: que el Gobierno se digne continuar prestando-me su apoyo benévolo”*. Segue na carta garantindo a qualidade da imigração. Disso dependeria o sucesso da colonização, *“malos vecinos, pueden ser la ruina de todos”*. Comprometeu-se de que todas as famílias a imigrarem seriam suíças.

O entusiasmo de Bertoni em relação a Misiones está evidenciado na correspondência. A través de palavras, elogiava a terra, clima, natureza e, principalmente, a disposição do governo da Argentina, na pessoa de Roca, em apoiar a colonização e os seus projetos. O entusiasmo também ficou aparente de que Bertoni saberia da importância a ele referida para a concretização da colonização da região.

“Al Señor Doctor Don Eusebio Ayala”, palavras que iniciam uma extensa carta enviada no dia 25 de fevereiro de 1922, aqui reproduzida em parte. Se remetia ao doutor e não ao presidente. Bertoni justifica:

Antes de todo, debo pedirle, muy sincera y humildemente, me quiera tener por desculpado del passo que me atrevo a dar. El carácter de esta comunicación no me lleva a dirigirla al señor presidente de la república, sino a la persona del primer magistrado. Por tanto le debo una explicación de los motivos que me impulsan a permitirme esta libertad. Su ilustración y fina cultura, su conocimiento acabado de esos mundos de alta civilización, tan superiores al nuestro, me persuaden de que Vd me va a comprender, y si en mi decidir la expresión no traiciona los verdaderos sentimientos, Vd no interpretará mal ninguna de mis palabras. Es que necesito serle completamente franco, estimado Doctor, - necesito que vea y comprenda toda mi situación tal cual es – mi lucha y labor tal cual fueran y siguen siendo – el estado lamentable de mis trabajos para el País (...) Es que mi situación particular y la de mis estudios se confunden en una sola (BERTONI, 1922c).

A escrita, com várias páginas, segue fazendo um relato de forma cronológica dos seus estudos, desde 1884 quando chegou em Misiones. Solicitou ajuda para publicar o material pesquisado ao longo de quarenta anos, intitulado *Descripción Física, Económica y Social del Paraguay*. Vários destes trabalhos foram sendo

publicados somente em partes durante anos, ainda assim incompletos. O objetivo, neste momento, era reunir o material numa única grande obra. Bertoni seguiu explicando as partes de seu texto proposto, como por exemplo: Meteorología y la Climatología, Antropología, Botánica y Zoología. A lista é extensa. Enumera os vários mapas produzidos nas suas expedições, indicando sobretudo as datas e condições de tais produções.

He dedicado mi vida con el más completo desinterés y olvido de mi mismo al estudio e ilustración del País, y ahora que soy un anciano, no puedo tener outro objeto esencial, outro anhelo más intenso, que el de llevar al mejor fin posible una obra que há embargado lo mejor de mi existência. Por tanto, si ésto no resultare posible, se perderia el objeto principal de mi vida pasada, y mi penoso pero voluntario esfuerzo de casi cuarenta años quedaría em máxima parte estéril. ¿Quién es el hombre conciente de algún valor, que aceptaría semejante suicidio, tan indecoroso para él, como prejudicial a los fines que fueron su mayor anhelo? Es también que - cosa difícil de comprender para los muchos que no conocen la intimidade de mi modo de ser, algo raro, lo confieso – em esa capital muy poco son los que conocen la verdadera situación de mis cosas, y acaso nadie la conoce cabalmente (BERTONI Apud BARATTI & CANDOLFI, 2019, p. 260).

A carta escrita para Ayala pode ser entendida como uma espécie de resumo pessoal do percurso científico de Bertoni, pois deixa registradas as pesquisas realizadas, as datas e os eventos nos quais apresentou suas produções científicas. O valor atribuído foi a ponto de não separar sua vida pessoal de seus estudos. E, ao pedir apoio financeiro, procurou convencer o presidente da importância da publicação com a seguinte pergunta: “¿Que mayor honra puede hoy día caberle a un país mal conocido como el Paraguay, que la de que se puedan hacer em él obras que no se pueden realizar sino em lo países más adelantados?” (BERTONI, 1922c).

Ainda tocou em um assunto que por muito tempo o incomodava. Suas palavras expressam um descontentamento e, ao mesmo tempo, um desabafo pelos esforços empreendidos durante todos estes anos, por não ter recebido apoio de nenhum governo.

Hay outra circunstancia que me toca, pero que Vd me perdoará si debo dejar bien establecida, por verme obligado a pedir justicia y desvanecer una leyenda y una situación que resulta caluniosa. Y es la de que todo los trabajos, viajes y estudios que acabo de enumerar, y cuantos más hice em el Paraguay, o hicieron miembros de mi familia, no han costado un solo centavo al país. Ni siquiera fuimos favorecidos

por el más pasaje oficial, ni ayudados indirectamente por ningún Gobierno (BERTONI, 1922c).

Isso parece ser, como já mencionado anteriormente, o que mais incomodava Bertoni, a falsa ideia de apoio dos governos. A necessidade de esclarecer este fato, de certa forma, poderia colocar Ayala em uma situação de “obrigação”, persuadindo-o a aceitar o pedido expresso na carta. Já que por tantos anos o trabalho de cientista teria sido dedicado ao país sem apoio nenhum. Em outras cartas remetidas, deixou evidente que era consultado constantemente por membros dos próprios governos, principalmente, sobre dados levantados sobre a Argentina e depois sobre o Paraguai.

A resposta do presidente chegou a Bertoni com um recado trazido por seu filho, Winkelried, que escreveu ao pai:

El Dr. E. Ayala me dijo que leyó en seguida y atentamente su carta, que halló muy interesante y novedosa para él, porqué no estaba informado de nada, ni de la ley referente a esas publicaciones. Me encargo para escribirle a Vd a su nombre: Que pidió al Ministro de Justicia, Culto e Instrucción pública datos detallados y que, después de estar al corriente sólo vería la forma de hacer pagar las cuotas atrasadas primero, luego arreglar para el futuro y ver de tomar las medidas necesarias para que no vuelva a suceder el atraso. Particularmente me dijo que era un crime no publicar esas obras, cuyo valor comprendía perfectamente (WINKELRIED, 1922).

O apoio, tão esperado para as publicações de suas pesquisas, aconteceu no ano de 1925. Portanto, quatro anos antes de sua morte. Bertoni enviou uma carta ao seu amigo Padre Don Guillermo Mongiardino, na qual informava sobre uma lei que concedia uma quantia para subsidiar a publicação da obra *Agenda y Almanaque Agrícola*.

He recibido – ¡por fin! – el texto exacto de la resolución de las cámaras del 31 octubre, y resulta que la nueva ley abroga implícitamente la ley de subscripción nacional a mis obras, que era mi fuerza y único punto de apoyo firme; esa nueva ley me concede 150,000 pesos – que es lo que el estado ya me debía – pero me lo concede a condición y com el objeto exclusivo o único de que yo publique una tercera edición de la “Agenda y Almanaque Agrícola” y un tratadito del cultivo del algodón con la solución que yo proponga de las graves cuestiones que aún envuelven a este cultivo, trabajo de mucha responsabilidad, y del todo entregue quinientos ejemplares gratis al gobierno⁴³ (BERTONI, 1925).

⁴³ Baratti e Candolfi reproduzem os dois artigos da resolução, no qual o “1 Autorízase al Poder Ejecutivo

Prosseguiu na carta com tom de desapontamento, pois teria que parar com os outros estudos em andamento para se dedicar ao pedido do governo. Na sequência, informava sobre a visita do padre Guilherme de Foz do Iguaçu, que passou em Puerto Bertoni por uma semana rezando as missas e realizando os batizados. Outro ponto abordado, na carta, foi sobre a intenção de seguir um projeto discutido com o padre em oportunidades anteriores, o de formar uma redução indígena, que estava a cargo do seu filho Reto em Itapúa.

Sem delongas na questão sobre o apoio que Bertoni tenha ou não recebido, o que aqui interessa é refletir sobre esses “horizontes de eventos” presentes nas cartas trocadas entre Bertoni e sua rede de sociabilidade, que se apresenta em diversos níveis e segmentos de relacionamentos. São redes nos circuitos científicos, religiosos, econômicos, políticos. E nas relações que mantinha com os vários presidentes com os quais se correspondeu ao longo dos anos. Também se apresentava com diferentes perspectivas, dependendo do contexto vivenciado pelo personagem. O que parece ser comum, entre as várias cartas estudadas, é a constante busca de apoios e a solicitação por subsídios financeiros para as publicações.

A discussão sobre o tão buscado apoio se estendia nas cartas enviadas aos amigos, ou seja, é um assunto que cruzava várias correspondências escritas. Parece ter sido para ele um dos assuntos mais caros, principalmente nos últimos anos de sua vida.

As correspondências entre Bertoni e os presidentes manifestam o poder da palavra escrita, em estabelecer contatos. Colocava-se enquanto um “humilde servo” sem perder de vista seu poder científico, principalmente voltado aos conhecimentos sobre o Paraguai. Era isso que o impulsionava, o encorajava a remeter tais cartas.

Estes contatos não eram estabelecidos somente por cartas, pois havia ocasiões em que tais contatos eram realizados pessoalmente. No outro extremo, verifica-se o poder de quem estabelecia as regras, as exigências. Promessas,

a entregar al Doctor Moisés S. Bertoni la suma de Ciento cincuenta mil pesos de curso legal, em la forma que considerare más conveniente, em curso del ejercicio del nuevo Presupuesto General de la Nación. 2 El Doctor Moisés S. Bertoni deberá hacer una nueva edición de su obra “Almanaque Agencia (sic) Agrícola del Paraguay”, con un estudio especial sobre el “Algodonero”, el sistema de cultivo, clases más apropiadas, etc. etc., y deberá entregar gratis al Gobierno quinientos ejemplares que serán distribuidos a los establecimientos de educación y bibliotecas nacionales y municipales (BARATTI & CANDOLFI, 2019, p. 294).

demoras, escolha do que deveria ser publicado e definição sobre a quantia a ser repassada eram decisões às quais Bertoni teve que se submeter.

3.7 A CIENTIFICIDADE E TROCAS DE IDEIAS

Bertoni foi um homem da ciência. Esta afirmação está amparada nos indícios deixados pelo próprio personagem. Mas é difícil fazer um balanço das suas atividades científicas, nem é essa a intenção, mas apenas refletir sobre o tema a partir de alguns fragmentos.

Ainda na Europa, já tinha definido o que faria durante a sua vida. Escreveu ao amigo Rinaldo Simen, declarando seu amor desinteressado pela ciência:

Amando desinteressadamente la ciencia por la ciencia, me siento impulsado por una fuerza irresistible hacia los estudios y hacia una vida imposible cuando no se tiene asegurado al menos un mendrugo de pan para vivir (BERTONI, 1882a).

A preocupação de Bertoni era de que, para fazer ciência, necessitava de estar assegurado economicamente. Isto era constante e o acompanhou pela sua vida.

Yo necesito un vasto campo para mis estudios y mis investigaciones científicas; un capo rico e inexplorado que me permita desplegar mis aptitudes y, además, sacar de ellas un provecho material (BERTONI, 1882b).

Até aquele, momento Bertoni não visualizava uma perspectiva de viver somente da ciência na Europa. O governo suíço havia fornecido apenas um apoio básico para sua base meteorológica e para a Revista Científica Suíça. Entendeu que, só num país tropical, poderia levar adiante suas aspirações de cientista juntamente com o sonho de ter uma grande família. Essa união só foi ocorrer anos mais tarde: *“Outro soueño dorado de mi juventud, é tener una grade y buena familia...”* (a Eugenia, 15 de agosto de 1907). Visto que, no Valle di Blenio, os espaços para a agricultura eram limitados, a América foi para Bertoni uma solução para vincular ciência, família, agricultura e natureza. E, aos vinte cinco anos, já definia a natureza como: *“mi religión, mi vida!”* (BARATTI & CANDOLFI, 2019, p. 114).

As cartas que fazem referências a amigos e a pesquisadores apresentam sua relação com eles. Parte das correspondências enviadas para amigos, referem-se a

publicações, sobre trocas de pesquisas científicas, além de conterem notícias, muitas vezes, sobre os familiares. Juntamente com as correspondências, Bertoni enviava e recebia anexos, textos para serem publicados ou já publicados em periódicos. Em outras cartas, verifica-se a solicitação de espaços para divulgar seus estudos.

Ao consultar uma das pastas do arquivo, com 20 correspondências do pesquisador naturalista Carlos Porter, endereçadas a Bertoni, no início do século XX, verificou-se uma intensa relação, cujo teor era a produção científica de ambos. Em junho de 1905, este cientista de Valparaíso enviou correspondência datilografada na qual solicitava ajuda de Bertoni para a publicação de seu texto.

Respetado señor colega: He tenido la suerte de lograr ya siete suscripciones oficiales en la América Latina a mí folleto titulado: Breve Introducciones para la Recolección de objeto de Historia Natural. Como estoy por dar a luz a una tercera edición mui aumentada y hermosamente e ilustrada de dicha obra, de la cual le mando como muestra uno de los ultimos ejemplares que me quedan de la segunda edicion, le quedaria mi agraciado me honre Ud. Consequindo que, para la tercera edicion, se sucriba algunos de los Mistérios al número de ejemplares que crea conveniente (...). Sera ademas honroso para mi, poder, en la portaria i prologo, estampar el nombre de su progresista nacion entre los de las demas naciones hermanas (...). Esperando me ayude en esta lejitima ambicion, lo saluda atentamente su agradecido colega (Carlos E. Porter à Bertoni, junho de 1905).

A carta de Porter, como em outras passagens escritas para outros pesquisadores, representa as trocas entre os pesquisadores dos resultados das pesquisas. Como Porter, Bertoni também enviava cartas com textos científicos anexados para serem divulgados em outros países.

Em outra carta a Porter, enviada no mês de maio de 1910, Bertoni comunicou ao amigo pesquisador que o encontro entre ambos se daria na *Exposición Internacional Agrícola*, na qual participaria como expositor.

Voy a apresentar un trabajo de lingüística, outro de Paleo-antropología, un Mapa fisiográfico del Paraguay que será a la vez más completo como carta geográfica, un plano del Salto Guayrá y outro del Curso del Alto Paraná, levantamento minucioso de 500 kilómetros. Estos trabajos están listos o casi terminados. Si me dá tempo tengo en preparación uno de Meteorología y outro de Botánica (BERTONI, 1910).

A carta continua com uma breve biografia de Bertoni, pois Porter publicava regularmente, na revista, textos de naturalistas chilenos e estrangeiros. Tais informações seriam passadas para serem incluídas na coluna. O que chama a atenção nesta carta é ler as explicações do próprio Bertoni sobre suas aventuras e desventuras na Argentina e depois no Paraguai. Eis algumas passagens:

Mi amistad con alguns de los reformadores o generosos soñadores, me hacia un tanto sospechoso. Acepté el consejo que me diera Eliseo Reclus y emigré para el norte de la Argentina, con un núcleo de colonos suizos. Corría el 1887 y tenía yo 27 años. Mi proyecto era colonizar. Ancioso de estudiar un país nuevo e inexplorado (científicamente), y al mismo tiempo estudiar la aplicación práctica de ciertas ideas sociales, haciendo uso de los últimos recursos que me quedaban, reuní varias familias suizas y vine a la espesa selva misionera (...) No obstante llevaba yo algunas ventajas sobre mis antecesores, y al principio todo parecía ir bien. Recibido con las más honrosas distinciones por el entonces Presidente de la Republica General Julio A. Roca, cuyas atenciones nunca podré olvidar (...) La hostilidad de elementos lugareños, recelosos de perder un injusto y abusivo dominio, y la más sorda per más temible de algun envidioso de que otro realizara un proyecto en vano por él acariciado, bastaron para neutralizar la voluntad de un ilustre y poderoso gobernante, en esos tan alajados desiertos, donde a la sombra de oscuras selvas pudo señorear la baja intriga y por fin la amenaza. Resultado, un vasto proyecto altruísta fracasado, el grupo de colonos disueltos y la colonización de Misiones retardada de três lustros (BERTONI, 1910).

A autobiografia segue na extensa carta, dando destaque aos momentos em que se sentiu feliz pelas manifestações de reconhecimento para com as pesquisas realizadas, mas também aos desapontamentos em momentos que esperava ser recompensado, principalmente pelos governos. São registros relacionados a reivindicações pela centralidade dele e de suas atividades de pesquisa.

Outro amigo com quem Bertoni se correspondia foi Juan Emiliano O'Leary, periodista, autor de obras sobre correntes nacionalistas. Foi um dos melhores amigos de Bertoni, juntamente com Rodolfo Ritter (BARATTI & CANDOLFI, 2019, p. 286). As cartas trocadas entre ambos discutiam diversos assuntos. Em uma correspondência, endereçada à Juan O'Leary, no dia 19 de fevereiro de 1924, Bertoni iniciou dizendo “*Mi admirado y querido amigo*”. Falou sobre a sua saúde que não estaria nada bem, além de queixas sobre as dificuldades pelas quais Puerto Bertoni passava:

La guerra civil nos dejó casi a la última ruína. Es deber de justicia declarar en seguida que todas las partidas revolucionárias respetaron esta mi casa y las de mis vecinos, y que sus jefes me ofrecieron toda

clase de garantías para mi familia y el personal de mi establecimiento particular (...). Quedamos en la imposibilidad de comprar papel... Por otro lado, quase sin personal y sin alimentos. Hemos tenido, los hijos que conmigo viven y yo, que trabajar personalmente y sin descanso alguno, para salvar nuestra quinta, los viveros, la colección de plantas vivas, y los cultivos que se hacen para comer (BERTONI, 1924).

Os acontecimentos contextuais refletiam-se diretamente nas atividades desenvolvidas em Puerto Bertoni, na agricultura e na produção científica, aqui entendidas enquanto vinculadas. Como se vê, as cartas científicas também seguiam com relatos sobre o cotidiano em Puerto Bertoni, sobre as dificuldades enfrentadas.

Em algumas passagens, observaram-se embates. Bertoni era questionado cientificamente, recebeu críticas de seu colega Emil Hassler⁴⁴, por seus métodos de trabalho que apresentariam limitações. Por sua vez, Bertoni argumentou que seu contato íntimo com a natureza o colocaria em uma posição privilegiada no campo das observações.

Quando Hassler, realizava as críticas, não o fazia sem apontar alguns erros em uma das publicações de Bertoni. Fez comentários irônicos:

El señor Bertoni pretende que es unicamente en la soledad de la selva donde uno puede dedicarse a la verdadera ciencia, y que todos los que viven en los centros civilizados para cuando son capaces de hacerlo. Evidentemente, la selva virgen, los campos y la sierras tienen su encanto, y hace falta pasar mucho tiempo en ellos recoger los materiales y las observaciones indispensables para cualquier trabajo científico digno de tal nombre; pero para hacerlo provechosos para la sistemática, base necesaria de la biología, es necesario antes que nada tomar la precaución de poner dicho materiales en lugar seguro, al abrigo de los 'dermestros' y de las inundaciones. También hay que someterlos al examen crítico de las monografías; y lo que se trabaja en soledad debe ser comparado, en los centros civilizados tan criticados por Bertoni, con los tipos conservados de todas partes del mundo. Finalmente, hay que escrutar concienzudamente una vasta literatura que sólo se encuentra en algunos centros privilegiados, pues de otro modo nos exponemos a desnaturalizar la ciencia, no haciendo otra cosa que aumentar el número de nomina obscura. La sistemática no admite citas tales como 'esta especie se encontraba en mi herbáreo arrasada por la inundación, esta otra en mi herbáreo destruido por los dermestros'; el número de un trabajo serio de las especies dúbias e antiguas es lo bastante considerable para que hoy se exija, de un trabajo serio, que los tipos sean accesibles a los

⁴⁴ "Emil Hasler (1860-1937), se licencio en medicina en Zurich, en 1881, ejerciendo luego en Asunción. Atraído por la naturaliza paraguaya, se dedico cada vez más a la botánica, iniciando las primeras colecciones en 1885. Autor de 267 monografías, colecciono un herbáreo de 120 mil ejemplares, conservado en Ginebra, que es el principal punto de referéncia para el estudio de la flora paraguaya" (BARRATI & CANDOLFI, 2019, p. 117).

monógrafos como prueba material de una descripción (HASLLER, 1913, Apud BARATTI & CANDOLFI, 2019, p. 118).

Hasller chamava a atenção sobre a falta cuidados de Bertoni com os objetos estudados. Pontuava que, em várias cartas, Bertoni contava sobre as perdas que teve no jardim de aclimação em épocas de intensas chuvas. O local onde as plantas eram estudadas é outro ponto destacado por Hasller, bem como a falta do diálogo e do confronto com outras produções científicas, que, de certa forma, eram de difícil acesso, já que estavam sendo produzidas nas universidades distantes de onde Bertoni residia e investigava. Hasller expunha a pretensão de Bertoni quando diz que *“El señor Bertoni pretende que es unicamente en la soledad de la selva donde uno puede dedicarse a la verdadera ciência”*.

Mas o número de correspondências enviadas para interlocutores, com trocas de experiências, com textos e dados anexados, demonstra que Bertoni estava conectado com os trabalhos científicos de diversas áreas do conhecimento, que estavam sendo desenvolvidos. Realizou também viagens para apresentações de trabalhos científicos em Congressos. As comunicações e publicações científicas podem ser visualizadas nos Quadro 02 e 03, a seguir.

Quadro 2 - Participações em congressos.

Local	Ano
Rio de Janeiro	1905 e 1922
Buenos Aires	1910 e 1924
Montevidéu	1913
Assunção	1924 e 1926

Fonte: Quadro organizado pela autora, tendo como referência o Catálogo.

O Catálogo apresenta um índice de nomes de pesquisadores com quem Bertoni se correspondia, que também eram endereçadas para Universidades, revistas, bibliotecas, livrarias.

Quadro 3 - Demonstrativo de alguns nomes de pesquisadores que trocaram correspondências com Bertoni.

Antonio Pacheco Leão	Formado em letras e medicina. Quando assumiu a Secretaria de Saúde Pública, no RJ, no governo Rodrigues Alves (1902-1906), trouxe Oswaldo Cruz para resolver os problemas sanitários.
Alfredo Augusto da Matta	Médico brasileiro – Manaus
A. Siguí	Presidente do Instituto Geográfico – Buenos Aires
Carlos Porter	Dedicado à Zoologia, Diretor do Museu Natural de Val Paraíso e Fundador da Revista Chilena de História Natural
Curt Schrottky	Foi um dos primeiros entomologistas europeus a residir na América do Sul, com algumas publicações em parceria com Bertoni
Mello Moraes Filho	Foi médico, folclorista, etnógrafo, poeta, prosador e historiógrafo brasileiro
Enrique Pittier	Diretor do Instituto Geográfico de São José – Costa Rica
Evaristo Acosta	Pres. de la Comisión Central de la Exp. int. de agr. – Asunción
Frank Louis	Coll Bureau of Plant Industry' u.s. dep. agríc - Washington
Félix Daumas Ladouce	Geógrafo - Paraguai
Gualtiero Davis	Chefe da Oficina Meteorológica da Argentina
Hermann Friedrich Albrecht von Ihering	Alemão, Médico, paleontólogo, professor, zoólogo. Migrou para o Brasil em 1880 para se dedicar às pesquisas patrocinadas pelo governo imperial.
Juan Emiliano O' Leary	Jornalista – Paraguai
Otto Clar	Diretor da Escola Nacional de Agricultura – Asunción
Rodolfo Ritter	Economista, matemático, advogado e periodista – Paraguai
Santos Mendonza	Diretor da Sociedade de Agricultura – Asunción

Fonte: Organizado pela autora tendo como referência o Catálogo.

A sequência dos inúmeros nomes com quem Bertoni se correspondia, apresentados no Catálogo, demonstra que, mesmo morando em meio à mata, tinha acesso aos estudos e às pesquisas que eram realizadas. A sua localização, com um

porto na sua propriedade, permitia enviar e receber as correspondências transportadas pelos vapores que subiam e desciam o Rio Paraná.

O fato de residir em uma fronteira permitia que tivesse acesso às embarcações estrangeiras para receber e remeter cartas, além de receber visitas de pesquisadores e viajantes que chegavam para conhecer os trabalhos científicos que realizava em Puerto Bertoni.

Bertoni respondeu a Hasller só no ano seguinte à publicação de sua crítica, em 1914. Sua defesa está reproduzida na biografia escrita por Baratti & Candolfi:

Es para un estudio serio de la naturaleza, y mucho más desde el punto de vista en que yo me había puesto, la vida en un centro de población, ni cerca de él, es de muy poco provecho. No es recogiendo datos incoherentes de todas partes, ni recorriendo campos cruzando bosques apuradamente, ni siguiendo las vías fluviales o terrestres más frecuentadas, con el afán de observar en continua oposición con el deseo de volver a las delicias de un cómodo hogar, no es así como se penetran los secretos de los seres que pueblan, por lo común, las grandes soledades. Natura, la bella celosa, oculta sus primores a quien no se dedica fielmente y con toda el alma a su admiración, en el teatro mismo de sus triunfos (BERTONI, Moises, 1914 Apud BARATTI & CANDOLFI, 2019, p. 17).

Nesse sentido, procurou seguir um caminho pouco estudado, a língua Guarani. Em uma carta ao irmão Brenno chegou à seguinte conclusão:

Mis trabajos lingüísticos han sido bastante bien recibidos. Sobre todo en América. Estoy contento. En Europa tenéis instituciones democráticas a menudo mucho mejores que las nuestras, pero nosotros tenemos un espíritu democrático a menudo mucho más verdadero que el vuestro. Y como en todas las cosas humanas, es el espíritu el que domina; en América hay actitudes democráticas en todas partes, hasta en las ciencias. En Europa, los ‘maestros’ ofician de pontífices y las Academias obligan a adherirse o excluirse. En América puede hacer su camino fuera de las academias y aún en contra de ellas y nadie es ejecutado, ni siquiera aquellos que merecían serlo (BERTONI, 1920).

Essa carta apresentou o que concebia do fazer científico, que era a liberdade de se fazer a ciência. Será que a liberdade seria sinônimo de felicidade que Bertoni procurava na fronteira? Uma liberdade de transitar entre seus objetos de investigação. De fazer experiências com todos seus sentidos (visão, olfato, paladar, audição e o tato).

Levantou-se a hipótese de que essa liberdade de fazer ciência o tenha levado a mudanças na sua forma de viver. Suas experiências no meio natural possibilitaram a ele se desvincular de uma ciência metódica, considerada como verdadeira nas academias.

3.8 CARTA PUBLICADA E DISPUTA PELA MEMÓRIA

Os vínculos construídos por Bertoni se estenderam ao pós-morte. O Anúncio do seu falecimento em *Assunção* foi através de uma carta, reproduzida e publicada no Jornal *El Liberal* para que a sociedade paraguaia tivesse o conhecimento do ocorrido. Publicar uma carta, em jornal, manifesta um ato e uma atribuição de importância. Uma correspondência que trazia notícias. Assim, *El Liberal* anunciou:

Cartas recibidas del Alto Paraná informan de la actitud simpática de las autoridades y pueblos brasileños de la vecina población de Foz do Iguazú que coinciden con la tradicional hidalguía y sentimientos fraternales del pueblo hermano. 'Al agravarse el estado de salud del doctor Bertoni fue solicitado el concurso de los dos profesionales médicos residentes en dicho pueblo, doctores Luis Gómez y passo H. Shinke, quienes prodigaron al ilustre enfermo los más solícitos cuidados y trasladándolo luego a Foz do Iguazú. Fue atendido en domicilio de los mismos con el cariño de un padre y con todos los recursos de la ciencia; cuando estos fueron impotentes para detener el proceso fatal de la dolencia y se produjo el deceso, el cadáver del doctor Bertoni fue arrebatado de manos de suas atribulados deudos, puesto en regio féretro en improvisada capilla ardiente donde fue velado toda la noche, defilando ante él lo más selecto de la población. La luz eléctrica fue mantenida toda la noche y el pueblo amaneció vistiendo en media asta la bandera que simboliza aquel pueblo que es todo hidalguia y todo corazón. Al día siguiente, el cadáver fue trasladado a Puerto Bertoni, extremándose la gentileza hasta querer hacerlo transportar por el vapor Salto, lo que no fue posible porque siendo este buque de pabellón extranjero no se atrevió a bajarlo en costa paraguay. El administrador apostólico de Foz do Iguazú, monseñor Guilherme María Thiletzek, administró los oficios religiosos y tuvo la deferencia de trasladarse a Puerto Bertoni a hacer la última misa' (JORNAL EL LIBERAL, 1929).

Não se tem conhecimento do autor, mas o que chama a atenção são alguns elementos do contexto da fronteira. Principalmente no que se refere às dificuldades do traslado do corpo de Bertoni, uma vez que o vapor à disposição era de bandeira estrangeira.

Trechos dessa mesma carta foram publicados recentemente em revistas e jornais de Foz do Iguaçu. Mas os objetivos destas publicações foram diferentes dos da data do documento. Contextos diferentes em que há disputas por memórias. A carta, na atualidade, adquiriu um novo significado. É utilizada como um indício que traz elementos para justificar as relações de Bertoni com Foz do Iguaçu. Ele não nasceu e nem viveu no Brasil, mas frequentava e visitava o Brasil e morreu na casa do amigo e compadre Harry Schinke. A publicação do Paraguai, no *El Liberal*, vem sendo utilizada nas publicações locais, enquanto suporte à construção dos elos para efetivar uma relação de pertencimento. Será que essa informação, ou constatação, por si só, pode ajudar a requerer uma memória de Bertoni como sendo personagem da história local do lado brasileiro? Nessa disputa, observam-se dois pontos importantes: o nome de Harry Schinke é incorporado às memórias da fronteira, além de servir de elemento para requerer as memórias de Bertoni. Nesse jogo, é importante pensar sobre como se dá a construção de memórias na fronteira. Na realidade, estamos diante de memórias da Tríplice Fronteira. No entanto, as reivindicações assumem uma conotação de memórias locais mais restritas, ou seja, nacionais e locais.

A revista *Painel*⁴⁵, em uma matéria que apresenta a história da imprensa de Foz do Iguaçu, cita Moisés Bertoni como o precursor do jornalismo regional escrito, pois teria sido publicado em 1918 e editado, em português e espanhol, o jornal *Alto Paraná* (PAINEL, 1982). Esse jornal teve poucos exemplares e edições. Por causa de dificuldades financeiras, teve que encerrar as publicações.

O nome de Bertoni também aparece enquanto homenageado, em uma escola fundada em 2007, em Foz do Iguaçu. Inicialmente, somente com um curso pré-vestibular e, em 2008, foi inaugurado o Colégio Bertoni com ensino fundamental e médio. Na Revista 100 Fronteiras, em entrevista, os quatro amigos sócios contam que a escolha foi para prestar uma homenagem ao cientista. Hoje, é possível ver o nome deste colégio estampado em outdoors espalhados na região do extremo oeste do Paraná e no Paraguai. Uma homenagem que transformou o nome Bertoni em uma marca. Adquirindo, assim, um novo significado, enquanto símbolo de qualidade educacional.

⁴⁵ Revista *Painel* pode ser consultada no acervo da Biblioteca Municipal de Foz do Iguaçu.

Moisés Bertoni, também, foi homenageado com a produção do seu busto, que se encontra na *Aleia dos Gênios da Humanidade*, no Campus CEAEC - Centro de Altos Estudos da Conscienciologia de Foz do Iguaçu. Em um corredor de 260 metros, denominado de Aleia dos Gênios, estão expostos vários bustos de personalidades que teriam contribuído para a evolução consciencial. Esta instituição escolhe homens e mulheres a partir de propostas feitas por seus membros, considerando as contribuições para a humanidade, para serem lembrados e conhecidos. Tais personalidades passam por avaliação coletiva na instituição, e, quando aprovadas, são produzidos seus bustos por diferentes artistas. Bertoni encontra-se na posição 26 desta Aleia. Na mesma instituição, ele consta em um artigo: *A Proéxis de Bertoni: um exemplo de automotivação consciencial*, de Graça Razera e Gizelé Razera (2003). Destaca-se também a publicação do livro intitulado: *Moisés Bertoni uma vida para a ciência*, Foz do Iguaçu, dos autores, Buttura e Niemeier (2012). Um dos focos da obra é apresentar Bertoni enquanto cientista.

Outro recurso utilizado para essa construção da memória é a fotografia que representa o encontro entre as famílias Schinke e Bertoni.

Figura 12 - Encontro das Famílias Schinke e Bertoni.



Fonte: Fundação Cultural, Foz do Iguaçu.

A imagem acima é outro indício sobre a relação entre os dois personagens da fronteira. A fotografia ilustra a matéria da Revista 100 Fronteiras (2013) e o texto destaca que os editores da revista organizaram um encontro da bisneta de Moisés Bertoni e da neta de Harry Schinke, em Foz do Iguaçu, na casa onde Bertoni faleceu, pertencente à família do fotógrafo. A fotografia demonstra que as duas famílias continuavam as relações, mesmo após o falecimento de Bertoni, desta vez iniciativa midiática. A história dessa relação só foi retomada pelas mídias locais a partir do ano de 2007, momento em que os nomes começaram a ser relacionados, com maior intensidade, ao período que antecede o centenário do município de Foz do Iguaçu, ocorrido em 2014.

Mas a tristeza não está reproduzida somente naquela carta que anuncia a morte de Bertoni. Nos dois últimos anos, que antecederam à sua morte, é possível verificar, em cartas aos amigos e ao irmão Brenno, constantes queixas sobre a situação em que se encontrava Puerto Bertoni. Esta situação estava vinculada aos acontecimentos na fronteira, que marcaram a sua vida, no início do século: fiscalização das embarcações ou fatores familiares, como a saída dos filhos de casa, ou ainda fatores climáticos que influenciaram na produção de frutas. Parece que tais correspondências funcionavam como recurso para lidar com dilemas contextuais, mas também existenciais de ordem pessoal, o que Angela Castro Gomes (2004) chama de *uma escrita de si*.

Contudo, a matéria publicada no jornal *El Liberal*, que apresenta a carta que levou a notícia sobre a morte de Bertoni, foi utilizada, aqui, não só para demonstrar a importância e a função que o texto, enviado por carta para o jornal e assim ser publicado, adquiriu em um período em que escrever cartas passou a ser um ato cultural, mas também para discutir como um documento adquire novos significados ao longo do tempo.

Como ficou evidente, e para concluir por ora, a proposta desse capítulo foi realizar uma discussão em torno de cartas remetidas e respondidas por Bertoni e seus interlocutores, com a intenção de conhecer a importância que as mesmas ganharam na vida e na morte do personagem, além do que podem mostrar sobre o contexto da fronteira. Nesse sentido, alguns elementos podem ser destacados, como: a importância das cartas para conhecer a intensa movimentação na fronteira daquele período; a função das cartas para a construção da rede de relações de Bertoni para

discutir os mais variados assuntos, como as relações científicas, comerciais, que se misturavam a questões familiares, pessoais e existenciais do personagem.

O que distinguiu Bertoni, além de sua tendência científica, foi a sua capacidade de reunir em torno de si uma rede de pessoas das mais variadas nacionalidades, formações e atuações. As correspondências que remeteu e recebeu são extremamente ricas como documentos para o pesquisador, na medida em que carregam registros subjetivos das relações que construiu nas suas vivências, compartilhando ideias, opiniões, conhecimentos, negociações e trocas de favores. Nesse sentido, os emissores e os receptores construíram um universo complexo de sociabilidade, uma rede de significados que podem ser pesquisados para recompor aspectos da vida de Bertoni na fronteira. Também, aspectos relacionados ao contexto social em que Bertoni viveu no Paraguai. Ou seja, relações que estavam marcadas por um intenso processo de mudanças, principalmente do pós-guerra da Tríplice Aliança, e que trouxeram novas formas de sociabilidade no Paraguai. Construiu espaço em que as pessoas iniciaram vínculos de pertencimento coletivo, a partir da comunidade de trabalho estabelecido sobre a base da organização de atividades agrícolas pelas mãos de imigrantes. Atividades essas que Bertoni ajudou a moldar, a partir das pesquisas que realizou, com contínuos estudos sobre o paraguaio, através do jardim de aclimatação de espécies cultiváveis naquele país, pesquisas que anos mais tarde foram publicadas, sendo utilizadas até a atualidade, como por exemplo, o calendário das chuvas e a publicação do guia do agricultor (1927).

Deve-se ter um certo cuidado ao lançar olhares sobre o espaço da fronteira, evitando vislumbrar algo estático, mas perceber um universo móvel. A prática de escrever e de receber cartas não permite ver um Bertoni enquanto um ser individual apenas, mas como personagem em relação. Foi esta rede de sociabilidade que atores construíram, que contribuiu para mudanças na fronteira. Foram se adaptando ao contexto, como agentes de mudança, conforme Beunza apresenta no seu *Paradigma Relacional*. Beunza parte da micro-história para entender os pequenos universos de atores sociais e não como grupos sociais, tendo como base a vinculação existente entre os diferentes indivíduos. Portanto, estas vivências de Bertoni com outros atores (familiares, políticos, comerciantes, obrajeros, pesquisadores, professores, peões, guaranis, agricultores...) contribuíram para essa construção de uma rede de relações, cujos indícios podem ser visualizados nas correspondências.

Os vínculos sociais de Bertoni, que aparecem nas correspondências, estão atravessados por laços de trabalho, estudo, família e de amizade, que ultrapassavam o contexto da fronteira. As pistas possibilitam estudos setoriais sobre tais vínculos. Parece que estas relações não eram somente laços interpessoais, no entendimento contemporâneo, mas vínculos de exercício também de autoridade, a partir do conhecimento que Bertoni produziu e difundiu através de suas publicações.

As relações de Bertoni não estavam nas bases de igualdade. Eram peões, obrageros, pesquisadores, colonos, comerciantes, indígenas, familiares. Eram as características próprias dos vínculos que estabeleciam as diferenças de posição e de atribuição. Nas cartas, o modo de tratamento e o conteúdo presentes nas mesmas demonstram essa diferenciação. Em outras palavras, tais relações não eram constituídas a partir de uma comunidade de iguais e sim pelas diferenças. E a denominação dele enquanto Doutor estabelecia uma relação de hierarquia entre os atores.

Verifica-se que as cartas vêm demonstrar que a rede de sociabilidade construída na fronteira foi importante para garantir as ações econômicas, sociais e científicas. As negociações de compra e de venda de produtos produzidos nas terras de Puerto Bertoni, como a erva-mate comercializada com o obragero Domingo Barthe, bem como as trocas e a divulgação dos resultados das pesquisas com o chileno Carlos E. Porter e outros pesquisadores, mostram certas características pessoais de atores sociais. Conhecer esta documentação é sem dúvida adentrar no mundo de Bertoni, é conhecer aspectos de sua personalidade, os gostos, os entusiasmos e desilusões, suas ações e posturas, mas também o universo da fronteira. Isso porque, na medida em que se evidenciam registros mais subjetivos das relações sociais, apresentam aspectos do contexto em que foram produzidos.

Contudo, através das cartas de Bertoni, apresentadas no catálogo e da pequena amostra que foi lida⁴⁶, foram identificados dois tipos de produção da escrita. A primeira ligada diretamente à escrita que apresenta um personagem dotado de conhecimento, sonhos e perspectivas, capaz de expor seus sentimentos mais íntimos. A segunda produção refere-se à constituição de uma *memória de si*, concretizada pela organização e guarda dessas correspondências pelo próprio Bertoni e sua esposa

⁴⁶ Um conjunto de 138 cartas podem ser consultadas na biografia de Bertoni BARATTI & CANDOLFI (1994).

Eugenia e mais tarde pelo *Archivo Nacional de Asunción*. Dessa forma, materializou-se a vida do personagem e das pessoas com quem se relacionava. Nesses registros, fica evidente a importância em dar significado ao mundo que os rodeava, o relacionando com sua própria vida. Isso fica manifesto nas cartas que cantam amor ao Paraguai e as suas desilusões no alvorecer do século XX.

Este tipo de documentação permite decompor a vida de Bertoni, fornecendo a oportunidade de aproximar-se da sua esfera privada de atuação, mas também a relação que mantinha com o espaço público. “O documento não trata de dizer o que houve, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento” (GOMES, 2004, p. 14). Isso ficou evidente nas cartas escritas por Bertoni, ao escrever aos familiares da Suíça, sobre os acontecimentos do Paraguai, que, de alguma forma, refletiam na sua vida em Porto Bertoni. Descrevia em detalhes os cursos dos rios, as quedas d’água, a exuberância da mata, a fertilidade do solo, o clima favorável para a produção agrícola, o modo de organização da sociedade Guarani, bem como a sua relação com esse lugar considerado novo por Bertoni e que estava à espera de ser desvendado.

A partir das vivências de Bertoni e dos vínculos por ele construídos, muito evidenciado nas correspondências que falam sobre os indígenas, os registros demonstram que ele próprio foi alvo de mudanças. Nos últimos anos de sua vida escreveu sobre suas experiências, de família e de sociedade, o que o levou a mudanças no estilo de vida. Demonstram, sobretudo, sua trajetória de uma busca intensa por algo que poderia ser encontrado na fronteira.

Enfim, percebe-se que transparece um posicionamento e uma situação de centralidade nas relações interpessoais e nas relações com os sistemas do período. Esta centralidade foi construída pelas ações pessoais de Bertoni e pelas buscas de escritos e pela construção de imagens e de memórias sobre Bertoni e sobre a fronteira. Esta centralidade é o enfoque do capítulo quatro.

4 FRONTEIRA E SUAS RELAÇÕES

Não me envaideço quando ouço dizer que esta obra é produto do meu amor ao Paraguai e à raça guarani. ... meu amor à raça ou meu amor à nação são o efeito, não a causa dos meus estudos. Amo efetivamente os guaranis e a minha pátria adotiva (BERTONI, 1927).

Esta investigação teve como foco as fronteiras, a partir do personagem Moisés Bertoni e a sua relação com outros atores dentro do contexto fronteiriço. Entendeu-se que tais relações estabelecidas, tanto dentro como fora da fronteira, foram possibilitadas porque Bertoni localizava-se em um território que proporcionava tais vivências. O acervo documental por ele produzido forneceu elementos para pensar a centralidade da fronteira. Sendo assim, o espaço naquele período está sendo entendido como um lugar vivo, de movimento, de trocas, que possibilitou ao próprio Bertoni, também, se colocar na centralidade de suas relações.

Os registros apresentados nos capítulos anteriores introduziram encaminhamentos e desdobramentos para essa parte do estudo, que tem como proposta refletir sobre algumas vivências de Bertoni, bem como memórias, que se apresentaram com maior evidência no decorrer da pesquisa.

Nos textos que fazem referências ao personagem, principalmente nas biografias, existem interpretações e representações construídas ao longo do tempo que procuram determinar e definir a sua imagem, de forma idealizada, outras vezes romantizada. Já nos registros produzidos por ele, principalmente as correspondências, ele se apresenta como pai, marido e amigo, mas também pesquisador e cientista, expondo suas alegrias, anseios, decepções e tristezas.

O seu acervo consultado por diversos autores, citados ao longo desta pesquisa, bem como o conjunto documental por ele produzido, proporcionou a construção de memórias na e da fronteira num contexto da virada do século XIX para o século XX. Permitiu visualizar as centralidades e conhecer uma fronteira relacional. Este capítulo tem o objetivo de apontar para tais elementos, a partir de referências

construídas nos capítulos anteriores que servem como base para a sequência deste estudo.

A centralidade é um conceito que pode variar em sua definição, dependendo da dimensão do objeto visualizado. Pensar na centralidade da fronteira, na Tríplice Fronteira, é dimensionar e visualizar simbolicamente e geograficamente um triângulo, que não possui um único centro, mas vários pontos centrais, dependendo do ponto de referência de quem circulou e experienciou este espaço. Bertoni, no seu tempo, vivenciou a centralidade triangular e circulante da fronteira. Migrou para Misiones na Argentina, para Yagarazapá, viveu parte importante de sua vida em Puerto Bertoni no Paraguai e morreu em Foz do Iguaçu, Brasil, na residência do amigo Harry Schinke. Caminhos que hoje as memórias refazem, circulando entre os três países numa disputa para a sua reconstrução memorial.

A figura geométrica, a seguir, representa esse triângulo, cujos centros se apresentam enquanto espaço circulante em que Bertoni construiu suas relações de fronteira. Foi projetada com o propósito de apresentar, em forma de imagem, a fronteira a partir das experiências vivenciadas e registradas por Bertoni percebidas nos documentos que foram consultados.

A figura foi produzida a partir de uma base, o mapa da região que abrange áreas dos três países, Paraguai, Argentina e Brasil, no qual a fronteira pode ser visualizada a partir de algumas figuras e linhas geométricas que compõem a figura base.

Figura 13 - A centralidade da Fronteira.



Fonte: Base de dados Google Maps, Arte Mac Fernandes.

A linha pontilhada, que forma um triângulo, faz a ligação entre os três territórios nacionais, nesse sentido este espaço se configura enquanto uma fronteira triangular. Cada ponta desse triângulo é formada por flechas, que indicam essa fronteira expandida, em um constante vem e vai de pessoas de várias etnias, de produtos e de conhecimentos de várias procedências. Já os pontilhados em forma de círculo, apresentado dentro do triângulo, configuram a centralidade da fronteira. E, na parte interna, foram projetados três subcentros, entendidos como os grandes centros da fronteira, como também a sua circularidade, espaços de circulação e de integração.

Na base da figura, o elemento central é o rio Paraná, que une as três fronteiras, apesar das barreiras impostas seja pela natureza, com suas barrancas e a

densa vegetação, ou através de fiscalizações impostas pelo homem na medida em que projeta e estabelece fronteiras.

Nesse sentido, procura-se apresentar tais referências que permitiram refletir sobre alguns pontos que seguem: Bertoni como centro de suas relações, também o que era central em sua vida. E, por último, em que medida se poderia conceber a centralidade da fronteira a partir da documentação pesquisada?

4.1 BERTONI COMO CENTRO

A primeira referência que se faz, ao pensar Bertoni como centro de suas relações, é a construção de uma “escrita de si”. O volume documental, principalmente de correspondências, bem como sua disponibilização estimulam e permitem a sistematização de conhecimentos e reflexões em torno do seu uso, como fonte e objeto para estudos e que vão muito além da pesquisa que aqui se objetivou realizar. Bertoni, ao longo de sua vida, elaborou uma prática de produção sobre si, que englobou um diversificado conjunto de ações, desde as ligadas à escrita de si (cartas e diários) até aquelas chamadas memórias de si (objetos, coleções, fotografias). É isso que Gomes (2004) considera ser uma série de objetos do cotidiano da casa que se transforma em “teatro da memória”. Um lugar que dá destaque à guarda de registros que materializam a história do indivíduo e do grupo a que pertence.

Essa prática de “escrita de si” demonstra como o percurso de Bertoni se alterou ao longo do tempo, também como o mesmo período pode ser decomposto em tempos e ritmos diversos. Um indivíduo que, através das cartas, deixou registrado muito de si. Mas também essa “escrita de si” está sendo entendida dentro de um contexto de relações com seus próprios documentos, pois deixaram aparente o envolvimento que ele mantinha com os registros que produziu e arquivou, que possibilitam a construção de memórias que o colocam como centro em diversos aspectos. Ou seja, Bertoni se autoproduz como centro e ele é construído como centro a partir dos registros por ele criados, cuidados e mantidos.

A documentação consultada permitiu observar que essa “produção de si” foi marcada pela busca em expressar a “verdade” dos acontecimentos, se dirigindo aos seus interlocutores na primeira pessoa do singular. Escrita que apresenta suas intenções mais íntimas, da qual assumiu a autoria. Uma produção subjetiva que

buscou manifestar e legitimizar enquanto um relato verdadeiro. Nesse sentido, não se trata aqui de questionar o que realmente aconteceu, mas em estudar os registros para conhecer o que seu autor disse ter vivido. E, também, aquilo que ele quis preservar daquilo que criou e daquilo que seus interlocutores registraram.

O seu acervo serviu para ele se revelar não só da forma como almejava ser visto, mas também além, ou seja, de forma diferente do que vislumbrava ser e se apresentar. Por mais cuidadoso e metódico que tenha sido, o autor deixou de ter controle sobre os desdobramentos dos seus escritos e documentos conservados, organizados e guardados. Ele foi alçado à arena de disputas por memórias e pertencimentos e às avaliações e valorizações de seus atributos. Em síntese, disse e conseguiu dizer mais do que pretendia dizer.

O conjunto de mais de 4000 cartas, trocadas com seus interlocutores, demonstram que essa centralidade pode ser observada a partir da habilidade de Bertoni em construir em torno de si, essa ampla rede de relações que centralizavam nele ações voltadas às pesquisas das mais variadas áreas, como também suas relações comerciais, principalmente com a venda de erva-mate e de frutas. Como pôde ser constatado nos capítulos anteriores, Puerto Bertoni foi transformado em laboratório científico e como entreposto de recebimento e entrega de produtos.

A localização da colônia é um elemento a ser considerado ao pensar Bertoni como centro. Sua propriedade, às margens do rio Paraná, transformou-se em um porto, ao ponto de ser conhecido como Puerto Bertoni e não como Colônia Guilherme Tell. Era local de parada dos vapores que carregavam e descarregavam mercadorias, tanto para Bertoni como para outras pessoas que viviam no entorno de sua propriedade. Nas cartas que recebeu de Domingo Barthe, ficou evidente essa centralidade de Bertoni, que era responsável pela entrega e recebimento de mercadorias, cartas, recados e cobranças. Ele era um dos personagens conhecidos na fronteira. Essa função, de receber e entregar ou fazer entregar cartas para os vizinhos, dá a nós a liberdade de conceber mais uma função ao personagem, a de carteiro da fronteira.

Essa prática de concentrar em torno de si informações, deixava-o em uma posição privilegiada, a de ficar a par de acontecimentos relacionados às pessoas do seu entorno. Os registros demonstram que Bertoni também se colocava enquanto referência, assumindo uma posição de destaque. Tornou-se, com isso, um personagem com autoridade na fronteira.

Outro elemento da centralidade de Bertoni, presente nos registros, pode ser observado a partir da relação que construiu com a família. O fato de sua mãe Giuseppina Torreani acompanhá-lo para a América do Sul chama a atenção e pode manifestar o papel central que mantinha no âmbito familiar. Nas biografias de Shrembs (1985), consta que a mãe o apoiava na escolha das áreas do conhecimento a que se propôs estudar e na relação que mantinha com Eugenia, sendo favorável ao casamento, contrariando o posicionamento de seu marido. A mãe o acompanhou na migração, em 1884, abandonando o seu marido, falecido em 1887, deixando a Europa e terminando sua vida em Puerto Bertoni, onde foi sepultada.

No Catálogo do Arquivo Nacional de *Asunción*, encontra-se elencada uma lista de correspondências trocadas entre Bertoni e Eugenia, mas também um número considerável de cartas que remeteu e recebeu dos filhos. No conjunto de cartas consultadas, pode-se observar o papel central de Bertoni na relação familiar. As pesquisas realizadas pelos filhos, bem como seus resultados, principalmente as voltadas para as ciências naturais, eram enviados por cartas para Bertoni, no período em que este esteve à frente do Colégio Agrícola em *Asunción* de 1906 até 1910 e a partir de 1914, quando foi chamado novamente pelo governo paraguaio para assumir a Direção de Agricultura.

Os assuntos das cartas trocadas com a família, como já afirmado, estavam voltados aos trabalhos de pesquisa que os filhos realizavam, sob orientação do pai, que delegava as funções de observações e anotações da estação de climatologia, aves e répteis e do jardim de aclimação das espécies de plantas cultivadas na colônia. Os filhos enviavam cartas com os resultados dos experimentos realizados. Já Bertoni reunia tais dados e escrevia os textos para revistas e periódicos, além de trocar cartas com outros pesquisadores apresentando os resultados levantados.

São indícios de que se tratava de um grupo de pesquisa de caráter familiar, sob a liderança paterna. Também, há indícios de que ele tenha liderado a formação dos filhos para darem continuidade às suas investigações. Seu filho mais novo, Aristóteles Eugenio (1900-1990), o acompanhou na viagem para o Rio de Janeiro para participar do encontro dos americanistas, em 1922. A esse filho teria sido atribuída a função de tentar implementar uma experiência “reducional” com indígenas em Itapúa no sudeste do Paraguai. Seu filho Arnoldo Wilkenried (1878-1973) aparece em buscas pelo Google como botânico e ornitólogo de renome. E *Guilherme Tell* (1889-1963), por

sua vez, aparece como investigador reconhecido da vida e da cultura indígena no Paraguai.

Destaca-se a Biblioteca Nacional de Agricultura Dr Moisés Bertoni, de *Asunción*, que evidencia esse papel central que o personagem exercia na produção documental. Espaço que guarda um amplo banco de dados voltados à flora e à fauna paraguaia produzidos por Bertoni e seus filhos. O Museu Bertoni, em Presidente Franco, guarda um número considerável de objetos. Os restos mortais de Bertoni estão no cemitério, ao lado da antiga residência. Também o *Museu Tierra Guarani* da Itaipu, no Paraguai, possui, em sua expografia, uma parte dedicada aos imigrantes, dentre eles figura, em destaque, Bertoni.

Tanto a Biblioteca como o acervo de correspondências no Arquivo Nacional de *Asunción* permitem a guarda e o acesso a esta documentação, que possibilitam a construção de memórias sobre o personagem e sua família. Estas instituições constituem-se em lugares de memória que evidenciam, reforçam e mantêm o papel central que ele exercia através da rede de contatos construída e pelas pesquisas realizadas e que continuam na atualidade como referências nos estudos, principalmente sobre a agricultura no Paraguai.

Bertoni também recebeu destaque em instituições no lado brasileiro da fronteira, em casos já apontados no capítulo anterior. Ele aparece memorado no Colégio de Foz do Iguaçu que leva o seu nome. Como já mencionado anteriormente, foi rememorado e homenageado na Conscienciologia com a produção de um busto. Estes elementos apresentados fornecem subsídios para o entendimento de que Bertoni exercia uma centralidade em suas relações. Também de que atualmente essa centralidade se manifesta nos lugares de memória, tanto no Paraguai como no Brasil. Essa manifestação é entendida como um apelo que a sociedade faz de preservação da memória, que é a necessidade de reconstituição de si mesma, encarada como algo formado no passado para o presente. Assim, ele vem ganhando lugares de destaque nessa construção.

Contudo, a preservação da memória de Bertoni, com os exemplos acima elencados, é a constatação de que a sociedade busca construir tais lugares de memória como ferramenta para tornar-se agente de seu tempo. É um suporte exterior para a ritualização e, portanto, a contínua renovação de um sentimento que identifica a comunidade ao nome de Bertoni.

Essa disputa pela memória está exposta em textos de revistas e jornais de Foz do Iguaçu, que constroem elementos que justificam o seu pertencimento à história da localidade. Além disso, fazem referências não só ao local, mas a uma história comum entre os dois países. Ou seja, peculiaridades presentes em um espaço de fronteira que manifestam relações, seja construída nas vivências do passado, seja construída nas teias da memória no presente, que dão suporte aos discursos para a efetivação de fronteiras. Essa disputa da memória de Bertoni se manifesta, por um lado, como manutenção para esta efetivação. Por outro lado, como papel do personagem nessas relações de fronteira e que perduram até na atualidade. Seja na construção dos lugares de memória que levam o seu nome, seja na preservação, guarda e disponibilização dos seus registros, as construções pairam em torno da centralidade bertoniana.

4.2 A CENTRALIDADE PARA BERTONI

Os capítulos anteriores trazem indícios sobre as ocupações e preocupações mais intensas e centrais na vida de Bertoni. A frase de Baratti e Candolfi, *“Moisés Bertoni fue, en primer lugar, un hombre de ciencia”* (2019, p. 11), traduz aquilo evidenciado na documentação consultada.

Nas cartas escritas, ainda na Europa, Bertoni manifestou o que mais lhe interessava. *“Yo necesito un vasto campo para mis estudios y mis investigaciones científicas* (BERTONI, 1882b). Em outra correspondência, declarou seu amor à atividade científica, *“Amando desinteresadamente la ciencia por la ciencia, me siento impulsado por una fuerza irresistible hacia los estudios”* (BERTONI, 1882a). Em seus registros, desde jovem, fica explícito o gosto que nutria pelas atividades de investigação científica. O início se deu com a organização de um observatório meteorológico e da *Revista Científica Suiza*, na qual publicou seus primeiros estudos.

No contexto em que Bertoni viveu na Europa, no final do século XIX, estava em construção e em consolidação o nacionalismo no mundo ocidental. O historiador Eric Hobsbawm, em seus estudos sobre o mundo moderno e contemporâneo, classificou uma parte deste período como A Era dos Impérios (1875-1914), uma época de expansão do capitalismo. Período de intensificação por parte de nações europeias na busca por territórios coloniais pelo mundo (HOBSBAWM, 1987).

Naquele período, um dos principais meios utilizados para a expansão do capitalismo imperialista foi o avanço tecnológico e o estabelecimento da ciência como paradigma da organização da sociedade e da economia. Isso significou a tentativa da imposição de métodos universais para atingir a verdade, baseada na ciência.

A perspectiva de uma ciência e de um método universais apontava para a dualidade homem-natureza. A natureza passou a ser concebida como algo exterior à sociedade humana. A relação entre ambas passou a ser vista como mecânica, o homem exercia seu domínio sobre a natureza, colocando-se no centro dessa relação. A própria forma de separar as áreas do conhecimento em campos do saber, ou seja, em conjuntos de disciplinas que estudam o homem e a sociedade e em conjuntos de disciplinas voltadas aos estudos da natureza.

Bertoni vivenciou aquele contexto da Europa voltado a esta ciência classificatória e racionalista. Ao migrar para a América do Sul, entusiasmou-se com as possibilidades de pôr em prática suas ideias no seu próprio campo de experimentação científica.

No primeiro momento, estabeleceu-se na região de Santa Ana, *Misiones*, e encontrou um cenário de enorme riqueza natural representado por ervais silvestres e madeira de lei. Bertoni chegou em um contexto de um novo panorama socioeconômico que se configurava na Argentina, e, por extensão, na fronteira, abordado em duas obras por Alcaraz (2018, 2019). Momento de um forte processo imigratório, projeto liderado por Julio Roca, dando as bases para o contexto político e econômico chamado de Argentina Moderna (1880-1930).

Quatro anos após sua chegada na Argentina, Bertoni migrou para o Paraguai. Por alguns anos, embrenhou-se nas selvas em Yagarazapá em sociedade com empreendimentos de exploração madeireira. Em 1893, estabeleceu-se, até o seu falecimento, em 1929, em uma área de 199 hectares, às margens do rio Paraná, que batizou de *Guilherme Tell*, mas mais conhecida como Puerto Bertoni. Local onde ele pode conduzir e dar sequência às suas pesquisas, algumas iniciadas na Argentina. Transformou o imóvel em um centro científico. Caracteriza-se esta propriedade enquanto um centro científico por entender que foi ponto de produção e circulação de conhecimentos. Esta circulação se dava através do recebimento e do envio de publicações, correspondências e outros documentos, que seguiam e vinham em vapores, importantes meios de transporte e para as suas relações científicas e comerciais.

Com isso, ele conseguiu estabelecer um centro científico em um país periférico, devastado pela guerra havia poucas décadas, cujas elites locais buscavam o seu espaço frente a outros países. Sendo este o ambiente intelectual que Bertoni encontrou e construiu no Paraguai, em que os debates giravam em torno da reconstrução de uma identidade nacional. As discussões estavam voltadas em definir o papel do elemento indígena na formação nacional paraguaia (BARRATI, 2003).

Foi a partir das pesquisas sobre os índios Guaranís, que Bertoni se voltou para a área da Antropologia. Trabalho que resultou nos três volumes de *La Civilización Guarani*, nas quais descreveu o tipo físico, a língua, a religião, organização social, alimentação, higiene, agricultura, plantas medicinais, entre outros.

Conforme aponta Mellià, a obra *La Civilización Guarani* contribuiu para o nascimento de uma geração nacionalista-indigenista no Paraguai, contexto no qual o nacionalismo ganhava destaque naquele país. O índio passou a ser entendido, em alguns ambientes e em alguns momentos, como essência da identidade nacional paraguaia.

Así, el presidente Carlos Antonio López, a través de este tristemente famoso Decreto del 7-X-1848, suprimió la institución del tava comunal, declarando extinta la “comunidad”, ló que permitía al Estado apropiarse y disponer de las tierras de “los 21 pueblos de índios”, a quienes se concedía –por irónico trueque- la ciudadanía. La asimilación de todos lós habitantes del Paraguay en una única ciudadanía, negaba por vía de derecho positivo la realidad pluriétnica del Paraguay (MELLIÀ, 2011, p. 53-54).

Manfroi (2013) dedicou uma parte, em sua pesquisa de doutorado, para a apresentação e descrição da obra *La Civilización Guarani*. Segundo a pesquisadora, os três volumes faziam parte de um projeto maior de Bertoni. Tratava-se da produção de uma enciclopédia, na qual descreveria o Paraguai em seus aspectos físicos e econômicos, passando pela história, geografia, antropologia e agricultura. A proposta de Bertoni era escrever quatorze volumes, 117 monografias, com cerca de 6500 páginas no total. Mas conseguiu realizar somente onze monografias em 1700 páginas.⁴⁷

⁴⁷ Sobre a publicação da obra, Manfroi escreveu: “Andres Barbero, então Presidente da Sociedade Científica do Paraguai, tomou a iniciativa de levar adiante a publicação das obras póstumas. Dentre elas estava o volume II, uma vez que os volumes I e III foram publicados pelo autor em sua editora Ex Sylvis, em 1922 e 1927 respectivamente. O volume II, *La Civilización Guarani, Religión Y Moral*, foi publicado pela Editora Indoamericana, *Asunción*, em julho de 1954. A iniciativa de Andres Barbero ocorreu no mesmo ano e mês de falecimento do sábio suíço (setembro/1929), a fim de honrar sua

Entre a vasta bibliografia que Bertoni consultou, a autora destacou em ordem de importância as obras em estudos referentes aos Guaranís: Andreas Thevet, C. de Rochefort, Juan de Léry, Fernão Cardim, Magalhães de Gandavo, Padre Dutertre, Ives D'Evreux y Guillermo Piso. Bertoni valorizava com destaque os estudos de Telêmaco Borba e Erland Nordenskiöld (antropólogo sueco), que voltaram parte de seus estudos à maneira de viver e aos costumes indígenas. Telemaco Borba (1840-1918) foi político e escritor paranaense. Dentre seus escritos, destacam-se obras de etnografia indígena: *Actualidade Indígena* (Borba 1908), *Die Caingangs-Indianer in der brasilianischen Provinz Paraná* (Borba 1886), *Observações sobre os indígenas do Estado do Paraná* (Borba 1904), Tradução de “*Die Caingangs-Indianer in der brasilianischen Provinz Paraná*” (1886), de Telêmaco Borba (Sá Moreira 2017) (<http://www.etnolinguistica.org/autor:telemaco-borba>, acessado em 17. 09.2020).

Uma publicação do Ministro da Justiça, Justo Pastor Benítez, considerava que Bertoni tinha uma grande relevância na História política e cultural do Paraguai. No início do século XX, “*Bertoni (...) há visto los fundamentos de nuestro nacionalismo en la olvidada y bela raza guaraní (...) la civilización guaraní conviértese en tradición de honra*” (Revista Agropecuária 1931, p. 366. In: PARAGUAI, Ministerio de Agricultura y Ganadería).

Bertoni entendia que, para ser um cientista, deveria acompanhar as inovações do mundo científico. Ele se focava em três pontos principais: buscava referências em leituras de obras das diversas áreas em que atuava, participava de congressos científicos internacionais e mantinha contatos através de correspondências com pesquisadores e centros de pesquisas de vários países. Essas eram as formas com que buscava se orientar para seus estudos, atualizando-se com as discussões que estavam sendo realizadas em outras partes do mundo.

Participou de inúmeras conferências. Destacam-se aqui as que ocorreram no Colégio Nacional, em *Asunción* ao longo de 1913, em um contexto no qual intelectuais paraguaios discutiam sobre a construção de uma *biografía nacional*, por meio da

memória. Os trâmites legais junto aos herdeiros e a falta de recursos culturais para levar adiante o empreendimento, careciam de uma estrutura que organizasse as obras póstumas para publicação. Para tanto, em 13 de agosto de 1945, foi constituída uma Comissão presidida por Andres Barbero, Josefa B. de Repetto, Teodor Rojas, D. Pedro I. Ibarras, Juan B. Aranda Jiménez, Gregorio Ortiz e Leopoldo A. Benites. MANFROI, Ninarosa Mozzato da Silva *BLEYER, SARTORI E BERTONI: singulares imigrantes colonizadores de ideias*. Tese de Doutorado - Florianópolis, SC, 2013, p. 198.”

organização de uma obra comemorativa. Um *Álbum gráfico de la República de Paraguay: 100 años de vida independiente, 1811-1911*. O objetivo era apresentar o Paraguai em todos seus aspectos, dando ênfase às “riquezas, da sua sociabilidade, das suas belezas e do progresso do seu comércio e das suas indústrias” (Brezzo, 2010, p.197-200). Sobre este projeto, Bertoni se posicionou em uma das conferências que realizou para jovens do Colégio Nacional, na qual enfatizou aos estudantes o valor que “os estudos científicos podem ter na solução dos maiores problemas nacionais”, justificando o emprego do conceito “civilização Guarani”:

Hablé de una civilización guaraní, y esto parecía una noticia nueva, incluso causó cierta sorpresa (...) porque el indio es indio, cada indio es salvaje, como necesariamente un bárbaro. 'Este es el concepto general, desafortunadamente. Pero ese no es el caso (...) Aquí, por supuesto, hay un criterio muy común pero generalmente incorrecto. Consideramos a las personas civilizadas que tienen nuestra propia civilización y las personas bárbaras a las que tienen otra (...) cuando se trata de civilización, nunca tenemos que considerarnos el centro de la civilización (...) pero consideramos la civilización como algo susceptible de presentar aspectos muy diferentes, y eso será, como lo fue, la posesión contemporánea de pueblos y razas muy diferentes (BERTONI, 1914, p. 50-51).

Esta posição, nas conferências, pode ser associada ao esforço de dar uma resposta sobre as causas da guerra da Tríplice Aliança. Segundo Brezzo (2010), esta guerra estava associada à ‘barbárie’, segundo a sociedade paraguaia. Assim, diante dessa barbárie, seria necessário reivindicar o passado por meio da história. Estes debates dos intelectuais foram fundamentais e, portanto, as conferências de Bertoni contribuíam para fortalecer uma leitura identitária do Paraguai, já que o Índio Guarani seria apresentado nas comemorações do centenário como uma civilização. (TELESCA, 2010).

Em várias passagens, seja nas conferências que proferiu, seja em suas obras, acompanhamos a sua luta contra a posição de pesquisadores simpatizantes de teorias que legitimavam a superioridade racial dos brancos. Defendia a ideia de que a cultura Guarani deveria ser tomada como modelo para uma sociedade melhor.

Portanto, após a sua vinda para América do Sul, com a oportunidade de conviver com e estudar os índios, empenhou-se pela valorização cultural indígena, em um contexto de disseminação das teorias da eugenia. Suas ideias sofreram críticas, às quais ele respondeu com as seguintes palavras:

Alguien definió mi trabajo La civilización guaraní como parcial. Como si, en realidad, cualquier trabajo social que valiera la pena no fuera tal (...). No me siento halagado cuando escucho que este trabajo es producto de mi amor por Paraguay y la raza guaraní (...) mi amor por la raza o mi amor por la nación son el efecto, no la causa de mis estudios. Realmente amo a los guaraníes y a mi patria adoptiva (BERTONI, 1927, p. 11- 12, p. 30-31)

Por anos, dedicou-se ao seu projeto de pesquisa, que definiu como sendo o mais importante de sua vida, na produção da obra *La Descripción física, económica y social del Paraguay*. Organizada em 18 tomos, terminando a publicação somente em 1926. Essa obra é o reflexo e o resultado de suas múltiplas atividades científicas, e porque não dizer, de sua ambição. Sobre esta obra, escreveu para o filho Guilherme Tell: *“Bien lo vez que tengo que repartir mi tempo sobre una obra enorme y muy heterogénea (...) Casi todas las ramas de las ciências naturales y sociales”* (a Tell 21 de setembro de 1921). Bertoni dedicou-se a uma área do conhecimento em cada tomo da obra. Entre os temas, figuram a Geografia, Antropologia, Geologia, Climatologia, Mineralogia, Botânica, Agricultura e Indústrias.

Ao estudar sobre o trabalho rural, apontou para a produção e para o comércio de café, banana, laranja, erva-mate, algodão como potencialidades. Com indicação de mercado consumidor e dos valores correspondentes, incluindo o transporte. Chama a atenção uma dualidade de pensamento e, por vezes, contraditória. Dava ênfase à produção para o comércio e à exportação dos produtos, mas também acreditava que essa forma de exploração geraria perda da identidade do homem com a natureza e, conseqüentemente, a degradação ambiental, mas também a degradação mental e espiritual.

Além de posicionamentos contraditórios, as cartas apresentam um Bertoni de várias faces. Às vezes, a escrita era entusiasmada com as promessas do governo em financiar as pesquisas, em outras vezes se apresentava desapontado pela falta de apoio. No entanto, a marca da sua personalidade é justamente a sua “obsessão” em torno das questões voltadas para as suas pesquisas. Em várias ocasiões, deixou registrado que tudo que construiu e produziu foi com recursos próprios, não medindo esforços pessoais e familiares para atingir tais objetivos.

A constante busca por apoio, as solicitações feitas aos governos do Paraguai e da Argentina eram justificadas pela alegação de que os resultados científicos seriam de interesse nacional, portanto de interesse público. Assunto que se repete em várias correspondências. Nos registros consultados, não ficou esclarecido se a sua intenção

era viver da ciência, mas ficou evidente que a ciência era seu objetivo principal. O fato de instalar, em 1918, a imprensa e a editora ExSylvis, em Puerto Bertoni, indica que o foco sempre esteve em torno das questões científicas, ou seja, na pesquisa, publicação e divulgação.

Como já mencionado, a revista Painel, em uma matéria que apresenta a história da imprensa de Foz do Iguaçu, cita Bertoni como o precursor da imprensa regional, pois teria produzido em 1918 o primeiro jornal, editado na Ex Sylvis, em português e espanhol, com o nome Alto Paraná. Essa referência corrobora com outros indícios sobre as intensas relações de fronteira, ao ponto de produzir um jornal fronteiriço, com notícias dos dois lados das margens do rio Paraná.

Entre o sonho de ter uma grande família e o de viver em meio à natureza, os registros apontam para a ciência, como sendo uma preocupação central na vida de Bertoni. Tanto a família, como Puerto Bertoni fizeram parte desse projeto de se dedicar à ciência. Tais evidências aparecem nas cartas trocadas entre a família, principalmente com os filhos, que desenvolviam as pesquisas durante as temporadas em que Bertoni estava ausente. A preocupação em torno de seu projeto também é aparente nas cartas enviadas para o governo da Argentina e do Paraguai, nas quais informava o resultado de seus estudos, como também solicitava auxílio financeiro para suas publicações. Já com seus amigos pesquisadores, trocou dados coletados sobre as mais diversas áreas de estudo a que se dedicava.

Os registros sobre Bertoni demonstram a ciência como sendo a dedicação de uma vida toda, seria motivo para suas constantes mudanças de humor. As biografias consultadas dedicam-se à apresentação das pesquisas por ele realizadas, pontuando as diversas áreas de conhecimento em que atuou. Toda essa dedicação fez com que fosse considerado e fosse conhecido como naturalista, estudioso, doutor e cientista.

Um ano antes de sua morte, aos 72 anos, Bertoni realizou um inventário de suas atividades científicas, mais tarde sendo publicado na revista Crítica Médica. Nele ele observou que *“Es muy conveniente darse cuenta de que no se trata solo de observaciones personales o meras opiniones, sino de un conjunto de datos antiguos y modernos, muy numerosos y de acuerdo, y de valor indiscutible”* (BARATTI & CANDOLFI, 1999, p. 25). Bertoni demonstrava estar convencido da importância de seus estudos e registros, não como meras opiniões, mas como um conjunto de dados científicos relevantes, concebidos por ele enquanto um valor indiscutível.

Este valor é observado quando se conhece o volume documental produzido por ele, como artigos, transcrições de conferências, relatos de viagens, as suas obras e cartas. Parecem ter antecipado discussões sobre a atuação de atores locais, incluindo a cultura indígena na circulação global de materiais, ideias e práticas medicinais, alimentares, de higiene, rituais religiosos, entre outros.

Nesse sentido, estudar as relações científicas, a partir da trajetória de Bertoni, que buscou se afirmar no meio científico, procurando colocar o Paraguai no concerto das nações, abre outras perspectivas de investigações futuras, voltadas, sobretudo, aos estudos sobre as atividades científicas na fronteira e na América do Sul daquele período.

4.3 A CENTRALIDADE DA FRONTEIRA

Bertoni foi um fronteiro que experienciou a fronteira na sua época. Ele vivenciou na e a Tríplice Fronteira. Nesse contexto, temos os três marcos das Três Fronteiras, os quais se configuram num triângulo. São monumentos construídos fisicamente, no Brasil e na Argentina erguidos no ano de 1903, época em que Bertoni vivia em Puerto Bertoni e circulava nestes países. O marco das Três Fronteiras em Presidente Franco, no Paraguai, foi construído na década de 1940. Oeste do Paraná, Leste do Paraguai, Nordeste da Argentina, Cataratas, Sete Quedas, Itaipu, Foz do Iguaçu, Puerto Iguassu e Região Metropolitana de Ciudad del'Este são lugares comuns relacionados à ideia e à concepção desta Tríplice Fronteira.

Esta parte do estudo convida a refletir sobre as relações que são construídas na fronteira. A hipótese é que as relações, construídas ao longo dos anos e registradas por Bertoni, contribuem para constatar que a fronteira pode ser entendida enquanto centro que possibilitou a ele levar adiante seus objetivos voltados às atividades científicas, comerciais e vivenciais. Tais relações eram estabelecidas, em grande parte, através de cartas com pessoas de diferentes nacionalidades e atividades. Visto que residia em uma região que apresentava facilidades para o acesso, sendo o rio Paraná um dos protagonistas para essa centralidade.

Nesse sentido, o rio está sendo concebido enquanto elemento de reflexão. Quando Bertoni chegou na Argentina, no ano de 1884, escolheu se instalar na região de Santa Ana⁴⁸ em *Misiones*, às margens do Arroio Santa Ana, que deságua no Rio

⁴⁸ Santa Ana localiza-se na província de Misiones, na intersecção das vias Ruta Nacional 12 e Provincial

Paraná. Os registros apontam para o interesse em estudar o território. No ano de 1887, realizou uma viagem para conhecer as terras no Paraguai. Na ocasião, aproveitou a oportunidade e produziu um mapa intitulado de *Plano do Rio Alto Paraná*.

O rio Paraná, naquele período, era considerado a mais importante via de comunicação, mas também de sociabilidade e comércio da fronteira no século XIX. Os vapores navegavam suas águas, transportando pessoas das mais variadas nacionalidades, viajantes, peões, produtos alimentícios, animais, erva-mate e madeira. A historiografia, ao tratar do tema, informa sobre a intensa movimentação nos portos. Os viajantes que passavam pela fronteira trinacional Brasil-Paraguai-Argentina registraram em seus relatos a intensa movimentação nas águas do rio Paraná, o que permite imaginar aquele vai e vem dos vapores que navegavam pelo rio, atracando nos vários portos situados nas suas margens⁴⁹.

O historiador Alberto Alcaráz escreveu sobre a estruturação econômica e social da região de *Misiones*, entre os anos de 1880 e 1920, destacou a importância do rio Paraná como via de comunicação e de transporte de erva-mate e de madeira.

La ausencia de vías de comunicación en un primer momento y la posterior consolidación de las mismas jugaron un factor determinante en la integración a la estructura económica y social del Territorio Nacional de Misiones a la república Argentina de fines del siglo XIX (...) Así la yerba mate, encontraba demanda en el mercado consumidor de estimulantes de las clases trabajadoras locales, mientras que la explotación maderera y sus derivados abastecían de materias primas a algunas industrias como el de la construcción y de elaboración de muebles, carpintería etc. que requerían materias primas. Esta actividad inclusive hasta la primera década del siglo XX, se realizaba en Buenos Aires, mediante la importación de maderas provenientes del Brasil, e incluso de América del norte. Misiones de esa manera complementaba con los productos que se extraían de su interior con las necesidades que la actividad agrícola-ganadería de la pampa húmeda no podía satisfacer, dada su producción fundamentalmente orientada al mercado de exportación, en la época en la que Argentina recibía el epíteto de 'granero del mundo' (ALCARÁZ, 2010, p. 8).

Bertoni, de certa forma, participou desse processo, quando decidiu retirar-se da Argentina e aceitou mudar-se para Yguarazapá, no Paraguai, para comandar, no

103, nas margens do Rio Paraná.

⁴⁹ José Maria de Brito relata a existência dos seguintes portos: “Os portos situados para a cima da cidade de Iguazu e para baixo das Cataratas são: Sete de Setembro, a 60 quilômetros; Sol de Maio, a 78 quilômetros; Santa Helena, a 96 km; Britânia ou Companhia de Madeira, a 132 km; S. Francisco ou 12 de Outubro, 143 km; Artaza ou Allica, a 155 quilômetros; Mendes, a 156 quilômetros” (BRITO, 2005, p. 81).

local, a extração de madeira de lei e enviar esta mercadoria para Buenos Aires, para ser utilizada na construção civil e na indústria moveleira. Como o foco de Bertoni era a produção científica, o local lhe proporcionou um ambiente propício para seguir com os projetos de pesquisa, sem abandonar o propósito de organizar uma colônia. Essa obstinação pelas pesquisas, teria sido um dos fatores do descontentamento por parte dos sócios, cobrando, via correspondências, maior empenho de Bertoni nas funções estabelecidas e, conseqüentemente, a retirada dele do grupo.

Naquele tempo, a realidade social e cultural do espaço missioneiro sofreu mudanças, principalmente no que se refere à mobilidade geográfica dos nativos, crioulos e imigrantes de países vizinhos. Os assentamentos que já existiam começaram a se consolidar, como aconteceu com *Posadas*, que contava com uma população importante, oriunda de origens diversas. Contudo, com a atividade de extração de erva-mate e madeira, houve a necessidade de estabelecer as conexões entre as áreas de exploração situadas às margens dos rios navegáveis e os recursos ainda abundantes localizados nos três países – Argentina, Brasil e Paraguai. Assim, as picadas cumpriram o papel fundamental de permitir penetrar no interior do território e daí transportar a erva-mate e a madeira de lei (ALCARÁZ, 2010).

Ao que corresponde à navegabilidade por parte do Estado Argentino, Alcaráz continua dizendo que:

El gobernador Rudecindo Roca (1882-1891) promovió durante su mandato el desarrollo y consolidación de vías de comunicación, además de intentar por todos los medios para efectivizar la presencia del Estado Nacional Argentino en el Territorio Nacional de Misiones. Esto se manifestó en la preocupación por la exploración del Territorio Misionero valiéndose de la iniciativa estatal y privada, además de aprovechar los distintos medios de comunicación disponibles como la vía fluvial de los cursos navegables (ALCARÁZ, 2010, p. 21).

Os portos localizados nas margens brasileiras dos rios navegáveis foram um ponto de confluência de diversas atividades econômicas e socioculturais. Era ali que carregavam e transportavam os produtos extraídos das obrages, de onde a produção chegava em carros puxados por bois e mulas. As *obrages* eram, no século XIX e nos primeiros decênios do século XX, fazendas com características próprias, tendo acesso aos rios, onde era costume criar infraestrutura de portos e prover equipamentos para o transporte de riquezas extrativas, principalmente a erva-mate e a madeira. Este tipo de empreendimento era comum em grande parte da Bacia do

Prata, denominado de *obrage* em territórios argentino e paraguaio, sendo introduzido, também, em território brasileiro. Os investimentos dependiam de capitais oriundos do sistema imperialista da época pertencentes à elite dos três países, principalmente da Argentina. Os trabalhadores, denominados de *mensus*, eram arrebanhados da fronteira e exerciam as atividades de exploração, beneficiamento e transporte dos produtos extrativistas. Estas atividades foram contempladas com concessões e apropriações de terras, que provocaram concentração fundiária nas mãos de empreendedores nacionais e estrangeiros. Portanto, em torno das obrages foi sendo estruturado um ambiente de exploração, produção e comercialização extrativista para o mercado platino (Ver GREGORY, 2008, p. 150 a 163).

Analisando um Relatório do DOPS, de 1942, Gregory (2014, p. 198 e 205) resume que este documento traz um levantamento feito sobre o rio Paraná, no curso entre Foz do Iguaçu e Guáira, que menciona trinta e seis nomes de lugares, sendo que se referem a seis “chácaras”, duas “planchadas”, uma “quinta”, uma “ilha” e vinte e seis “portos” na margem brasileira e 18 portos na margem paraguaia. São dados que dão conta de uma infraestrutura que aponta para a dinâmica de comunicação centrada no rio Paraná.

A presença de embarcações brasileiras em águas banhadas pelos territórios argentinos e paraguaios só foi possível a partir de uma série de acordos com a República Argentina e com a República do Paraguai, permitindo que o Brasil poderia utilizar-se da navegabilidade do Baixo Paraná, para concretizar sua comunicação com a província de Mato Grosso. A via de acesso ao Mato Grosso se dava pelo rio Paraguai. Para que isso fosse possível, o Império brasileiro teve que concordar com o livre acesso das embarcações argentinas por praticamente toda extensão do rio Paraná em costas brasileiras, desde a Foz do Iguaçu até as Sete Quedas (COLODEL, 1988, p. 55).

Esse acordo abriu a oportunidade para que as margens do rio Paraná fossem exploradas economicamente por empresas argentinas, como detentoras de capitais para o desenvolvimento de atividades nas obrages. Já os paraguaios eram importantes fornecedores de mão de obra barata, nessa complexa rede de atividades ali estruturada. No Paraguai, a partir do contexto econômico do pós-guerra da Tríplice Aliança, os paraguaios “*buscaban trabajo temporal en los yerbales brasileños y en ingenios azucareros del nordeste argentino, en corrientes migratorias temporarias* (RIVAROLA, 2013, p. 64). Rivarola destaca que, no final do século XIX, o Paraguai

também abrigou três grandes regiões econômicas, uma delas refere-se à extração de erva-mate entre Concepción e Mato Grosso, a partir da instalação de um porto ervateiro naquela região.

Já os capitais empregados para o funcionamento das obras vinham dos três países desta Fronteira. Destacam-se, no entanto, os capitais da Argentina, cujas atividades estavam centralizadas na região de *Misiones*, tendo toda uma estrutura para o transporte dos produtos via rio Paraná. Brañas traz uma relação dos vapores que navegavam de *Misiones*, passando por Porto Mendes até nas proximidades dos Saltos de Guairá.

Misiones era una potencia en orden a la calidad y cantidad de barcos que con matricula local hacían el recorrido hasta Puerto Méndez, cabecera natural y acceso obligado a esos herborosos y oscuros saltos del Guayrá. El Tembey, el Edelira, el Dolores, el Anita y el Bell de la Cia. Barthe: El Iberá, de Juan B. Mola y Cia. El España y el Salto de Nuñez y Gibaja y el villa Franca de Julio T. Allicca, iban y venían en un trajinar incesante, tocando puertos Argentinos, paraguayos y brasileños. El comercio que promovían tenía así un acentuado carácter internacional, tonificando la economía de la región que utilizaba el río como única vía para la salida de sus productos (...) (BRAÑAS, 1979, p: 90, Apud Alcaráz, 2010, p. 03).

Brañas pontua a importância do rio Paraná, como a principal e única via para escoar a produção, cujo comércio envolvia os três países. A intensa movimentação nos portos, também, foi observada por viajantes que por ali passavam. Em seus escritos destacavam que Corrientes era o mercado que recebia as mercadorias, as jangadas desciam o rio transportando madeira de lei e os vapores seguiam carregados de erva-mate, frutas, gado, couro, tabaco e pessoas.

A fronteira, nesse sentido, exercia o papel de centralidade no espaço regional para as relações comerciais pontuadas por Brañas. E Bertoni visualizou tal estratégia e utilizou-se dessa função da fronteira circulante, bem como da importância do rio Paraná para tais relações.

Considerando, sobretudo, que na região trinacional, o rio Paraná era a demarcação entre as três nações, Gregory (2014, p. 184 a 186), ao realizar um estudo sobre a fronteira trinacional, apresenta algumas reflexões a partir de narrativas sobre os sertões do Paraná. Analisou as construções de paisagens em contextos de fronteiras e territórios. Apresentou relatos de viajantes que trazem conteúdos de narrativas sobre os rios e a função das águas e representações da natureza. Tais

narrativas também fazem apontamentos sobre planos de navegação e as possibilidades do uso das águas para a produção de energia elétrica e para atrativos turísticos. Aponta que, no século XIX, foram registradas preocupações sobre os acessos às áreas próximas aos vales dos rios da bacia Platina. Guaira e Foz do Iguaçu recebiam destaques em tais narrativas pelas riquezas naturais e pela fertilidade dos seus solos, caracterizando a potencialidade agrícola da região.

Tais evidências foram assuntos recorrentes nas cartas que Bertoni remetia aos seus familiares na Suíça, principalmente ao irmão Brenno. Fazia descrições das características das terras, das matas e dos rios, apresentando as potencialidades da região e dos projetos de estudos, principalmente os voltados à agricultura paraguaia.

Bertoni manifestava preocupação e interesse em representar o território banhado pelas águas, principalmente o rio Paraná. Não só nas cartas representou a natureza com suas belezas, mas também nos relatos de viagens e, ao se referir ao Paraguai, pontuou o potencial, principalmente, para o cultivo agrícola. Outra forma de representar este espaço foi através da produção de mapas.

Na ocasião da viagem que realizou para avaliar as terras de Yguarazapá, no ano de 1886, quando ainda morava em *Misiones* na Argentina, aproveitou a ocasião para produzir o mapa topográfico do rio Paraná. Em carta aos sócios declarou:

Yo aproveché el viaje para relevar el mapa topográfico del Rio (Paraná) desde Yavevuyry hasta três léguas al norte del Pirayuvy. Este trabajo, que hice con extrema minuciosidad y con excelente brújula-declinómetro, pienso publicarlo, y por eso no puedo adjuntarlo a la presente, puesto que necesito compornelo con exactitud; pero no tardará en enviarlo. Esa fue para mi nueva ocasión de comprobar lo que hay de fantástico tanto en fondo como en los detalles de los mapas publicados hasta ahora, que evidentemente han sido relevados si ningún cuidado y sin instrumentos, y haciendo en vapor 30 o 40 leguas em um dia (BERTONI, 1887 Apud BARATTI & CANDOLFI, 1999, p. 50).

No relato, Bertoni se colocou enquanto explorador com a função de desvendar, descrever e divulgar os conhecimentos sobre o território que julgou desconhecido. É ele que olha o outro, o diferente, avança as fronteiras, descobre as belezas e descreve como sendo o que chamou de *Torre de Babel*. Segue dizendo que:

Vuelvo a repetir: no existe mapa alguno ni del curso del Río ni tampoco de las tierras del interior; cuanto posemos son croquis trazados según

informaciones y nada más. En cuanto a los ríos y torrentes secundários, es una torre de Babel, hasta el punto de que hay ríos navegables que faltan en los mapas más detallados; en cuanto al curso de los conocidos, todo lo que figura en los mapas es pura imaginación (BERTONI, 1987 Apud BARATTI & CANDOLFI, 1999, p. 50).

Acreditou ser a sua produção cartográfica a primeira representação mais precisa e detalhada do rio Paraná e sobre as terras do interior. Comparou o que observava em croquis, que seriam esboço pouco detalhado sobre os cursos dos rios. De posse das suas anotações de viagem, trocou informações com outros viajantes e pesquisadores, cruzou informações com outros planos elaborados em expedições anteriores. O enfoque da produção cartográfica posicionava a fronteira no centro. Bertoni construía representações cartográficas na perspectiva da centralidade da fronteira. Por isso, na carta, comunicou aos sócios que não enviaria o plano, pois levaria mais algum tempo para finalizá-lo. Demonstrou preocupação com os detalhes e informações exatas sobre o rio e seus afluentes. Na mesma carta, destacou o encontro com índios Guayaquíes.

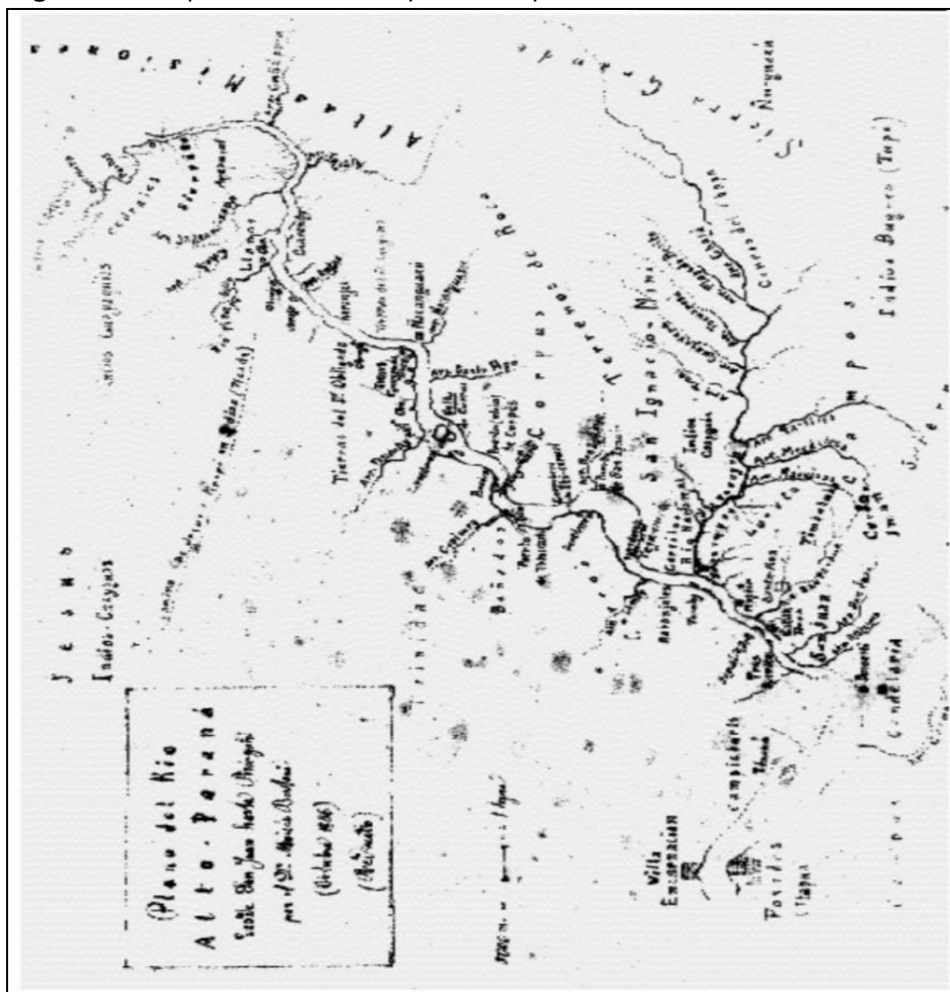
Recorrí regiones desconhecidas y espléndidas, y como colorario conocí a los selvajes indígenas Guayaquíes, que son los únicos pobladores humanos de aquellas tieras. Es una raza interesante, porque representa al hombre en su estado primordial, mucho más cercano a los símios – dicen los paraguayos – que tal hombre (...) Em encunto a primitividad, parece que superan a todos los pueblos de América; poseen un lenguaje apenas articulado, y serán para mí objeto de um estudio muy interesante (BERTONI, 1887 Apud BARATTI & CANDOLFI, 1999, p. 50).

Parece que Bertoni estava convencido de que era nas terras paraguaias o local perfeito para levar adiante seus projetos de pesquisa. Ao conhecer o local onde seria sua futura residência em Yaguarazapá, relatou que *“aquellos son los mejoras terrenos de toda la costa paraguaya”*. Como já mencionado, a viagem exploratória foi proposta pelos sócios de Bertoni, para conhecer o potencial das terras no Paraguai. Para os membros do grupo, o objetivo era a exploração da madeira, já para Bertoni a oportunidade para instalação da tão sonhada colônia e continuar seus estudos. Como visto, no segundo capítulo, a relação com os sócios durou por pouco tempo, sendo o envolvimento de Bertoni com a pesquisa científica a causa principal dos descontentamentos dos sócios, fato que levou Bertoni a deixar a sociedade e a localidade de Yaguarazapá.

A oportunidade de Bertoni procurar um novo lugar para instalar sua colônia aconteceu no ano de 1893, quando realizou a viagem para conhecer a região de Guaíra. Nas cartas que escreveu e nos relatos dessa viagem, descreveu as riquezas e belezas naturais, apresentou os perigos que o território esconderia, lugares desconhecidos, inexplorados, intocados. *“Moisés Bertoni no puede contentarse con explorar un territorio sólo con los ojos del mercader de maderas o del colonizador. Su mirada es también la del cartógrafo, del etnógrafo, del botánico”* (BARATTI & CANDOLFI, 1999, p. 52). Nessa viagem, recolheu espécies de plantas e pedras para estudos e seguiu mapeando a região percorrida, o que gerou o mapa que denominou de *Plano dos Saltos del Guairá*. Os dois mapas mencionados foram reproduzidos nas obras de Baratti e Candolfi (1994, 1999).

Na descrição desta viagem, apresentou o Paraguai como um país cheio de potencialidades para um futuro promissor. Os relatos eram enviados por cartas aos seus familiares e amigos, exaltou as belezas das florestas e das águas. Os registros cartográficos que fez apresentam o olhar apurado, a partir dos seus conhecimentos geográficos, matemáticos, biológicos e estéticos. Ao observar o mapa, percebe-se a preocupação que teve em detalhar a região percorrida. Fazer o mapeamento, também, foi uma forma de conhecer o território e de registrar os lugares que conheceu. Com isso, teria uma visão mais detalhada dos trajetos e dos cursos das águas, contribuindo inclusive para a escolha da sua futura colônia.

Figura 14 - Mapa do Alto Paraná produzido por Moisés Bertoni em 1887.



Fonte: Baratti & Candolfi, 1999, p.51.

Assim, a escolha do local de sua residência, às margens do rio Paraná tinha razão de ser. Procurou uma região que tivesse fácil acesso, pois seria pelas águas que enviaria e receberia as informações, mercadorias, pessoas e o possibilitaria construir e manter as relações familiares, comerciais e científicas. É a partir das anotações e das correspondências de Bertoni, que se pode imaginar aquele vai e vem dos vapores que navegavam pelo rio Paraná, carregados de erva-mate, bananas, café. Em uma carta, enviada ao marido, Eugenia escreveu que era através das embarcações que *“Muy lentamente van y vieran nuestras cartas”* (Eugenia a Bertoni, 1905). A frase nos remete à intensa movimentação na mais importante artéria de comunicação e de transporte da região trinacional daquele período.

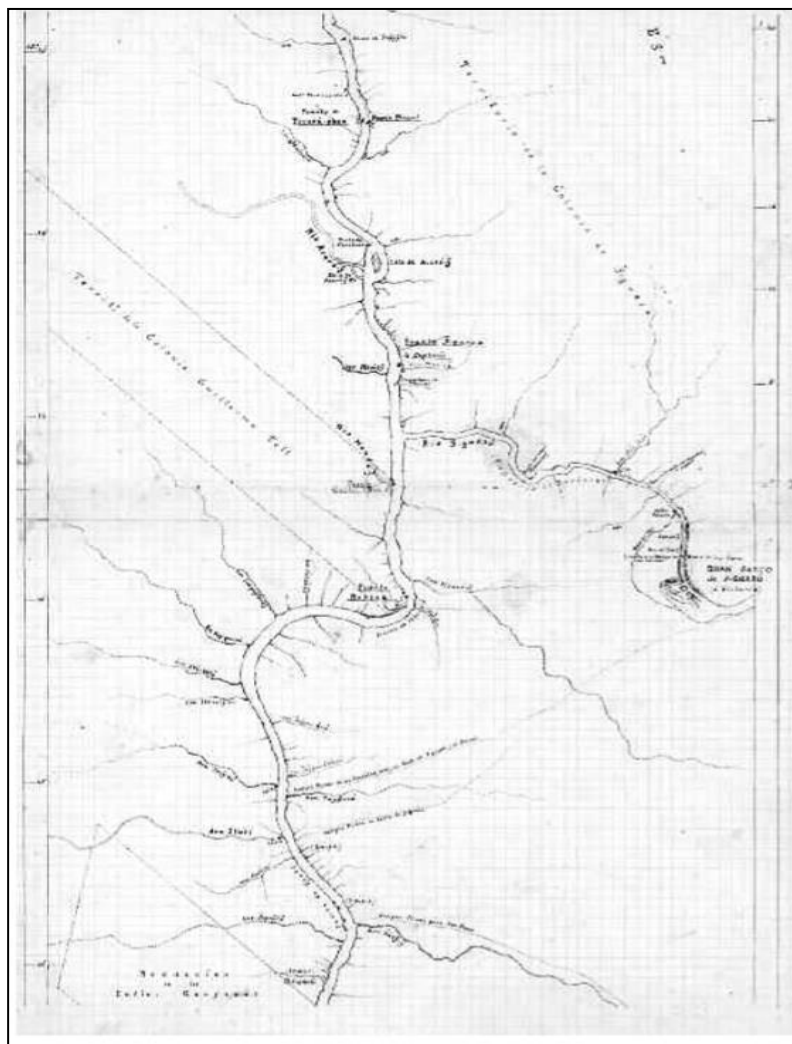
Ficou evidenciado o protagonismo do rio Paraná para as relações vivenciadas no período do final do século XIX e início do século XX, o que nos leva a caracterizar a centralidade da fronteira para tais relações, isso porque era um espaço de

sociabilidade e de comunicação. Os rios do Prata são o território da cultura guarani desde tempos remotos. Suas águas, nas correntezas da memória, serviram de suporte para os primeiros exploradores, como o português Aleixo Garcia, entre 1522 e 1524, e o espanhol Àlvar Núñez Cabeza de Vaca, em 1541. Também foi palco para os primeiros contatos entre índios e não índios que, seguindo o rio abrindo caminho, traziam outros povos. Pelas águas do rio, chegaram os jesuítas, que introduziram o cristianismo, catequizando, aldeando índios e formando reduções.

No decorrer dos anos, o rio continuou a ser palco das histórias da região sobre exploração da erva-mate e da madeira e na sequência de colonização de famílias de várias nacionalidades que o denominaram de *Paranazão*. Na linguagem guarani, o rio Paraná significa rio Caudaloso, tem seu leito marcado por curvas suaves, e numerosas ilhas e bancos de areia. Suas Margens são contornadas por uma flora caracterizada pela diversidade vegetal.

Assim, essa diversidade era de interesse de Bertoni, fato que o levou a continuar o reconhecimento da região, com a organização de uma nova expedição no ano 1893. Uma viagem exploratória pela região do Iguaçu e Salto del Guairá, oportunidade para produzir o segundo mapa intitulado de *Alto Paraná e do Salto Guairá*. Como já havia feito o Plano do Rio Paraná em 1887, deu sequência a partir do ponto que tinha parado. Ele sabia da importância de conhecer o rio e seus afluentes, pois era o único meio de transporte e comunicação viável naquele período nas fronteiras percorridas pelos viajantes.

Figura 15 - Parte do Plano do Rio Paraná desenhado por Moisés



Fonte: L'arca de Mosè, 1994, p.773.

Bertoni, juntamente com o inglês estabelecido em Assunção, Carlos Stanley Berner e o suíço Arnaldo Schoch e mais oito peões, também tinha como objetivo encontrar um lugar para ser a futura colônia dele. Já que havia rompido com os sócios de Buenos Aires, teria que se retirar de Yguarazapá. Sobre o financiamento de tais viagens, o próprio Bertoni esclarece, em uma carta endereçada ao Presidente do Paraguai, Eusebio Ayala, em 25 de fevereiro de 1922, da utilização de recursos próprios para as viagens e pesquisas.

Com o propósito de encontrar um local para fundar uma colônia e de reconhecimento da região, embarcaram, no dia 5 de outubro de 1893, a bordo de um vapor, um diário de expedição e várias espécies de plantas para aclimatação na futura colônia. Depois de cinco dias de viagem, aportaram em um porto. De lá, Bertoni escreveu uma carta à Eugenia, avisando que tinha encontrado o local perfeito para a

instalação da futura residência: “*El puerto es magnifico, el mejor que existe arriba de Yaguarazapá; el clima es especial*” (Bertoni à Eugenia, 14 de outubro, 1893).

Baratti e Candolfi transcreveram um texto escrito a lápis, sem identificação de data, no qual Bertoni se mostrou vislumbrado com a região, exaltou as belezas dos rios e dos saltos das Sete Quedas:

Obras como el gran salto del Guayrá no se describen: se admiran. Las escenas de la naturaleza inspiran al poeta: el Guayrá es de aquellas que lo enmudecen. Es que ante esse cuadro tan bello como horroroso, tan hermoso em sus detalles como imponente em su conjunto, la admiración que se experimenta es mezclada de terir: aquello entusiasmo y aniqueila. Es que esse mar que se precipita em el abismo, esos montañas de agua que se despeñan em treinta cataratas, esos choros gigantes que prenden de nuevo escalar los aires, los remolinos vertiginosos y las mil diversas corrientes um marco donde tragédias infernales, esos aires inundados de perlas e diamantes y ceuzados por aves de espléndidos colores y las múltiples aureolas de frecuente y variable arco íris, y por fin, el ronco mujido de soãdas fieras y el estruindo que enmudece al trueno, em la soledad importante de la selva (BARATTI & CANDOLFI, 1999, 128).

As cartas que Bertoni escreveu ao irmão na Suíça, contando sobre a região banhada pelo rio Paraná, conferem a importância dada às águas e à região, enquanto sendo um lugar de oportunidades. Essa importância conferida tanto ao rio, como à produção dos registros sobre ele, demonstra essa centralidade da fronteira para o estabelecimento das relações que Bertoni pretendia construir.

Essas relações podem ser observadas em um dos elementos descritos por Rivarola, que entendeu que os limites entre as regiões da Argentina, do Brasil e do Paraguai se davam, em parte, pela extração da erva-mate e pelo fluxo migratório. O Paraguai enfrentaria problemas sociais e políticos.

Entre 1904 y 1912 salió del Paraguay el 30% de su población total, y diez años más tarde, el éxodo era evaluado ya en unas 150.000 “cabezas de familia” residentes fuera de las fronteras nacionales. Este proceso se ve favorecido, además, por las convulsiones políticas: Las frecuentes y sangrientas revoluciones internas, con sus secuelas de levadas forzosas de campesinos, jornaleros e incluso obreros calificados, y las persecuciones posteriores a simpatizantes de los bandos vencidos funcionaron indudablemente como un factor de expulsión de la población. La revolución de 1904 provocó em los años siguientes un inmenso flujo emigratorio; la de noviembre de 1908 vio a centenares de campesinos refugiarse em los montes (...). La conspiración de enero de 1909 llevó al gobierno a reclutar forzosamente población: ‘Los campesinos, o para no venir al cuartel, o para no meterse em peleas, o para engrosar las filas revolucionarias, emigraron em su mayor parte

al Brasil unos, a la Argentina otros'; y en abril de 1910 la inminencia de una nueva revolución genera idénticos resultados. (...) La proximidad de la 'cruzada' radical de 1911-12 volvió a desencadenar el proceso. (...) El volumen de la población rural que era expulsada del país por las revoluciones y atraída simultáneamente con ofertas de mejores salarios por las empresas ubicadas fuera de las fronteras, fué tal que el gobierno paraguayo se vio obligado a hacer eco de las quejas, presentadas por los empresarios ubicados en el país, de la creciente carestía de mano de obra (RIVAROLA, 1993, p. 109-110).

Esse fator, para o qual Rivarola chama a atenção, seria um dos elementos de mudança. Beunza, em seu *Paradigma Relacional* analisa como tais situações influenciam nas vivências dos atores sociais, mas também são influenciadas por estes. E o rio Paraná foi utilizado pela população como meio para se deslocar de uma região para outra, seja fugindo de um contexto de revolução, seja procurando novos campos de trabalho, seja migrando.

Bertoni sentiu as consequências desse contexto político do Paraguai, pois ficara sem mão de obra para a manutenção da colônia. Na carta escrita para seu irmão Brenno, no ano de 1909, cita a revolução interna como um dos fatores que atrapalharam suas atividades:

De algún modo, las revoluciones repercuten también en Puerto Bertoni. Revolución el 2 de julio de 1908 y cambio completo de gobierno; estado de sitio desde ese día hasta hoy, dicen que hasta el 31 de diciembre, probablemente por más tiempo aún; revolución en setiembre-octubre de 1909, terminada por el momento, pero nuevamente anunciada por los mismos revolucionarios. La población pacífica se va; hay 100.000 paraguayos en el extranjero; yo me he quedado casi sin peones; se marchan, no vuelven a causa de la leva, que se hace aquí de una manera que no puede ser más arbitraria. Así que mi trabajo de plantaciones está casi parado, y una buena parte de la cosecha de café se ha perdido por falta de brazos (BERTONI, 1909).

Nos anos de 1911 e 1912, Bertoni voltou a escrever ao irmão, relatando sobre este contexto. Apresentou a situação econômica em que a colônia se encontrava. Fez referências às questões climáticas e aos distúrbios políticos como causas dos problemas enfrentados em Puerto Bertoni:

Desde el punto de vista económico, el año 1911-12 ha sido más bien malo para mí y para Reto. El año agrícola ha sido el peor, el único realmente malo desde que llegamos a este país. Temperatura demasiado baja y tiempo demasiado nublado, después de un tiempo demasiado seco y de un sol demasiado fuerte (...). Y además, esta vez nos afectaron un poco los disturbios políticos, aunque de una manera

muy indirecta. Aquí nos dejan completamente tranquilos. Nada nos molesta, te decía al respecto en mi última carta. Todavía es verdad. Pero el contragolpe nos afectó por la huida de trabajadores paraguayos a Brasil para evitar el reclutamiento. Por otra parte, mi hijo hacía edificar en Villa Encarnación una casita que, por falta de techo y de obreros, fue demolida por las lluvias torrenciales (BERTONI, 1912-1913b).

Fatores climáticos, situações políticas e econômicas são elementos que influenciaram um contexto que gerou mudanças em Puerto Bertoni. Ou seja, observa-se o que Beunza chama de *Paradigma Relacional*. Nesse aspecto, o rio Paraná serviu, também, de palco para a migração de paraguaios rumo ao Brasil e à Argentina.

Da mesma forma, a imagem fotográfica que registrou a visita do Presidente da República Edoardo Schaerer e sua comitiva em Puerto Bertoni, instiga a pensar essa fronteira relacional e o papel da fronteira. A presença do presidente do país na residência de Bertoni foi muito significativa, considerando as dificuldades que a família enfrentava naquele período.

Por outro lado, a presença de um presidente às margens do rio Paraná, em um espaço de fronteira, não era por acaso, ainda mais em um contexto político pelo qual o Paraguai estava passando. A importância da presença do presidente do Paraguai é manifestada pelo próprio ato de registrar em fotografia, consideradas as limitações da técnica fotográfica naquele período.

Figura 16 – Visita do presidente do Paraguai, Edoardo Schaerer e sua comitiva.



Fonte: BARATTI & CANDOLFI, 319, 2019.

Não se sabe ao certo a data do registro da fotografia, mas supõe-se que tenha ocorrido por volta de 1913 ou 1914. Mas o que chama a atenção é a visita do presidente a Puerto Bertoni. Isso manifesta a importância de Bertoni e também da fronteira para as relações políticas vigentes. O que faria um presidente se deslocar da capital do país rumo a um local considerado como sendo “interior”? O que teria de relevante nesse espaço? São questões de centralidade.

Ao contrário de outros registros fotográficos da família, tomados em frente à casa principal em Puerto Bertoni, esta imagem dialoga com a carta que Bertoni escreveu ao seu irmão Breno. Nela manifestou otimismo, pois depositava, no presidente, esperança de dias melhores:

Dans la voie des Réformes et de l'Ordre 'sob a orientação de Schaerer, un vrai suisse de la bonne vieille race, mélange de paraguayen, sa mère étant guaranie, ce qui ajouté à son caractère la réserve diplomatique et la dignité particulières de ce peuple intéressant (BERTONI, 1913b)⁵⁰

O que chama a atenção, a partir da imagem e da carta, é a visita de um presidente em um espaço de fronteira. Toma-se essa fotografia como indício para refletir sobre a hipótese levantada no início dessa pesquisa, sobre importância da pesquisa científica para Bertoni, bem como a importância de Puerto Bertoni a ponto de receber a visita do presidente.

É importante atentar para a fala de Bertoni na carta que escreveu ao irmão. Este não era um presidente qualquer, era filho de pai suíço *de boa e velha raça* de mãe paraguaia, de origem guarani, com características diplomáticas. Isso faria toda a diferença para instaurar a ordem no Paraguai. É a presença de migrantes junto aos guaranis para formar o povo e a identidade do Paraguai.

Esse fato chama a atenção, pois Bertoni, antes de migrar para América do Sul, escreveu uma carta para Eugenia avisando sobre a viagem. Partiriam de um país que só poderia ser curado através das bombas. No intento, após as vivências no Paraguai, os registros demonstram um Bertoni a favor de um presidente que devolveria a ordem no País. Pois os conflitos tiveram influências diretas nas atividades em Puerto Bertoni, principalmente no que se refere aos fatores relacionados à mão

⁵⁰ No caminho das Reformas e da Ordem ‘sob uma orientação de Schaerer’, um verdadeiro suíço da boa e velha Raça, mistura de paraguaio, sua mãe sendo guarani, o que acrescentou ao seu caráter a reserva diplomática e a dignidade particular desse povo interessante (tradução nossa).

de obra. Também apresenta um Bertoni preocupado com os rumos políticos e econômicos do Paraguai, mas sempre atentando pela paz.

Em 24 de outubro de 1915, o pai escreveu para o seu filho Winkelried, fazendo referências ao presidente Schaerer. O teor da carta é diferente daquela enviada ao seu irmão Brenno em 1913. Dois anos depois da carta cheia de otimismo e esperança, enviada para o irmão, escreveu ao filho, manifestando descontentamento. A principal razão para a desilusão era a falta de apoio do governo para a publicação das obras e a falta de incentivos para a lavoura. Certamente na visita do presidente em sua residência, esse teria sido um dos assuntos em pauta. Verificou-se que esse é um tema recorrente em suas correspondências. Bertoni esperava algo dos governos e ficava desapontado com frequência por não ser atendido. Vivendo assim, nessa dualidade, em um constante conflito, entre a esperança e a decepção.

Suas expectativas perante as promessas de governos, aliadas à crise que se instaurou em Puerto Bertoni, estão em um contexto no qual a fronteira deixou de ser o território de possibilidades para Bertoni. Índícios de uma fronteira vigiada. Puerto Bertoni teria sido afetado diretamente com a Lei da Cabotagem. Sem conseguir exportar seus produtos, perdeu praticamente toda a produção. Além dos fatores climáticos que acabaram com a produção agrícola no inverno rigoroso de 1918.

Tais registros apresentam o contexto de mudanças na fronteira, a partir de fatores climáticos, políticos e econômicos, contribuindo para a instauração da crise em Puerto Bertoni, o que gerou dificuldades, também, no contexto familiar. Tais mudanças influenciaram nas decisões dos filhos em abandonar Puerto Bertoni, em certa medida, pela própria crise que havia se instaurado na propriedade, o que o deixou desolado, desanimado. Sete meses antes de sua morte, em carta, desabafou para seu amigo Eilmiro Toso:

Así que el edificio levantado con tanta constancia, pena y cariño, se viene abajo. Mis ilusiones sobre una familia tan numerosa, en pocos años se desvanecieron. Me quedo sin sucesores, ni colaboradores; ni hijos, ni nietos (...) Sólo veo claramente el desastre de mis ideales, el naufragio de mis esperanzas, la mortificación de mi orgullo de familia (BERTONI, 1929).

A decepção que Bertoni manifestou nos registros, pela partida dos filhos, aliava-se à crise vivenciada pela família, que piorou quando foi promulgada a Lei de

Cabotagem⁵¹. Esta lei limitou, na região, a exportação de produtos através dos vapores estrangeiros, que transportavam a produção agrícola da colônia familiar. No mês de julho de 1926, escreveu ao amigo Rodolfo Ritter:

Hace muchos años ya que la inconsulta ley de cabotaje ha ruinado completamente mi negocio de exportación de fruta, y sigue impidiendo toda salida que no sea de Pichuleo. La misma ley impidió todo arreglo con la compañía alemana 'La ribereña del Plata' (...). Por otro lado, los fletes excesivos vinieron a hacer imposible todo cultivo de algodón, tabaco y otros productos, con excepción de la poca banana que pueden comprar los empleados de los vapores, a los que quieran permitirles tocar esta desdichada costa, bloqueada por sus propios dueños. Para plantar Yerba se necesita capital y crédito agrícola. Tres veces me he dirigido a nuestro Banco Agrícola y tres veces me han dejado sin contestación. La crisis del postguerra me dejó en 1919 y 1920 sin peones y en esa perdí 60 000 plantas de café, las que maltratadas por la helada de 1918 necesitaban pronta poda y mucha limpieza. La revolución dejó casi al suelo a mi hijo Reto y yerno Flores, los solos que podían ayudarme (...). Aquí apretamos el cinto en esperas de mejores tiempos... (BERTONI Apud BARATTI & CANDOLFI, 1999, p. 262).

Historicamente, o transporte de cabotagem foi um dos principais modos de transportes utilizado no Brasil até a primeira metade do século XX, quando as ferrovias estavam voltadas predominantemente para a interiorização do território e as estradas ainda se encontravam em formação. O principal meio de transporte nacional naquele período, portanto, foi a navegação. Cabe destacar que a navegação mercante esteve vinculada ao segmento militar até o início do século XX. Somente, a partir de então, foi criada a Inspeção Federal de Navegação, vinculada ao Ministério de Viação e Obras Públicas. Foi nesse contexto, que a navegação na fronteira começou a sofrer mudanças, a ponto de Bertoni sentir tais impactos.

Na Colônia Militar de Foz do Iguaçu, quem fazia o controle da navegação era a chamada Mesa de Renda, criada pelos decretos nº 1.209, de 30 de julho 1904 e instalada na Colônia em 19 de abril de 1905, pelos funcionários do Ministério da Fazenda, Manoel Azevedo da Silveira Neto, que foi o 1º escriturário da Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional do Paraná, como administrador, Benedito Nicolau dos Santos, 1º escriturário da Alfândega de Paranaguá. Teve início em uma casa de

⁵¹ Segundo a Agência Nacional de Transportes Aquaviários (Antaq) que se baseia na lei nº 10.893/04, onde cabotagem é definida como aquela navegação realizada entre portos brasileiros, utilizando exclusivamente a via marítima, ou seja, é todo transporte aquaviário nacional que se realiza totalmente ou parcialmente pela via marítima costeira. Ver em: <http://www.antaq.gov.br/> acesso 15 de fevereiro de 2018.

madeira nas barrancas do rio Paraná, próximo ao ponto de desembarque. Era a Mesa de Renda que fazia os trabalhos alfandegários, fiscalizava a exportação e importação de produtos no Porto de Iguaçu. O trabalho de fiscalização era feito a bordo de uma chalana, sendo essa uma embarcação brasileira da fronteira a navegar no rio Paraná (NETO, 1995, 27-38).

No ano que Bertoni escreveu a carta ao amigo Rodolfo Ritter, na qual relata as dificuldades para exportar os produtos, no Brasil essa função de controle das embarcações já havia passado para Delegacia da Capitania dos Portos, criada em janeiro de 1924. Essa substituída, em 06 de março de 1933, pela Capitania Fluvial do rio Paraná.⁵²

Figura 17 - Embarcação carregada de banana, Porto Bertoni, Rio Paraná.



Fonte: BARATTI & CANDOLFI, 1996.

A fotografia com a embarcação carregada de bananas, que saía de Puerto Bertoni, dialoga com o que Bertoni escreveu em 1913. Ali ele afirma que eram exportados 12.000 quilos de bananas a cada dez dias, antes da crise que se instalou na fronteira. A lei de cabotagem teria vindo arruinar completamente esta atividade de Puerto Bertoni (BARATTI & CANDOLFI, 1999, p. 146).

Em conversas informais sobre a história de Bertoni, temos informação de que Foz do Iguaçu era abastecido com as frutas produzidas em Puerto Bertoni. Em consulta em alguns documentos da Prefeitura Municipal, deparou-se com livros caixas dos primeiros anos da municipalidade. Nesses documentos, ficou registrada a venda de erva-mate para a prefeitura local por Bertoni. Esses indícios revelam a forte relação

⁵² Sobre o assunto consultar <https://www.marinha.mil.br/cfrp/historico>

comercial praticada por Bertoni na fronteira. E a fotografia acima documenta essa relação, não se sabe para onde foi esta carga de bananas, só é possível saber que foi carregada em Puerto Bertoni e transportada por uma embarcação seguindo as águas do rio Paraná.

Em várias cartas, Bertoni se mostrou desanimado, em parte, porque depositou grandes esperanças em um projeto ferroviário que deveria impulsionar o setor econômico em Alto Paraná e Puerto Bertoni. Na obra *Ferrocarril*, Herken (1984) explica que a estrada de ferro, que ligaria *Asunción* a Santos no Brasil, era um projeto conhecido como *El Ferrocarril Trans-Paraguayo*, que abriria uma saída para o Atlântico, em parceria com o sistema férreo brasileiro iniciado no final do século XIX, mas que só teve sua concessão autorizada em 1909. Tal estrada passaria nos fundos da propriedade de Bertoni.

A estrada de Ferro deveria incluir duas linhas – de Borja, perto de *Villarica*, que iria esticar até *Asunción-Iguazú*. Mas segundo Herken, em torno do projeto se travou uma “luta” entre interesses brasileiros e argentinos. Os brasileiros esperavam reforçar as dependências do Paraguai através da união do sistema ferroviário. Já os Argentinos se mostravam hostis, pois tiraria Buenos Aires da posição de saída natural e privilegiada de mercadorias paraguaias. Essa competição pelo controle da companhia ferroviária do Paraguai se entrelaçou com a luta política interna, a revolução radical de 1912 (RIVAROLA, 1993). Contudo, as esperanças de Bertoni foram esvaziadas. A estrada transparaguai não se concretizou. Todos os projetos ferroviários do Paraguai terminaram juntamente com o grupo Farguhar, motivado, em parte, pelas dificuldades financeiras advindas com a crise no período da Primeira Guerra Mundial.

As dificuldades vividas na sua colônia, mais especificamente no início do século XX, eram em parte provenientes dos acontecimentos no contexto do território da fronteira, mas também acontecimentos que ultrapassavam o território fronteiriço. Bertoni depositou esperanças de melhorias no setor econômico de Puerto Bertoni com a construção da estrada de Ferro. Acreditou que ela possibilitaria o avanço das fronteiras, trazendo mais agricultores para a região, bem como a diminuição das dependências do Paraguai para com a Argentina. Mais um tema que aponta para a perspectiva de centralidade da fronteira, agora projetos ferroviários.

Um ano antes de sua morte, Bertoni escreveu ao seu filho Reto. Estava desolado, Puerto Bertoni está em ruínas:

Pedidos que no puedo hacer, cuentas que no puedo pagar, miserias en casa, privaciones para mi gente que son las que más me apenan, un peón sólo para todas las 5 hectáreas de quinta y mandiocales y servicios de casa, el monte que invadió desde más de un año por todos lados, el potrero casi perdido... y los turistas que ya empiezan a venir y ver ruinas que no puedo justificar, ni explicar sin decir cosas que no suceden sino en el Paraguay y por tanto no pueden ser creídas, y venir a ver museo y colecciones que se pierden por parejo, por imposibilidad material de cuidarlas, en cuartuchos entregados a los insectos, a las ratas y a las avispas... el trabajo constante de 44 años. (BERTONI, 1928 Apud BARATTI & CANDOLFI, 1999, p. 101).

De uma forma geral, ficam explícitos alguns elementos nos discursos de Bertoni que sintetizam o conjunto de ideias conhecidas sobre o avanço das fronteiras, com investimentos na agricultura, esperança no projeto da construção de uma estrada de ferro, e a sua própria produção cartográfica e estudos sobre o solo e o clima do Paraguai, que atrairiam mais agricultores. Em um primeiro momento, a fronteira para Bertoni era vista como algo integrado, sem conflitos com a população indígena, a ponto de, em seus escritos, apresentar o modo de vida dos Guaranis (organização familiar e a relação com a natureza) como um modelo a ser seguido.

Mas a fronteira também se apresentou para Bertoni enquanto desencontro. A política migratória, questões aduaneiras e os fatores econômicos nos países vizinhos, bem como os conflitos no Paraguai, questões climáticas, saída dos filhos de Puerto Bertoni, são fatores que se somaram para o resultado nas suas atividades agrícolas, a ponto de sofrer privações e ver seu sonho em ruínas. Além da falta de apoio governamental para suas publicações e financiamento para a agricultura, promessas não cumpridas.

Portanto, o estudo da fronteira a partir dos registros de Bertoni, revelou uma história transversal, que mostra as conexões entre as diferentes esferas, nas quais o personagem atuava simultaneamente. “Fronteira enquanto ambiência, em cujo interior as relações sociais são mediadas por múltiplos interesses de natureza cultural, econômicos, políticos, religiosos” (BALLER, 2014, p. 09).

Tendo como base essa concepção de estudo, verificou-se que as fontes documentais de Bertoni revelam estas ações e interações. Nos registros, os atores sociais estão situados em seus contextos. Ou seja, são personagens que não somente se relacionam com outros indivíduos, mas com tudo aquilo que os rodeia, as ideias, os valores, as estruturas do sistema, as crenças, as instituições, os recursos naturais. Bertoni, enquanto um homem da fronteira, ou fronteiriço, para usar a

expressão de Baller (2014), revela as práticas sociais e culturais desenvolvidas no território trinacional, trazendo sua própria historicidade, a partir de um espaço construído com suas ressignificações. Assim, tanto os atores que vivem ou transitam na fronteira produzem impacto sobre o sentido da fronteira, também os sistemas interferem positivamente ou negativamente no existencial desses indivíduos que se relacionam com o território que construíram. Em outras palavras, os registros de Bertoni apresentam uma dinâmica dos atores sociais da fronteira “operacionalizada mutuamente para além de nacionalismos” (BALLER, 2014, p. 21), mas também propostas nacionalistas interferem nas vivências dos fronteiriços.

Se é possível verificar, a partir dos registros, as mudanças que ocorreram no contexto da fronteira, também se verificaram as mudanças praticadas e vivenciadas pelo próprio Bertoni, também no que se refere à religiosidade e à alimentação. Acredita-se que tais mudanças foram sendo construídas a partir da interação com outros atores da fronteira, principalmente os Guaranis. O intenso estudo desenvolvido por anos com a cultura indígena, o tenha levado a adotar, nos últimos anos de vida, mudanças de hábitos tanto para o corpo como para o espírito.

Bertoni vivenciou intensamente a fronteira, conheceu pessoas de várias partes do mundo, dedicou-se ao estudo da agricultura e da sociedade paraguaia, ao ponto de ter muitas experiências e com isso ele tenha sido modificado. Estas mudanças não ocorreram somente do seu modo de vida, mas na forma de conceber ou praticar sua pesquisa, principalmente sobre os Guaranis. Ao ponto de mudar a concepção científica, em defesa da preservação da natureza e das populações que nela vivem. Concepção que vinha na contramão do que era planejado para a fronteira em tempos de avanço populacional e do capital aos lugares considerados “vazios”.

As considerações realizadas mostraram como alguns acontecimentos, no final do século XIX e no início do XX, interferiram nas vivências de Bertoni em um contexto considerado de mudanças na fronteira. Por outro lado, tais mudanças, vivências e experiências influenciaram a forma como Bertoni concebia a sociedade em que estava inserido e o próprio fazer científico. Tudo isso leva a pensar sobre esse tempo múltiplo vivido pelo personagem, no qual os registros apresentaram a função de uma fronteira, em que os Estados Nacionais estabeleceram divisões. Esse contexto de mudanças influenciou as atividades em Puerto Bertoni, restringiu a venda dos produtos cultivados na propriedade, levando a uma crise econômica, mas também a uma crise existencial

causada pela saída dos filhos da colônia, bem como a um conjunto de circunstâncias fronteiriças que criaram instabilidades e rearranjos nos indivíduos e nos sistemas.

Muito mais do que as mudanças, que acreditamos serem inerentes em qualquer sociedade, ambiente e época, apresentadas no *Paradigma Relacional* de Beunza, os registros produzidos por Bertoni apontaram para o lugar central que a fronteira ocupa na construção das relações e nos elementos de mudanças descritos. Pois era nesse espaço privilegiado escolhido pelo personagem, que potencializou as relações em seus diversos aspectos, que para ele, toda a rede de conexões construída tinha uma razão principal, aquilo evidenciado como central na sua vida: as atividades científicas.

Ainda mais, a pesquisa proporcionou visualizar a fronteira daquele período como espaço vivo, de relações, repleto de vivências e de histórias. Por muito tempo, a literatura tradicional direcionava nosso olhar para uma fronteira marginal, como espaço vazio, inóspito e sem conhecimento. Ao contrário disso, os registros de Bertoni possuem indícios de uma movimentação intensa, principalmente no leste paraguaio, tema que mereceria especial atenção em pesquisas futuras. Os registros pesquisados estão marcados pelos seus rastros, nos caminhos por ele percorridos, cujos pontos centrais se apresentam dentro dessa fronteira triangular e circulante, e também expansiva, espaço em que personagens circulavam numa constante travessia nas águas, em que o desafio era vencer as barrancas do rio Paraná.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto, em seus quatro capítulos com seus subcapítulos, constitui-se numa narrativa sobre Moisés Santiago Bertoni, nascido na Suíça em 1857, migrante na Tríplice Fronteira Argentina, Paraguai e Brasil, falecido em 1929, no lado brasileiro. Foi sepultado em solo paraguaio. As investigações transitaram por suas vivências registradas, adentrando às auto-memórias e às memórias construídas e em construção numa fronteira em disputas pela centralidade.

Do conjunto de fontes levantadas, a prioridade de análise recaiu sobre cartas, fotografias, filmes e mapas em diálogo com bibliografias sobre Bertoni e sobre aquela fronteira. Um volume significativo de dados foi trazido ao texto, sendo consideradas as evidências das informações e atentando-se para detalhes, indícios e relações fronteiriças.

Os textos pesquisados, sobre Bertoni, apresentam versões que evidenciam imagens romantizadas e idealizadas, por vezes contraditórias. Configuram um homem que vislumbrou o território fronteiriço enquanto um mundo de possibilidades. A fronteira teria propiciado seu auge e seu declínio, e ainda e principalmente, reconhecimento e memórias.

As cartas também permitiram conhecer o processo de construção de memórias sobre este migrante da Tríplice Fronteira. Verificou-se que existem interpretações construídas ao longo do tempo que procuram determinar e definir este personagem como sábio, destemido e persistente. Ele é visto também em situações de dificuldades, de desânimo em que manifestava contrariedades. Tais construções foram consideradas para entender o processo de construção de memórias que dependem do lugar como do tempo em que se fala.

Nesse sentido, as leituras e análises proporcionaram observar alguns pontos que chamaram a atenção. O primeiro refere-se à construção de uma imagem positiva de Bertoni, com discurso idealizador de um sábio e de um anarquista convicto. Já o segundo são leituras e releituras que apresentam as contradições em que Bertoni vivia, inicialmente na Suíça, em seguida na Argentina e depois no Paraguai. O terceiro ponto refere-se aos textos produzidos a partir dos discursos proferidos após a sua morte, que contribuem para a consolidação da figura de um imigrante que adotou o

Paraguai como sua pátria e que dedicou a sua vida para contribuir no estudo sobre e na busca por uma identidade da terra guarani.

Outro conjunto de materiais pesquisados foram documentos produzidos e arquivados por Bertoni, que permitiu conhecer aspectos registrados de sua vida, possibilitando adentrar em um mundo particular e desvendar possíveis influências para suas atitudes e decisões ao longo de sua vida. Ou seja, conhecer suas intenções, desilusões e contradições registradas, nos rastros deixados nestes seus registros, conhecemos um homem que colocou a ciência acima de tudo, mas não separada de tudo. E procurou conduzir as investigações com a família e as atividades agrícolas, como parte de um processo em que ele se colocava como centro.

Bertoni decidiu migrar tendo em mente estes seus objetivos. O próprio esboço da futura colônia, que projetou ainda na Europa, explicita a ciência como atividade central na sua vida. Nesta proposta, no centro da colônia, seriam edificados os laboratórios de Zoologia e de Botânica, ao lado da Biblioteca e do depósito de ferramentas e maquinários.

Esta perspectiva, focada na ciência, também foi visualizada no decorrer desta investigação, podendo-se acompanhar alguns aspectos do percurso de Bertoni desde a sua juventude, a partir de cartas que escreveu para Eugenia. Em sua escrita, ficou expresso seu desejo de se entregar à ciência integralmente, foco que ele manteve durante a sua vida, resultando na produção e na divulgação de suas obras com a editoração e publicação das mesmas na sua gráfica e editora ExSylvis.

O estudo das correspondências demonstrou que a prática de escrever cartas fazia parte do cotidiano do personagem e de sua família, parte integrante de suas vivências. A preocupação que ele tinha em arquivar a documentação produzida e recebida, demonstrou a importância que deu aos registros que documentam seus feitos e que poderiam lhe conferir a importância que considerava ter. Bertoni produziu e guardou memórias das suas vivências registradas com seus interlocutores com os quais se relacionava intensamente.

Com esta prática cultural, a de escrever, principalmente a de escrever cartas, Bertoni procurou construir uma identidade para si e de si, através de seus documentos. Nessa perspectiva, verifica-se que, ao escrever, exerceu uma relação com o próprio texto. Construiu imagens de si, com o intuito de materializar sua identidade. Por um lado, isso nos faz perceber que Bertoni é uma invenção do seu próprio texto, sendo um produto que ele próprio elaborou. Por outro lado, ele também

vem a ser construções variadas daqueles que o interpretam, não tendo ele controle permanente sobre si. Estamos, portanto, diante de um Bertoni cambiante, mas persistente, e em disputa.

Ressalte-se que este estudo permitiu refletir sobre a possibilidade de conhecer a fronteira a partir de registros de um indivíduo. Conhecer o geral a partir do particular, ou como apresenta Ginzburg, conhecer uma “realidade” a partir de detalhes, a partir do micro. Tais registros indicaram, por indícios, as intensas relações entre sujeitos na fronteira, dentro do contexto de mudanças, interferindo nos cotidianos de quem vivenciou essa fronteira. Ou seja, ao longo do tempo, Bertoni foi se modificando na sua forma de pensar e de viver. Acredita-se que tais mudanças foram sendo construídas a partir da interação e de relações com pesquisadores, comerciantes, indígenas, enfim, com o meio em que estava inserido, num contexto de mudanças políticas, econômicas, sociais, culturais vivenciadas pelo Paraguai e pela fronteira, inclusive mudanças naturais, como as climáticas.

Outro ponto observado diz respeito aos registros que tratam sobre ciência. Bertoni viveu em um contexto no qual homem e natureza eram concebidos separadamente, sendo a natureza objeto a ser desvendado, conhecido, conquistado e dominado. Nesse sentido, ele se posicionava numa dualidade, às vezes contraditória. Nos primeiros anos após sua vinda para América do Sul, as cartas demonstravam a sua visão que concebia a natureza como algo onde se manifestam as belezas, mas também a hostilidade, que precisava ser conquistada. Outra visão é aquela do naturalista, presente principalmente na obra *Agenda: Mentor Agrícola*. Guia del agricultura & colono, publicada no ano de 1927, em que a natureza é concebida como algo harmonioso e bondoso, lugar e ambiente privilegiados onde a felicidade e o equilíbrio entre mente, corpo e espírito podem ser alcançados. Apresentando técnicas de preparação do solo, que não agredem o meio natural e nem o homem, buscava na ciência a unidade entre natureza e sociedade.

Essa dualidade também ficou manifesta no seu padrão de produzir a ciência, num contexto pautado na subdivisão crescente em campos e canteiros do saber, consolidando-se áreas do conhecimento como ciências da natureza (física, química...), ciências da vida (biologia, medicina, agricultura...) e ciências humanas (sociologia, antropologia, história...). O sistema científico da época consolidava a visão hegemônica da objetividade científica em que a verdade poderia ser e deveria ser desvendada. Bertoni colocava em xeque esta concepção de ciência e de verdade,

apontando para perspectivas no sentido de conceber ciência nos seus contextos, voltada para uma postura interdisciplinar, mesmo que de forma incipiente. Esta separação não se efetuava no nível do pensamento, nem da "realidade objetiva". Tal concepção levou-o a retirar-se para o meio natural, cuidando de sua alimentação, com uma dieta vegetariana, e se voltando à sua espiritualidade, defendendo um estilo de vida em meio à floresta e em meio à natureza ao modo de viver dos Guaranis.

O rio Paraná é considerado, nesta pesquisa, como cenário protagonista da fronteira e das mudanças, naquele período, sendo a mais importante via de comunicação e de sociabilidade. Era nesse rio que os vapores navegavam transportando mercadorias e pessoas das mais variadas nacionalidades e procedências. Assim, este protagonismo, através de suas águas navegáveis, proporciona visualizar a centralidade de uma fronteira, a partir das relações construídas e praticadas, por um personagem fronteiriço. Foi inspiração para a concepção e a criação da imagem e da conceituação de uma fronteira triangular, circulante, expansiva da Tríplice Fronteira.

Esta tese aponta para várias possibilidades de continuação e de desdobramentos de pesquisa. Algumas destas possibilidades poderiam ser levadas adiante com o mesmo enfoque teórico-metodológico privilegiando os paradigmas indiciário e relacional. Vários questionamentos estão colocados, apontando para a continuidade e o aprofundamento de estudos. A fronteira relacionada aos sistemas nacional, econômico, político, cultural, científico e outros são assuntos palpitantes que afloraram durante as investigações nesses mais de três anos de doutorado neste Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade, Cultura e Fronteiras.

Outros trabalhos poderiam trazer outros e novos olhares para a enorme quantidade e variedade de fontes apontadas nesta pesquisa com metodologias e procedimentos diferentes, proporcionando resultados complementares e diferentes. Também diálogos com outros personagens e com outros assuntos e temas candentes desta fronteira abrem um mundo de possibilidades.

A pesquisa permitiu adentrar na complexidade que foi e continua sendo a figura de Bertoni, um personagem fronteiriço que soube vivenciar a fronteira em seus múltiplos aspectos, através do estudo e da pesquisa, seja sobre o meio natural ou social, ou das relações comerciais. Assim, ao conhecer estes personagens, bem como suas vivências e memórias, foi possível visualizar a fronteira enquanto um espaço triangular em constante movimento, de pessoas, mercadorias, ideias e

conhecimentos. Os rastros deixados por Bertoni foram aos poucos desvendando peculiaridades sobre sua trajetória e sobre o mundo que o cercava. Ao montar esse mosaico de memórias a partir da diversidade documental, foi possível desenhar, sobre o mapa, os traçados que levaram a vislumbrar a fronteira enquanto centro para as relações praticadas naquele período.

FONTES

BARATTI, D.; CANDOLFI, P. **l'Arca do Mosè**: Biografia epistolare di Mosè Bertoni 1857-1929. 1ª. ed. Bellinzona: Casagrande, 1994.

BARATTI, D.; CANDOLFI, P. **Catálogo del Archivo de Moisés Santiago Bertoni y Familia - Puerto Bertoni**. Bellinzona: Archivo Cantonal, 1996.

BARATTI, D.; CANDOLFI, P. **Vida y Obra del sabio Bertoni**. Asuncion: Helvetas, 1999.

BARATTI, D.; CANDOLFI, P. Utopizzazione e Realtà di Puerto Bertoni. In: _____ **Archivio Storico Ticinese**. Bellinzona: [s.n.], 2009. p. 249-270.

BARATTI, D. Moisés Santiago Bertoni y la generacion nacionalista-indigenista paraguaya. **Bulletin Société Suisse des Américanistes**, n. 66-67, p. 41-47, 2002-2003.

BERTONI, M. S. **La Civilización Guaraní**, parte II, Asunción, 1956.

BERTONI, M. S. **La Civilizacion Guarani**: El testimonio de ua nacion todavia en ser. El juicio de un grande especialista, los Chiriguana, emigrados del Alto Paraná Paraguay a principios del Siglo XVI. Puerto Bertoni: Ex Sylvis, 1924

BERTONI, M. S. **Problemas y Puntos críticos**: La plantacion, cultivo y elaboracion de la yerba mate del Paraguay. Paraguai: Ex Sylvis, 1926.

BERTONI, M. S. **Agenda Mentor Agrícola**: guia del agricultura & colono. Paraguai: Ex Sylvis, 1927.

BERTONI, M. S. **Resumen de História e Protohistoria de los países guaraní**. Conferências dadas en el Colegio Nacional de Sgunda Enseñanza de la Asunción. Asuncion: [s.n.]. 1914.

RAMELLA, L.; RAMELLA-MIQUEL, Y. El hombre de ciencia visto por los demás. Flora del Paraguay. **Edition des Conservatoire et Jardin Botaniques de la Ville de Genève**. , St Louis, 1985.

SCHREMBS, P. **Mosè Bertoni**: Profilo di una vita tra scienza e anarchia. [S.I.]: La Baronata, 1985.

LISTA DE CARTAS

- BARTHE, D. **[Correspondência]**. Destinatário: Bertoni, Posadas, 04 Março 1887.
- BARTHE, D. **[Correspondência]**. Destinatário: Bertoni, 06 Junho 1895.
- BARTHE, D. **[Correspondência]**. Destinatário: Bertoni, Posadas, 12 Março 1897.
- BARTHE, D. **[Correspondência]**. Destinatário: Bertoni, Posadas, 13 Março 1897.
- BERTONI, M. **[Correspondência]**. Destinatário: Eugenia, Lottigna, 15 Novembro 1879.
- BERTONI, M. **[Correspondência]**. Destinatário: Eugenia, Lottigna, 14 Fevereiro 1882.
- BERTONI, M. **[Correspondência]**. Destinatário: Rinaldo Simen, Bellinzona, 03 Setembro 1882.
- BERTONI, M. **[Correspondência]**. Destinatário: Aos Sócios, Yguarazapá, 14 Agosto 1887.
- BERTONI, M. **[Correspondência]**. Destinatário: Brenno, Yguarazapá, 30 Outubro 1891.
- BERTONI, M. **[Correspondência]**. Destinatário: Eugenia, Asunción, 14 Outubro 1893.
- BERTONI, M. **[Correspondência]**. Destinatário: Eugenia, Asunción, 09 Maio 1896.
- BERTONI, M. **[Correspondência]**. Destinatário: Giuseppe Strozzi, Puerto Bertoni, 23 Julho 1896.
- BERTONI, M. **[Correspondência]**. Destinatário: Eugenia, Asunción, 02 Fevereiro 1904.
- BERTONI, M. **[Correspondência]**. Destinatário: Brenno, Asunción, 30 Novembro 1909.
- BERTONI, M. **[Correspondência]**. Destinatário: Carlos Porter, Puerto Bertoni, 20 Maio 1910.
- BERTONI, M. **[Correspondência]**. Destinatário: Brenno, Puerto Bertoni, 1912.
- BERTONI, M. **[Correspondência]**. Destinatário: Brenno, Puerto Bertoni, 15 Maio 1913.
- BERTONI, M. **[Correspondência]**. Destinatário: Eugênia, Montevideo, 10 Maio 1913.
- BERTONI, M. **[Correspondência]**. Destinatário: Brenno, Puerto Bertoni, Julho 1920.

BERTONI, M. **[Correspondência]**. Destinatário: Guilherme Tell, Puerto Bertoni, 19 Dezembro 1922.

BERTONI, M. **[Correspondência]**. Destinatário: Eusébio Ayala, Puerto Bertoni, 25 Fevereiro 1922.

BERTONI, M. **[Correspondência]**. Destinatário: Juan O'Leary, Puerto Bertoni, 19 Fevereiro 1924.

BERTONI, M. **[Correspondência]**. Destinatário: Padre Cullermo, Puerto Bertoni, 6 Março 1925.

BERTONI, M. **[Correspondência]**. Destinatário: Brenno, Puerto Bertoni, 23 Maio 1927.

BERTONI, M. **[Correspondência]**. Destinatário: Reto, Puerto Bertoni, 3-9 Abril 1928.

BERTONI, M. **[Correspondência]**. Destinatário: Elmiro Tosi, Puerto Bertoni, 18 Fevereiro 1929.

BERTONI, M. **[Correspondência]**. Destinatário: Eugenia, 1922, nov. Novembro.

PORTER, C. **[Correspondência]**. Destinatário: Bertoni, Montevideo, Junho 1905.

WILKERIED. **[Correspondência]**. Destinatário: Bertoni, Asunción, 6 Abril 1922.

MAPAS

Mapa: Colonização Suíça em *Misiones*. In: GALLERO, Maria Cecília. La Inmigración Suiza en *Misiones*, Argentina. Boletín N° 71, 2009. BOLETIN NO 71 – 2009. Societé Suisse des Américanistes – Schweizeristes Amerikanisten – Gesellschaft, p 37.

Mapa: Plano do Rio Paraná, 1893. In: BARATTI & CANDOLFI. *l'Arca di Mosè. Biografia epistolare di Mosè Bertoni 1857-1929*. Editora Casagrande, Bellinzona, Suíça, 1 ed, 1994, p: 773.

Mapa: Plano do Rio Alto Paraná, 1887. In: BARATTI, Danilo & CANDOLFI, Patricia. *Vida y obra del sabio Bertoni*. Asunción, Helvetas.1999, p 55.

LINKS

Moisés Bertoni, <http://www.mosebertoni.ch/index.php?m=6&s=1>, Acesso em 11 de junho de 2018.

Opere di Mosè Bertoni (BINA): www.mag.gov.py. Acesso em 11 de junho de 2018.

Revista Agropecuaria y de Industrias Rurales, 1931, p. 366. In: www.mag.gov.py. Acesso em 11 de junho de 2018.

Revista Agropecuaria y de Industrias Rurales, 1931, p. 369-371. In: www.mag.gov.py. Acesso em 11 de junho de 2018.

Jornal El Liberal, 1929. Biblioteca Nacional Paraguay. <http://bibliotecanacional.gov.py/>. Acesso em 11 de junho de 2018.

Portal Guarani: www.portalguarani.com. Acesso em 11 de novembro de 2018.

Museu Di Blenio. http://museodiblenio.vallediblenio.ch/mbi_bertoni.php. Acesso em 12 de junho de 2018.

<http://www.etnolingustica.org/autor:telemaco-borba>, acessado em 17 de Setembro de 2020.

Ministério da Agricultura Y Ganadería. <http://www.mag.gov.py/index.php/institucion/bina/obras-de-bertoni>. Acesso 11 de novembro de 2018.

Jornal EL LIBERAL, 1929. In: Biblioteca Nacional del Paraguay. http://bibliotecanacional.gov.py/hemeroteca/?s=El+Liberal&post_type=bn_hemerotec_a&s=. Acesso 20 de novembro de 2018.

Folha de Londrina: Fundação Restaura Museu Bertoni. <https://www.folhadelondrina.com.br/geral/fundacao-restaura-o-museu-bertoni-65368.html>. Acesso 09 de janeiro de 2019.

Filme A Saga: <https://www.asaga.com.br/aserie>. <http://tvbrasil.ebc.com.br/a-saga-da-terra-vermelha-brotou-o-sangue>

INSTITUIÇÕES VISITADAS

Achivo Nacional de *Asunción*, Paraguay

Biblioteca Nacional de Agricultura do Ministério da Agricultura y Ganaderia de *Asunción*, Paraguay - BINA

Monumento Científico Moises Bertoni, Paraguay.

Museu Guarani – Itaipu - Paraguai

Capitania Fluvial do Rio Paraná – Foz do Iguaçu.

Fundação Cultural – Foz do Iguaçu

Biblioteca Municipal de Foz do Iguaçu

REFERÊNCIAS

- ALCARÁZ, A. D. **La Investigación y las actividades econômicas en el Alto Paraná (1880-1920)**. Misiones, AR.: [s.n.], 2010.
- ALCARÁZ, A. D. **La Empresa Domingo Barthe: La Gestación de una Elite Local Durante la explotación yerbatera-maderera en el Alto Paraná 1870-1930**. 1ª. ed. Bueno Aires, AR: Prometeo Libros, 2018.
- ALCARÁZ, A. D. A Exploração Ervateira no Extremo Norte do Alto Paraná: a Poderosa Companhia Matte Laranjeira. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/pgeografica>>.
- ANDERSON, B. **Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: [s.n.], 2008.
- ANDRADE, C. S. Un Naturalista Olvidado, vida del Doctor Bertoni en el Alto Paraná. **La Prensa**, Buenos Aires, Abril 1942.
- ARLETTAZ, G. **Emigración et Colonization suízes en Amérique**. Berna: Archivo Federal Suízo, 1979. 102-103 p.
- BALLER, L. **Fronteira e Fronteiriços: a construção das relações socioculturais entre brasileiros e paraguaios (1954-2014)**. Curitiba: CRV, 2014.
- BARBA, F. H. Crecimiento Ganadero y ocupación de tierras públicas, causas de conflictividad en la frontera bonoaerense. **ANDES**, Salta, v. 18, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.org.ar/pdf/andes/n18/n18a08.pdf>>. Acesso em: 25 Agosto 2018.
- BAREIRO, L. Fundación del Partido Liberal y del Partido Colorado. In: BAREIRO, L., et al. **Hitos del Bicentenario**. Asunción: Editorial Servelibro, 2011.
- BARRET, R. **Lo que son los yerbales**. Montevideo, Uruguay: [s.n.], 1908.
- BERTONI, M. S. **La Civilizacion Guarani: parte II**. Asuncion: [s.n.], 1956.
- BEUNZA, J. M. I. Actores, Redes, Processo: reflexiones para una historia más global. **Revista da Faculdade de Letras e História.**, Val Paraízo, 5, 2004.
- BEUNZA, J. M. I. El Paradigma Relacional. Actores, Redes, Procesos para una História Global. In: BERTRAND, M.; ANDÚJAR, F.; GLESNER, T. **Gobernar y Reformar la Monarquía: los agentes políticos y administrativos en España y América (siglo XVI-XIX)**. Valencia: Albatroz Ediciones, 2017.
- BEZERRA, C. E. Jogo de Cartas: A Correspondência como Fonte de Pesquisa. **Patrimônio e Memória**, São Paulo, 5, n. 2, Dezembro 2009. 133-158.
- BUTTURA, Evaldo & NIEMEYER, Aline. **Moisés Bertoni: Uma Vida para a Ciência**. Foz do Iguaçu, PR: Epígrafe Editorial, 2012.

BLOCH, M. **Apologia da História, ou, O Ofício do Historiador**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BREZZO, L. A.; YEGROS, R. S. **História de las Relaciones Internacionales del Paraguay**. Asunción: El Lector, 2010.

BROTTON, J. **Uma História do Mundo em Doze Mapas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.

CANDAU, J. **Memória e Identidade**. Tradução de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CHARTIER, R. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1991.

CHOAY, F. **O Urbanismo**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

COLODEL, J. A. **Obrages & Companhias Colonizadoras: Santa Helena na História do Oeste do Paraná até 1960**. Santa Helena: Prefeitura Municipal, 1988.

CONTEL, F. B. Os Sistemas de Movimento do Território Brasileiro. In: SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no século XXI**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 329-343.

DRACHENBERG, L. P. D. Inmigración y colonización en el Paraguay 1870-1970. **Revista Paraguaya de Sociología**, Asunción, v. 12, n. 34, p. 65-123, 1975.

GALLERO, M. C. **La Inmigración Suiza en Misiones, Argentina**. Société Suisse des Américanistes - Schweizeristes Amerikanisten - Gesellschaft. [S.l.]. 2009.

GINZBURG, C. **Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GINZBURG, C. Memória e Globalização. **Revista Esboços**, 16, n. 21, 2004. 9-21. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2009v16n21p9>>. Acesso em: 10 Dezembro 2018.

GINZBURG, C. **Nenhuma ilha é uma ilha: quatro versões da literatura inglesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GINZBURG, C. **O Fio e os Rastros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GIORDANO, C. **Mosès Bertoni: Anarchist-Aussteiger-Anthropologe**. [S.l.], p. 3-4; 131-146. 1984.

GOMES, A. D. C. Nas Malhas do Feitiço: o historiador e os arquivos privados. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, 11, n. 21, 1998.

GOMES, A. D. C. **A Escrita de Si e a Escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GREGORY, V. Fronteiras Múltiplas: Narativas sobre sertões no Paraná. In: CARDIN, E.; COLOGNESE, S. A. **As Ciências Sociais nas Fronteiras: Teorias e Metodologias de Pesquisa**. 1ª. ed. Cascavel: Editora JB, 2014.

GREGORY, V.; SCHALLENBERGER, E. **Guáira: um jundo de águas e histórias**. 1ª. ed. Marechal Cândido Rondon: Editora Germânica, 2008.

GRINBER, K.; MATTOS, H. M. Lapidário de Si: Antônio Pereira Rebouças e a escrita de si. In: GOMES, A. C. **Nas Malhas do feitiço: o historiador e os arquivos privados**. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, 1998.

HALL, S. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Garcia Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOBBSAWN, E. **A Era dos Impérios 1875-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

JORNAL EL LIBERAL, Asunción, 1929.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. D. A. **A Metodologia Científica**. 3ª. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

LERSCH, P. **Estrutura da Personalidade**. [S.l.]: Scientia, 1962.

LEVI, G. Sobre a Micro-História. In: BURKE, P. **A Escrita da História**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

LINS, C. C. **Um Estudo Fenomenológico sobre Vivência de Família: com a palavra, a comunidade**. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2007.

LOIS, C. **Mapas para la Nación: Episodios en la historia de la cartografía argentina**. Buenos Aires: Biblios Editora, 2014.

LOIS, C. O Mapa, Os Mapas: Proposta metodológica para abordar a pluralidade e instabilidade da imagem cartográfica. **Revista Eletrônica Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 36, Julho-Dezembro 2014. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php-espacoecultura/>>.

LOIS, C. Un mapa para la nación argentina: Notas para una interpretación crítica de la historia del mapa político y de las políticas cartográficas. **Revista Huellas**, n. 19, 2015. 193-215.

MAGNANI, S. **Expressão e comunicação na linguagem da música**. [S.l.]: UFMG, 1989.

MANFROI, N. M. D. S. **Bleyer, Sartori e Bertoni: singulares imigrantes colonizadores de ideias**. Tese de Doutorado. Florianópolis: [s.n.], 2013.

MELIÀ, B.; SAUL, V. D. A.; MURARO, V. F. **O Guarani: uma bibliografia etnológica**. Santo Ângelo: Fundação Missioneira de Ensino Superior, 1987.

MELIÀ, B. A História de um guarani é a história de suas palavras. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, Outubro 2010.

MORIN, E. **Educar na Era Planetária**: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana. São Paulo: Cortez, 2003.

MOSE Bertoni. **Moisés Bertoni**. Disponível em: <<http://www.mosebertoni.ch/index.php?m=6&s=1>>. Acesso em: 11 Junho 2018.

NÓS da Imprensa de Foz. **Revista Painei**, Foz do Iguaçu, v. 29, n. 209, 2002.

OPERE di Mosè Bertoni. **Ministério da Agricultura y Ganadería**. Disponível em: <www.mag.gov.py>. Acesso em: 11 Junho 2018.

PASSETTI, G. **Os indígenas e Criollos**: Política, guerra e traição nas lutas do sul da Argentina (1852-1885). São Paulo: Alameda, 2012.

POSSAS, L. M. V. Vozes Femininas na Correspondência de Plínio Salgado (1932-1938). In: GOMES, A. D. C. **Nas Malhas do Feitiço**: o historiador e os arquivos privados. Rio de Janeiro: [s.n.], v. 11, 1998.

RIVAROLA, M. **Obreros, Utopias & Revoluciones**: La Formcion de la clases trabajadora en el Paraguay Liberal 1870-1931. Asunción: CDE, 1993.

RIVAROLA, M. **Memória Cartográfica Del Paraguay**: Desde la colonia hasta nuestros días. Asunción: AGZ, 2011.

RIVAROLA, M & PAZ, Alfredo Boccia. **Historia General del Paraguay**. Asunción: Fausto Ediciones, 2013.

ROMINA, Z. La Casa Poblada y el Poder Doméstico en las postrimerías del Antiguo Régimen: San Miguel de Tucuman a fines del siglo XVIII y comienzos del XIX. **XII Jornadas Interescuelas**, San Carlos de Bariloche, 2009. Disponível em: <<http://cdsa.aacademica.org/000-008/352.pdf>>.

ROUS, S. H. Guilherme Tell: Stories of the Operas Whit Illustrations and Descriptions of Victor Opera Records. In: ROUS, S. H. **The Victrola Book of the Opera**. New Jersey: Camden, 1912. p. 472-477.

SILVA, V. G. D. Rezenha de "A Escrita de Si e a História. **História da Reflexão**, Dourados, v. 1, n. 1, Jan/Jun 2007.

SUSNIK, B. **Una Visión socio-antropológica del Paraguay del Siglo XIX. Parte I**. 1ª. ed. Assunción: [s.n.], 1992.

TEIXEIRA, M. J. G. **O Romantismo Europeu**. São Paulo: Autêntica, 2013.

TELESCA, I. Paraguay en el centenario: la creación de la nación mestiza. **História Mexicana**, v. 60, n. 1, p. 137-195, 2010.